

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

S

Saaraim, Saazima, Sabá, Rainha de, Sábado, Sabão, Sabedoria, Sabedoria de Jesus Ben Siraque, Sabedoria de Salomão, Sabtá, Sabtah, Sabtecá, Sacerdócio, Sacerdotes E Levitas, Sacrifício, Sacrifício da manhã, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, Saduceus, Safã, Safate, Safe, Safira, Safira, Sage, Sal, Aliança de, Sal, Cidade do, Salá, Salá, Sala superior, Salamina, Salários, Salatiel, Salca, Salém, Salgueiro, Salmom (Lugar), Salmona, Salmona, Salmos Imprecatórios, Salmos, Livro de, Salomão (pessoa), Salomé, Salu, Salvação, Salvador, Sálvia, Samá, Samá, Samai, Samaritanos, Samir (pessoa), Samlá, Samos, Samote, Samotrácia, Samua, Samuel (Pessoa), SAMUEL, Livros de Primeiro e Segundo, Sândalo, Sândalo, Sangue, Sangue, Campo de, Sanguessuga, Sansana, Sansão, Sanseraí, Santa, Guerra, Santidade, Santificação, Santo de Israel, Santo dos Santos, Santo, Espírito, Santos, Santuário, Sapo, Saquias, Sara, Sarafe, Sarai, Sarça, Sarça, Sarça ardente, Sárdio, Sarom, Satanás, Saul, Saul, Saulita, Savé-Quiriataim, Savé, Vale de, Seá, Seba, Seba, Sebá, Sebã, Seba (Lugar), Sebá (Pessoa), Sebe, Seber, Secaca, Seco, Sedeur, Sedimentos, Seera, Sefã, Sefar, Sefarade, Sefer, Sefi, Sefô, Seguidores do Caminho, Segunda morte, A, Segunda revolta judaica, Segunda Vinda De Cristo*, Segundo, Segundo Adão, Segundo Templo, Período do, Seir (Local), Seir (Pessoa), Selá, Selaíta, Seledé, Selefe, Seles, Selêucia, Selo, Selomi, Selomite, Selomite, Selos cilíndricos, Selumiel, Sem, Semana, Semanas, Festa das, Semaquias, Semeber, Semei, Semida, Seminite, Senaá, Senhor, Senhor dos Exércitos, Senhora eleita, Senir, Senua, Seom, Seorim, Septuaginta, Sepulcro, Sepultamento, Costumes de sepultamento, Sepultura, Sera, Serede, Seredite, Sérgio Paulo, Sermão da montanha, Serpente, Serpente ardente, Serpente de bronze, Serugue, Servidão, Servo, Servo Do Senhor, Sesai, Sete, Sete, Sete, Sete últimas palavras de Jesus, Setur, Sexo, Sexualidade, Shaddai, Shekinah, Shemá, O, Sheol, Shimi, Sia, Sião, Sibma, Sicar, Sícute, Sidom (Lugar), Sidônio, Sidom (Pessoa), Sifi, Sifmita, Sifrá, Siftã, Sigaiom, Sigionote, Silas, Silém, Silemita, Sílex, Siló, Siloni, Silonita, Silsa, Simão, Simão, Simão Zelote, Simão, O Cananaean*, Simão, O Cananeu*, Simão, o Mágico, Simão, o mago, Simão, O Zelote, Simeão, Simeão, Simeão (Pessoa), Simeão, Tribo de, Simeate, Simeatitas, Simeí, Simeia, Simeia, Siméia, Simeítas, Simeonita, Sina, Sinai, Sinabe, Sinagoga, Sinal, Sinar, Sinédrio, Sineus, Sino, Sinrate, Sinrom (Pessoa), Sinronitas, Siquém (Local), Siquém (Pessoa), Siquemita, Siracusa, Síria, Sírios, Siriam, Siro-Fenícia*, Sirte, Sisa, Sísera, Sitim (Lugar), Sitna, Sitri, Siza, Soa, Soão, Sobabe, Sobal, Sodi, Sodoma e Gomorra, Sofá, Soferete, Sofrimento, Sogro, Sol, Sonhos, Sópatro, Sorgo, Sorte, Lançamento de, Sosanim, Sosanim-Edute, Sóstenes, Sua, Sua, Suá, Suão, Suamitas, Suborno, Corrupção, Sucote, Sufa, Sufã, Sufã, Sufamitas, Sufe, Suíta, Sumo Sacerdote, Sumo sacerdote, Suni, Sunamita, Suor Sangrento, Superintendente, Supim, Sur, Surdo, Surdez, Susã Edute, Susi, Sutela, Sutelaíta

Saaraim

Benjamita, vivendo em Moabe, foi pai de nove filhos e se divorciou de duas de suas três esposas ([1Cr 8.8](#)).

Saazima

Cidade situada entre Tabor e Bete-Semes, na fronteira da terra atribuída à tribo de Issacar como herança ([Js 19.22](#)).

Sabá, Rainha de

Veja Seba (lugar) #2.

Sábado

Derivação de uma palavra hebraica que significa “cessar” ou “parar”. O sábado era um dia (no tempo de Jesus, início da noite de sexta-feira até ao início da noite de sábado) em que todo o trabalho comum parava. As Escrituras relatam que Deus deu ao seu povo o sábado como uma oportunidade de servi-lo e como um lembrete de duas grandes verdades na Bíblia — criação e redenção.

No Antigo Testamento

A relação entre a Criação e o sábado é expressa primeiro em [Gênesis 2.2-3](#). Deus “cessou” sua obra na Criação depois de seis dias e então “abençoou” o sétimo dia e “o declarou santo”. No quarto mandamento ([Êx 20.8-11](#)), a “bênção” e o “separar” de Deus do sétimo dia após a Criação (as palavras usadas são as mesmas que as de Gênesis) formam a base de sua demanda de que as pessoas observem o sétimo dia como um dia de descanso no sábado.

A ideia de Deus descansando de sua obra é surpreendente. Aparece ainda mais vividamente em [Êxodo 31.17](#), onde o Senhor diz a Moisés como ele foi revigorado por seu dia de descanso. Esta imagem do Criador como um trabalhador manual é uma que a Bíblia muitas vezes pinta. Sem dúvida, é apresentado em termos vividamente humanos em Êxodo para reforçar a lição fundamental do sábado que as pessoas devem seguir o padrão que seu Criador estabeleceu para elas. O descanso de um dia dentre sete é uma necessidade para indivíduos, famílias, lares e até animais ([Êx 20.10](#)).

O estabelecimento do sábado no relato bíblico da Criação implica que é um desses padrões do AT que são destinados para todas as pessoas e não apenas para Israel. A inclusão da lei do sábado nos Dez Mandamentos sublinha esta importante verdade. O Decálogo ocupava um lugar especial na lei do AT. De todas as instruções de Deus, foi proferido por sua voz audível ([Êx 20.1](#)), escrito por seu dedo ([31.18](#)), e colocado na arca do tabernáculo no coração da adoração de Israel ([25.16](#)). O NT, também, confirma a forte impressão de que o Decálogo como um todo incorpora princípios que são permanentemente válidos para todas as pessoas, em todos os lugares, todos os tempos. Quer o domingo seja ou não reconhecido como o sábado cristão, alguém é obrigado a aceitar o princípio central deste ensino bíblico no que diz respeito ao sábado. As instruções de Deus exigem que as pessoas observem um intervalo semanal regular do trabalho.

Significativamente, a segunda principal vertente do ensino do sábado da Bíblia — o da redenção — também aparece em uma lista dos Dez Mandamentos. A lei do sábado (já observada em [Êx 20.8-11](#)) reaparece em [Deuteronômio 5.12-15](#), mas aqui uma razão diferente está ligada à sua observância: “Lembre que você foi escravo no Egito e que eu, o SENHOR, seu Deus, o tirei de lá com a minha força e com o meu poder. É por isso que eu mando que você guarde o sábado”. (v. [15](#)).

As diferenças entre esses dois relatos do quarto mandamento são importantes. O primeiro ([Êx 20](#)) é endereçado, *através* de Israel, a todas as pessoas como seres criados. O segundo ([Dt 5](#)) é direcionado *a* Israel como o povo redimido de Deus. Por isso o sábado é o sinal de Deus, apontando não apenas para sua bondade à todas as pessoas como seu Criador, mas também para sua misericórdia para com seu povo escolhido como seu Redentor.

Há um outro ponto significativo na versão de Deuteronômio do mandamento do sábado que não deve ser esquecido. A proibição de todo o trabalho no dia de sábado é seguida por uma nota explicativa — “Não faça nenhum trabalho nesse dia. nem você, nem os seus filhos, nem as suas filhas, nem os seus escravos, nem as suas escravas, nem os seus animais, nem os estrangeiros que vivem na terra de você. Assim como você descansa, os seus escravos também devem descansar.” ([Dt 5.14](#)). O interesse prático pelos outros é uma característica de todo o ensino da aliança do AT. Por isso o interesse amoroso de Deus por Israel em sua escravidão egípcia deve ser igualado pelo interesse amoroso da família israelita por aqueles que os serviam. O sábado oferecia uma saída ideal para a expressão prática desse interesse. Jesus estava especialmente interessado em resgatar este lado humanitário da observância ao sábado da maioria dos regulamentos insensíveis que ameaçavam sufocá-lo em seus dias (veja, p. ex., [Mc 3.1-5](#)).

A provisão do AT para um “ano sabático” desenvolve ainda mais esta questão humanitário (veja [Êx 23.10-12](#); [Lv 25.1-7](#); [Dt 15.1-11](#); bem como os regulamentos para o “ano do jubileu” em [Lv 25.8-55](#)). A cada sétimo ano, a terra deveria ficar em repouso e não ser cultivada ([Lv 25.4](#)). Precisava de um descanso regular, tanto quanto as pessoas que ela sustentava. O propósito principal desta lei era benevolente: “Os campos não serão semeados, mas mesmo assim produzirão o bastante para alimentar todos os israelitas, os seus escravos e as suas escravas, os seus empregados, os estrangeiros que vivem no meio do povo. e também os animais domésticos e os animais selvagens. Tudo o que a terra produzir servirá de alimento” (vv. [6-7](#)). [Deuteronômio 15.1-11](#) estende o mesmo princípio humanitário ao mundo do comércio. O ano sabático deve observar o cancelamento de todas as dívidas dentro da comunidade redimida de Deus. Para os avaros que poderiam ser tentados a negar um empréstimo caso o ano sabático estivesse iminente, a lei acrescentou um aviso e uma promessa: “Se isso acontecer quando

estiver perto o sétimo ano, o ano em que as dívidas são perdoadas, talvez você pense em não ajudar o necessitado. Afaste esse mau pensamento e ajude o seu patrício israelita; se não, ele gritará a Deus contra você, e você será culpado de pecado. Não dê com tristeza no coração, mas seja generoso com ele; assim o SENHOR, nosso Deus, abençoará tudo o que você planejar e tudo o que fizer”. ([Dt 15.9-10](#)).

Observar o ano sabático era obviamente um grande teste da obediência do povo a Deus e de sua disposição de depender dele para seu sustento. Às vezes, a tentação de ignorar esta ordem era muito forte. Mas a história testifica a coragem de Israel em observar a letra desta lei em muitas ocasiões, apesar das ameaças de invasão e fome. Tanto Alexandre, o Grande, quanto os romanos, dispensaram os judeus de pagarem impostos a cada sétimo ano em reconhecimento da profundidade de suas convicções religiosas.

Voltando do sétimo ano para o sétimo dia, os códigos da lei do AT explicam de forma extensa para reforçar a proibição do trabalho no sábado, definindo o que pode e não pode ser feito pelo povo de Deus no dia de sábado. As proibições não eram destinadas a descartar atividade de qualquer tipo. Seu objetivo era interromper o trabalho regular e diário, porque se Deus tinha separado o sábado ([Êx 20.11](#)), a maneira mais óbvia de profaná-lo seria tratá-lo como qualquer outro dia. As regras eram descritas em termos específicos que o agricultor ([34.21](#)), o vendedor ([Jr 17.27](#)) e até mesmo a dona de casa ([Êx 35.2-3](#)) entenderiam.

Os detalhes podem parecer triviais, mas a obediência à lei do sábado era vista como o principal teste da fidelidade do povo ao Senhor. Ficou bastante claro que a desobediência intencional era uma ofensa capital ([Êx 35.2](#)), e o destino da pessoa encontrada recolhendo madeira, desafiando os regulamentos do sábado, demonstrou que esta não era uma ameaça vazia ([Nm 15.32-36](#)).

Cercado por tantas regras e regulamentos (e com a pena de morte sobreposta em tudo), o sábado facilmente poderia ter se tornado um dia de medo — um dia em que as pessoas estivessem mais com medo de cometer uma ofensa do que adorar o Senhor e desfrutar de um descanso semanal. Mas o sábado tinha a intenção de ser uma bênção, não um fardo. Acima de tudo o mais, era um sinal semanal de que o Senhor amava seu povo e queria atraí-los para um relacionamento cada vez mais íntimo consigo mesmo. Aqueles que valorizavam esse

relacionamento, desfrutavam do sábado, considerando-o prazeroso ([Is 58.13-14](#)). Em lugar algum o AT expressa sua alegria na adoração do sábado de forma mais exuberante do que no [Salmo 92](#), que tem o título “Um cântico para o sábado”.

Os profetas posteriores, no entanto, estavam longe de serem cegos para o lado mais sombrio da natureza humana. Eles sabiam que uma grande parte da observância do sábado era uma farsa. Muitas pessoas tratavam o dia de sábado mais como feriado do que dia santo, uma oportunidade de autoindulgência em vez de se deleitar no Senhor ([Is 58.13](#)). Alguns negociantes gananciosos acharam suas restrições irritantes ([Am 8.5](#)).

Como porta-vozes de Deus, os profetas não se esquivaram de expor tal negligência e abuso ([Ez 22.26](#)). Aqueles que cumprem os rituais de adoração no sábado com corações impenitentes causam repulsa ao Senhor, Isaías disse ([Is 1.10-15](#)). Como um sintoma de rebelião contra Deus, a quebra do sábado em Jerusalém trará destruição à cidade, exclama Jeremias ([Jr 17.27](#)). O Senhor tem sido muito tolerante com seu povo, advertiu Ezequiel, mas a negligência prolongada de seu sábado torna o julgamento uma certeza ([Ez 20.12-24](#)).

Quando o machado do julgamento caiu (no exílio para a Babilônia, 586 a.C.), o remanescente sobrevivente da nação entendeu o aviso. Guardar o sábado era uma das poucas marcas distintivas que os judeus fiéis poderiam reter em uma terra estrangeira, por isso assumia um significado extra. Por inspiração de profetas como Ezequiel, que estabeleceram regras para a adoração de sábado no templo reconstruído em Jerusalém ([Ez 44.24; 45.17; 46.3](#)), e sob a liderança de homens como Neemias, os que retornaram do exílio foram mais cautelosos do que seus antecessores ao observar o dia de sábado ([Ne 10.31; 13.15-22](#)).

No Novo Testamento

Antes do primeiro século, alguns judeus na Palestina desenvolveram várias regras para promover a observância do sábado. Dois tratados da Mishná são dedicados exclusivamente a essas regras e regulamentos do sábado. Seu principal propósito é definir o trabalho (um tratado que faz isso sob 39 seções) em uma tentativa de mostrar a cada israelita o que é e não é permitido no sábado. Infelizmente, isso levou a tais complexidades e evasões que os defensores eclesiais muitas vezes diferiam entre si em suas interpretações, com o resultado inevitável de que o principal

propósito do sábado se perdeu sob um mastro de detalhes legalistas. Os próprios rabinos estavam cientes de quanto eles estavam adicionando ao ensino claro do AT. Como um deles colocou: “As regras sobre o sábado... são como montanhas penduradas por um cabelo, pois as Escrituras são escassas e as regras são muitas”.

Jesus teve muitos confrontos com os líderes religiosos judeus sobre as observâncias do sábado. Da perspectiva deles, Jesus era um violador do sábado e, portanto, um infrator da lei. Jesus, no entanto, nunca se viu como um violador do sábado. Ele ia para a sinagoga regularmente no dia de sábado ([Lc 4:16](#)). Ele lia o conteúdo, pregava e ensinava ([Mc 1:21](#); [Lc 13:10](#)). Ele claramente aceitou o princípio de que o sábado era um dia apropriado para adoração.

Seu ponto de colisão com os fariseus foi que a tradição deles se afastou do ensino bíblico. Ele deixou isso claro quando defendeu seus discípulos apelando para as Escrituras, depois que eles haviam sido acusados de quebrar a tradição do sábado, andando pelos campos de trigo e arrancando espigas (que se enquadravam na categoria de “colheita”, de acordo com os fariseus; [Mc 2:23-26](#)). Ele aplicou isso com uma declaração que levou seus ouvintes diretamente de volta ao propósito da Criação de Deus para o sábado: “O sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado” ([Mc 2:27](#)).

A tradição rabínica havia exaltado a instituição acima do povo a quem ela deveria servir. Ao torná-lo um fim em si mesmo, os fariseus haviam efetivamente privado o sábado de um de seus principais propósitos. As palavras de Jesus devem ter soado desconfortavelmente familiar aos ouvidos de seus oponentes. Um rabino famoso havia dito uma vez: “O sábado é dado a vocês, mas vocês não estão sujeitos ao sábado”.

Mais do que qualquer outra coisa, as curas de Jesus no sábado colocam-no em uma rota de colisão com restrições rabínicas. O AT não proíbe curas no dia de sábado, mas os rabinos rotularam toda a cura como trabalho, que deve sempre ser evitada no sábado, a menos que a vida estivesse em risco. Jesus expôs corajosamente as inconsistências insensíveis e absurdas às quais esta atitude levou. Ele questionou, como, pois, seria correto circuncidar um bebê ou levar um animal para beber água no dia de sábado (que a tradição permitia), mas errado sarar uma mulher cronicamente deficiente e um homem aleijado, mesmo que suas vidas não estivessem em perigo

imediato ([Lc 13:10-17](#); [Jo 7:21-24](#))? O sábado, ele ensinou, era um dia especialmente apropriado para atos de misericórdia ([Mc 3:4-5](#)).

Jesus, o homem que veio do céu, afirmou que ele era Senhor do sábado ([Mc 2:28](#); cf. [Mt 12:5-8](#)). Assim como Deus continuou trabalhando, apesar de seu descanso na Criação, para sustentar o mundo em sua misericórdia, assim Jesus continuaria a ensinar e a curar no dia de sábado ([Jo 5:2-17](#)). Mas um dia sua obra redentora seria completa, e então o propósito do sábado como um sinal de redenção se cumpriria.

Vivendo do outro lado após a morte e ressurreição de Jesus, Paulo foi rápido em entender o significado de ambos para a observância do sábado. Ele não foi tão longe a ponto de proibir toda a observância do sábado judaico. De fato, ele participou de muitos serviços na sinagoga do sábado em suas viagens evangelísticas (veja, p. ex., [Atos 13:14-16](#)). Os cristãos judeus que insistiram em manter suas práticas de sábado eram livres para fazê-las, desde que respeitassem as opiniões daqueles que diferiam ([Rm 14:5-6, 13](#)). Mas qualquer sugestão de que observar o calendário judaico era necessário para a salvação deveria ser resistida ([Gl 4:8-11](#)). Pois Paulo considerava o sábado como uma sombra, enquanto o próprio Cristo é a realidade dessa sombra ([Cl 2:17](#)).

Finalmente, é o escritor da Carta aos Hebreus que explica como os dois “temas do sábado” na Bíblia: criação e redenção, encontram sua realização conjunta em Cristo. Ele fez isso ligando as ideias do descanso de Deus após a Criação e seu ato redentor em trazer Israel para seu “descanso” em Canaã, e mostrando como ambos se relacionam com o descanso presente e futuro que os cristãos podem e de fato desfrutam em Jesus ([Hb 4:1-11](#)).

Deus tenciona que todo o seu povo compartilhe de seu descanso — isto é, sua promessa ([Hb 4:1](#)). Ele mostrou esta intenção claramente quando trouxe Israel para a Terra Prometida, mas isso não marcou a realização completa de sua promessa. O descanso pleno e completo ainda está aguardando pelo povo de Deus no céu. Cristo já adentrou lá. Ele está descansando de seu trabalho, assim como Deus fez após a Criação. E por causa de sua obra redentora, ele convida, agora, a todos aqueles que creem nele para partilhar do mesmo “descanso sabático” (v. 9).

Veja também Dia do Senhor, O; Jornada do Dia de Sábado; Mandamentos, Os Dez.

Sabão

Substância alcalina forte (provavelmente carbonato de potássio) usada para limpeza. *Vej*a Minerais e metais.

Sabedoria

A capacidade de direcionar a mente para uma compreensão completa da vida humana e seu cumprimento moral é essencial. A sabedoria é, portanto, uma habilidade especial, necessária para uma vida humana plena. Ela pode ser adquirida por meio da educação e da aplicação mental.

Sabedoria divina.

Embora o termo "sabedoria" seja usado principalmente no Antigo Testamento com referência aos seres humanos, toda sabedoria, em última análise, vem de Deus. A sabedoria é uma parte central de quem Deus é. Com sabedoria, Deus criou o universo ([Pv 3.19](#)) e os seres humanos ([Sl 104.24](#)). Assim, a sabedoria, em suas conotações positivas, é algo inerente a Deus, refletido na criação e parte da razão para a existência humana.

A sabedoria na criação é refletida na forma e ordem que emergiram do caos primordial. A sabedoria de Deus expressa na criação da humanidade significa que a vida humana também pode ser caracterizada por forma e ordem, e que o significado na vida pode ser encontrado no mundo criado, que contém marcas da sabedoria divina. A sabedoria de Deus é criativa, intencional e boa; não é meramente a atividade intelectual de Deus. O potencial para a sabedoria humana está enraizado na criação da humanidade. Criados pela sabedoria divina, os seres humanos têm dentro de si a capacidade dada por Deus para a sabedoria. Assim, é impossível entender a sabedoria humana sem primeiro compreender a sabedoria divina.

Sabedoria humana.

A palavra "sabedoria", em relação aos seres humanos, é utilizada de diferentes maneiras no Antigo Testamento. Frequentemente, é usada como sinônimo de "conhecimento". No entanto, em seu uso geral, comumente indica conhecimento aplicado, habilidade ou até mesmo astúcia. Sabedoria pode ser definida como "capacidade mental superior" ou "habilidade superior". Assim, sabedoria é usada para descrever tanto a astúcia do Rei Salomão ([1Rs 2.1-6](#)) quanto a habilidade do

artesão Bezalel ([Êx 35.33](#)). Mas também era usada para descrever capacidades mentais e habilidades que tinham um componente moral — a capacidade de entender e fazer o bem. Assim, quando Moisés delegou parte de sua autoridade a juízes recém nomeados, ele escolheu homens que eram sábios, compreensivos e experientes ([Dt 1.13](#)). Tais homens eram considerados os sábios na antiga Israel. A sabedoria humana, nesse sentido especial, não era meramente um dom de Deus, inerente ao nascimento. Ela precisava ser desenvolvida conscientemente durante uma vida vivida em relacionamento com Deus.

Assim, esse tipo positivo e especial de sabedoria nos seres humanos não pode ser compreendido à parte de Deus. Um tema frequente da literatura de sabedoria no Antigo Testamento é que o "temor do Senhor é o princípio da sabedoria" ([Pv 9.10](#); veja também [Jó 28.28](#); [Sl 111.10](#); [Pv 1.7](#); [15.33](#)). De várias maneiras, esse tema estabelece uma perspectiva para entender a verdadeira sabedoria humana.

Primeiro, a sabedoria humana é possível apenas por causa da sabedoria divina presente na criação. O potencial para a sabedoria existe porque Deus a criou. Segundo, para que a sabedoria se desenvolva em um ser humano, deve começar com Deus — especificamente, deve-se reverenciar ou temer a Deus. Este conceito hebraico de sabedoria é notavelmente diferente do conceito grego. Os filósofos gregos, com notável habilidade, desenvolveram um sistema de pensamento que não pressupunha a existência de uma divindade. Eles tentaram desenvolver a sabedoria apenas através da razão humana. Mas a sabedoria hebraica, embora buscasse desenvolver tanto a razão quanto o intelecto como fizeram os gregos, só poderia começar com Deus. A mente e suas capacidades eram dádivas de Deus. Assim, por mais secular que a sabedoria dos hebreus pudesse parecer, tinha Deus como ponto de partida. A reverência a Deus — ou seja, o reconhecimento de que Deus existia, criou e era importante na vida humana — estava por trás de todos os desenvolvimentos da sabedoria hebraica.

Na concepção hebraica, a sabedoria humana envolve desenvolver a mente, expandir o conhecimento e compreender o significado da vida, bem como como essa vida deve ser vivida. É totalmente intelectual, mas tem um poderoso resultado moral. A sabedoria não era buscada por si só, mas sempre para sua aplicação ao significado da vida, porque a vida—assim como a sabedoria—

era um presente de Deus. Essa ênfase na sabedoria hebraica significava que as virtudes do homem ou mulher sábios nunca eram descritas apenas em termos intelectuais. Os sábios não eram a elite educada da sociedade israelita. Mas, como o livro de Provérbios deixa claro, eram aqueles cujas vidas eram caracterizadas por compreensão, paciência, diligência, confiabilidade, autocontrole, modéstia e virtudes semelhantes. Em uma palavra, o homem sábio era o homem temente a Deus. Sua sabedoria não residia apenas em uma atitude estática de reverência, mas sim no desenvolvimento consciente da mente em direção à sabedoria no contexto de uma vida piedosa.

A partir dessa concepção geral de sabedoria, surgiu no antigo Israel uma categoria especial de homens: os sábios. Embora a sabedoria não fosse exclusiva deles, eram responsáveis pelo desenvolvimento e disseminação da sabedoria em Israel. Os sábios formavam uma das três classes de líderes religiosos. Primeiro, havia os sacerdotes e levitas, cujas responsabilidades estavam principalmente no contexto da religião estabelecida. Eles eram os servos do templo e os líderes do culto, além de terem certas responsabilidades na área da educação religiosa. Segundo, havia os profetas, os porta-vozes de Deus para o povo de Deus. Terceiro, havia os sábios. De certa perspectiva, eles tinham a tarefa mais secular entre os três grupos. Estavam envolvidos em uma variedade de tarefas, desde a administração governamental até a educação moral e secular. Como educadores morais, instruíam os jovens de sua época, não em como ganhar a vida, mas em como viver. Parte de seu currículo sobreviveu no livro de Provérbios. Os livros de Jó e Eclesiastes também refletem o pensamento dos sábios.

A sabedoria no Novo Testamento.

A palavra “sabedoria” é usada no Novo Testamento tanto para a sabedoria de Deus quanto para a sabedoria dos humanos. A tradição de sabedoria do Antigo Testamento continua no uso da palavra [sabedoria] no Novo Testamento em associação com Deus e nas conotações positivas da palavra em relação aos seres humanos. Mas o Novo Testamento também fala negativamente da sabedoria humana. Assim, Paulo descreveu sua mensagem “não foram dados com a linguagem da sabedoria humana, mas com provas firmes do poder do Espírito de Deus” (1Co 2.4). A sabedoria puramente humana não tem mérito final por si só, e Paulo cita o Antigo Testamento para demonstrar que Deus destruiria a sabedoria humana (1Co 1.19;

compare Is 29.14). Uma distinção clara entre sabedoria boa e má é fornecida na carta de Tiago (Tg 3.13–18). Uma pessoa cuja vida reflete inveja e ambição egoísta não possui a verdadeira sabedoria de Deus, mas é terrena [preocupada com questões materiais ou mundanas] e não espiritual. Mas a verdadeira sabedoria é dada por Deus. Esta sabedoria é “antes de tudo pura; e é também pacífica, bondosa e amigável. Ela é cheia de misericórdia, produz uma colheita de boas ações, não trata os outros pela sua aparência e é livre de fingimento” (versículo 17).

Assim como a sabedoria era a principal posse de Deus, ela também se refletia na vida e no ministério de Jesus. Durante os anos de seu crescimento, Jesus demonstrou um aumento de sabedoria em sua vida (Lc 2.40,52). Tanto seus oponentes quanto seus amigos reconheceram a sabedoria em seu ensino (Mt 13.54).

Como a sabedoria está enraizada e fundamentada em Deus, a verdadeira sabedoria espiritual é um dom de Deus. Ela pode ser vista na vida e nas palavras dos servos de Deus, como Estevão (At 6.10) e Paulo (2Pe 3.15). A sabedoria espiritual, que proporciona o conhecimento que permite a uma pessoa viver plenamente a vida dada por Deus, deve ser desejada para si mesmo e pedida em oração pelos outros (Cl 1.9).

O aspecto mais central da sabedoria no Novo Testamento está no evangelho do Cristo crucificado. Em sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo contrastou vividamente os sentidos positivo e negativo da sabedoria ao proclamar a morte de Jesus Cristo. O mundo não conheceu Deus por sua própria sabedoria (1Co 1.21). Ou seja, o verdadeiro Apocalipse de Deus e sua redenção da humanidade não foram revelados àqueles que buscaram tal verdade apenas através da sabedoria, ou seja, através da abordagem grega da sabedoria e filosofia. O evangelho foi declarado na pregação. Isso era, de uma perspectiva estritamente filosófica ou de sabedoria, uma espécie de tolice. E ainda assim, o evangelho de Jesus Cristo era tanto o poder de Deus quanto a sabedoria de Deus (1Co 1.24). Jesus, para aqueles que acreditavam, tornou-se a fonte suprema daquela sabedoria que poderia vir somente de Deus (1Co 1.30).

Veja também Literatura Sapiencial.

Sabedoria de Jesus Ben Siraque

Um livro deuterocanônico (não incluído na lista oficial protestante de livros considerados Escritura). Também é conhecido como Ben Siraque ou Eclesiástico (não deve ser confundido com Eclesiastes). O autor é conhecido como Jesus Ben Siraque. No entanto, manuscritos hebraicos recentemente descobertos o nomeiam Simão, filho de Jesus, filho de Eleazar Ben Siraque. Ele foi um sábio hebreu que viveu no segundo século a.C. e ensinou em Jerusalém ([Eccl 50.27](#); [51.23](#) e os versículos seguintes). A obra parece ter sido escrita por um professor saduceu inicial. Os saduceus eram uma seita judaica popular durante o tempo de Jesus.

Este trabalho foi altamente valorizado tanto por leitores judeus quanto cristãos. O autor era um escriba que usou Provérbios como modelo para transmitir seus ensinamentos. Seus ensinamentos são influenciados pela ortodoxia judaica (crenças e práticas tradicionais e estabelecidas). O livro provavelmente foi escrito por volta de 180 a.C.

Sabedoria de Salomão

Uma obra deuterocanônica (considerada como Escritura apenas por algumas tradições cristãs). Seu tema central é a sabedoria. A Sabedoria de Salomão tenta combinar a piedade do judaísmo ortodoxo com o melhor da filosofia grega.

O livro sugere que é obra do rei Salomão (veja [Sab 8.9-21](#); [9.7-2](#)), mas isso era uma maneira de adicionar autoridade aos ensinamentos sobre sabedoria. Foi originalmente escrito em grego em vez de hebraico. Provavelmente foi escrito por um judeu bem-educado vivendo em Alexandria, Egito, durante o primeiro século a.C. O autor foi influenciado por filosofias gregas e familiarizado com a Septuaginta.

Alguns dos primeiros pais da igreja, como Orígenes, Eusébio de Cesareia e Agostinho de Hipona, consideravam o livro como Escritura. Ele foi até mesmo incorporado ao cânon Muratoriano (um dos fragmentos mais antigos do Novo Testamento já encontrados) do segundo século. Historicamente, os protestantes veem o livro de forma favorável, mas não o consideram como Escritura. A Igreja Católica Romana o reconheceu oficialmente como Escritura no Concílio de Trento em 1546 d.C.

O autor escreveu o livro para inspirar o povo judeu que havia abandonado a fé judaica. Era destinado a encorajá-los a viver vidas fiéis e piedosas, apesar da perseguição. Também tenta demonstrar a insensatez da idolatria e a verdade do judaísmo. O livro começa com o autor sendo instruído a “amar a justiça... pensar no Senhor com retidão e buscá-lo com sinceridade de coração” ([1.1](#)). Depois disso, o livro incentiva as pessoas a se tornarem religiosas e a conhecerem Deus. Ao conhecer Deus e seguir Sua vontade, uma pessoa pode se tornar imortal ([15.3](#)).

Sabtá, Sabtah

Um dos cinco filhos de Cuxe e um descendente de Noé através da linhagem de Cam ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#)). Sabtá presumivelmente se estabeleceu ao longo da costa sul da Arábia, onde várias cidades levam seu nome.

Sabtecá

Um dos cinco filhos de Cuxe e um descendente de Noé através da linhagem de Cam ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#)). Sabtecá se estabeleceu na Arábia.

Sacerdócio

Um sacerdote é uma pessoa que atua como líder religioso e realiza deveres sagrados. A palavra “sacerdócio” refere-se tanto ao papel de ser um sacerdote quanto ao grupo de pessoas que servem como sacerdotes.

A palavra moderna “padre”, que possui a ideia de sacerdote em alguns idiomas, vem do francês *prêtre* e do alemão *priester*. Em igrejas com bispos, este termo descreve clérigos (Ortodoxos, Católicos Romanos e Anglicanos). Também é usado na descrição de toda a igreja como “um sacerdócio real” ([1Pe 2.9](#)).

Para entender completamente o que significa sacerdócio, precisamos observar como a Bíblia fala sobre sacerdotes e sacerdócio. Também é necessário analisar como professores e escritores cristãos explicaram o sacerdócio ao longo do tempo.

Sacerdócio no Antigo Testamento

Quando Deus fez um acordo (aliança) com o povo de Israel, Ele os chamou para serem um “reino de sacerdotes”. Assim, eles eram um povo separado para Deus ([Êx 19.6](#)). Havia três ordens para as atividades sacerdotais — sumo sacerdote, sacerdote e levita. Os “sumos sacerdotes” e “sacerdotes” eram descendentes masculinos de Arão, que era um levita ([Nm 3.10](#)). Os “levitas” eram outros membros masculinos da tribo de Levi.

As principais funções do sacerdócio ocorriam no templo. Os sacerdotes gerenciavam os itens cerimoniais e realizavam os sacrifícios. Eles usavam vestimentas especiais e simbólicas enquanto desempenhavam suas funções. Também atuavam como professores, transmitindo as tradições sagradas da nação. Além disso, instruíam o povo em questões como informações médicas ([Lv 13-15](#)).

O sumo sacerdote era o líder espiritual de Israel e tinha funções especiais. Estas incluíam entrar no Lugar Santíssimo (também chamado de Santo dos Santos) no Dia da Expição ([Lv 16](#)). Os levitas auxiliavam os sacerdotes e serviam a congregação no templo. Eles cantavam os salmos e mantinham os pátios do templo limpos. Ajudavam a preparar certos sacrifícios e ofertas, além de atuarem como professores.

Através desses três grupos, os sacerdotes ajudavam todo o povo de Israel a adorar a Deus. Eles também oravam a Deus por si mesmos e pelos outros, e aprendiam a vontade de Deus. Esse sistema era semelhante a como o líder de uma família conduziria a adoração em casa, mas em uma escala maior e com cerimônias mais formais no templo.

Sacerdócio no Novo Testamento

É notável o uso do termo “sacerdote” para descrever líderes na igreja primitiva. A palavra “sacerdote” só aparece quando se fala de sacerdotes judeus ou pagãos ([At 4.1.6](#); [14.13](#)). O livro de Hebreus explica que Jesus Cristo cumpre perfeitamente o papel do sacerdócio do Antigo Testamento de três maneiras importantes:

1. O próprio Deus escolheu Jesus para ser sumo sacerdote ([Hb 5.4-6](#)). O sacerdócio de Jesus é maior que o sacerdócio de Arão (capítulo [7](#));

2. Jesus pode simpatizar com as fraquezas das pessoas pecadoras. Ele “foi tentado em todas as coisas” como elas, mas sem pecado ([4.15](#); [7.26](#));
3. Em vez de oferecer sacrifícios de animais para remover o pecado, ele oferece a si mesmo. Ele é o sacrifício sem pecado que remove o pecado. Este sacrifício precisava acontecer apenas uma vez ([7.27](#); [9.24-28](#); [10.10-19](#)).

Jesus cumpre o sistema sacrificial do Antigo Testamento. O sacrifício único, irrepetível e ilimitado de Jesus também o completa. Tendo ressuscitado dos mortos, ele é sacerdote para sempre ([Hb 7.17](#)). Ele permanece o mesmo ontem, hoje e para sempre ([13.8](#)). Parte de seu sumo sacerdócio é interceder por seu povo ([7.25](#)). Ele traz as pessoas a Deus como mediador através de uma nova e melhor aliança ([7.22](#); [8.6](#); [9.15](#)). Somente através de Jesus os seres humanos pecadores podem entrar na presença santa de Deus. Somente através de Jesus eles são aceitos como filhos de Deus ([Jo 14.6](#); [2Co 5.18-20](#); [1 Tm 2.5](#)). Assim, os cristãos têm um sacerdócio. No entanto, é somente em e através de Jesus Cristo, seu sumo sacerdote e Mediador.

O Sacerdócio dos Fiéis

O Novo Testamento descreve aqueles que acreditam e seguem Jesus como “sendo edificadas... para serem um sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo” ([1Pe 2.5](#)). Eles são “sacerdotes para seu Deus e Pai” ([Ap 1.6](#)). Eles são “um reino e sacerdotes para servir ao nosso Deus” ([5.10](#)). Eles “serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele por mil anos” ([20.4-6](#)).

Então, o que significa o “sacerdócio dos crentes” no Novo Testamento? Podemos definir o sumo sacerdócio de Jesus de duas maneiras:

4. Jesus demonstra total dedicação e obediência a Deus, seu Pai;
5. Jesus tem compaixão infinita por seus semelhantes.

Sua morte sacrificial na cruz é o centro de seu sacerdócio. O sacerdócio dos crentes tem sua base em sua morte sacrificial e na união com ele. Este sacerdócio é caracterizado por sua obediência sacrificial a Deus. Envolve adoração espiritual e

amor a Deus, além de compaixão e oração pelos seus semelhantes.

Paulo escreveu: “ofereçam seus corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus, que é o seu serviço espiritual de adoração” ([Rm 12.1](#)). Os cristãos oferecem seus corpos inteiros a Jesus. Cada igreja local se oferece completamente a Jesus. Jesus oferece seu corpo inteiro (a igreja) a Deus Pai. Assim, Jesus nos mostra tanto o que significa ser um sacerdote quanto como servir como sacerdotes sob ele como nosso sumo sacerdote. O Espírito Santo ajuda os crentes a servirem como sacerdotes por:

- vivendo em seus corações;
- dando-lhes poder para servir a Deus de maneiras que O agradam, e;
- ajudando-os a adorar a Deus de maneira adequada.

Veja também Ofertas e Sacrifícios; Sacerdotes e Levitas; Tabernáculo; Templo; Adoração.

Sacerdotes E Levitas

Servos de Deus no AT. Havia três classes básicas de grupo religioso no antigo Israel: profetas, homens sábios, sacerdotes e levitas. Os profetas clássicos cumpriam uma vocação, mas não eram profissionais; eles não eram pagos por sua tarefa e serviam apenas em resposta ao chamado específico de Deus. Os homens sábios estavam envolvidos no governo e na educação; alguns de seus deveres eram laicos, embora eles também estivessem envolvidos na educação moral. Os sacerdotes e levitas realizavam uma variedade de deveres essencialmente religiosos e eram aproximadamente equivalentes ao clero nos tempos modernos. Eles eram homens especializados e eram sustentados por seu serviço religioso em tempo integral.

O papel do sacerdócio pode ser visto mais claramente no contexto da religião israelita como um todo. No coração da religião estava um relacionamento com Deus; ser um israelita ou um judeu era conhecer e manter um relacionamento contínuo com o Deus vivo. Este relacionamento encontrou sua expressão externa em uma variedade de contextos: a aliança, o templo, adoração e todas as facetas da vida diária. Assim, a religião, entendida como um relacionamento, tinha duas perspectivas: o relacionamento com Deus e

com outros seres humanos. Tinha uma dimensão pessoal e uma dimensão comunitária. Os sacerdotes eram os guardiões e servos desta vida de relacionamento, que estava no coração da religião do AT; todas as suas funções podem ser melhor entendidas dentro do contexto de um relacionamento entre Deus e Israel. Os profetas, também, eram servos do relacionamento da aliança. Enquanto os sacerdotes atuavam como os servos habituais da religião, o papel dos profetas era mais o de chamar um povo delinquente de volta para o relacionamento com Deus em tempos de crise.

No AT, há referências frequentes a sacerdotes e levitas; em vários textos bíblicos, no entanto, a distinção não é clara (veja, p. ex., [Dt 18.1-8](#)). Do ponto de vista acadêmico, a relação exata entre sacerdotes e levitas é um problema contínuo que ainda não foi totalmente resolvido. Em termos gerais, apenas os filhos de Arão deveriam assumir o papel de sacerdotes; todos os outros levitas teriam funções religiosas, embora tecnicamente eles não fossem sacerdotes. Embora esta distinção seja clara na maioria dos textos bíblicos, em outros, há falta de certeza e clareza. Está claro, no entanto, que *sacerdotes* (levitas descendente de Arão) e *levitas* (além dos descendentes de Arão) tinham deveres religiosos especializados a desempenhar. A natureza exata desses deveres variava de tempos em tempos no decorrer da história de Israel.

Resumo

- As origens do sacerdócio
- O sumo sacerdote
- Os sacerdotes
- Os levitas
- A história da Instituição
- O sacerdócio nos tempos do Novo Testamento

As origens do sacerdócio

O sacerdócio em Israel começou durante o tempo de Moisés e Arão. O Êxodo do Egito não era apenas a libertação de um grupo de escravos hebreus, mas também o nascimento da nação de Israel. A nação que nasceu no Êxodo recebeu sua constituição na aliança do Sinai. A lei desta aliança estabeleceu os fundamentos e origens do sacerdócio israelita. Fornece informações sobre as três categorias básicas a serem consideradas: o sumo sacerdote, os sacerdotes e os levitas.

O sumo sacerdote

Qualquer organização grande e complexa requer um cabeça ou líder, e isso também era verdade sobre o sacerdócio hebraico (embora em seus primeiros dias fosse uma organização pequena). A aliança foi estabelecida através de Moisés, o profeta, por meio de quem Deus forneceu a proposta e a substância do relacionamento da aliança; a vida religiosa dentro da aliança seria a responsabilidade principal de Arão, que era o primeiro e sacerdote principal.

Nos primeiros dias do sacerdócio de Israel, é provável que o ofício do sumo sacerdote fosse relativamente informal; ele era cabeça ou líder entre seus companheiros sacerdotes. Contudo, o ofício era significativo, e envolvia um ritual especial de posse, roupas especiais e certas responsabilidades especiais. Embora os deveres do sumo sacerdote fossem semelhantes em princípio aos de outros sacerdotes, ele tinha certas responsabilidades exclusivas. Em certa medida, seus deveres eram administrativos, relativos a todos os sacerdotes sobre os quais ele estava encarregado. Mas sua posição era mais profunda do que a de um administrador; assim como todos os sacerdotes eram servos e guardiões do relacionamento da aliança, o sumo sacerdote era servo e guardião principal. Em suas mãos repousava a responsabilidade espiritual por todo o povo de Deus, e nisso estava a verdadeira honra e gravidade de sua posição.

Este senhorio espiritual do sumo sacerdote é visto mais claramente em certas tarefas que ele realizava dentro da vida de adoração de Israel. O exemplo mais claro pode ser visto na observância anual do Dia da Expição (Yom Kippur). Somente naquele dia, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos e, de pé diante do “propiciatório”, ele buscava o perdão e misericórdia de Deus para toda a nação de Israel ([Lv 16.1-19](#)). É nessa cerimônia que a fé da aliança de Israel é vista mais claramente. A religião de Israel era de relacionamento com um Deus santo, e o mal humano rompia com esse relacionamento. Embora toda a adoração e sacrifícios ao longo do ano estavam relacionados com a continuação do relacionamento, o Dia da Expição era o dia mais solene do ano, em que a atenção de todas as pessoas se concentrava no significado da existência delas. A vida tinha significado apenas se o relacionamento com Deus pudesse ser mantido; o sumo sacerdote tinha a grande honra e o pesado fardo de buscar a misericórdia de Deus para todo o Israel.

A roupa especial usada pelo sumo sacerdote era simbólica da natureza e importância de seu ofício; embora todo o simbolismo não possa ser determinado, parte disto é deixado claro no texto bíblico. Há três temas específicos no simbolismo. O primeiro é a beleza. O senso de beleza emerge da qualidade e design de todos os itens de roupas, juntamente com o uso de cores e pedras preciosas. Mas a beleza é dominante no peitoral; a palavra hebraica traduzida aproximadamente como “peitoral” tem como sentido básico “beleza” ou “excelência”. A roupa simboliza a beleza, enquanto a beleza descreve o ofício; os dois outros temas associados com o simbolismo trazem a excelência do ofício.

O segundo tema é o papel do sacerdote como representante de Israel diante de Deus. Esta dimensão essencial do ofício do sumo sacerdote é explicitamente identificada nos nomes das tribos de Israel, nas duas pedras de ônix no éfode, e nas 12 pedras preciosas anexadas ao peitoral. O sumo sacerdote entrava na presença de Deus para buscar libertação do julgamento de Deus (o peitoral é identificado com julgamento; [Êx 28.15](#)) para seu povo e a fim de manter as pessoas constantemente na lembrança de Deus (v. [12](#)), como simbolizado pelas duas pedras de ônix. O terceiro tema é o papel do sumo sacerdote como o representante de Deus para Israel. Esta dimensão do ofício é vista no Urim e Tumim, mantidos no peitoral, por meio dos quais Deus revelava sua vontade a Israel. O sumo sacerdote, Arão, inteiramente paramentado, era uma figura esplêndida, e o esplendor de seus trajes indicava a magnificência do ofício com o qual ele havia sido confiado.

O sumo sacerdócio deveria ser passado de geração em geração na família (pois o sumo sacerdote deveria ser um homem casado), embora na história posterior a prática nem sempre fosse respeitada. Com a morte de Arão, o ofício passou para Eleazar, um de seus quatro filhos.

Os sacerdotes

Os sacerdotes receberam o ofício não como resultado de uma vocação específica, mas em virtude da descendência sacerdotal. Assim, os primeiros sacerdotes eram os quatro filhos de Arão: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Esses quatro foram ordenados ao mesmo tempo, em que Arão foi ordenado sumo sacerdote ([Êx 28.1](#)). Como Arão, eles tinham roupas especiais, que eram basicamente semelhantes, embora não tivessem peças distintas do sumo sacerdote (o éfode

especial, o peitoral e a coroa). O sacerdócio seria passado através de seus filhos.

A santidade do ofício sacerdotal era tal que foi preservada da degeneração através de leis específicas. Um homem deve ser um descendente de Arão para ser um sacerdote, mas ele também era obrigado a atender a uma variedade de outras qualificações. Ele não se casaria com uma divorciada ou uma ex-prostituta ([Lv 21.7](#)). Se fosse afligido por certos tipos de doenças ou defeitos congênitos, ele seria impedido de exercer o ofício sacerdotal (p. ex., cegueira, claudicação, mutilação, ser um anão; vv. [16-23](#)). O princípio envolvido era semelhante ao que se aplicava aos animais usados em sacrifício — apenas aqueles livres de defeito ou mancha eram adequados para o serviço divino.

Nos primeiros dias do sacerdócio, há algumas informações fornecidas no texto bíblico sobre os deveres específicos dos sacerdotes. Eleazar tinha a responsabilidade geral pelo tabernáculo e suas ofertas ([Nm 4.16](#)); assistia a Moisés em uma série de deveres, como numerar o povo e dividir a terra ([26.1-2](#); [32.2](#)); e mais tarde serviu como conselheiro de Josué. Itamar foi responsável pela construção do tabernáculo ([Êx 38.21](#)) e supervisionou as famílias dos gersonitas e meraritas ([Nm 4.28-33](#)). Nadabe e Abiú, no entanto, morreram logo após sua ordenação como resultado de um ato pecaminoso em seus deveres sacerdotais ([Lv 10.1-7](#)), que pode ter sido relacionado, em parte, com a embriaguez (vv. [8-9](#)).

Os deveres sacerdotais, em geral, caíam em três áreas ([Dt 33.8-10](#)). Primeiro, os sacerdotes eram responsáveis, em conjunto com o sumo sacerdote, por declarar a vontade de Deus ao povo. Segundo, eles tinham responsabilidades na educação religiosa; deveriam ensinar a Israel as ordenanças e a lei de Deus (v. [10](#)). Terceiro, eles deveriam ser os servidores do tabernáculo, participando dos sacrifícios e adoração de Israel. Havia uma série de outros deveres que podem ter recaído sobre eles, os quais eles teriam compartilhado com os levitas em geral.

Os sacerdotes, com todos os outros levitas, não possuíam nenhuma terra, como as outras tribos israelitas possuíam. Sua tarefa era estar inteiramente no serviço direto a Deus. A ausência de terra, no entanto, significava que eles não poderiam sustentar-se e alimentar-se como outros homens e mulheres. Consequentemente, a lei especificava que eles poderiam ser sustentados por seus serviços pelas pessoas como um todo. Eles deveriam receber, dos adoradores, porções de

animais que eram trazidos para o tabernáculo, bem como milho, vinho, óleo e lã.

Os levitas

Este termo inclui os sacerdotes, em um sentido amplo, pois os filhos de Arão pertenciam à tribo de Levi. Por motivos práticos, no entanto, os levitas eram aqueles da tribo que não eram os sacerdotes. Os levitas também atuavam no serviço do tabernáculo, embora eles tivessem uma posição subordinada. Eles também eram homens especializados e eram recompensados por seus serviços com dinheiro e bens. Embora eles não herdassem seu próprio território tribal, havia várias cidades separadas para seu uso ([Nm 35.1-8](#)), e pastagens fora dessas cidades foram designadas para seu rebanho.

Os levitas foram divididos em três famílias principais, os descendentes de Coate, Gérson e Merari ([Nm 4](#)). Cada uma dessas famílias tinha responsabilidades específicas em relação ao manuseio e transporte do tabernáculo. Os filhos de Coate carregavam a mobília do tabernáculo (depois que ela havia sido coberta pelos sacerdotes), os filhos de Gérson cuidavam das coberturas e cortinas, e os filhos de Merari carregavam e erguiam a estrutura do tabernáculo. Os sacerdotes, em contraste, eram responsáveis pelo transporte da arca da aliança. O papel de cada levita, como servidor do tabernáculo, era restrito; ele assumia seus deveres especializados entre as idades de 25 e 50 anos ([8.24-26](#)).

Embora muitos dos deveres dos levitas fossem de natureza comum, eles também tinham um papel religioso muito significativo. A lei exigia que todos os primogênitos, incluindo os filhos, fossem dados a Deus, rememorando a morte dos primogênitos no Êxodo do Egito. O papel dos levitas na religião era o de ser aceito por Deus no lugar dos filhos primogênitos de Israel ([Nm 3.11-13](#)); seu gado, também, era aceito no lugar do gado primogênito dos israelitas. No censo feito no tempo de Moisés, os israelitas primogênitos excederam o número dos levitas, e uma taxa de redenção de cinco siclos tinha que ser depositada nos cofres sacerdotais para cada pessoa em excesso (vv. [40-51](#)). A natureza representativa e substitutiva dos levitas pode ser vista na religião israelita. Como os sacerdotes, eles desempenharam um papel na grande atividade de mediação entre Deus e Israel.

A lei de Deuteronômio especifica uma série de deveres que podem ter recaído sobre sacerdotes e levitas (embora os textos sejam ambíguos). Esses

deveres incluíam participação na atividade dos tribunais da lei como juízes, talvez com referência especial aos crimes religiosos ([Dt 17.8-9](#)), cuidando do Livro da Lei (v. [18](#)), examinando as vidas e a saúde dos leprosos ([24.8](#)) e participando diretamente na condução das cerimônias de renovação da aliança ([27.9](#)).

A história da Instituição

Em teoria, a lei da aliança de Moisés determinava a natureza e a conduta dos oficiais de sacerdotes e levitas para a futura história de Israel. Na prática, no entanto, as circunstâncias históricas em mudança e as transformações na religião e cultura de Israel alteraram a forma do sacerdócio e o papel dos levitas de tempos em tempos. E ainda mais significativamente, as pessoas que ocupavam os ofícios os moldavam e determinavam sua eficácia através de sua fidelidade ou infidelidade.

O sacerdócio antes da monarquia

No tempo de Josué, os sacerdotes continuaram a realizar sua importante tarefa de carregar a arca da aliança. Os levitas ajudaram na divisão e distribuição das terras recém-conquistadas entre as tribos israelitas. Em [Josué 21](#), há uma lista detalhada da distribuição de cidades tanto para sacerdotes quanto para levitas, em conformidade com a legislação anterior. Nos dias do assentamento, depois da conquista, há algumas evidências de que os levitas assumiram o dever sacerdotal de transportar a arca ([1Sm 6.15](#); [2Sm 15.24](#)).

O escritor do livro de Juízes registrou duas histórias que ilustram as vidas de determinados levitas. A primeira, a história de Mica ([Jz 17-18](#)), descreve o estabelecimento de um santuário local no qual o filho de Mica foi nomeado sacerdote (embora ele não fosse de descendência levita ou araônica). Mais tarde, Mica contratou um levita itinerante para servir como sacerdote em seu santuário, embora posteriormente esse levita tenha sido persuadido a servir à tribo de Dã como sacerdote. É difícil encaixar os detalhes desta história no modelo teórico de sacerdotes e levitas, embora a história possa ilustrar o estado confuso da religião de Israel na época. O que é especialmente significativo é que o papel do sacerdote levita era primariamente oracular ([18.5-6](#)). A segunda história em Juízes é o relato muito terrível de um levita e sua concubina (cap. [19](#)). A história ilustra o declínio moral e a falta de lei e

ordem em Israel na época, mas lança pouca luz sobre o papel dos levitas.

Mais informações são fornecidas sobre o sacerdócio durante o século XI a.C., imediatamente antes do estabelecimento da monarquia. O tabernáculo (até então, provavelmente uma estrutura semipermanente) e a arca da aliança estavam localizados em Siló. O sacerdote encarregado do santuário em Siló era Eli, que pode ter sido um descendente de Itamar, filho de Arão. Seus dois filhos, Hofni e Fineias, também serviram como sacerdotes, indicando que o princípio de descendência familiar ainda estava ativo em relação ao sacerdócio. Mas embora Eli fosse um sacerdote fiel, seus dois filhos abusaram do ofício.

O papel exato de Samuel neste período não é claro. Ele era primariamente um juiz e um profeta, mas é difícil determinar se ele também era um sacerdote. Na narrativa histórica, ele não é chamado de sacerdote, embora o [Salmo 99.6](#) possa ser interpretado como indicando seu ofício sacerdotal. Há uma série de passagens, no entanto, que indicam que ele agiu como um sacerdote. Por exemplo, ele ofereceu sacrifícios ([1Sm 7.9-10](#)); quando jovem, ele serviu no santuário de Siló e usava um éfode (cap. [2](#)). Além disso, uma das genealogias bíblicas implica descendência sacerdotal ([1Cr 6.23-30](#)). No entanto, ele normalmente não é identificado como um sacerdote e a introdução de sua história se refere a ele como um efraimita, por descendência de seu pai ([1Sm 1.1](#)), não um levita. Se o sacerdote for identificado como um servo permanente do santuário, como era Eli, então está claro que Samuel não era um sacerdote. Mas o papel sacerdotal de Samuel talvez esteja relacionado ao fato de que sua mãe o “dedicou” a Deus (v. [28](#)) enquanto ele ainda era um menino.

O sacerdócio durante o tempo de Davi e Salomão

Várias mudanças radicais ocorreram durante o reinado de Davi e Salomão. Essas eram um resultado, principalmente, do estabelecimento de um templo permanente em Jerusalém e a inserção da arca da aliança lá. Durante o tempo de Saul, o primeiro rei de Israel, a estrutura social era essencialmente a mesma que havia sido no tempo dos juízes. Saul, como rei, era um líder militar, mas seu relacionamento com a religião e o sacerdócio não era claramente determinado.

Davi mudou a situação em muitos aspectos importantes. Após sua conquista da cidade de

Jerusalém, ele fez daquele lugar a capital política e religiosa de sua nação. A centralidade religiosa de Jerusalém foi assegurada ao transportar a arca da aliança para lá, juntamente com o tabernáculo. Jerusalém agora se tornou o local permanente da arca, e, portanto, o centro permanente da religião; ao mesmo tempo, os vários santuários regionais, que haviam se desenvolvido no período pré-monárquico, foram gradualmente eliminados.

Essas mudanças tiveram numerosas implicações para o sacerdócio e os levitas. Durante o reinado de Davi, havia dois principais sacerdotes, Abiatar e Zadoque. Abiatar, um ex-sacerdote de Nobe, havia se juntado a Davi antes de sua ascensão ao poder; ele parece ter sido um descendente de Eli, e por sua vez, de Itamar, um dos filhos de Arão. A origem de Zadoque é menos clara, embora sua linhagem pareça retornar ao outro filho de Arão, Eleazar. Esses dois sacerdotes são sempre nomeados juntos nos textos que descrevem o reinado de Davi, e Zadoque é sempre mencionado antes de Abiatar. Embora nenhum dos dois seja explicitamente identificado como sumo sacerdote nos textos antigos, há algumas evidências que sugerem que Abiatar atuava como sumo sacerdote ([1Rs 2.35](#)); nos tempos do NT, ele é identificado como tal ([Mc 2.26](#)). Zadoque, durante o reinado de Davi, pode ter sido responsável especialmente pelo cuidado para com a arca da aliança ([2Sm 15.24-25](#)). Esses dois sacerdotes tinham uma posição significativa no estabelecimento real de Davi; eles também podem ter compartilhado a responsabilidade geral para com os sacerdotes, que agora estavam centrados no templo de Jerusalém.

Grande parte do tempo de Davi estava focada nos preparativos para a construção de um templo permanente para Deus. Na preparação do templo, e em sua conclusão durante o reinado do rei Salomão, as novas atividades dos levitas podem ser vistas. (A construção de um templo permanente removeu automaticamente suas antigas responsabilidades relacionadas com o manuseio e o transporte do tabernáculo). Grande número de levitas foi empregado como trabalhadores na construção vigente do templo. Outros encontraram novas tarefas na adoração de Deus no tabernáculo durante o reinado de Davi e no templo após sua conclusão. Aos levitas, e especialmente a Hemã, Asafe, e Etã, foi dada a responsabilidade principal pela música de adoração; isso envolvia não apenas cantar, mas também a reprodução de uma variedade de instrumentos na orquestra ou banda do templo. Os levitas também tinham uma variedade de outras tarefas; eles trabalhavam

como porteiros no santuário, assistiam aos sacerdotes na preparação dos sacrifícios, mantinham o santuário limpo e atuavam como oficiais administrativos e legais gerais ([1Cr 23.1-32](#)). Outros levitas atuavam como banqueiros, com responsabilidade primária pelos tesouros do templo ([26.20-28](#)).

Após a morte de Davi, houve um conflito sobre a sucessão real, da qual Salomão emergiu como o novo rei. Durante seu reinado, o templo foi concluído e a adoração regular da nação passou a ser conduzida ali. Na questão da sucessão, no entanto, Abiatar havia apoiado um candidato derrotado, e quando Salomão foi feito rei, ele perdeu seu importante ofício na corte real. Durante o reinado de Salomão, o controle do sacerdócio passou para as mãos de Zadoque.

O sacerdócio durante a monarquia dividida

O grande império, que havia sido construído por Davi e mantido por Salomão, entrou em colapso após a morte de Salomão. Das ruínas, dois estados novos e relativamente insignificantes emergiram. O reino do sul, Judá, manteve Jerusalém como sua capital e o templo como seu centro de adoração. O reino do norte, Israel, localizou sua primeira capital em Siquém, de onde foi mais tarde transferida para Tirza.

No estado de Judá, os sacerdotes e levitas continuaram a servir normalmente dentro do templo de Jerusalém. O ofício de sumo sacerdote continuou a ser exercido por descendência dentro da família de Zadoque, que havia exercido ofício no reinado de Salomão. A continuidade do ofício nesta família seria mantida até o tempo do segundo templo, quando a sucessão zadoquita foi interrompida por volta de 171 a.C. No entanto, apesar de toda a continuidade da religião em Jerusalém, nem tudo estava bem com a religião em Judá, nem durante o reinado de seu primeiro rei, Roboão, nem durante os reinados de seus sucessores. Durante o reinado de Roboão, houve um declínio na religião e também no sacerdócio, quando formas populares de religião foram introduzidas como resultado da influência estrangeira ([1Rs 14.22-24](#)). A história do reino do sul foi marcada por períodos de declínio religioso seguidos por reforma, muitas vezes como resultado das atividades dos profetas. O papel do sacerdócio era muito raramente de liderança espiritual, e os próprios sacerdotes eram muitas vezes objeto de críticas pelos profetas (p. ex., [Ir 2.8,26](#)).

O reino do norte, que teve seu primeiro rei, Jeroboão I, inevitavelmente teve que introduzir algumas mudanças radicais na religião. Jeroboão não poderia reconhecer o templo de Jerusalém, em parte porque estava fora de seu estado e em parte porque estava intimamente associado com a linhagem real de Davi. Jeroboão estabeleceu dois santuários principais em seu reino, os quais deveriam reter importância durante a vida relativamente breve do reino do norte (200 anos). O primeiro foi em Betel, na parte sul de seu reino, perto da fronteira de Judá (estava apenas a cerca de 12 milhas, ou 19,3 quilômetros, ao norte de Jerusalém). O segundo templo, ou santuário, estava em Dã, na parte distante ao norte de seu reino.

Ambos os santuários tinham associações antigas com as tradições hebraicas. Betel é referida tão cedo quanto o tempo de Abrão ([Gn 12.8](#)), e o santuário em Dã é conhecido da história dos juízes ([Jz 18](#)). Pode de fato ainda ter havido sacerdotes e levitas residindo nesses dois lugares, descendentes dos antigos servidores dos santuários. Mas Jeroboão estabeleceu um sacerdócio não levítico para servir nesses santuários e em vários templos menores ou “lugares altos”, cortando assim ainda mais radicalmente a tradição religiosa do estado do norte em relação à de Judá. O santuário real em Betel, tão perto do templo de Jerusalém, pode ter sido criado em competição deliberada com o santuário da Judeia.

A história do sacerdócio no reino do norte não é mais impressionante do que a de Judá. Muitos dos profetas, incluindo Amós, Oseias e Jeremias, condenaram os santuários do norte e seus sacerdotes. Oseias foi enérgico em sua condenação: “Assim como os assaltantes ficam de emboscada à espera de um homem, o mesmo acontece com os grupos de sacerdotes; eles matam na estrada para Siquém, cometendo crimes horrorosos” ([Os 6.9](#)). Apenas raramente aqueles a quem as vidas espirituais do povo escolhido haviam sido confiadas viviam à altura de suas responsabilidades.

Sacerdotes e levitas durante e após o Exílio

O reino do norte chegou ao fim em 722 a.C., derrotado pelos exércitos da Assíria, mas a vida religiosa continuou em Judá por mais algum tempo. Eventualmente, o fim do estado do sul veio por volta de 586 a.C.; a derrota do estado pelos babilônios foi acompanhada pela destruição de Jerusalém e seu templo ([Lm 2.20](#)). O comandante babilônico levou Seraías, o sumo sacerdote, e

Sofonias, seu assistente, para Ribla, onde, com outros oficiais, eles foram mortos ([2Rs 25.18-21](#)). Então uma política de exílio foi estabelecida pelos babilônios; o povo mais importante e influente de Judá foi deportado para a Babilônia, enquanto os menos significativos foram autorizados a permanecer, pois era improvável que causassem problemas. Dos exilados de Judá, muitos podem ter sido sacerdotes ([Jr 29.1](#)), pois eles eram homens de influência. Em contraste, parece provável que um número muito menor de levitas foi exilado, refletindo talvez sua posição social inferior.

Na cidade de Jerusalém, havia pouca vida religiosa regular durante os anos do exílio; o altar havia sido destruído e não foi restaurado até após o exílio. Sem dúvida, continuava algum tipo de atividade, mas era uma forma empobrecida de religião. A maioria dos sacerdotes estava no exílio na Babilônia, porém não podiam atuar, pois não havia templo ou santuário. Ezequiel dá a entender que o próprio Deus era o único “santuário” para os exilados ([Ez 11.16](#)). Somente após o retorno do exílio, a restauração de Jerusalém e seu templo é que as funções normais de sacerdotes e levitas puderam ser retomadas.

Quando o Império Babilônico foi derrotado, os novos conquistadores persas instituíram uma política pela qual os exilados hebreus poderiam voltar para sua terra natal. Dos que retornam, 4.289 são designados sacerdotes e membros de famílias sacerdotais, enquanto apenas 341 eram levitas ([Ed 2.36-42](#)); o desequilíbrio provavelmente reflete a desproporção no número de exilados inicialmente. Sob Josué (Jeshua), o sacerdote e Zorobabel, o trabalho na restauração começou. Os sacerdotes desempenharam um papel significativo no primeiro ano do retorno, na restauração do altar em Jerusalém, para que o sacrifício e a adoração a Deus pudessem retomar. Uma vez que o altar havia sido restaurado, o trabalho começou no próprio templo, no segundo ano do retorno. Neste trabalho, tanto os sacerdotes quanto os levitas estavam envolvidos, e começou o estabelecimento de novas fundações para o templo. Quando a fundação havia sido estabelecida, tanto os sacerdotes, em suas vestimentas, quanto os levitas, em seu papel de cantores e músicos, participaram da cerimônia de dedicação ([3.8-13](#)). Novamente, quando o templo havia sido reconstruído, sacerdotes e levitas participaram da cerimônia de dedicação ([6.16-18](#)). A restauração, no entanto, envolvia mais do que apenas edifícios; também incluía um componente moral e religioso. Embora os sacerdotes e levitas ajudaram nesta

tarefa, eles também foram afetados por isso. Muitos, por exemplo, haviam se casado com esposas estrangeiras (9.1), e assim tinham que se conformar com as leis de reforma por Esdras.

Em certa medida, os sacerdotes e levitas retomaram seus deveres regulares na adoração do período pós-exílico. Os sacerdotes estavam engajados na condução da adoração no templo. Os levitas assistiam como servos do templo (Ne 11.3), como tesoureiros e coletores de dízimos (10.37-39) e como instrutores ou mestres da lei de Deus (8.7-9). No entanto, a história do sacerdócio após o exílio não está livre de mácula. A condenação dos abusos do ofício sacerdotal foi proferida pelo profeta Malaquias (Ml 1.6-2.9). Malaquias catalogou uma lista de males sacerdotais que lembram os sacerdotes malignos que viveram durante o tempo da monarquia.

O ofício de sumo sacerdote continuou após o exílio entre os descendentes de Zadoque, sendo mantido inicialmente por Josué (Ag 1.1). As diferentes circunstâncias políticas, no entanto, mudaram a natureza do ofício de sumo sacerdócio. Considerando que nos dias da monarquia o sumo sacerdote era subserviente ao rei, não havia um rei, no sentido propriamente dito, após o exílio. De uma perspectiva política, os judeus eram membros de uma província ou colônia; para propósitos práticos, eles eram uma comunidade baseada em uma religião comum. O sumo sacerdote não estava mais sujeito à autoridade laica de um rei judeu, mas sua autoridade religiosa era considerável, e de algumas maneiras suas funções eram semelhantes às de um rei nos tempos pré-exílicos.

O sacerdócio no período dos Macabeus

Durante o segundo século a.C., algumas mudanças ocorreram no sacerdócio, especialmente no que diz respeito ao ofício de sumo sacerdote, que marcou o fim da era do AT e definiu o pano de fundo para o período do NT. A Judeia, no segundo século, era governada pelos reis selêucidas, que haviam herdado uma parte do massivo Império Grego estabelecido por Alexandre, o Grande. A província da Judeia era controlada internamente sob o sumo sacerdócio, que teve a autoridade recebida dos reis selêucidas.

Nas primeiras três décadas do segundo século a.C., o alto sacerdócio permaneceu com a linhagem zadoquita. Os sumos sacerdotes eram membros da família (zadoquita) de Oniadas: primeiro, Onias III (198-174 a.C.); depois, Jasão, irmão de Onias III (174-171 a.C.). Foi no período de Jasão que

começou uma série de eventos que terminariam a tradição zadoquita.

Onias III havia se oposto à política de helenização de Antíoco IV (Epifânio), que ameaçava minar a fé judaica. Antíoco substituiu Onias por Jasão, que na verdade comprou o alto sacerdócio do rei selêucida. Ao comprar o ofício sacerdotal, Jasão havia estabelecido um precedente perigoso; embora ele fosse de descendência zadoquita, seu ato implicava que o ofício poderia ser comprado e essa descendência não ser vital. Os oponentes de Jasão, os Tobíadas, foram capazes de removê-lo do ofício e ter seu próprio candidato, Menelau (que não era um zadoquita), nomeado em seu lugar. Este ato resultou em uma guerra civil entre aqueles que apoiavam Jasão e aqueles que apoiavam Menelau, e a guerra, por sua vez, culminou em medidas repressivas severas de Antíoco Epifânio; houve massacres em Jerusalém, e o templo foi profanado (167 a.C.). A profanação do templo levou à revolta dos Macabeus, como resultado da qual os judeus reconquistaram sua independência por um curto período. Menelau manteve o ofício de sumo sacerdote até 161 a.C. e foi sucedido por Alcimo (161-159 a.C.).

Então, seguiu-se um período durante o qual não houve sumo sacerdote por sete anos. O clima político, no entanto, era tal que se tornava improvável que a linhagem zadoquita algum dia voltasse a conquistar o alto sacerdócio, que havia sido estabelecido no tempo do rei Salomão. O macabeu Jônatas obteve o controle de Jerusalém, e em 152 a.C., com a aprovação do rei selêucida, ele foi formalmente investido das vestes de sumo sacerdote. Ele foi sucedido como sumo sacerdote e governante por seu irmão Simão em 143 a.C., que também exercia o ofício com a aprovação dos selêucidas (Demétrio II). Mas no terceiro ano de seu reinado (140 a.C.), o sumo sacerdócio de Simão recebeu aprovação pública em uma grande assembleia religiosa, e a família de Simão tornou-se “sumo sacerdote para sempre” (1Mc 14.41-47). Esse evento marcou o término efetivo da tradição zadoquita e a base da linhagem dos Asmoneus.

O estabelecimento do ofício de sumo sacerdotal fora da linhagem zadoquita não ocorreu sem contestação. É provável que uma seita dentro do judaísmo, agora conhecida como os essênios, tenha nascido em reação ao sumo sacerdócio de Simão. Os essênios (mais conhecidos pelos Manuscritos do Mar Morto) parecem ter sido fundados por um sacerdote zadoquita que rejeitou a autenticidade e autoridade de Simão. Assim, em um sentido

limitado, os sacerdotes zadoquitas continuaram a subsistir.

O sacerdócio nos tempos do Novo Testamento

No início do período do NT, tanto os sacerdotes quanto os levitas continuaram a servir dentro da religião judaica. Zacarias, pai de João Batista, era um sacerdote que pertencia à divisão de Abias ([Lc 1.5](#)), e sua esposa também era de descendência sacerdotal. Quando Zacarias foi visitado por um anjo, na época, ele estava envolvido com deveres sacerdotais no templo de Jerusalém — várias divisões de sacerdotes assumiam a responsabilidade pelos serviços do templo por um período e depois voltavam para suas casas (v. [23](#)), quando outra divisão assumia. A distinção entre sacerdotes e levitas também é mantida no NT ([Jo 1.19](#)) e aparece na parábola de Jesus sobre o bom samaritano ([Lc 10.31-32](#)). Tanto sacerdotes quanto levitas estavam entre os primeiros convertidos ao cristianismo; Barnabé era um levita de Chipre ([Atos 4.36](#)), e vários sacerdotes responderam à proclamação do evangelho ([6.7](#)).

O ofício de sumo sacerdote é frequentemente referido no NT. Vários sumos sacerdotes são mencionados, e a pluralidade de ocupantes atuais e anteriores do ofício reflete a natureza da posição como um compromisso essencialmente político (distinto de sua definição mais antiga, a de um ofício que passa de pai para filho após a morte do pai). Os dois sumos sacerdotes mais significativos no NT são aqueles que exerceram ofício durante a vida de Jesus. Anás era sumo sacerdote por volta de 6 a 15 d.C., mas mesmo depois que ele deixou de exercer o ofício formalmente, ele continuou a exercer influência considerável através de seu genro, o sumo sacerdote Caifás (c. 18–36 d.C.). Ambos foram figuras significativas no julgamento de Jesus. Em uma data posterior, Ananias, filho de Nebedeus, era sumo sacerdote (c. 47–58 d.C.) e presidente do Sinédrio durante o tempo em que Paulo foi levado a julgamento.

O sacerdócio possuía autoridade considerável nos tempos do NT. A maioria dos assuntos internos e religiosos na província romana da Judeia estava dentro da autoridade do Sinédrio, que funcionava como uma espécie de governo provincial, embora seus poderes fossem limitados em certos assuntos por Roma. Sua associação incluía os sumos sacerdotes que estavam no poder e ex-sumos sacerdotes, e um grande número de saduceus, muitos dos quais pertenciam a famílias sacerdotais influentes. Esta influência sacerdotal no Sinédrio

era indicativo do importante papel do templo na vida judaica durante o primeiro século d.C.

Em 70 d.C., após a destruição do templo em Jerusalém, uma mudança radical ocorreu em relação ao significado do sacerdócio no judaísmo. O fim do templo removeu em efeito o propósito para a existência do sacerdócio. Embora o sacerdócio tenha continuado de certa forma até a rebelião de Bar Kochba em 135 d.C., seu fim estava próximo após 70 d.C. Desde o final do primeiro século d.C., o judaísmo se desenvolveu sem sacerdotes, e sua trajetória até o presente século foi traçada pelos rabinos, os descendentes espirituais dos fariseus.

Veja também Sacerdócio.

Sacrifício

Veja Expição; Ofertas e sacrifícios.

Sacrifício da manhã

Veja Ofertas e sacrifícios.

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego

Os nomes babilônicos de três jovens hebreus levados para Babilônia como prisioneiros pelo rei Nabucodonosor em 605 a.C. ([2Rs 24.1](#); [Dn 1.1-4](#)). Eles podem ter sido de uma família real ([2Rs 20.18](#); [Is 39.7](#)). Os babilônios acreditavam que tê-los como reféns faria o rei de Judá, Jeoaquim, se comportar.

Nabucodonosor desejava encher sua corte com homens inteligentes e bonitos que se tornariam súditos úteis para seu reino. Ele decidiu que alguns dos reféns judeus seriam treinados. Daniel e seus três amigos foram escolhidos.

Seus nomes hebraicos originais exaltavam Javé, mas foram alterados para nomes babilônicos que poderiam ter honrado um deus babilônico.

Seus nomes originais em hebraico eram:

- Hananias, que significa "O Senhor é gracioso";
- Misael, que significa "Quem é como Deus";
- Azarias, que significa "O Senhor ajudou".

Nabucodonosor mudou seus nomes para nomes babilônicos:

- Sadraque, que poderia significar "Comando de Aku" (Aku era o deus da lua sumério);
- Mesaque, que pode significar "Quem é como Aku";
- Abede-nego, que pode significar "Servo de Nabu" (Nabu era o deus babilônico da sabedoria).

O nome do amigo deles, Daniel, também foi mudado de "Meu juiz é Deus" para Beltessazar. Beltessazar significa "Bel protege" (Bel era o principal deus babilônico).

Nabucodonosor escolheu esses jovens para aprender a língua e o conhecimento babilônico. Eles estudaram por três anos, aprendendo:

- Línguas aramaica, acádia e suméria;
- Escrita cuneiforme (escrita utilizando marcas em forma de cunha);
- Possivelmente, astronomia, matemática, história e agricultura.

O rei forneceu comida para os estudantes. Mas Sadraque, Mesaque, Abede-Nego e Daniel se recusaram a comê-la. Eles achavam que a comida havia sido oferecida a falsos deuses, então não era apropriado para os judeus comerem (cp. [Êx 34.15](#); [Lv 17.10-14](#)). O chefe dos eunucos estava preocupado que o rei ficasse chateado se os rapazes parecessem mal alimentados, então ele falou com Daniel. Eles pediram para comer apenas vegetais por dez dias. Após dez dias, eles pareciam mais saudáveis do que os outros estudantes, então foi permitido que continuassem com sua dieta de vegetais.

Ao concluírem seus estudos, esses quatro jovens eram mais inteligentes e capazes do que todos os outros estudantes. A Bíblia afirma que Deus lhes concedeu esse conhecimento e habilidade.

Mais tarde, eles se tornaram parte dos "sábios da Babilônia" ([Dn 2.12-49](#)). Quando outros sábios não puderam explicar o sonho do rei, Nabucodonosor quis matar todos os sábios. Daniel pediu tempo ao rei, e Deus revelou a Daniel o sonho e seu significado em uma visão. Isso salvou suas vidas.

Mais uma vez, Nabucodonosor fez uma enorme estátua de ouro e ordenou que todos se curvassem diante dela ([Dn 3](#)). Sadraque, Mesaque e Abednego recusaram. Eles disseram que confiavam em Deus, mesmo que isso significasse serem lançados em uma fornalha ardente. O rei fez a fornalha ficar extremamente quente e os lançou lá dentro. Mas Deus os protegeu. Ele enviou um anjo para mantê-los seguros no fogo.

Quando Nabucodonosor viu esse milagre, ele teve que admitir que o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego era mais poderoso que seu próprio reino e poder.

Veja também DANIEL, Livro de; Daniel, Adições a (Oração de Azarias e o Cântico dos Três Jovens).

Saduceus

Os saduceus eram um grupo religioso judeu mencionado 14 vezes no Novo Testamento. Eles não são mencionados no Antigo Testamento.

A história dos saduceus

Estudiosos sugeriram várias explicações diferentes para como os saduceus receberam seu nome:

6. Alguns o associam à palavra hebraica para "justo" (*saddik*). Isso é improvável porque a palavra teria mudado de *i* para *u*. Também não há evidências de que eles se autodenominavam "justos".

7. O nome está associado a Zadoque (às vezes escrito *Saddouk* em grego), um sacerdote durante o tempo de Davi ([2Sm 8.17](#); [15.24-29](#)). Zadoque ungiu Salomão ([1Rs 1.32-39](#)). Ele se tornou sumo sacerdote durante o reinado de Salomão ([2.35](#)). Diz-se que ele era descendente de Eleazar, filho de Arão ([1Cr 6.3-8](#)). Os sacerdotes zadoquitas (sacerdotes da linhagem de Zadoque) gerenciavam as funções do templo até que os babilônios os exilaram para Babilônia. O profeta Ezequiel descreve uma visão de um templo restaurado e um sistema de adoração ([Ez 40-48](#)). Os sacerdotes zadoquitas foram novamente escolhidos como "sacerdotes levíticos" neste templo restaurado ([44.15-16](#); [48.11-12](#)).

Após o exílio para Babilônia, Josué (Jeshua), filho de Jozadaque, serviu como sumo sacerdote ([Ag 1.1](#)). Josué era da linhagem de Zadoque através de Jozadaque ([1Cr 6.8-15](#)). A importância do sacerdócio zadoquita é enfatizada nos escritos do início do segundo século a.C. No entanto, não sabemos se os saduceus apoiavam o sacerdócio zadoquita. Além disso, o duplo *d* na palavra não é facilmente explicado por esta teoria das origens dos saduceus.

8. Uma tradição rabínica posterior sugere que os saduceus receberam seu nome de outro Zadoque que viveu no segundo século a.C. Essa visão tem pouco apoio.
9. O estudioso britânico do Novo Testamento T. W. Manson sugeriu que o nome deles está relacionado com a palavra grega *sundikoi*, que significa "membros do conselho". Este termo designa os saduceus como conselheiros sob os governantes hasmoneus.

A primeira menção histórica dos saduceus ocorre durante o tempo de Jônatas Macabeu, que liderou a luta judaica contra os selêucidas de 160 a 143 a.C.

Josefo, em sua obra *Antiguidades* (13.5.9), observou que eles eram um grupo nessa época. Quando João Hircano liderou o estado judaico de 135 a 104 a.C., houve conflito entre os fariseus e os saduceus (*Antiguidades* 13.10.6). É possível que os saduceus apoiassem o sacerdócio zadoquita ou alegassem que o sacerdócio de Jerusalém de seu tempo era de origem zadoquita, mas isso não é claro.

Josefo afirma que os saduceus tinham o apoio dos ricos, enquanto os fariseus eram populares entre o povo comum. Durante o reinado de Salomé Alexandra, de 76 a 67 a.C., os fariseus ganharam poder. No entanto, quando a Judeia se tornou uma província romana e os governadores romanos começaram a mudar os sumos sacerdotes, estes passaram a vir de famílias nobres saduceias. Essas famílias, capazes de cooperar com os romanos, detinham poder e influência. À medida que as tensões aumentavam entre os judeus e os romanos, a influência dos saduceus diminuiu. Após os romanos capturarem Jerusalém em 70 d.C., os saduceus desapareceram da história.

Os saduceus no Novo Testamento

No relato do Evangelho, eles apareceram primeiro com os fariseus no batismo de João. Ele os chamou de "raça de víboras" e os instou a mostrar arrependimento em suas ações ([Mt 3.7-10](#)). Mais tarde, os saduceus se juntaram a alguns fariseus para testar Jesus pedindo um sinal do céu ([Mt 16.1](#)). Jesus advertiu seus discípulos a serem cautelosos com os saduceus ([Mt 16.6,11-12](#)).

Uma diferença significativa aparece entre os fariseus e saduceus em [Mateus 22.23-33](#) (veja também [Mc 12.18-27](#); [Lc 20.27-38](#)). Os saduceus, como outros, queriam embaraçar Jesus com suas perguntas. Eles fizeram uma pergunta destinada a prender ou confundir Jesus para expressar suas dúvidas sobre a ressurreição dos mortos (pessoas sendo trazidas de volta à vida após morrerem).

Os saduceus são descritos como aqueles que afirmam que não há ressurreição após a morte. Eles mencionaram uma mulher que teve sete irmãos como maridos, um após o outro. Eles perguntaram, "de qual dos sete ela será esposa?". Eles insinuaram que tal problema tornava a ressurreição impossível. Jesus respondeu apontando o erro em sua visão, causado pela ignorância das Escrituras e do poder de Deus.

Nos primeiros dias da igreja em Jerusalém, os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os

saduceus ficaram perturbados porque os discípulos estavam falando sobre a ressurreição dos mortos ([At 4.1-2](#)). Os saduceus pareciam liderar a oposição contra os apóstolos e seus ensinamentos.

Mais tarde, o sumo sacerdote e os saduceus decidiram prender os apóstolos e colocá-los na prisão ([At 5.17](#)). A única outra menção deles no Novo Testamento está em [Atos 23.6-8](#), durante o julgamento de Paulo perante o Sinédrio (o conselho judaico). Nessa ocasião, Paulo falou intencionalmente sobre sua crença na ressurreição para criar uma divisão entre os fariseus e os saduceus, que não acreditavam na ressurreição.

Essas passagens do Novo Testamento revelam as principais crenças dos saduceus, sua importância entre as famílias de sumos sacerdotes e suas diferenças em relação aos fariseus.

Os saduceus em outros escritos

Josefo, um historiador judeu do final do primeiro século d.C., fornece percepções adicionais sobre os saduceus além do que está no Novo Testamento. Ele observou que, ao contrário dos fariseus e essênios, os saduceus não acreditavam no controle de Deus sobre os eventos. Eles acreditavam que nossas ações, sejam boas ou más, determinam o que nos acontece (*Antiguidades* 13.5.9; *Guerra* 2.8.14). Josefo também mencionou que os saduceus rejeitavam a ideia de que a alma vive para sempre e o conceito de recompensas e punições na vida após a morte (*Guerra* 2.8.14). Eles acreditavam que "as almas morrem com os corpos" (*Antiguidades* 18.1.4).

Escritores cristãos primitivos como Hipólito, Orígenes e Jerônimo afirmaram que os saduceus aceitavam apenas o Pentateuco e não outros livros do Antigo Testamento. No entanto, parece que eles não eram totalmente contra outros livros do Antigo Testamento. Provavelmente, eles se opunham às regras legais adicionais introduzidas pelos fariseus, insistindo que apenas a lei do Antigo Testamento era obrigatória. Em suas opiniões sobre anjos e vida após a morte, viam os fariseus como pessoas que introduziam novas ideias e a si mesmos como aqueles que preferiam os modos antigos.

A Mishná, uma coleção de ensinamentos rabínicos escrita no segundo século d.C., é outra fonte principal de conhecimento sobre os saduceus. Os saduceus se opunham a muitas regras detalhadas que os fariseus queriam impor ao povo (*Parah*

3.3.7). A Mishná também mostra que os Saduceus eram mais propensos a se comprometer com costumes não judaicos do que outros grupos judaicos (*Niddah* 4.2).

Veja Essênios; Judaísmo; Fariseus.

Safã

Líder na tribo de Gade ([1Cr 5.12](#)). Acredita-se que ele tenha vivido em Basã e servido durante os dias de Jotão, rei de Judá (v. [17](#)).

Safate

10. Um simeonita e filho de Hori. Um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.5](#));
11. O pai do profeta Eliseu da cidade de Abel-Meolá ([1Rs 19.16.19](#); [2Rs 3.11](#); [6.31](#));
12. O mais jovem dos seis filhos de Semaías da tribo de Judá e um descendente do Rei Davi ([1Cr 3.22](#));
13. Um chefe gadita em Basã, uma região a oeste do rio Jordão ([1Cr 5.12](#));
14. Um filho de Adlai e membro da equipe do Rei Davi. Safate era responsável pelo gado de Davi nos vales ([1Cr 27.29](#)).

Safe

Um descendente dos gigantes, que foi morto por Sibecai, o Husatita (um dos guerreiros de Davi). Sibecai matou Safe em Gade em uma batalha entre Israel e Filístia ([2Sm 21.18](#)). Outro nome para Safe era Sipai ([1Cr 20.4](#)).

Safira

Uma membra da igreja de Jerusalém e esposa de Ananias ([At 5.1](#)).

Veja Ananias #1.

Safira

Veja Pedras preciosas #21.

Sage

Uma pessoa de Harar e o pai de Jônatas ([2Sm 23.33](#); [1Cr 11.34](#)). Seu filho Jônatas foi um dos valentes do rei Davi.

Sal, Aliança de

Veja Aliança de sal.

Sal, Cidade do

Veja Cidade do Sal.

Salá

Em algumas Bíblias é traduzido como Selá, pai de Éber, em [Gênesis 10.24](#) e [11.12-15](#). *Veja Selá #1.*

Salá

15. Um nome alternativo para Salmom, pai de Boaz, em [Lucas 3.32](#).

Veja Salmom (Pessoa).

16. Grafia alternativa para Sala (ARC), pai de Éber, em [Lucas 3.35](#).

Veja Sala #1.

Sala superior

O quarto no segundo andar de uma casa hebraica ou grega era frequentemente como uma torre construída no telhado plano de uma casa hebraica. A localização proporcionava privacidade, conforto durante a estação quente ou servia para o entretenimento de convidados.

Alguns quartos superiores podiam acomodar grandes reuniões de pessoas. Em pelo menos um exemplo, o quarto estava no terceiro andar ([At 20.8](#)). Êutico, sentado na janela, adormeceu e caiu três andares até a rua abaixo (vv.[9-10](#)). Pode ter

sido um tipo de acidente semelhante que causou a lesão fatal de Acazias quando ele caiu através da treliça de seu quarto superior ([2Rs 1.2](#)).

Elias levou o filho morto da viúva de Sarepta para um quarto superior onde ele estava hospedado e o ressuscitou ([1Rs 17.19-23](#)). Davi foi para um quarto superior para ter privacidade ao lamentar a morte de Absalão ([2Sm 18.33](#)). Os reis de Judá construíram altares estranhos perto do quarto superior de Acaz, que Josias derrubou como parte de seu programa de reforma ([2Rs 23.12](#)).

Jesus comeu a ceia da Páscoa em um cenáculo, uma sala superior, com seus discípulos ([Mc 14.15](#); [Lc 22.12](#)). Após a ascensão de Jesus, os discípulos foram para o cenáculo onde todos haviam ficado antes. Esta referência novamente mostra o tamanho potencialmente grande de alguns cenáculos. A congregação que participou da reunião em Trôade também não era pequena ([At 20.8](#)). Dorcas foi colocada em um cenáculo após sua morte. Mais tarde, Pedro foi levado ao mesmo quarto para orar por sua restauração à vida ([At 9.36-41](#)).

Veja também Arquitetura; Casas e habitações.

Salamina

Porto na costa leste de Chipre onde Barnabé e Saulo desembarcaram no início de sua primeira viagem missionária. Eles proclamaram a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus nesta cidade ([At 13.5](#)). A tradição afirma que a cidade tinha 1.000 anos quando os missionários chegaram, tendo sido fundada por Teucro após seu retorno da guerra de Troia.

Por séculos, foi um importante porto marítimo, exportando cobre, madeira, cerâmica e produtos agrícolas para a Europa, África e Ásia. Os ptolomeus incentivaram os judeus a se estabelecerem lá, razão pela qual Barnabé e Saul encontraram sinagogas judaicas ali. O túmulo de Barnabé localiza-se nas proximidades, no Mosteiro de Ali Barnaba (descoberto em 477 d.C.).

Após a destruição parcial da cidade por Adriano em 116 d.C. e mais danos causados por terremotos em 332 e 342 d.C., ela foi reconstruída pelo imperador bizantino Constâncio II (336-361 d.C.). Antes de 332 d.C., Salamina tinha a maior comunidade judaica da ilha. Depois, aparentemente, abrigou a maior comunidade cristã, tornando-se a sede metropolitana da ilha.

Após a destruição da cidade pelos sarracenos em 647 d.C., o porto assoreou e o local foi abandonado. Durante os séculos de domínio otomano, o porto foi substituído pelo de Famagusta.

Salários

Um pagamento recebido por um trabalhador em troca de seu trabalho. Os salários geralmente são em um meio de troca, como dinheiro. No entanto, eles podem ser pagos por quaisquer bens ou serviços.

Jacó trabalhou sete anos pela filha mais nova de Labão, Raquel ([Gn 29.18-20](#)). Ele então teve que trabalhar mais sete anos quando Labão não honrou o acordo deles. Mais tarde, o salário de Jacó foi em ovelhas e cabras ([Gn 30.31-32](#); [31.8](#)). Nabucodonosor recebeu o país do Egito como pagamento por seu trabalho em capturar a cidade de Tiro ([Ez 29.18-20](#)).

Os salários eram geralmente acordados entre empregador e empregado ([Gn 29.15-19](#); [Mt 20.2](#)). Às vezes, o empregador decidia o pagamento ([Mt 20.4](#)). Um salário justo por um trabalho honesto é um princípio bíblico ([Lc 10.7](#); [1Tm 5.18](#)). O Senhor estabeleceu leis para cobrir esse princípio e julgou aqueles que o violaram. Os salários deviam ser pagos prontamente ([Lv 19.13](#)). A retenção de salários é condenada nas Escrituras ([Ml 3.5](#); [Tg 5.1-6](#)).

Os salários eram frequentemente uma fonte de descontentamento e disputa entre empregadores e empregados. Quando os soldados foram a João Batista para serem batizados, perguntaram sobre sua conduta futura. Ele os exortou a se contentarem com seus salários ([Lc 3.14](#)). Jacó e Labão discordaram sobre os salários. Duas vezes, Jacó reclamou: "ele me tem enganado e já mudou o meu salário umas dez vezes" ([Gn 31.7,41](#)).

A Bíblia também menciona salários adquiridos de forma inadequada. Os salários de uma prostituta não poderiam ser levados para ao Templo do SENHOR ([Dt 23.18](#)). As pessoas são advertidas contra o erro de Balaão. Ele corrompeu Israel porque "que cobiçou o dinheiro que ia receber fazendo o mal" ([2Pe 2.15](#)).

Veja também Dinheiro; Banqueiro, Bancos; Os Pobres; Riquezas; Trabalho.

Salatiel

Grafia alternativa de Sealtiel, presente na versão NTLH, filho do rei Jeoaquim, em [1Cr 3.17](#), [Mateus 1.12](#) e [Lucas 3.27](#).

Veja Sealtiel.

Salca

Cidade ou distrito que formava a extremidade nordeste do reino amorita de Ogue em Basã, a leste do Rio Jordão. Salca estava localizada perto da cidade de Edrei ([Js 12.5](#)). Os israelitas tomaram posse desta cidade quando derrotaram Ogue ([Dt 3.10](#)). Mais tarde, Salca foi incluída na terra recebida pela tribo de Gade como herança ([Jss 13.11](#); [1Cr 5.11](#)). A cidade é identificável com a moderna cidade de Salkhad.

Salém

Cidade de onde veio o sacerdote-rei Melquisedeque ([Gn 14.18](#); [Sl 76.2](#); [Hb 7.1-2](#)). Acredita-se que Salém seja um nome antigo de Jerusalém.

Veja Jerusalém.

Salgueiro

Um salgueiro é uma árvore ou arbusto com folhas longas e estreitas e galhos flexíveis.

Na Bíblia, a palavra "salgueiro" pode se referir a vários tipos de árvores que crescem perto da água. Algumas traduções da Bíblia usam a palavra "álamo" para essas mesmas árvores porque a espécie exata é incerta ([Lv 23.40](#); [Ió 40.22](#); [Js 15.7](#)).

Veja Álamo; *veja também* Plantas; Ravina dos salgueiros.

Salmom (Lugar)

Ortografia NTLH de Zalmom, uma montanha em Basã, no [Salmo 68.14](#).

Veja Zalmom (Lugar).

Salmona

Um promontório (um ponto elevado de terra que se estende para o mar) no lado leste de Creta. O navio do apóstolo Paulo navegou perto deste local durante sua viagem a Roma ([At 27.7](#)).

Salmona

Um lugar onde os israelitas acamparam durante sua jornada. Eles chegaram a este lugar depois de saírem do Monte Hor ([Nm 33.41-42](#)). O nome "Salmona" sugere que pode ter sido um vale escuro ou sombrio. Este vale provavelmente levava até a terra plana e alta de Edom.

Salmos Imprecatórios

Os salmos que contêm maldições ou desejos de coisas ruins para seus inimigos aparecem em 18 salmos:

- [Salmo 5](#)
- [Salmo 17](#)
- [Salmo 28](#)
- [Salmo 35](#)
- [Salmo 40](#)
- [Salmo 55](#)
- [Salmo 59](#)
- [Salmo 70](#)
- [Salmo 71](#)
- [Salmo 74](#)
- [Salmo 79](#)
- [Salmo 80](#)
- [Salmo 94](#)
- [Salmo 109](#)
- [Salmo 129](#)
- [Salmo 137](#)
- [Salmo 139](#)
- [Salmo 140](#)

Esses elementos geralmente são expressos como uma oração ou desejo para que o julgamento ocorra sobre seus inimigos.

Para o leitor casual, esses desejos podem parecer contradizer o restante das Escrituras, especialmente com o ensinamento de Jesus. [Levítico 19.17-18](#) diz: "Não guarde ódio no coração contra outro israelita, mas corrija-o com franqueza para que você não acabe cometendo um pecado por causa dele. Não se vingue, nem guarde ódio de alguém do seu povo, mas ame os outros como você ama a você mesmo. Eu sou o SENHOR".

Jesus argumenta que "próximo" inclui todos ([Lc 10.29-37](#)). No Sermão da Montanha, Jesus disse: "amem os seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês" ([Mt 5.44](#); compare com os versículos [38-48](#)). Esta ideia concorda com o Antigo Testamento, que nos ensina a ajudar nossos inimigos ([Pv 25.21-22](#); compare [Rm 12.20](#)).

[Salmo 109](#) parece contradizer os ensinamentos de Jesus porque contém muitas maldições, algumas das mais severas. Algumas pessoas acham que este salmo é muito severo para a Bíblia. No entanto, este

salmo tem sido visto como tanto profético quanto messiânico por estudiosos como Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho e outros.

Tomé Horne transforma os tempos passados deste salmo em tempos futuros, tornando-o um texto profético. Sua inspiração foi a citação de Pedro do [Salmo 109.8](#) ao escolher um sucessor para Judas ([At 1.20](#)). O salmo fala sobre as provações de Jesus, o que o torna preditivo de Cristo em vez de imprecatório.

Outro trecho preocupante é [Salmo 137.8-9](#), que fala alegremente sobre a morte violenta de crianças babilônicas. Horne acreditava que isso era uma previsão da invasão de Babilônia em 539 a.C.

Esses salmos que clamam por justiça não estão em desacordo com o restante da Bíblia. Jeremias orou por vingança ([Jr 11.20](#)). Ele foi respondido pelo Senhor (versículos [21-23](#)). Os justos que buscam justiça serão atendidos ([Lc 18.1-8](#)). Em Apocalipse, os mártires clamam: “Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” ([Ap 6.10](#)). Seus clamores são atendidos. Davi derrotou seus inimigos, e ele via seus inimigos como inimigos de Deus. Os inimigos do salmista devem receber julgamento. Os desejos do escritor estavam alinhados com o julgamento de Deus.

Vea também Julgamento; Salmos, Livro dos; Ira de Deus.

Salmos, Livro de

Poemas cantados com acompanhamento musical, originalmente com harpa. O título alternativo, o Saltério, refere-se a uma coleção de canções cantadas com acompanhamento de harpa. O título em português, portanto, define amplamente a forma empregada, enquanto o título hebraico do livro, "Louvores" ou "Livro de Louvores", sugere o conteúdo.

Resumo

- Autores
- Data
- Histórico
- Estrutura
- Canonicidade
- Propósito e teologia

- Conteúdo

Autores

A evidência dos títulos

A Bíblia Hebraica atribui a Davi 73 salmos, em comparação com 84 na Septuaginta e 85 na Vulgata Latina. Corá e Asafe, os líderes dos grupos de canto levíticos, estão associados a 11 e 12 salmos, respectivamente (embora [Sl 43](#) quase certamente deva ser atribuído a Corá também). Dois salmos são atribuídos a Salomão ([Sl 72](#); [127](#)), um a Moisés ([Sl 90](#)) e um a Etã ([Sl 89](#)), enquanto Hemã compartilha o crédito por um salmo com os filhos de Corá ([Salmo 88](#)). Os restantes são às vezes chamados de “salmos órfãos” devido à sua anonimidade.

A preposição “de” encontrada nos títulos (e.g., “Um Salmo de Davi”) geralmente indica autoria. No entanto, no caso de grupos como os filhos de Asafe ou Corá, pode simplesmente indicar que os salmos foram incluídos em seu repertório. Menos plausível é a ideia de que também possa ser traduzida como “para o uso de”. Por exemplo, alguns dos “Salmos de Davi” podem ser “para o uso de” um rei davídico em alguma ocasião.

Referências históricas nos títulos

Muitos dos títulos referem-se a eventos específicos na vida de Davi (por exemplo, [Sl 3](#); [7](#); [18](#); [30](#); [34](#); [51](#)). Há evidências de que os títulos foram adicionados em uma data antiga. Quando os salmos foram traduzidos para o grego, parece ter havido alguma dificuldade em traduzir os títulos, possivelmente devido à sua antiguidade. Se as referências históricas foram adicionadas em uma data posterior, não há razão para que contextos plausíveis não pudessem ter sido fornecidos para todos os salmos davídicos, em vez de apenas alguns. Além disso, a aparente disparidade entre o título e o conteúdo real de alguns salmos (e.g., [Sl 30](#)) indica que os títulos foram fornecidos por aqueles que conheciam uma conexão desconhecida por um editor posterior. Admitidamente, há pequenas discrepâncias entre os títulos e as referências nos livros históricos. Por exemplo, no [Salmo 34](#) Davi age como um louco diante de Abimeleque, enquanto em 1 Samuel é diante de Aquis. Mas provavelmente Abimeleque era o nome geral (como Faraó para os reis do Egito) para todos os reis filisteus (e.g., [Gn 21.32](#); [26.26](#)).

Evidências de autoria e contexto histórico nos títulos podem ser consideradas um guia razoavelmente confiável. No entanto, as

dificuldades internas, juntamente com a liberdade exercida por sucessivos tradutores para o grego, siríaco e latim, indicam que eles não eram considerados inspirados.

O argumento para a autoria de Davi

Cinco pontos podem ser apresentados para apoiar a autoria de Davi em vários salmos:

1. A autenticidade do lamento de Davi sobre Saul e Jônatas ([2Sm 1.19-27](#)) é geralmente aceita. Isso indica um espírito profundamente poético e um temperamento generoso que nos prepara para aceitar aqueles salmos atribuídos a Davi que evidenciam características semelhantes. “As últimas palavras de Davi” é outro poema davídico nos livros históricos ([2Sm 23.1-7](#)).

2. Davi era conhecido como um músico habilidoso na corte de Saul ([1Sm 16.16-18](#)). Amós comenta sobre sua criatividade como músico ([Am 6.5](#)), enquanto o Cronista enfatiza repetidamente sua contribuição para o aspecto musical do culto no templo (e.g., [1Cr 6.31](#); [16.7](#); [Ed 3.10](#)). O historiador judeu Josefo afirmou que Davi compôs cânticos e hinos a Deus com métricas variadas. É provável que Davi, além de acumular materiais e preparar os planos para o templo de Salomão, também tenha se dedicado ao culto no templo. Este é o seu lugar na tradição judaica.

3. A monarquia inicial, com uma independência recém-conquistada, prestígio nacional e uma nova prosperidade, provavelmente foi uma época de criatividade artística. Davi estava no centro desse movimento.

4. Há uma estreita correspondência entre a vida de Davi, conforme descrita nos livros históricos, e certos salmos, por exemplo, seu pecado relacionado a Bate-Seba e Urias ([2Sm 11.2-12.25](#)) e [Salmo 51](#), como indicado no título. As falhas de Davi e seu arrependimento genuíno, assim como os variados aspectos de sua carreira — pastor, fugitivo, guerreiro, e assim por diante — encontram expressão em muitos dos salmos atribuídos a ele. A correspondência entre o Davi dos salmos e o Davi dos livros históricos é estreita, especialmente na demonstração de forte fé em Deus.

5. Embora alguns estudiosos acreditem que quando “Davi” é mencionado no NT, seja simplesmente uma referência ao livro dos Salmos e não uma atribuição de autoria, uma interpretação direta do texto do NT fortalece o argumento para a autoria davídica. Davi é especificamente nomeado

como o autor de vários salmos em [Mateus 22.41-45](#); [Atos 1.16](#); [2.25.34](#); [Romanos 4.6](#); [11.9](#).

Em conclusão, há um forte apoio para a visão de que o núcleo substancial do Saltério é davídico. Além disso, é provável que alguns dos salmos anônimos sejam obra do “doce salmista de Israel” ([2Sm 23.1](#)). [Hebreus 4.7](#) refere-se a um desses, [Salmo 95](#), a Davi (veja também [At 4.25](#) e [Sl 2](#)).

Data

Uma vez estabelecida a autoria de Davi em vários salmos, deve-se concluir que esses salmos foram datados durante a vida de Davi. Assim, a maioria dos salmos formou o hinário de Israel no período da monarquia. Outros salmos foram escritos posteriormente. Por exemplo, [o Salmo 137](#) é claramente exílico, e [os Salmos 107.2-3](#) e [126.1](#) aludem ao retorno do cativo. [Os Salmos 44](#) e [79](#) são provavelmente, mas não conclusivamente, pós-exílicos.

O livro dos Salmos provavelmente resultou de um longo período de desenvolvimento. A presença de salmos davídicos na primeira seção sugere que foi concluído cedo, possivelmente no final do reinado de Davi. O restante do processo de compilação é difícil de reconstruir, mas o fato de que os títulos, com suas alusões a autores, eventos e direções musicais, se tornam menos frequentes nas duas coleções finais ([Sl 90-150](#)) apoia a probabilidade de que as coleções foram combinadas cronologicamente na sequência em que são encontradas hoje. Esdras é tradicionalmente creditado com a organização e edição final dos salmos, uma hipótese que parece razoável à luz de sua contribuição vital para a reformulação sistemática da vida religiosa nacional. Em qualquer caso, o processo foi concluído antes da tradução do Saltério para o grego (a Septuaginta) no final do terceiro século a.C., já que a ordem tradicional é encontrada lá. Apoio geral, mas não completo, também vem das evidências dos Manuscritos do Mar Morto. Em algum momento, ocorreram pequenas deslocalizações. [Salmos 9](#) e [10](#) podem ter originalmente formado um único salmo (como na Septuaginta), e há um forte argumento para combinar [Salmos 42](#) e [43](#).

Contexto

À medida que o livro dos Salmos se apresenta diante de nós, sua conexão com o culto no templo é evidente. Cinquenta e cinco salmos são dirigidos ao mestre do coro e, como já notamos, 23 ou 24 estão ligados às duas principais guildas de cantores

levíticos, Asafe e Corá. Os instrumentos musicais, como instrumentos de cordas ([título do Sl 55](#)) e flautas ([título do Sl 5](#)) são mencionados. Provavelmente outros termos dizem respeito a direções musicais: Selá, que ocorre 71 vezes, pode indicar uma pausa ou crescendo; Higaion ([Salmo 9.16](#)) pode recomendar uma atitude meditativa. Referências aparentemente obscuras como “A corça da alvorada” ([título do Sl 22](#)), “Lírios” ([título do Sl 45](#); [título do 80](#)) e “A pomba nos terebintos distantes” ([título do Sl 56](#)) podem indicar as melodias para as quais os salmos deveriam ser cantados. O significado preciso de outros termos, como Shigaion ([título do Sl 7](#)) ou Alamote (conjecturalmente um coro de senhoras, [título do Sl 46](#)), também pode estar no domínio das direções musicais.

Estrutura

O Saltério, possivelmente em imitação consciente dos cinco livros de Moisés na Lei, é dividido em cinco seções ([Sl 1-41](#); [42-72](#); [73-89](#); [90-106](#); [107-150](#)), separadas por quatro doxologias ([41.13](#); [72.18-19](#); [89.52](#); [106.48](#)). Embora o comentário editorial em [Salmo 72.20](#) observe que os salmos de Davi foram encerrados, salmos davídicos são encontrados mais tarde no livro ([Sl 86](#); [101](#); [103](#)), sugerindo que pelo menos algumas dessas seções circularam de forma independente até sua inclusão na coleção final. Essa independência é ainda indicada pelas duplicações nas várias seções (e.g., [Sl 14](#) e [53](#); [40.13-17](#) e [70](#)) e pelo uso de diferentes nomes para Deus, que geralmente é referido como “Senhor” na primeira coleção e como “Deus” na segunda.

Canonicidade

Nas várias recensões da terceira seção do cânon hebraico, os Escritos ou Livros Sagrados, o livro dos Salmos é quase sempre colocado em primeiro lugar. Foi claramente considerado o livro mais importante nesta seção, e em [Lucas 24.44](#), “Salmos” é sinônimo de “Escritos” como seu título. Embora a canonicidade de todo o conteúdo dos Escritos não tenha sido finalizada até o final do primeiro século d.C., é provável que o livro dos Salmos tenha sido aceito como inspirado muito antes disso, provavelmente por volta de 300 a.C.

Não se deve inferir que todos os salmos tiveram origem na vida cultural da comunidade, mas o santuário era o ponto focal da adoração de Israel durante a maior parte do período do Antigo Testamento. A oração era possível em outros

lugares, mas sempre que possível, era costume o adorador apresentar suas petições no santuário principal. E a ação de graças na antiga Israel estava quase sempre ligada a uma oferta de gratidão, oferta de voto ou oferta voluntária. Os salmos poderiam ter sido compostos por indivíduos, como Davi, que tinham a habilidade técnica necessária. Deve-se apreciar que a poesia, um meio desconhecido para a maioria das civilizações ocidentais, era a maneira natural para o antigo oriental expressar suas emoções. Ou o indivíduo poderia ter contratado um membro das guildas levíticas de músicos para formular sua súplica ou sua ação de graças. Gradualmente, uma coleção abrangente de salmos estaria disponível para o uso de indivíduos, da congregação e até mesmo de toda a nação em qualquer situação concebível. Uma vez finalizada, essa coleção serviu não apenas às necessidades subsequentes de Israel, mas também aos requisitos devocionais de gerações sucessivas de cristãos. Qualquer que seja a origem de um salmo individual, cada um foi finalmente incorporado em um contexto cultural, e pode-se supor que o melhor da salmodia de Israel foi assim preservado.

Propósito e teologia

A doutrina de Deus

Tanto na adversidade quanto na prosperidade, os salmistas demonstram uma forte fé em Deus e uma clara compreensão de seus atributos. Compreensivelmente, antropomorfismos (atribuição de características humanas a coisas não humanas) são abundantes, com referências à voz, palavras, ouvidos, olhos, rosto, mãos e dedos de Deus. Não há necessidade de exceção a isso. Antropomorfismos desse tipo são, de fato, amplamente usados pelos cristãos de hoje. Seu grande valor é que tornam Deus real para o adorador. Como mais os humanos poderiam descrever Deus, exceto em termos de sua própria compreensão?

O monoteísmo dos salmos emerge claramente em [Salmos 115.3-8](#); [135.15-18](#); [139](#). Deus é visto como o Criador ([Sl 8.3](#); [89.11](#); [95.3-5](#)), com referências à mitologia da criação das nações circundantes (e.g., [Sl 89.10](#)) servindo meramente como ilustrações de seu Todo-poderoso poder criativo. Ele é proclamado como o Senhor da história ([Sl 44](#), [78](#), [80](#), [81](#), [105](#), [106](#)) e como o soberano controlador da natureza ([Sl 18.7](#); [19.1-6](#); [65.8-13](#); [105.26-42](#); [135.5-7](#)). Os salmistas nunca

se cansaram de celebrar a grandeza absoluta de Deus.

A perspectiva humana

O Saltério é um livro centrado em Deus, mas a humanidade tem um lugar digno, apesar do vasto abismo entre eles e seu Criador ([Sl 8.3-4](#); [145.3-4](#)) e das limitações de sua vida terrena ([Sl 90.9-10](#)). Pela vontade de Deus, os humanos ocupam uma posição responsável e mediadora entre Deus e todos os outros seres criados ([Sl 8.5-8](#)). O relacionamento com um Deus justo é ameaçado pelo pecado ([Sl 106](#)), mas Deus é gracioso e longânimo ([Sl 103](#)), fiel e perdoador ([Sl 130](#)). Embora não faltem referências ao sistema sacrificial ([Sl 20.3](#); [50.8-9](#)), a ênfase está em uma piedade pessoal que exige obediência e um coração rendido ([Sl 40.6-8](#)). O [Salmo 51](#) indica uma profundidade de pecado com a qual o sistema sacrificial era totalmente inadequado para lidar; o salmista só podia lançar-se, em total penitência, sobre a misericórdia de Deus. As obrigações morais do homem ([Sl 15](#); [24.3-5](#)) e a lealdade à lei ([Sl 19.7-11](#); [119](#)) são plenamente aceitas. Ao longo de tudo, há a revelação de um forte relacionamento pessoal que encoraja a oração e o louvor e convida à confiança.

A vida depois da morte

Os Salmos mantêm a visão hebraica tradicional de Sheol como a morada dos falecidos, sem distinção entre bons e maus, onde tudo, exceto a mera existência, perecia. A principal queixa do homem devoto era que, em Sheol, todo relacionamento significativo com Deus cessava ([Sl 6.5](#); [88.10-12](#)). No entanto, reconhecia-se que, já que Deus era Todo-poderoso, nem mesmo Sheol estava isento de seu alcance ([Sl 139.8](#)). A isso se somava a preciosidade e a força da comunhão com Deus, que não poderia ser terminada nem mesmo pela morte. [Salmos 16.9-11](#), [49.15](#) e [73.23-26](#) ilustram bem essa percepção. O Saltério, portanto, testemunha uma fase de transição importante na crença de Israel.

Reconhecimento universal de Deus

Passagens como [Salmos 9.11](#); [47.1-2,7-9](#); [66.8](#); [67](#); e [117.1](#) convocam todas as nações a reconhecer e louvar a Deus, mostrando uma consciência de sua soberania sobre todas as nações. No entanto, esse universalismo não parece incluir qualquer desejo de converter as nações pagãs e, de fato, é equilibrado por fortes elementos particularistas. O

relacionamento de aliança de Deus com seu povo e seus feitos poderosos em favor deles são os principais motivos pelos quais o louvor de todas as nações é convocado ([Sl 47.3-4](#); [66.8-9](#); [126.2](#)). Como em outras partes do AT, o papel de Israel é passivo; sua existência contínua testemunha a fidelidade de Deus e traz glória a ele.

Valor duradouro

Independentemente da emoção dos salmistas, seja uma queixa amarga, um lamento angustiado ou uma exultação jubilosa, todos os salmos refletem um ou outro dos muitos aspectos da comunhão com Deus. O leitor pode olhar "dentro do coração de todos os santos" (como disse Lutero) enquanto enfrentavam as experiências da vida, conscientes de um Deus onisciente, onipresente e onipotente. A força desse relacionamento pessoal com Deus, que caracterizava a adoração no Antigo Testamento em seu melhor, é exemplificada aqui, e os muitos ecos dos salmos em outras partes da literatura de Israel mostram a poderosa influência desses testemunhos sobre os fiéis. O fato de que, quase invariavelmente, poucos detalhes específicos são dados sobre as condições reais dos salmistas facilitou para que o Saltério se tornasse o hinário universal e tesouro devocional do povo de Deus, tanto no culto público quanto no privado, até os dias atuais. A vida moderna, materialmente, é vastamente diferente da de Israel antigo, mas Deus permanece inalterado, assim como as necessidades básicas do coração humano. O Espírito Santo, portanto, ainda pode usar esse tesouro espiritual como um meio de revelação e comunicação entre Deus e o homem. Poucos livros na Bíblia exerceram uma influência tão profunda ou foram tão amplamente utilizados.

Conteúdo

Introdução

É mais útil descrever os salmos em categorias do que explicá-los um por um em ordem canônica. Os salmos podem ser categorizados da seguinte maneira:

Salmos de louvor

Salmos reais e messiânicos

Salmos de paixão (messiânica)

Salmos sobre Sião

Lamentações

Salmos imprecatórios

Salmos de arrependimento

Salmos de sabedoria e salmos históricos

Salmos de confiança

Salmos de louvor

O título hebraico, "Louvores", define com precisão grande parte do conteúdo do livro. Cada uma das quatro primeiras seções conclui com uma doxologia, enquanto a quinta seção termina com cinco salmos, cada um dos quais começa e termina com um ou dois "Aleluia". O último deles, [Salmo 150](#), faz um chamado ao louvor total. Deus deve ser louvado por seu ser, por seus grandes atos na criação, na natureza e na história, tanto no nível individual quanto no comunitário.

1. Louvor individual. Em comparação com o número de lamentos individuais, há relativamente poucos salmos nesta categoria. Os normalmente incluídos são [Salmos 9, 18, 32, 34, 116 e 138](#). Isso pode, em parte, ser devido à tendência universal de reclamar em vez de expressar gratidão. No entanto, vários dos lamentos, de fato, incluem uma nota de agradecimento pela libertação antecipada, e o ciclo normal de agradecimento congregacional permitiria que o indivíduo expressasse seu louvor pessoal. Era costume na adoração no templo dar um ato verbal de agradecimento diante de toda a assembleia sempre que uma oferta de voto ou uma oferta de agradecimento era feita. Tal testemunho público, e a refeição comunitária associada a esse tipo de sacrifício, são indicados nos [Salmos 22.22-26; 66.13-20; 116.17-19](#). A inclusão de tais oportunidades para louvor pessoal e testemunho deve ter acrescentado calor e significado à adoração. Cada ato de libertação e cada experiência da misericórdia de Deus tornava-se parte da história da salvação, que era um conceito cumulativo e contínuo, não simplesmente um relato dos feitos de Deus em séculos anteriores.

2. Louvor comunitário geral. Isso às vezes é intitulado "hinos" ou "louvor descritivo", sendo sua principal característica ligada a um ato particular de libertação. Deus geralmente é referido na terceira pessoa, não diretamente. [Salmo 103](#) pode ser considerado representativo deste grupo. Ele começa e termina com referências individuais (vv. [1-5,22b](#)), mas a seção central (esp. vv. [6-14](#)) mostra que o salmista fazia parte de uma comunidade de adoração. Primeiro, há o chamado imperativo para louvar a Deus por toda a extensão de sua misericórdia a cada indivíduo, incluindo a libertação física e espiritual e sua graça

sustentadora e satisfatória. Em seguida, o foco muda para suas grandes obras na história (vv. [6-7](#)). Isso forma uma base natural para o relato dessas qualidades graciosas reveladas de forma tão consistente ao longo da história nacional, especialmente seu cuidado terno e paternal (vv. [8-14](#)). A fragilidade da humanidade contrasta com a constância de Deus (vv. [15-18](#)), e seu governo, sendo universal e absoluto (v. [19](#)), merece o louvor de todas as coisas, vivas e inanimadas, no céu e na terra (vv. [19-22](#)). No entanto, há um grande número de variações possíveis na maneira como Deus é celebrado, como [Salmos 113 e 136](#), que se enquadram nesta classe, ilustram.

3. Louvor comunitário específico. Ocasionalmente chamado de "louvor declarativo", este tipo de salmo está relacionado a uma evidência particular e notável da misericórdia de Deus e seguiria naturalmente logo após o evento em si. A libertação de um inimigo fornece a ocasião para a maioria dos salmos nesta categoria (e.g., [Sl 124, 129](#)). [Salmo 66.8-12](#), agora o núcleo de um recital expandido da bondade de Deus, possivelmente já foi completo em si mesmo. [Salmos 46-48](#) podem formar uma trilogia conectada com a notável libertação de Jerusalém dos assírios de Senaqueribe em 701 a.C. ([2Rs 18.17-19.37](#)). [Salmo 67](#) provavelmente foi composto em gratidão por uma colheita específica. É fácil ver como salmos deste tipo poderiam, com o passar do tempo, adquirir um uso mais geral.

4. Louvor ao Deus da natureza. A primeira parte do [Salmo 19](#) retrata o louvor a Deus ressoando dos céus; o [Salmo 29](#) celebra-o como o Deus da tempestade, que, varrendo do Mediterrâneo perto do Líbano, segue seu caminho impressionante para o sul, no deserto de Cades, com o resultado de que "em seu templo" (o mundo criado?) todos estão louvando, "Glória, glória ao Senhor" (v. [9](#)). Sua soberania e autossuficiência neste mundo são celebradas no [Salmo 50.10-12](#); ele é o Deus do crescimento e da colheita ([Sl 65.9-13](#)); no [Salmo 104](#), muitas vezes chamado de "Hino da Criação", ele sustenta e fornece tudo na terra e nos mares e é o absoluto Senhor de toda a vida (vv. [29-30](#)). Não há confusão entre Deus e sua criação; até mesmo o céu e a terra aparentemente permanentes perecerão, mas "tu continuas para sempre" ([Sl 102.25-27](#)). O papel da natureza é proclamar a glória de Deus ([Sl 19.1](#)) e louvá-lo ([Sl 148](#)). As pessoas se veem como insignificantes quando comparadas a essas forças da natureza, que são elas mesmas ofuscadas por Deus — daí a consciência do abismo imensurável entre Deus e as pessoas que Deus preencheu por sua graça ([Sl 8](#)).

5. Louvor pela realeza de Deus. Um grupo relativamente pequeno de salmos ([Sl 47](#), [93](#), [96-99](#)) celebra a realeza de Deus de uma maneira que vai além do louvor observado nos grupos anteriores. Eles são marcados por aclamação, tanto por gritos quanto por aplausos quando Deus "ascende" (sobe). Presumivelmente, a referência é ao seu trono ([Sl 47.1-5](#); cf. [99.1-2](#)). "O Senhor reina" ([Sl 93.1](#); [97.1](#); [99.1](#)) é o grito frequente, e a natureza de seu reinado é exaltada ([Sl 99.4-5](#)).

Salmos reais e messiânicos

[Salmos 2](#), [18](#), [20](#), [21](#), [45](#), [61](#), [72](#), [89](#), [101](#), [110](#), [132](#) e [144](#) são geralmente incluídos como os salmos reais. Eles não formam uma categoria literária, já que salmos de vários tipos estão incluídos, mas todos têm alguma referência ao rei, à natureza de seu governo e à sua relação com Deus. Uma vez que a monarquia davídica foi encerrada em 586 a.C., esses salmos, quase certamente, foram compostos antes dessa data. A linguagem nesses salmos frequentemente mostra o rei como vice-regente de Deus. Por exemplo, [Salmo 45](#), um salmo de casamento real, contém a afirmação "Teu trono, ó Deus, dura para todo o sempre" ([45.6](#)). Mas isso é melhor entendido em termos de o trono ser considerado como do Senhor, ocupado pelo rei como seu representante. Da mesma forma, a formulação em [Salmo 110.1](#), "Senta-te à minha direita", indica os privilégios e prerrogativas que o rei desfruta como vice-regente de Deus. O equilíbrio das evidências do AT sobre o rei mostra que a monarquia em Israel foi qualificada pela natureza do relacionamento de aliança de Deus com seu povo; o rei não desfrutava do absolutismo reivindicado pela maioria dos governantes dos reinos circundantes.

A maioria dos salmos reais também pode ser chamada de salmos messiânicos. Eles foram interpretados dessa forma na igreja cristã primitiva, como testemunhado na declaração geral de Jesus Cristo de que os salmistas escreveram sobre ele ([Lc 24.44](#)) e por citações específicas do NT. Os principais salmos envolvidos e as referências do NT são os seguintes:

1. [Salmo 2](#) ([At 13.33](#); [Hb 1.5](#); [5.5](#)), embora relacionado ao rei davídico, fala de uma vindicação e governo universais, que transcendem muito o governo de Davi. Além disso, a imagem do rei davídico, ungido para governar na terra como representante de Deus, que está entronizado no céu, sugere fortemente o ministério mediador e encarnado de Cristo.

2. [Salmo 45](#) ([Hb 1.8-9](#)), um salmo de casamento para um dos reis davídicos, possivelmente Salomão, fala não apenas de amor e casamento, mas também de permanência e qualidade de governo. Na tradução mais óbvia do versículo [6](#), o escritor se dirige a Deus: "Teu trono divino dura para todo o sempre". O autor de Hebreus claramente aceitou essa interpretação ([Hb 1.8-9](#)) e a usou em contraste com o status exaltado até mesmo dos anjos, reforçando-a com outras duas citações dos salmos que originalmente se aplicavam a Deus ([Sl 97.7](#); [102.25-27](#); cf. [Hb 1.6,10-12](#)).

3. [Salmo 110](#) é o salmo messiânico mais frequentemente citado ([Mt 22.43-45](#); [At 2.34-35](#); [Hb 1.13](#); [5.5-10](#); [6.20](#); [7.21](#)). A linguagem, que fala dos privilégios, vitória universal e sacerdócio contínuo de Davi e seus sucessores, seria considerada hiperbólica e possivelmente enganosa, exceto por seu cumprimento no "Grande Filho maior de Davi". Em contraste com os anjos, que têm o privilégio de estar na presença de Deus ([Lc 1.19](#)), Cristo, o Filho, senta-se no lugar de poder e autoridade ([Hb 1.13](#)).

Outros salmos que também poderiam ser designados como messiânicos, mas não estão especificamente incluídos entre os salmos reais, são [Salmo 8](#) ([1Co 15.27](#)); [Salmo 40](#) ([Hb 10.5-10](#)); [Salmo 72](#), com sua imagem idealizada da natureza, consequências e extensão do governo do representante de Deus; [Salmo 118.22-23](#); e [Salmo 132](#) ([At 2.30](#)).

Salmos de paixão (messiânica)

Os quatro salmos neste grupo ([Sl 16](#); [22](#); [40](#); [69](#); alguns estudiosos também incluiriam [Sl 102](#); [109](#)) podem ser considerados messiânicos. Eles se conectam com a linha de profecia do AT que interpreta o ministério do Messias em termos do Servo Sofredor, que aparece proeminentemente em Isaías (e.g., [Is 42.1-9](#); [52.13-53.12](#)). Destes quatro, o [Salmo 22](#) é o mais notável. Jesus recitou parte dele quando estava na cruz ([Sl 22.1](#); cf. [Mt 27.46](#)), e outras conexões com a cena da crucificação são dignas de nota (e.g., [Sl 22.6-8,14-18](#)). Algumas considerações adicionais são ainda mais significativas: não há sugestão de qualquer consciência de pecado; o sofrimento do salmista parece completamente injustificado; não há elemento imprecatório, mesmo diante de perseguição amarga. Isso se conecta com o Cristo sem pecado ([2Co 5.21](#)), que poderia até orar por seus executores ([Lc 23.34](#)). [Salmo 16.10](#) antecipa o

triumfo do Cristo incorruptível sobre o túmulo (cf. [At 2.24-31](#)). [Salmo 40.6-8](#) prenuncia a Encarnação e a obra redentora de autodoação de Cristo ([Hb 10.5-10](#)). [Salmo 69](#) refere-se ao isolamento resultante de um compromisso com a causa de Deus ([Sl 69.8-9](#)) e antecipa o papel desempenhado por Judas no que foi fundamentalmente a obra de Deus em Cristo ([Sl 69.25-26](#); cf. [Sl 109.8](#); [Is 53.10](#); [At 1.20](#)).

Salmos sobre Sião

Este grupo poderia ter sido classificado como uma subseção de louvor comunitário, mas devido à estreita conexão histórica entre a escolha de Deus da casa de Davi e Jerusalém ([Sl 78.68-72](#); [132.11-13](#)), e seus subsequentes eventos inter-relacionados, nós os consideramos neste ponto. Havia uma sátira mordaz no pedido dos babilônios aos refugiados de uma cidade devastada para “Cantem para nós as canções de Sião” ([Sl 137.3](#), NTLH), mas isso testemunha a existência de tal coleção. O louvor de Sião era, de fato, quase sinônimo do louvor ao Senhor que habitava lá. A sobrevivência contínua de Jerusalém, apesar de suas dificuldades, era uma demonstração ampla da grandeza duradoura de Deus ([Sl 48.11-14](#)) e do afeto peculiar pela cidade que abrigava seu templo ([Sl 87.1-3](#)). [Salmos 48, 76, 84, 87 e 122](#) são os principais salmos nesta categoria, mas o tema em si aparece amplamente ao longo dos salmos (e.g., [102.16](#); [125.1](#); [126.1-3](#); [133.3](#); [147.2](#)). A base do conceito do NT de uma Jerusalém celestial, o lar espiritual dos regenerados de todas as nações, encontra sua origem neste conceito, especialmente no [Salmo 87](#).

Lamentações

Estes estão associados a ocasiões específicas de angústia e são de dois tipos:

1. Nacional. Os livros proféticos e históricos oferecem vários exemplos de ocasiões, como seca, infestação de gafanhotos ou ataque inimigo, que poderiam motivar lamentos nacionais, além das atitudes internas e externas que os acompanhavam (por exemplo, [Jz 20.23,26](#); [Jr 14.1-12](#); [36.9](#); [Jl 1.13-14](#); [2.12-17](#); [Jn 3.5](#)). Há uma estrutura regular nos salmos dessa classe: a situação angustiante é primeiramente descrita; Deus é solicitado a vir em auxílio do seu povo, muitas vezes com a lembrança de suas misericórdias passadas para Israel; finalmente, há frequentemente uma expressão de confiança de que Deus atenderia ao seu clamor. Os adversários de Israel estão claramente em mente

em [Salmos 14, 44, 60, 74, 80 e 83](#), enquanto [Salmos 58, 106 e 125](#) refletem situações menos críticas.

2. Individual. Existem tantos deste tipo (aproximadamente 50) que frequentemente são descritos como a espinha dorsal do Saltério. Suas características mais evidentes são a nitidez da queixa e a amargura do ataque contra os responsáveis. Como nos lamentos nacionais, muitas vezes há queixa contra Deus, especialmente por sua falta de atenção ou demora em intervir. Os componentes básicos deste tipo são quase idênticos aos lamentos nacionais, exceto que frequentemente concluem com a declaração de louvor a Deus em antecipação à libertação (e.g., [Sl 13.5-6](#)). Frequentemente, o lamento é acompanhado por agradecimento pela libertação buscada e experimentada, como ilustrado nas duas seções de [Salmos 22.1-21](#) e [28.1-9](#).

Salmos imprecatórios

Aproximadamente 20 salmos contêm súplicas fervorosas pela queda dos ímpios, em uma linguagem que muitas vezes é chocante. Qualquer condenação imediata dessa atitude deve, no entanto, ser moderada por certas considerações relevantes:

O clamor por vingança não era puramente pessoal; acreditava-se firmemente que a honra de Deus estava em jogo (por exemplo, [Sl 109.21](#)). Em uma época em que havia uma visão menos desenvolvida de uma vida após a morte, era axiomático que as recompensas e punições resultantes da obediência ou desobediência a Deus deviam ser observáveis nesta vida. Sempre que isso não era aparente, parecia que não existia um Deus justo, e o nome de Deus era desonrado (e.g., [Sl 74.10](#)). Esse desejo ardente pela erradicação do mal e dos homens maus surgia de uma consciência de um Deus moral e praticamente exigia o triunfo da verdade.

A linguagem poética também é propensa à hipérbole — uma característica não confinada aos salmos (e.g., [Ne 4.4-5](#); [Jr 20.14-18](#); [Am 7.17](#)). Tal linguagem é surpreendente; de fato, parte de sua função provavelmente era surpreender — expressar e promover um sentimento de indignação.

No período pré-cristão, portanto, tais afirmações explosivas não eram completamente injustificáveis. Mas à luz da revelação mais completa no NT, tal atitude não pode ser tolerada. O cristão deve amar como Cristo amou ([Jo 13.34](#)), orar por seus inimigos e perdoá-los ([Mt 5.38-48](#); [Cl](#)

[3.13](#)). O tema do julgamento continua no NT e é de fato intensificado lá, já que a vinda de Cristo deixou as pessoas sem desculpa para viver no pecado ([Jo 16.8-11](#)), mas não pode haver lugar para vingança puramente privada.

Salmos de arrependimento

[Salmos 32, 38, 51 e 130](#) são os exemplos mais claros de salmos penitenciais, embora tradicionalmente a igreja também tenha incluído [Salmos 6, 102, 143](#), onde não há confissão explícita de pecado. Em uma época em que a adversidade em suas várias formas era vista como o julgamento de Deus por transgressões, a admissão de angústia equivalia a uma confissão de culpa. Nos quatro principais exemplos, há uma intensidade de sentimento e um profundo senso da enormidade do pecado aos olhos de Deus, embora, como em outros lugares, não haja indicação de pecado específico, mesmo no [Salmo 51](#), que certamente está relacionado ao pecado de Davi contra Bate-Seba ([2Sm 11-12](#)). Significativamente, Davi ignora o sistema sacrificial, que era totalmente ineficaz em seu caso, lançando-se inteiramente na misericórdia de Deus ([Sl 51.1.16](#)). O peso do pecado não confessado é claramente revelado no [Salmo 32](#), e o efeito abrasador e corruptor do pecado no [Salmo 38](#).

Salmos de sabedoria e salmos históricos

Embora seja aceito que profetas, sacerdotes e sábios atuavam nos principais santuários, é de se esperar alguma sobreposição em seus modos de expressão. Formas proverbiais não são raramente encontradas nos salmos ([Sl 37.5,8,16,21-22; 111.10; 127.1-5](#)). O [Salmo 1](#), provavelmente uma introdução a todo o Saltério, contrasta os caminhos divergentes dos justos e dos ímpios (cf. [Sl 112](#)), enquanto [os Salmos 127 e 128](#) se concentram nas bênçãos dadas aos piedosos. O [Salmo 133](#) é escrito em louvor à unidade. O problema de explicar os sofrimentos de uma pessoa justa e a aparente prosperidade dos ímpios, tratado na Literatura de Sabedoria no livro de Jó e também nos profetas (e.g., [Jr 12.1-4](#)), é abordado em [Salmos 37, 49 e 73](#).

Os salmos históricos devem ser incluídos nesta categoria, pois destacam as lições decorrentes da experiência muitas vezes amarga da nação favorecida. É evidente que Israel se deleitava na recitação da história da salvação. Os principais salmos e os períodos cobertos são [Salmo 78](#), do Êxodo ao estabelecimento da monarquia davídica (observe a intenção declarada de ensinar nos vv. [1-](#)

[4](#)); [Salmo 105](#), de Abraão à conquista de Canaã; [Salmo 106](#), do Egito aos juízes; e [Salmo 136](#), da Criação à Terra Prometida.

Salmos de confiança

Embora alguns destes também possam ser classificados como lamentos, a característica dominante deste grupo é a revelada confiança serena em Deus, o que os torna particularmente adequados para uso devocional. Muitos desses salmos começam com uma afirmação de gratidão e afeição por Deus. [Salmos 23 e 27](#) são exemplos notáveis deste tipo, que também poderiam incluir [Salmos 11, 16, 62, 116, 131 e 138](#).

Conclusão

As dificuldades em qualquer categorização precisa dos salmos são evidentes; muitos não se encaixam perfeitamente em um grupo — daí a ocasional sobreposição. O que é claramente evidente é uma vida devocional vibrante e vital que encontrou sua expressão mais clara no livro dos Salmos. Dizer que expressa a adoração e devoção da pessoa comum é uma simplificação; reis e sacerdotes, sábios e profetas, todos contribuíram para esta notável coleção. No entanto, permanece a verdade de que, aos olhos de Deus, todas as pessoas, independentemente de realizações ou privilégios humanos, são "comuns", pois todos são pecadores necessitados da graça e bondade de Deus. Assim, a comunidade adoradora do antigo Israel, e os santos de cada geração subsequente, na vastidão de sua diversidade, encontraram a expressão da condição, desejos e devoção de seus próprios corações neste tesouro único — os Salmos.

Consulte também Davi; Messias; Música; Poesia bíblica; Cantores no Templo; Tabernáculo; Templo; Sabedoria; Literatura de sabedoria.

Salomão (pessoa)

Terceiro rei de Israel, o segundo filho de Davi e Bate-Seba, que reinou por 40 anos (970-930 a.C.). Seu nome alternativo era Jedidias, que significa "amado do Senhor".

Nomeado para o trono

Como Amnom e Absalão não estavam mais competindo pelo trono, os dois candidatos mais prováveis restantes eram Salomão e Adonias, embora a realeza tivesse sido assegurada ao

primeiro ([1Cr 22.9,10](#)). Perto do fim da vida de Davi, Adonias contestou a escolha de Salomão e tomou medidas para se tornar rei. Com a ajuda de Joabe, general do exército, e Abiatar, o sacerdote, ele foi proclamado monarca. Salomão não foi convidado, nem Natã, o profeta, ou Benaia. Natã trouxe a notícia desse complô para Bate-Seba, que por sua vez questionou Davi sobre suas intenções. Davi então ordenou que Salomão fosse proclamado rei sobre Israel; ele foi ungido por Zadoque em meio ao toque das trombetas e ao clamor do povo: "Viva o rei Salomão!" ([1Rs 1.34](#)). Adonias percebeu que sua reivindicação havia colapsado e pediu misericórdia, prometendo ser fiel ao novo rei.

Salomão agiu rapidamente para estabelecer seu controle sobre o governo ([1Rs 1.2](#)). Quando Adonias pediu para se casar com Abisague, companheira de Davi em sua velhice ([1.1-4](#)), Salomão recusou e ordenou sua morte devido a possíveis reivindicações ao trono ([2.22-25](#)). Além disso, porque Abiatar havia se aliado a Adonias, ele foi removido de seu serviço como sacerdote e enviado de volta para Anatote. Joabe fugiu para o altar e lá segurou-se aos seus chifres e se recusou a soltar. O rei ordenou sua morte pelas mãos de Benaia, que então se tornou comandante-chefe dos exércitos. Outro pretendente, Simei, da casa de Saul, também foi executado.

Um dos primeiros atos registrados de Salomão como rei foi ir ao alto lugar em Gibeão e sacrificar 1.000 holocaustos. Na noite seguinte, o Senhor apareceu ao rei em um sonho, perguntando qual era seu desejo mais profundo. Salomão pediu sabedoria para julgar Israel, e Deus ficou satisfeito com o pedido ([1Rs 3](#)). O rei de Israel recebeu seu desejo, junto com os dons de longevidade, riquezas e fama.

Conquistas de Salomão

Seu governo

Os esforços de Davi promoveram a união das 12 tribos, mas Salomão estabeleceu um estado organizado com muitos oficiais para auxiliá-lo ([1Rs 4](#)). Todo o país foi dividido em 12 grandes distritos; cada distrito era responsável por garantir as provisões para a corte do rei durante um mês a cada ano. O sistema era equitativo e projetado para distribuir a carga tributária por todo o país.

Seus prédios

Uma das primeiras iniciativas de Salomão foi a construção do templo. Davi desejava construir o

templo, mas essa tarefa foi deixada para Salomão, o homem de paz. Hirão, rei de Tiro, forneceu cedros do Monte Líbano para o templo ([1Rs 5.1-12](#)), e em troca recebeu uma quantidade adequada de alimentos. Para fornecer a mão de obra necessária para esses projetos de construção, os cananeus foram feitos escravos ([9.20,21](#)). Da mesma forma, os israelitas foram obrigados a trabalhar em grupos de 10.000, a cada terceiro mês ([5.13-18; 2Cr 2.17,18](#)). Os trabalhadores para o templo incluíam 80.000 cortadores de pedra, 70.000 trabalhadores comuns e 3.600 capatazes.

Levou sete anos para terminar o templo, que, pelos padrões modernos, era um edifício relativamente pequeno: 27 metros de comprimento, 9 metros de largura e 14 metros de altura. No entanto, a cobertura de ouro nas paredes e móveis o tornava bastante caro.

No 11º ano do reinado de Salomão, a dedicação do templo foi celebrada em uma grande convocação ([1Rs 6.38; 8.1-5](#)). A presença do Senhor encheu o templo, e Salomão então ofereceu sua grande oração dedicatória ([8.23-53](#)), marcando-a como um dos grandes momentos de sua devoção ao Senhor. Depois, ele ofereceu 22.000 bois e 120.000 ovelhas, além de outras ofertas. O povo estava cheio de alegria porque Davi tinha um sucessor tão notável.

Salomão construiu outros edifícios: a Casa da Floresta do Líbano, o Salão das Colunas, um salão para seu trono e uma casa para a filha do Faraó ([1Rs 7.2-8](#)). Foram necessários treze anos para a construção de sua própria casa, grande o suficiente para acomodar suas esposas e concubinas, bem como os servos. Uma grande fortaleza também foi construída, Milo, que foi usada para proteger o templo ([9.24](#)), assim como outras cidades armazéns e fortificadas.

Seu comércio com outras nações

O rei tinha um acordo com Hirão, rei de Tiro, para pagar anualmente por cedros, cortadores de pedra e outras construções; por 125.000 alqueires (4,4 milhões de litros) de trigo; e por 115.000 galões (435.275 litros) de azeite ([1Rs 5.11](#)). Além disso, Hirão recebeu 20 cidades na Galileia para cobrir todas as dívidas. Contrariando a instrução de não negociar cavalos ([Dt 17.16](#)), Salomão comprou cavalos e carros dos egípcios, e alguns destes, por sua vez, foram vendidos aos hititas e arameus com lucro ([1Rs 10.28,29](#)).

Além disso, Salomão se envolveu no comércio marítimo. Navios construídos nos estaleiros de Ezriom-Geber navegavam para portos no Mar Vermelho e no Oceano Índico. Os marinheiros coletavam ouro, marfim e pavões. De Ofir, os comerciantes trouxeram de volta 420 talentos de ouro, uma fortuna considerável.

Sua sabedoria

Salomão escreveu 3.000 provérbios e 1.005 cânticos ([1Rs 4.32](#)). A maior parte do livro de Provérbios é atribuída a ele ([Pv 25.1](#)), assim como Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e [Salmos 72](#) e [127](#). Seu obituário menciona suas realizações literárias no livro dos atos de Salomão ([1Rs 11.41](#)).

A rainha de Sabá veio verificar se os relatos sobre a fama e sabedoria de Salomão eram corretos. Após ver tudo o que ele possuía em Jerusalém e ouvir sua sabedoria, sua resposta final foi abençoar o Senhor Deus de Israel, que levantou uma pessoa tão sábia para ocupar um trono tão magnífico ([1Rs 10](#)).

Sua queda

Salomão cometeu muitos erros de julgamento durante seu reinado, e um deles foi a tributação excessiva sobre o povo. Seu pior erro foi adicionar mais e mais esposas ao seu harém, acomodando suas preferências religiosas com santuários pagãos ([1Rs 11.1-8](#)). O Senhor afligiu Salomão, permitindo que Israel fosse atacado por todos os lados. Embora o reino não tenha sido danificado durante o tempo de Salomão, seu filho experimentou sua divisão. Não há registro de que Salomão tenha se arrependido, mas é bem possível que o livro de Eclesiastes revele sua percepção de suas decisões erradas.

Vea Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Livro de Eclesiastes; História de Israel; Rei, realeza; Livro de Provérbios; Cântico de Salomão; Sabedoria; Literatura de sabedoria.

Salomé

Nome derivado da saudação hebraica shalom (paz), com uma letra adicional sendo um sufixo grego.

1. Mulher que seguiu Jesus e era talvez a irmã de Maria e a mãe de Tiago e João. Em [Marcos 15.40](#), o evangelista descreve as mulheres que estavam ao pé da cruz, e nomeia três delas: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé.

Da mesma forma, ao descrever as mulheres que chegaram ao túmulo ao amanhecer, Marcos narra que Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, e Salomé haviam trazido especiarias para ungir o corpo ([Mc 16.1](#)). Mateus fala de duas mulheres chamadas Maria, e a mãe dos filhos de Zebedeu, que poderiam ter sido Salomé ([Mt 27.56](#)). João fala de quatro mulheres: (1) Maria, a mãe de Jesus; (2) Maria, a esposa de Cléopas; (3) Maria Madalena; e (4) a irmã de Maria — sem nome ([Jo 19.25](#)). Se a irmã de Maria fosse Salomé, e ela e a mãe dos filhos de Zebedeu fossem a mesma, então Tiago e João, os filhos de Zebedeu, eram primos de Jesus.

2. Filha de Herodias, de seu primeiro casamento com Herodes Filipe. Embora não seja especificamente nomeada em [Mateus 14.6](#) ou [Marcos 6.22](#), a menina cuja dança agradou tanto a Herodes que ele prometeu sob juramento qualquer coisa que ela pedisse, até metade de seu reino. Instigada por sua mãe, ela pediu a cabeça de João Batista.

Salu

Um homem da tribo de Simeão e pai de Zinri. Seu filho Zinri era o chefe da casa de seu pai. Zinri foi morto por Fineias ([Nm 25.14](#)).

Salvação

A maneira de Deus fornecer às pessoas a libertação do pecado e da morte. As Escrituras revelam Deus, mas também revelam seu plano para salvar a raça humana. Nesse sentido, a salvação é um tema importante tanto no AT quanto no NT.

No Antigo Testamento

O conceito de salvação é representado por vários termos e situações em ambos os Testamentos. Entre várias palavras em hebraico que significam “libertar” ou “salvar”, o verbo hebraico yasha’ e seus derivados são mais frequentemente traduzidos pelas versões em português como “salvar” ou “salvação”. A frequência na Bíblia em português depende da versão considerada. Por exemplo, no AT, “salvação” é encontrada 34 vezes na NTLH, 62 vezes na NVT, 69 vezes na NVI, 104 vezes na ARA e 120 vezes na ARC. Salvação não é usada como um termo técnico no AT e é atribuída tanto a indivíduos quanto a Deus. Líderes como

Sansão ([Jz 13.5](#)) ou Davi ([2Sm 8.6](#)) são usados pelo Senhor para trazer libertação ao povo de Deus.

O conceito de salvação de Israel estava enraizado na experiência histórica do Êxodo. Este momento importante era uma oportunidade de testemunhar em primeira mão a salvação do Senhor ([Êx 14.13](#)). Poetas ([Sl 106.8](#)) e profetas ([Is 43.3](#); [Os 13.4](#)) mais tarde reiteraram a salvação de Deus ao recordar a experiência do Êxodo. A compreensão de Israel sobre a salvação foi sendo trabalhada em casos históricos como o ataque de Senaqueribe a Jerusalém em 701 a.C., quando o Senhor declarou que ele salvaria a cidade por causa de seu nome ([2Rs 19.34](#); cf. [18.30.35](#)). A oportunidade de Israel ver a salvação de Deus por meio de vários líderes e situações corroborou para esta compreensão de Deus como o Deus da salvação.

A resposta de Israel à libertação de Deus era principalmente de louvor, como evidenciado tantas vezes nos salmos ([Sl 3.8](#); [9.14](#); [21.1](#)) e passagens poéticas anteriores ([Êx 15.2](#); [1Sm 2.1](#)). Além disso, eles dirigiram petições e pedidos de ajuda ao Senhor para sua salvação — seja dos inimigos ([Sl 35.3](#); [38.22](#)), doença ([69.29](#)) ou batalha ([140.7](#); [144.10-11](#)) — e com fé esperavam seu livramento ([35.9](#); [65.5](#)).

Os profetas enfatizaram o aspecto escatológico (do fim dos tempos) da salvação. A capacidade de Deus de salvar foi revelada por suas grandes obras no passado, o que assim promoveu a antecipação de sua obra de libertação no futuro. Esta esperança futura era para a nação de Israel ([Is 45.17](#)), mas antecipava a libertação universal ([49.6](#)). Os profetas aguardavam libertação e retorno do exílio na Babilônia ([Is 49.25-26](#); [Jr 46.27](#)), mas eles também falavam de uma salvação futura permanente ([Is 45.17](#); [51.6-8](#)). A esperança messiânica é indicada em passagens que falam de um indivíduo que trará a salvação de Deus. Isaías fala do Servo que traz a salvação até os confins da terra ([49.6](#)), enquanto Jeremias escreve sobre libertação pelo Renovo justo de Deus ([Jr 23.5-6](#)). A menção do rei que traz a salvação em [Zacarias 9.9](#) reflete este tema messiânico e aplica-se a Jesus Cristo em [Mateus 21.4-5](#).

No Novo Testamento

No grego clássico, o verbo *sozo* (“salvar”) e o substantivo *soteria* (“salvação”) são usados para o conceito de “resgate”, “libertação” ou “salvação” e até mesmo “bem-estar” ou “saúde”. A Septuaginta usa mais frequentemente o termo “sozo” para traduzir o hebraico *yasha'* (“salvar”), e o NT

emprega principalmente “sozo” e seus derivados para expressar a ideia de salvação.

Esses termos gregos são geralmente usados teologicamente no NT, mas ocorrem exemplos de uso não teológico. Em [Atos 27](#), essas palavras se referem à ameaça e libertação dos soldados, marinheiros e prisioneiros do naufrágio (vv. [20.31](#)), bem como seu bem-estar (v. [34](#)).

Nos Evangelhos, “salvação” está claramente conectada com o conceito de salvação do AT; Ela é aplicada à vinda de Cristo na profecia de Zacarias ([Lc 1.69.71](#); cf. [Sl 106.10](#); [132.17](#)) e no cântico de louvor de Simeão ([Lc 2.30](#)). Embora soteria não ocorra com frequência nos Evangelhos, o conceito de salvação está implícito na declaração de Jesus sobre a entrada no reino de Deus ([Mt 19.24-26](#)) e seus milagres de cura ([Lc 17.19](#); [18.42](#)).

O NT ensina que a salvação tem sua fonte em Jesus Cristo ([2Tm 2.10](#); [Hb 5.9](#)), que é o “autor” e mediador da salvação ([Hb 2.10](#); [7.25](#)). A salvação é obra de Deus ([1Ts 5.9](#)) e é oferecida por sua graça ([Ef 2.8-9](#)). A mensagem da salvação está contida nas Escrituras ([2Tm 3.15](#)) e é levada por aqueles que proclamam a palavra da verdade ([Ef 1.13](#)). A resposta apropriada é arrependimento ([2Co 7.10](#)) e fé ([2Tm 3.15](#); [1Pe 1.9](#)). Esta era a pregação da igreja primitiva quando proclamava o Salvador Jesus ([Atos 4.12](#); [13.23-26](#); [16.30-31](#)). Paulo, especialmente, proclamou a universalidade da oferta de salvação de Deus ([Rm 1.16](#); [Tt 2.11](#)). Seu desejo era que os judeus fossem salvos ([Rm 10.1](#)), embora ele pregasse principalmente a mensagem de salvação aos gentios ([11.11-13](#)).

Dentro das Escrituras, há muitos outros termos associados com o conceito de salvação. O novo nascimento fala de ser vivificado em Cristo (“nascer de novo”, [Jo 3.3](#)). A justificação prevê a posição legal diante de Deus, enquanto a redenção fala mais sobre os meios de salvação — o pagamento de um preço para trazer alguém de volta a Deus. A reconciliação fala de uma mudança no relacionamento e propiciação, evocando o sistema sacrificial do AT e aponta para o afastamento da ira de Deus. Esses termos e outros compartilham um terreno em comum com o conceito bíblico de salvação, mas todos apontam para a pessoa e a obra de Jesus Cristo, o Salvador.

Ver também Justificação, Justificado; Reconciliação; Redentor, Redenção; Salvador.

Salvador

Aquele que livra ou resgata. O termo “salvador” é mais frequentemente aplicado a Deus e Jesus Cristo na Bíblia. A compreensão de Jesus como salvador é uma verdade chave na apropriação da mensagem bíblica. As versões da Bíblia em português usam “salvador” no AT para traduzir várias formas do hebraico *yasha'*, que significa “salvar”, “livrar” ou “resgatar”. Na maioria das vezes, é usada para traduzir o particípio do verbo, *moshia'*, que significa “aquele que salva”. Usado desta maneira, “salvador” é encontrado entre 13 a 14 vezes no AT, dependendo da versão.

A compreensão básica do termo “salvador” como aquele que livra ou resgata é ilustrada em [Deuteronômio 22.27](#), onde a lei antecipava uma situação em que nenhum libertador estava por perto em tempo de necessidade. *Moshia'* também é usado para indivíduos, pois tanto Otoniel quanto Eúde são chamados de “libertadores” ([Jz 3.9.15](#)) e [Neemias 9.27](#) fala dos juízes coletivamente como libertadores enviados por Deus. [2 Reis 13.5](#) relata que o Senhor deu a Israel um salvador em referência à sua libertação dos arameus. Alguns identificaram este libertador com o rei Jeroboão II de Judá; outros com um rei estrangeiro, muitas vezes Zaquir de Hamate. Mas o texto não indica claramente quem poderia ter sido este salvador. O ponto do texto é que Deus enviou este libertador para seu povo. A maioria das referências no AT se refere a Deus mesmo como o salvador de Israel, e mesmo quando outras pessoas são chamadas assim, é claramente afirmado que Deus as enviou ou as levantou. Israel entendeu que Deus era seu salvador e declarou isso em cânticos de louvor ([Sl 17.7](#); [106.1-12](#)) e clama por ajuda ([Jr 14.8](#)). Davi disse isso sobre Deus: “ele é o meu abrigo, e com ele estou seguro. Deus é o meu Salvador” ([2Sm 22.3](#)). Com frequência, os salmistas se referem ao Senhor como sua “ajuda” ou “salvação” ([Sl 27.9](#); [38.22](#); [42.5.11](#); [65.5](#); [68.19](#); [79.9](#); [85.4](#); [89.26](#); todos traduzidos “Salvador” pela NVI). O Êxodo era, sem dúvida, o maior exemplo de libertação para Israel e sustentava seu entendimento de Deus como o salvador. O salmista, em memória do pecado de Israel quando fizeram um bezerro de ouro, proclama: “Eles se esqueceram de Deus, o seu Salvador, que havia feito coisas maravilhosas no Egito” ([Sl 106.21](#); cf. [Is 63.11](#); [Os 13.4-6](#)). Em Isaías, onde “salvador” é um título frequente para Deus, o termo é usado para enfatizar sua singularidade. Só Deus é visto como salvador, em contraste com os deuses e ídolos estrangeiros: “Eu, só eu, sou o SENHOR, somente eu posso salvar vocês. Fui eu

quem prometeu salvá-los e, de fato, foi isso que fiz. E vocês são testemunhas de que não foi outro deus que fez isso” ([Is 43.11-12](#)). Isaías afirma ainda que Deus se mostraria como salvador pela futura bênção e restauração de Israel ([49.26](#); [60.16](#)). A designação “salvador” não é diretamente aplicada ao Messias no AT, mas uma passagem como [Zacarias 9.9](#) indica que O Ungido de Deus seria um libertador. Vários livros apócrifos usam o termo “salvador” para Deus, alguns em títulos elevados como “Salvador eterno” ([Br 4.22](#)) ou “o eterno Salvador de Israel” ([3Mc 7.16](#)). Este uso posterior também ilustra a ideia de Deus como aquele que é capaz de salvar Israel.

A literatura grega usa *soter* (“salvador”, “libertador” do verbo *sozo* “salvar”, “resgatar”) para deuses e humanos. Por exemplo, em um ponto Heródoto se refere aos atenienses como os “salvadores” da Grécia (*Guerras Persas* 7.139.5). Na Septuaginta *soter* (“salvador”) é usado para traduzir várias formas do hebraico *yasha'* (“salvar”). *Soter* ocorre 24 vezes no NT e é exclusivamente aplicado a Deus e Jesus Cristo (8 vezes a Deus e 16 vezes a Cristo). Das 24 ocorrências do NT de *soter*, dez estão nas cartas e cinco na segunda carta de Pedro. A dependência do AT pode ser vista em [Lucas 1.47](#), onde Maria louva a Deus como Salvador em seu cântico de louvor. O nome de Jesus (grego para Josué) significa “o Senhor é salvação” e foi dado em antecipação de sua função como o Salvador ([Mt 1.21](#)). Como salvador, Jesus completa o plano de Deus como libertador prometido ([At 13.23](#); [Tt 3.4](#)), fornece redenção para a humanidade ([Tt 2.13-14](#)) e é a esperança do crente ([Fp 3.20-21](#)). Inerente ao termo “salvador” é o conceito de alguém que salva ou livra do perigo para uma posição de segurança. Jesus libertou o crente do pecado e da morte para a imortalidade e vida ([2Tm 1.10](#)). Embora Jesus nunca se refere a si mesmo como Salvador (*soter*), ele é anunciado como tal pelos anjos em seu nascimento ([Lc 2.11](#)), confessado como tal por aqueles que ouviram suas palavras ([Jo 4.42](#)) e proclamado como Salvador pela igreja primitiva ([At 5.31](#); [13.23](#)). A salvação é central para a missão de Jesus ([Lc 19.10](#)). Paulo ensina que Cristo é o Salvador da igreja no presente ([Ef 5.23](#)) e no futuro ([Fp 3.20](#)).

Salvador, como um título, é aplicado a Deus nas Epístolas Pastorais e claramente representa Deus como Salvador de todas as pessoas ([1Tm 2.3](#); [4.10](#)). As Epístolas Pastorais também designam claramente Jesus como Salvador ([2Tm 1.10](#); [Tt 3.6](#)), em alguns casos também declarando que ele é

Deus, o Salvador ([Tt 2.13](#); [3.4–6](#)). Salvador é usado como um título para Jesus Cristo ao longo de 2 Pedro (por exemplo, [2Pe 2.20](#)). João, em sua primeira carta, usa-o para descrever Jesus como o Salvador enviado pelo Pai para salvar o mundo ([1Jo 4.14](#)).

Ver também Salvação.

Sálvia

Planta que cresce 0,9 metro de altura e que cresce naturalmente na Palestina. Quando pressionadas, as flores da planta fornecem o padrão para o candelabro de sete braços dos judeus ([Êx 37.17–18](#)).

Veja Plantas.

Samá

1. Um dos quatro filhos de Reuel, neto de Esaú e chefe na terra de Edom ([Gn 36.13,17](#); [1Cr 1.37](#)).

2. Terceiro dos oito filhos de Jessé, irmão de Davi ([1Sm 16.9](#); [17.13](#)) e pai de Jônatas ([2Sm 21.20–21](#)) e Jonadabe ([2Sm 13.3ss.](#)). Samá é alternadamente chamado de Simeia em [1 Crônicas 2.13](#), [20.7](#) e [2 Samuel 13.3](#), e Simei em [21.21](#).

3. Filho de Agé, o Hararita, e um dos membros da elite entre os valentes de Davi. Ele era renomado por sua posição corajosa contra os filisteus em Leí ([2Sm 23.11–12](#)).

4. Harodita é um dos 30 valentes de Davi. Ele foi listado entre Elanã e Elica ([2Sm 23.24–25](#)). A passagem paralela de [1 Crônicas 11.27](#) menciona Samote, a forma plural de Samá. Em [27.8](#), Samute, o Iraíta, o comandante de uma divisão dos soldados de Davi, é sem dúvida o mesmo homem.

5. Hararita é um dos valentes de Davi, listado entre Jônatas e Aião ([2Sm 23.33](#)).

Samá

Filho de Zofá da tribo de Aser ([1Cr 7.37](#)).

Samai

1. O filho de Onã, irmão de Jada e pai de Nadabe e Abisur da tribo de Judá ([1Cr 2.28,32](#)).

2. Filho de Reuém e pai de Maom da casa de Calebe ([1Cr 2.44–45](#)).

3. Filho de Merede com Bitia, filha de Faraó, e descendente de Calebe ([1Cr 4.17–18](#)).

4. Proeminente rabino cuja vida abrangeu o período de 50 a.C. a 30 d.C. Seu nome é frequentemente associado ao de seu igualmente famoso contemporâneo, Hilel, que era presidente do Sinédrio enquanto Samai era vice-presidente. Samai tinha a reputação de ser rigoroso e inflexível na aplicação da lei e severamente literal na interpretação das Escrituras, enquanto Hillel era mais liberal e humano na aplicação da lei e mais imaginativo no uso das Escrituras. Samai era conhecido por seu ódio à dominação romana e tentou proibir o povo judeu de comprar comida ou bebida de gentios.

Duas escolas de interpretação seguiram esses dois contemporâneos — “a casa de Samai” e “a casa de Hilel” — continuando até a época da compilação da Mishná, embora a casa de Hilel pareça ter gradualmente ganhado ascendência sobre a casa de Samai. Os debates e conversas entre os dois rabinos ou as duas escolas estão registrados na Mishná e no Talmude, referentes a questões como ofertas, dízimos sacerdotais, dízimos, pureza e impureza levítica, a observância do sábado, casamento e divórcio.

Veja também Hilel; Judaísmo; Fariseus; Talmude.

Samaritanos

Grupo que viviam em conflito com os judeus. O grupo residia ao norte da Judeia e ao sul da Galileia, em tensão hostil com seus vizinhos judeus. A atitude de Jesus em relação a este grupo desprezado contrastava radicalmente com o sentimento da época.

Resumo

- Origens da seita
- Relações entre os samaritanos e os judeus
- Crenças dos samaritanos
- Jesus e os samaritanos
- Samaria na missão da Igreja Primitiva

Origens da seita

É difícil determinar precisamente quando a seita samaritana surgiu e quando ocorreu a ruptura final

com o judaísmo. A concepção do AT sobre a origem da seita samaritana é que eles se originaram de povos estrangeiros repovoados, cuja adoração a Deus era apenas uma fachada para a idolatria subjacente. De acordo com [2 Reis 17](#), a seita samaritana surgiu da troca de povos após a derrota de Israel pela Assíria em 722 a.C. Ao remover os israelitas da terra, o rei da Assíria repovoou a área com povos conquistados da Babilônia, Cuta e várias outras nações.

Os samaritanos oferecem uma interpretação muito diferente de sua origem. Eles afirmam descender das tribos judaicas de Efraim e Manassés (veja [Jo 4.12](#)) e sustentam que o exílio dos israelitas em 722 a.C. pela Assíria não foi nem em grande escala nem permanente. Para explicar a hostilidade mútua que se desenvolveu entre seu grupo e os judeus, a versão samaritana sustenta que os judeus foram culpados de apostasia, estabelecendo santuários heréticos durante o tempo de Eli, em vez de permanecerem com o único lugar sagrado no Monte Gerizim. Portanto, os samaritanos se consideravam verdadeiros israelitas em descendência e adoração.

De registros assírios deste período, uma troca de população é de fato afirmada para o reino do norte, mas aparentemente uma deportação total não foi realizada (veja [2Cr 34.9](#)). Isso sugere que havia dois elementos na terra: primeiro, o remanescente israelita nativo não exilado; e segundo, os exilados estrangeiros que foram gradualmente convertidos à fé dos residentes nativos, embora o sincretismo sem dúvida existisse durante o período inicial de assimilação.

Relações entre os samaritanos e os judeus

A história das relações entre os samaritanos — localizados ao norte, em torno do Monte Gerizim (seu monte sagrado), Siquém e Samaria — e as populações judaicas na Judeia e depois na Galileia é marcada por tensões variáveis. A antiga tensão entre os reinos do norte e do sul foi revivida com o retorno dos exilados a Jerusalém sob o edito do governante persa Ciro (c. 538 a.C.). Toda a área sul estava na época sendo governada a partir de Samaria, no norte, por Sambalate, um governante nativo da Palestina sob autoridade persa. O retorno dos exilados a Jerusalém, especialmente com suas intenções de reconstruir o templo de Jerusalém, representava uma ameaça política evidente à sua liderança no norte ([Ed 4.7–24](#); [Ne 4.1–9](#)).

A oposição foi inicialmente motivada politicamente, mas tornou-se religiosa quando,

algum tempo depois, possivelmente no século V a.C., um templo rival foi erguido no Monte Gerizim. Um exemplo da hostilidade judaica em relação aos samaritanos dessa época vem de [Eclesiástico 50.25–26](#) (escrito aproximadamente em 200 a.C.), onde os samaritanos são colocados abaixo dos edomitas e filisteus em estima e são chamados de “povo tolo” (cf. Test. Levi 7.2).

O desdém dos judeus pelos samaritanos aumentou devido à falta de resistência dos samaritanos à campanha de Antíoco Epifânio (c. 167 a.C.) para promover o culto helenístico na área. Enquanto parte da comunidade judaica resistiu à transformação do templo de Jerusalém em um templo para Zeus ([1Mc 1.62–64](#)) e eventualmente seguiu os Macabeus na revolta ([1Mc 2.42–43](#)), fontes sugerem que os samaritanos não o fizeram (veja [1Mc 6.2](#)).

As relações ruins atingiram o clímax durante o breve período de independência judaica sob os hasmoneus, quando o governante judeu, João Hircano, marchou contra Siquém, conquistando e destruindo o templo samaritano no Monte Gerizim (c. 128 a.C.).

Durante o reinado de Herodes, o Grande, a situação de Samaria melhorou, embora a animosidade ainda persistisse entre os samaritanos e os judeus na Judeia e na Galileia. Considerando o templo de Jerusalém um falso centro de culto e sendo excluídos dos pátios internos pelas autoridades de Jerusalém, um grupo de samaritanos profanou o templo de Jerusalém por volta do ano 6 d.C., espalhando ossos humanos nos pórticos e no santuário do templo durante a Páscoa. A hostilidade em relação aos judeus galileus que viajavam por Samaria a caminho de Jerusalém para várias festas também não era incomum ([Lc 9.51–53](#)).

Essa animosidade continuou nos dias de Jesus. Ambos os grupos excluíam o outro de seus respectivos centros de culto, o templo de Jerusalém e o templo samaritano no Monte Gerizim. Os samaritanos, por exemplo, eram proibidos de acessar os pátios internos do templo, e qualquer oferta que fizessem era considerada como se fosse de um gentio. Assim, embora provavelmente mais precisamente definidos como “cismáticos”, parece que os samaritanos eram, na prática, tratados como gentios. Todo casamento entre os grupos era, portanto, proibido, e as relações sociais eram muito restritas ([Jo 4.9](#)). Com tal separação prescrita, não é surpreendente que qualquer interação entre os dois grupos fosse tensa. O mero termo samaritano

era um de desprezo nos lábios dos judeus (8.48), e entre alguns escribas possivelmente nem mesmo seria pronunciado (veja a aparente circunlocução em [Lc 10.37](#)). A reação dos discípulos à recusa samaritana de hospedagem (9.51-55) é um bom exemplo da animosidade sentida pelos judeus em relação aos samaritanos na época.

Embora haja menos evidências de atitudes semelhantes do lado samaritano, podemos supor que elas existiam. É razoável especular, portanto, que a rejeição samaritana à hospitalidade em [Lucas 9.51-55](#) não era incomum em relação a outros judeus cujo “rosto estava voltado para Jerusalém”.

Crenças dos samaritanos

As principais crenças dos samaritanos demonstram tanto as afinidades próximas quanto as divergências óbvias do judaísmo tradicional. Eles compartilhavam com o judaísmo uma forte fé monoteísta no Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Em contraste, no entanto, havia uma elevação do Monte Gerizim no norte como o único lugar sagrado para sacrifício, com base em várias passagens divergentes em Deuteronômio e Êxodo no texto samaritano. O Monte Gerizim passou a ser identificado com o local do primeiro altar de Abel ([Gn 4.4](#)), o local do sacrifício de Noé após o Dilúvio ([8.20](#)), o local de encontro de Abraão e Melquisedeque ([14.18](#)), o local do sacrifício pretendido de Isaque (cap. [22](#)), e muitas outras associações.

Os samaritanos consideravam apenas os primeiros cinco livros bíblicos (Pentateuco) como inspirados e baseavam seu dogma e prática exclusivamente nesses livros. Um cânon tão restrito não apenas determinou a direção da teologia samaritana, mas também os separou ainda mais do pensamento judaico contemporâneo. Moisés, por exemplo, era mais exaltado pelos samaritanos do que pelos judeus. Ele era considerado não apenas o principal profeta, mas também, em pensamentos posteriores, descrito como o mais escolhido dos homens, preexistente desde a Criação, intercedendo com Deus por Israel e sendo para o homem “a luz do mundo”. A esperança messiânica da teologia samaritana também reflete esse cânon restrito. Um Messias da casa de Davi não poderia ser esperado, pois não havia evidência para tal no Pentateuco. Em vez disso, os samaritanos aguardavam um “profeta como Moisés” baseado em [Deuteronômio 18.15-18](#). Este profeta esperado também era designado como o “Taheb”, o Restaurador, pois ele, nos últimos dias, restauraria

o culto adequado no Monte Gerizim e traria a adoração dos pagãos para aquele local.

É claro, portanto, que foi principalmente a reivindicação de supremacia para o Monte Gerizim que separou este grupo teológica e culturalmente de seus vizinhos judeus.

Jesus e os samaritanos

A perspectiva comum judaica sobre os samaritanos como sendo quase gentios era evidentemente mantida, em certa medida, por Jesus também. Jesus se refere ao leproso samaritano como “este estrangeiro” ([Lc 17.18](#)) e proíbe seus discípulos, durante sua missão, de levar a mensagem do reino tanto aos samaritanos quanto aos gentios ([Mt 10.5](#)).

No entanto, a evidência esmagadora nos Evangelhos é que a atitude de Jesus em relação aos samaritanos diferia radicalmente da de seus contemporâneos judeus. Quando seus discípulos exibem a habitual animosidade judaica ao pedir que o “fogo do julgamento” caia sobre os samaritanos inóspitos, Jesus “os repreendeu” ([Lc 9.55](#)). Além disso, ele não se recusou a curar o leproso samaritano, mas o honrou como o único dos dez que se lembrou de dar glória a Deus ([17.11-19](#)). Da mesma forma, na parábola do Bom Samaritano ([10.30-37](#)), Jesus claramente rompe com os preconceitos tradicionais ao retratar o desprezado samaritano, e não o respeitado sacerdote ou levita judeu, como o verdadeiro vizinho do homem necessitado. Aqui, como em outros lugares, Jesus, ao confrontar seu público com a exigência de Deus, rompe com as definições tradicionais de “justo” e “excluído”.

[João 4.4-43](#) registra não apenas a fascinante troca entre Jesus e a mulher samaritana, mas também a estadia subsequente de dois dias de Jesus na cidade de Sicar, uma cidade samaritana. Aqui vemos Jesus não apenas arriscando a impureza ritual pelo contato com a mulher samaritana no poço (vv [7-9](#)), mas também oferecendo o dom da salvação a ela (v [10](#)) e a toda a cidade samaritana (vv [39-41](#)). Através do conhecimento de Jesus sobre a vida conjugal dela (vv [16-18](#)), a mulher conclui que ele deve ser um “profeta”. Lembrando que os samaritanos esperavam um “profeta como Moisés” nos últimos dias, é possível que a mulher estivesse se perguntando se Jesus era o Messias profético há tanto esperado por eles (vv. [19.25-26](#)). Jesus não apenas rompe a rígida animosidade dos judeus em relação aos samaritanos ao fazer o impensável ao ficar com esse povo desprezado, mas também

aceita a fé deles nele como “Messias” (v. [26](#)) e “Salvador do mundo” (v. [42](#)). Aqui, assim como em sua associação com os marginalizados da sociedade judaica, Jesus redefine a justiça não de acordo com a descendência ou prática religiosa, mas de acordo com a fé nele mesmo. Ao fazer isso, ele quebra as distinções raciais e culturais de sua época e lança as bases para a subsequente disseminação do evangelho para todo o mundo gentio.

Samaria na missão da Igreja Primitiva

Na Grande Comissão dada antes de sua ascensão, Jesus instruiu seus discípulos a levarem o evangelho a Samaria ([At 1.8](#)). A atividade missionária da igreja primitiva realmente incluiu essa região. Após o martírio de Estevão, muitos cristãos foram forçados a deixar Jerusalém ([8.1](#)), e um desses cristãos, Filipe, espalhou o evangelho na cidade de Samaria (v [5](#)). A resposta aos milagres realizados foi tão grande que Pedro e João (representando os apóstolos em Jerusalém) foram enviados para investigar e confirmar a presença do Espírito Santo entre eles. Evidências do segundo século d.C. sugerem, no entanto, que o cristianismo não estabeleceu uma base forte entre os samaritanos. Em grande parte, os samaritanos mantiveram sua própria religião. Um pequeno remanescente da seita samaritana continua a existir até hoje, vivendo perto do Monte Gerizim (Siquém) e em várias cidades em Israel.

Veja também Bíblia, Manuscritos e Texto do Antigo Testamento; Samaria.

Samir (pessoa)

Filho de Mica da tribo de Levi ([1Cr 24.24](#)).

Samlá

Rei dos edomitas da cidade de Masreca. Samlá chegou ao poder antes de qualquer rei governar em Israel ([Gn 36.36-37](#); [1Cr 1.47-48](#)).

Samos

Samos é uma pequena ilha grega no Mar Egeu, situada perto da costa da Ásia Menor (atual Turquia), próxima a uma porção de terra chamada Troglío. A ilha está a sudoeste da cidade de Éfeso e

a noroeste da cidade de Mileto. Durante o período em que o apóstolo Paulo viveu, Samos era um próspero centro comercial. O Império Romano permitiu que Samos se autogovernasse em vez de controlá-la diretamente.

Quando Paulo quis evitar ir a Éfeso, ele parou seu navio perto de Samos durante sua jornada para Jerusalém, no final de sua terceira viagem missionária. A Bíblia menciona a parada de Paulo em Samos entre suas visitas a Quios e Mileto ([At 20.15](#)).

Samote

A forma plural de Samá, o harodita em [2 Samuel 23.25](#); [1 Crônicas 11.27](#).

Veja Samá #4.

Samotrácia

Ilha na parte nordeste do Mar Egeu, ao largo da costa da província romana da Trácia. Foi nomeada Samotrácia, ou "Samos da Trácia", para distingui-la da outra Samos (cf. [At 20.15](#)), que também estava no Mar Egeu, mas um pouco a sudoeste de Éfeso. Samotrácia estava aproximadamente a meio caminho entre Trôade e Neápolis, o porto marítimo de Filipo.

Esta ilha foi o local de parada para o apóstolo Paulo em sua viagem de Troas para Neápolis em sua segunda jornada missionária ([At 16.11](#)). Não está claro se Paulo desembarcou na ilha ou se seu barco apenas ancorou ao largo de sua costa antes de partir para Neápolis no dia seguinte. O ancoradouro usual era no lado norte da ilha, já que os barcos eram assim protegidos do vento sudeste. Aparentemente, a viagem de Paulo de Troas para Neápolis via Samotrácia foi feita com um vento favorável atrás do barco, pois levou dois dias. Na volta, levou cinco dias (veja [20.6](#)).

Samotrácia é uma ilha montanhosa, com seu pico central sendo o ponto mais alto na parte norte do Egeu, sendo superado em altura apenas pelo monte Atos, localizado no continente. A ilha sempre foi, em dias claros, um antigo marco para os marinheiros navegando entre Troas e Neápolis. Tem cerca de 32 quilômetros de circunferência.

Samua

17. Um homem da tribo de Rúben. Ele era filho de Zacur e um dos 12 espiões que Moisés enviou para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.4](#));
18. Um líder de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel. Isso ocorreu depois que o povo de Israel foi levado para Babilônia e mais tarde recebeu permissão para voltar para casa ([Ne 12.18](#)).

Samuel (Pessoa)

Último dos juízes, seu nome significa "nome de Deus" ou "seu nome é El" (El é o nome do Deus de força e poder). O jogo de palavras em [1 Samuel 1.20](#) (cf. [Êx 2.10](#)) não pretende ser uma explicação do significado do nome de Samuel; as palavras de Ana apenas recordam sua oração e as circunstâncias que cercaram o nascimento de seu filho.

História pessoal

Os pais de Samuel eram um casal devoto que ia anualmente ao santuário em Siló ([1Sm 1.3](#)). Seu pai, Elcana, era um levita ([1Cr 6.26](#)) e residente em Ramá, no território de Efraim. Sua mãe, Ana, não conseguia ter filhos no início do casamento. Elcana tinha uma segunda esposa, Penina.

Em uma visita a Siló, Ana orou no santuário ([1Sm 1.6-11](#)), prometendo que, se o Senhor lhe desse um filho, ela o dedicaria como nazireu ([Nm 6.1-21](#)) ao serviço de Deus por toda a vida. O Senhor ouviu a oração de Ana e atendeu ao seu pedido. Ela não teve outros filhos até depois da dedicação de Samuel.

Quando Samuel foi apresentado a Eli e começou seu serviço no santuário, ele se curvou diante do Senhor e “adorou o Senhor ali” ([1Sm 1.28](#)). Três elementos — um sentimento de valor, o conhecimento do amor de seus pais (cf. [2.19](#)) e um senso de propósito — lançaram a base de sua personalidade e de suas futuras realizações.

Mais uma prova do valioso treinamento inicial de Samuel é evidenciada em [1 Samuel 2](#). Os filhos de Eli haviam seguido as práticas licenciosas das religiões pagãs ao seu redor. Eli era velho, indulgente e incapaz de contê-los. Samuel não desenvolveu irreverência por Eli nem seguiu seus filhos no caminho do mal. Deus decidiu julgar Eli e

sua casa por seus pecados. Quando Deus anunciou seu propósito a Samuel, ele respondeu com reverência e respeito. Seu crescimento pessoal e espiritual indicava que ele havia sido marcado como um futuro profeta do Senhor.

Quando todos faziam o que parecia certo aos seus próprios olhos (cf. [Jz 17.6](#); [21.25](#)), Deus permitiu que uma nação vizinha servisse como seu instrumento para castigar seu povo, até que surgisse um juiz para libertá-los. Quando os filisteus invadiram novamente a terra ([1Sm 4-6](#)), os israelitas reuniram seu exército em Ebenezer, apenas para serem derrotados. Acreditando que a Arca da Aliança garantiria o sucesso, enviaram a Siló para buscá-la. No dia seguinte, os israelitas foram novamente derrotados e a arca foi capturada. Quando essa notícia chegou a Eli, ele caiu de seu assento e morreu.

Vinte anos se passaram antes que o nome de Samuel fosse mencionado novamente ([1Sm 7.2-3](#)). Evidentemente, após a destruição de Siló (cf. [Jr 7.12-14](#); [26.6,9](#); [Sl 78.60](#)), ele viveu em Ramá e realizava missões anuais de pregação que incluíam Betel, Gilgal e Mispá, “julgando” o povo nesses lugares (cf. [Dt 16.18-22](#); [17.8-13](#)). Samuel provavelmente também fundou “escolas de profetas” durante este período. Escolas foram estabelecidas em Betel ([1Sm 10.5](#); [2Rs 2.3](#)), Gilgal ([2Rs 4.38](#)), Ramá ([1Sm 19.20](#)) e em outros lugares ([2Rs 2.5](#)), talvez como um desdobramento natural do ministério de Samuel.

Após um ministério de 20 anos, Samuel considerou oportuno avançar em direção à unificação espiritual e nacional. Ele convocou uma reunião em Mispá ([1Sm 7](#)). Lá, com um rito simbólico expressivo de profunda humilhação e em consonância com as libações de um tratado, os israelitas derramaram água no chão, jejuaram e oraram.

Os filisteus interpretaram mal a natureza da convocação e decidiram atacar os adoradores indefesos, que imploraram a Samuel que orasse por eles. Ele ofereceu um sacrifício e o Senhor enviou uma violenta tempestade, fazendo com que os invasores fugissem em pânico. Os israelitas perseguidores conquistaram uma vitória significativa em Ebenezer ([1Sm 7.12](#)).

Nos anos de declínio de Samuel, os anciãos rejeitaram sua liderança em favor de um rei ([1Sm 8](#)). Após uma oração sincera, ele recebeu nova direção do Senhor, atendeu ao pedido deles e mais tarde ungiu Saul como príncipe sobre o povo de

Deus. Samuel então convocou os israelitas a Mispa, onde a escolha de Deus foi oficializada, e Saul foi aclamado como rei. Após a vitória de Saul sobre Naás (cap.11), Samuel em Gilgal confirmou a realeza de Saul. Depois disso, Samuel se retirou para Ramá para treinar homens para continuar seu ministério.

Samuel teve que repreender Saul duas vezes, primeiro por impaciência e desobediência ([1Sm 13.5-14](#)), e depois por desobedecer à ordem expressa do Senhor ([15.20-23](#)), que o rejeitou como rei. Samuel foi então enviado à casa de Jessé em Belém, onde ungiu Davi como o escolhido do Senhor ([16.1-13](#)).

Em [1 Samuel 25.1](#), há um breve relato do falecimento de Samuel, quando todo Israel se reuniu e lamentou por ele. Ele foi sepultado em Ramá. A única menção subsequente de Samuel está em [1 Samuel 28](#). Convocado pela feiticeira de Endor a pedido de Saul, Samuel anunciou que no dia seguinte Saul e seus filhos morreriam em batalha (vv. [4-19](#)).

Personagem

Samuel superou muitos problemas através da piedade, perseverança e dedicação ao serviço do Senhor. Sua principal preocupação era o bem de seu povo. Sábio e corajoso, ele repreendeu ousadamente o rei, os anciãos e o povo quando necessário, sempre com base na vontade revelada de Deus.

Enquanto Samuel servia como juiz e sacerdote, ele era principalmente um profeta. Através de seu ministério, a vida espiritual dos israelitas melhorou. Ao inaugurar a monarquia, ele conduziu o povo da desunião tribal à solidariedade nacional. Ele nomeou porteiros para a tenda do encontro ([1Cr 9.17-26](#)), organizou a observância da Páscoa de forma tão memorável que ainda era mencionada nos dias de Josias ([2Cr 35.18](#)), colocou por escrito como um rei e seu reino deveriam ser ([1Sm 10.25](#)), e escreveu "As Crônicas de Samuel, o Vidente" ([1Cr 29.29](#)).

Samuel merece um lugar entre os grandes homens de fé ([Hb 11.32](#)). Ele foi o último dos juízes ([1Sm 7.6.15-17](#)) e o primeiro dos profetas ([1Sm 3.20](#); [At 3.24](#); [13.20](#)).

Veja também SAMUEL, Livros de Primeiro e Segundo.

SAMUEL, Livros de Primeiro e Segundo

Resumo

- Nome;
- Autor e Data;
- Propósito e Ensino teológico;
- Conteúdo.

Nome

Primeiro e Segundo Samuel derivam seus nomes do indivíduo que Deus usou para estabelecer a realeza em Israel. Samuel é a figura mais proeminente nas narrativas iniciais de 1 Samuel. Seu papel fundamental em liderar a nação de Israel durante a transição do período dos juízes para o da monarquia justifica o uso de seu nome como título do livro.

Esses livros, no entanto, nem sempre foram designados assim, e o material não foi originalmente dividido em dois livros. Pelo que se sabe, os tradutores da Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento datada do terceiro século a.C.) foram os primeiros a separar o material de Samuel em dois livros (eles fizeram uma divisão semelhante no material de Reis). O original hebraico desses livros foi escrito, como é característico do hebraico, apenas com símbolos para consoantes e nenhum para vogais. Ao ser traduzido para o grego, foi necessário usar símbolos tanto para vogais quanto para consoantes, o que aumentou consideravelmente o comprimento do manuscrito. É provável que a consideração prática do comprimento do rolo foi a causa para dividir o material de Samuel e Reis em dois livros (rolos) em vez de manter apenas um. Os tradutores da Septuaginta, reconhecendo a continuidade de conteúdo e ênfase em Samuel e Reis, designaram o que agora é conhecido como 1 e 2 Samuel como "O Primeiro e Segundo Livros dos Reinos" e depois designaram o que agora é conhecido como 1 e 2 Reis como "O Terceiro e Quarto Livros dos Reinos." A Vulgata Latina (a tradução latina da Bíblia preparada por Jerônimo no final do século 4 d.C.) modificou sutilmente os títulos da Septuaginta para "Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Reis." Esses títulos foram utilizados durante toda a Idade Média e foram modificados para nossos títulos atuais pelos Reformadores Protestantes no século 16 d.C., em concordância com a tradição rabínica judaica. Os Reformadores, no entanto, mantiveram a divisão

em dois livros, e isso foi seguido nas versões modernas em inglês.

Autor e Data

Embora Samuel seja proeminente na primeira parte do livro e o livro leve seu nome em nossas versões em inglês, é evidente que ele não é o autor de toda a obra de 1 e 2 Samuel. A morte de Samuel é registrada em [1 Samuel 25.1](#), antes da ascensão de Davi ao trono no lugar de Saul. Quem escreveu o material de 1 e 2 Samuel, se não foi Samuel? Com base na declaração em [1 Cr 29.29](#), alguns sugeriram que Samuel compôs as narrativas iniciais do livro e que seu trabalho foi posteriormente complementado pelos escritos dos profetas Natã e Gade. Outros sugeriram um dos contemporâneos de Davi, como Aimaás ([2Sm 15.27,36; 17.17](#)), Husai ([2Sm 15.32; 16.16](#)), ou Zabude ([1Rs 4.5](#)). Se presume que esses homens teriam tido acesso aos escritos de Samuel, Natã e Gade, bem como a outras fontes (veja [2Sm 1.18](#)) relacionadas à vida e aos reinados de Saul e Davi. Quem foi o verdadeiro autor, no entanto, não pode ser determinado a partir das evidências disponíveis. Quem quer que tenha sido, é claro que viveu após a morte de Salomão e a divisão do reino em 930 a.C. (veja referências a “Israel em Judá” em [1Sm 11.8; 17.52; 18.16; 2Sm 5.5; 24.1-9](#); e “reis de Judá” em [1Sm 27.6](#)). Assim, 1 e 2 Samuel foram publicados em sua forma final em algum momento após 930 a.C.

Propósito e Ensino Teológico

O tema que une as narrativas de 1 e 2 Samuel diz respeito à relação entre a realeza e a aliança. A realeza, conforme solicitada pelo povo, era uma negação da aliança; a realeza, conforme instituída por Samuel, era compatível com a aliança; a realeza, conforme praticada por Saul, não correspondia à ideia da aliança; e a realeza, conforme praticada por Davi, era uma representação imperfeita, mas verdadeira, do ideal do rei da aliança.

Frequentemente se destaca a ambivalência na descrição do estabelecimento da realeza em Israel ([1Sm 8-12](#)), pois em alguns trechos parece ser sugerido que a realeza é imprópria para Israel, enquanto em outros parece ser a vontade de Deus para seu povo. A resolução dessa tensão é apresentada em [1 Samuel 12](#), quando Samuel inaugura Saul como o primeiro rei de Israel durante uma cerimônia de renovação da aliança, na qual Israel reafirma sua lealdade ao Senhor. Fica claro que a realeza em si não era errada para Israel;

Deus desejava que Israel tivesse um rei. No entanto, a realeza do tipo que Israel desejava (“como as outras nações”) e pelas razões pelas quais queria um rei (para obter segurança nacional e liderar em batalhas) implicava uma negação do Senhor como seu soberano supremo. Samuel definiu o papel do rei em Israel e apresentou Saul ao povo em uma cerimônia onde renovaram sua lealdade ao Senhor. A monarquia em Israel foi inicialmente estabelecida de forma compatível com a aliança. O rei em Israel, assim como todos os outros cidadãos da nação, deveria estar sujeito à lei do Senhor e à palavra do profeta. Sob essa perspectiva, o autor retrata o reinado de Saul como não atendendo aos requisitos da aliança, enquanto o reinado de Davi, embora imperfeito, refletia o ideal da aliança.

Existem pelo menos dois outros temas importantes registrados em 1 e 2 Samuel. O primeiro deles é que Davi conquista e adquire a terra prometida a Abraão. É na época de Davi que as fronteiras de Israel são estendidas do Egito ao Eufrates, conforme havia sido prometido. Um segundo evento de grande importância para o restante da Bíblia é a escolha de Davi de Jerusalém para ser o centro político e religioso de Israel.

Conteúdo

Samuel ([1Sm 1-7](#))

A Juventude de Samuel ([1Sm 1-3](#)).

Deus atendeu ao pedido de Ana por um filho após um longo período de esterilidade. Ela nomeou seu filho Samuel (um trocadilho com a expressão hebraica “ouvido por Deus”) e o dedicou ao serviço do Senhor — com Eli, o sacerdote, no tabernáculo em Siló. O belo cântico de louvor de Ana a Deus, que ouve e responde às orações ([2.1-10](#)), exalta a soberania de Deus e antecipa profeticamente não apenas o estabelecimento da realeza em Israel, mas, em última análise, o cumprimento máximo do ofício real em Cristo mesmo ([v.10](#)). As práticas malignas dos filhos do sacerdote Eli são descritas nos versículos [11-26](#). Esses homens não apenas usaram seu cargo para ganho pessoal ([vv.12-17](#)), mas também cometeram atos imorais com as mulheres que serviam na entrada do tabernáculo ([v.22](#)). Embora Eli tenha repreendido seus filhos ([vv.22-25](#)), suas advertências foram insuficientes e tardias. Foi nesse ambiente de negligência que Samuel cresceu ([vv.18-21,26](#)).

Em [1 Samuel 2.27-36](#), um profeta sem nome pronunciou julgamento sobre Eli e sua linhagem

sacerdotal. A previsão da morte iminente de Hofni e Fineias, filhos de Eli, foi cumprida quando os filisteus tomaram a arca e destruíram o tabernáculo em Siló ([4.11](#); [Jr 7.14](#)). Em [1 Samuel 3.1-4.1](#), Samuel é chamado para ser um profeta, e ele também recebe uma mensagem de julgamento para a casa de Eli ([3.11-14](#)). À medida que a confiabilidade das palavras de Samuel é atestada, o povo reconhece que ele era um verdadeiro profeta do Senhor ([3.19-4.1](#)).

A Perda e o Retorno da Arca ([1Sm 4-6](#)).

Em uma batalha com os filisteus, a profecia de [2.27-36](#) e [3.11-14](#) foi parcialmente cumprida. Os israelitas foram derrotados, a arca foi tomada, e Hofni e Fineias foram mortos. Ao ouvir o relato dessas calamidades, Eli também morreu ([4.17-18](#)). Os filisteus colocaram a arca do Senhor no templo de seu deus Dagom em Asdode ([5.1-2](#)). No entanto, quando o ídolo de Dagom se quebrou em pedaços e caiu diante da arca e uma praga surgiu em Asdode, a arca foi movida para Gate. Quando a praga surgiu em Gate, ela foi movida para Ecrom. Quando a praga irrompeu em Ecrom, os filisteus foram compelidos a devolver a arca a Israel — como um teste, ela foi colocada em um carro puxado por duas vacas leiteiras. Essas vacas, indo contra seus instintos maternos, deixaram seus bezerros presos e se dirigiram para a fronteira israelita e a cidade de Bete-Semes ([6.1-21](#)). Com isso, o Senhor demonstrou que a vitória sobre os israelitas e a captura da arca não poderiam ser atribuídas ao deus Dagom dos filisteus.

A Derrota dos Filisteus ([1Sm 7](#)).

Vinte anos se passaram. Samuel garantiu ao povo a libertação da opressão dos filisteus se eles confessassem seu pecado e se afastassem da adoração aos Baalins e Astarotes. Ele convocou uma assembleia nacional em Mispa para renovar a lealdade ao Senhor. Enquanto os israelitas estavam reunidos, os filisteus atacaram e o Senhor deu aos israelitas uma vitória milagrosa, demonstrando assim que a obediência às obrigações da aliança garantiria a segurança nacional (veja [Êx 23.22](#); [Dt 20.1-4](#)).

Estabelecimento da Realeza em Israel ([1Sm 8-12](#))

O Povo Pede um Rei ([1Sm 8.1-22](#)).

Quando Samuel já era idoso, os anciãos da nação se aproximaram dele e pediram que ele lhes desse um rei. Samuel imediatamente percebeu que o pedido deles equivalia a uma rejeição do Senhor, que era o

seu Rei, pois o povo desejava um rei “como as outras nações” — como um símbolo de unidade nacional e segurança militar. No entanto, o Senhor disse a Samuel para dar ao povo um rei. Ao mesmo tempo, Ele instruiu Samuel a avisar o povo sobre o que significaria ter um rei “como as nações”. O aviso, que descrevia as práticas dos reis Cananeus contemporâneos, caiu em ouvidos surdos; o povo persistiu em seu desejo por um rei.

Samuel unge Saul em segredo ([1Sm 9.1-10.16](#)).

A narrativa da busca de Saul pelos jumentos perdidos de seu pai e seu encontro com Samuel durante essa busca é apresentada para explicar como Samuel e Saul se conheceram pela primeira vez, e como o Senhor indicou a Samuel quem era a pessoa que ele deveria ungir como o primeiro rei de Israel ([9.16-17](#)). Após Samuel ungir Saul em particular ([10.1](#)), ele recebeu três sinais para confirmar que sua nova vocação vinha do Senhor.

Saul publicamente escolhido por sorteio em Mispa ([1Sm 10.17-27](#)).

Após a designação privada e unção de Saul como rei ([9.1-10.16](#)), Samuel convocou uma assembleia nacional em Mispa para informar ao povo sobre a escolha do Senhor ([10.20-24](#)) e para definir a tarefa do rei (v.25). Novamente, nesta assembleia, Samuel enfatizou que o povo havia rejeitado o Senhor ao pedir um rei, pois buscavam um rei pelas razões erradas e não reconheceram a fidelidade passada do Senhor em livrá-los de seus inimigos. Mas ficou claro que o tempo para a realeza em Israel havia chegado e era o desejo do Senhor dar ao povo um rei. A explicação de Samuel sobre os “regulamentos da realeza” foi um passo importante para resolver a tensão existente entre o pecado de Israel ao desejar um rei e a intenção do Senhor de conceder-lhes um. Este documento, que foi preservado no tabernáculo, provavelmente continha uma versão ampliada da “lei do rei” em [Deuteronômio 17.14-20](#) e detalhava as regulamentações que regiam o papel do rei em Israel para o benefício tanto do rei quanto do povo. Este documento, sem dúvida, distinguia a realeza israelita daquela dos reis das nações circundantes.

Saul conduz Israel à vitória sobre os Amonitas ([1Sm 11.1-13](#)).

Quando Naás, rei dos amonitas, atacou Jabes-Gileade, uma cidade a leste do Jordão no território de Manassés, Saul deixou seu trabalho agrícola para liderar um exército voluntário em apoio aos habitantes de Jabes-Gileade. A vitória sobre os amonitas sob a liderança de Saul foi mais uma

confirmação divina de sua escolha como rei. Saul atribuiu a vitória ao Senhor, em vez de às suas próprias estratégias militares.

Saul é Inaugurado como Rei ([1Sm 11.14–12.25](#)).

A vitória em Jabes-Gileade levou Samuel a convocar uma assembleia nacional em Gilgal para renovar o reino e fazer de Saul rei ([11.14–15](#)). Na assembleia de Gilgal, Samuel liderou o povo na confissão do pecado de terem pedido inicialmente por um rei e na renovação de sua lealdade ao Senhor. No contexto desta cerimônia de renovação da aliança, Saul foi formalmente inaugurado em seu cargo como rei. Ao inaugurar Saul desta maneira, Samuel efetivamente proporcionou continuidade da aliança na transição do período dos juízes para o da monarquia.

Saul rejeitado como rei ([1Sm 13-15](#))

A desobediência de Saul ([1Sm 13.1–22](#)).

Quando Saul foi ameaçado por um ataque iminente dos filisteus, ele reuniu tropas em Gilgal e aguardou Samuel, conforme havia sido instruído ([10.8](#); [13.8](#)). Quando parecia que Samuel não chegaria no tempo pré-estabelecido, Saul ficou impaciente e ofereceu um sacrifício ele mesmo ([13.9](#)). Assim que o sacrifício foi concluído, Samuel apareceu e repreendeu Saul por não ter obedecido ao mandamento do Senhor. Ao desobedecer às instruções anteriores de Samuel, Saul violou um requisito fundamental de seu cargo. Ele estava seriamente enganado ao pensar que poderia fortalecer a mão de Israel contra os filisteus por meio de um sacrifício ao Senhor quando isso foi feito em violação ao comando específico do Senhor. Samuel disse a Saul que, por causa de sua desobediência, sua dinastia não perduraria (v. [14](#)).

A vitória de Jônatas ([1Sm 13.23–14.52](#)).

O filho de Saul, Jônatas, e o escudeiro de Jônatas atacaram de maneira habilidosa e corajosa um posto avançado dos filisteus, matando cerca de 20 homens ([14.8–14](#)). O Senhor usou essa derrota, juntamente com um terremoto, para trazer pânico a toda a força filisteia. Enquanto isso, Saul buscou orientação divina sobre se deveria ou não entrar na batalha com suas próprias forças. Quando a resposta do Senhor não veio imediatamente, Saul concluiu que esperar pela palavra do Senhor poderia comprometer sua vantagem militar. Mais uma vez, ele demonstrou que confiava mais em sua própria percepção do que em esperar pelo Senhor. Saul prejudicou ainda mais sua própria posição aos olhos de suas tropas ao pronunciar uma maldição

tola sobre qualquer um que comesse antes que a batalha fosse vencida. Isso quase custou a vida de Jônatas; ele foi poupado apenas por causa da intervenção das tropas em sua defesa.

Saul rejeitado como rei ([1Sm 15.1–35](#)).

Saul foi ordenado pelo Senhor, através de Samuel, a atacar os amalequitas e destruí-los completamente, não poupando vidas humanas nem animais. Os amalequitas haviam anteriormente tentado destruir Israel logo após o êxodo do Egito, enquanto viajavam para o Sinai ([Êx 17.8–16](#)). Saul desobedeceu ao Senhor ao poupar o melhor dos animais para sacrifício e ao poupar Agague, o rei amalequita. O Senhor enviou Samuel novamente para repreender Saul por sua desobediência. Samuel acusou Saul de rebelião contra o Senhor e disse-lhe que, porque ele havia rejeitado a palavra do Senhor, o Senhor o havia rejeitado como rei.

Saul e Davi ([1Sm 16.1–2Sm 1.27](#))

Samuel unge Davi ([1Sm 16.1–13](#)).

O Senhor instruiu Samuel a ir à casa de Jessé em Belém para ungir um dos seus filhos como rei no lugar de Saul. Por orientação divina, o filho mais novo de Jessé, Davi, foi revelado como aquele que o Senhor havia escolhido. Quando Samuel o ungiu como rei, o Espírito do Senhor veio sobre ele com poder.

Davi a serviço de Saul ([1Sm 16.14–17.58](#)).

Quando Saul foi atormentado por um espírito maligno, seus assistentes procuraram um harpista cuja música o acalmasse. Davi foi o escolhido para esse propósito. A posição na corte, no entanto, não era permanente, e Davi dividia seu tempo entre a corte e suas obrigações em casa. Com o tempo, os filisteus, liderados pelo gigante Golias, acamparam contra os israelitas. Golias desafiou qualquer israelita que ousasse enfrentá-lo em combate individual. Nenhum israelita se aventurou a aceitar seu desafio até que Davi, que estava visitando o acampamento das forças israelitas para levar comida a seus irmãos, ouviu o desafio e respondeu na força e poder do Senhor. O Senhor deu a Davi uma grande vitória porque ele reconheceu que “do Senhor é a guerra” ([17.47](#), ARC).

O Ódio de Saul por Davi ([1Sm 18.1–19.24](#)).

Após a vitória de Davi sobre Golias, o filho de Saul, Jônatas, prometeu lealdade a Davi em uma aliança de amizade. À medida que Davi alcançava mais sucessos liderando os exércitos de Israel e sua

aclamação pública crescia, Saul começou a temer que Davi fosse uma ameaça ao seu trono ([18.14-16.28-30](#)). Saul, odiando Davi, teve várias tentativas de matá-lo ([18.17.25](#); [19.1.10](#)). Davi foi finalmente forçado a fugir e buscou refúgio com Samuel em Ramá. Quando Saul e três de seus mensageiros foram a Ramá para prender Davi, eles foram tão dominados pelo Espírito de Deus que foram incapazes de cumprir sua missão.

Davi e Jônatas ([1Sm 20.1-42](#)).

A ausência de Davi na mesa real durante o festival da lua nova levou Saul a ameaçar novamente a vida de Davi. Jônatas encontrou-se com Davi em um local previamente combinado para informá-lo do perigo e se despedir. Jônatas e Davi renovaram seu compromisso de lealdade e bondade mútuas. No encontro, ficou claro que ambos sabiam que Davi, e não Jônatas, seria o sucessor de Saul no trono de Israel.

Davi em Nobe ([1Sm 21.1-9](#)).

Davi foi até o sacerdote Aimeleque em Nobe e, afirmando que estava em uma missão secreta para Saul, pediu pão e a espada de Golias, ambos foram entregues a ele. Um dos servos de Saul, Doegue, o edomita, que estava em Nobe, observou a transação.

Davi em Gate ([1Sm 21.10-15](#)).

Então, Davi entrou no território dos filisteus, indo até o rei Aquis em Gate. Quando sua identidade foi descoberta, ele fingiu estar louco para escapar.

Davi em Adulão ([1Sm 22.1-5](#)).

De Gate, Davi foi para a caverna de Adulão, onde se juntaram a ele cerca de 400 apoiadores. Ele levou seus pais para Moabe para protegê-los e depois voltou para a Floresta de Herete em Judá.

Saul mata os sacerdotes em Nobe ([1Sm 22.6-23](#)).

Doegue, o edomita, informou a Saul que Aimeleque, o sacerdote, havia ajudado Davi. Sob o comando de Saul, Doegue massacrou todos os sacerdotes em Nobe, exceto Abiatar, que escapou com o Éfode e se juntou a Davi.

Davi em Queila ([1Sm 23.1-13](#)).

Davi e seus homens libertaram os cidadãos de Queila dos invasores filisteus, mas foram forçados a deixar a cidade quando ficou evidente que seus ingratos habitantes estavam prontos para entregar Davi a Saul.

Davi no deserto de Zife ([1Sm 23.14-29](#)).

Enquanto Davi estava no deserto de Zife, ele foi encorajado por uma visita de Jônatas, que novamente prometeu sua lealdade a ele. Embora os zifeus tenham prometido ajudar Saul a capturar Davi, um ataque dos filisteus forçou Saul a abandonar sua tentativa de capturá-lo.

Davi poupa a vida de Saul ([1Sm 24.1-22](#)).

Enquanto se escondia em uma caverna em En-Gedi, Davi teve inesperadamente a oportunidade de tirar a vida de Saul quando Saul se aliviou na entrada da caverna. No entanto, porque Saul era "o ungido do Senhor", Davi poupou sua vida e o levou a confessar sua própria maldade. Davi fez isso mostrando a Saul um pedaço de sua túnica que ele havia cortado enquanto Saul estava na entrada da caverna.

Davi, Nabal e Abigail ([1Sm 25.1-44](#)).

Davi foi maltratado por um pastor de ovelhas chamado Nabal. No entanto, Davi foi impedido de tirar a vida do homem de forma imprudente pelas palavras perspicazes da esposa de Nabal, Abigail. Pouco depois desse incidente, Nabal morreu, e Davi tomou Abigail como sua esposa.

Davi poupa a vida de Saul pela segunda vez ([1Sm 26.1-25](#)).

Pela segunda vez, os zifeus se uniram a Saul na tentativa de capturar Davi. Enquanto Saul e seus homens dormiam, Davi e Abisai se esgueiraram para dentro do acampamento e pegaram a lança e o jarro de água de Saul. No dia seguinte, Davi conseguiu mais uma vez demonstrar a Saul que não desejava tomar o reinado de suas mãos.

Davi entre os filisteus ([1Sm 27.1-12](#)).

Davi eventualmente se cansou de se esconder de Saul em território israelita. Em um momento de desânimo, ele foi novamente para a Filisteia para buscar refúgio além do alcance de Saul. Conquistando a simpatia de Aquis, um governante filisteu, ele recebeu a cidade de Ziclague como um lugar para ele e seus homens residirem. De Ziclague, Davi atacou várias tribos que habitavam a área ao sul da Filisteia, mas enganou Aquis, fazendo-o pensar que estava atacando o território de Judá.

Saul e a Médium de En-Dor ([1Sm 28.1-25](#)).

Os filisteus novamente reuniram um exército para lutar contra Israel, e Saul, apavorado e aparentemente antecipando uma derrota iminente, procurou em vão alguma palavra do Senhor sobre o resultado da batalha. Quando isso lhe foi negado, ele foi disfarçado a uma médium em En-Dor e pediu

a ela que trouxesse para ele o espírito de Samuel. Saul foi informado por esse espírito que Israel seria derrotado e que ele e seus filhos morreriam na batalha que se aproximava.

Os filisteus desconfiam de Davi ([1Sm 29.1-11](#)).

Embora Aquis desejasse que Davi se juntasse ao exército filisteu em sua batalha contra Israel, os outros comandantes filisteus desconfiaram dele e forçaram Aquis a enviar Davi e seus homens de volta a Ziclague. Essa reviravolta salvou Davi de um sério dilema criado por sua aparente amizade com Aquis.

Davi derrota os Amalequitas ([1Sm 30.1-31](#)).

Ao retornar a Ziclague, Davi descobriu que, em sua ausência, a cidade havia sido saqueada e incendiada pelos amalequitas, e que suas esposas, filhos e gado haviam sido levados cativos. Após consultar o Senhor através de Abiatar, o sacerdote, Davi e seus homens perseguiram os amalequitas e recuperaram tudo o que eles haviam tomado e mais. Ele dividiu o saque entre suas tropas e enviou presentes para várias cidades em Judá.

A morte de Saul e seus filhos ([1Sm 31.1-2Sm 1.27](#)).

Como havia sido previsto, a batalha com os filisteus terminou em uma derrota desastrosa para Israel, na qual Saul tirou a própria vida após ser gravemente ferido. Jônatas e outros dois filhos de Saul foram mortos. Davi lamentou por Saul e Jônatas e exaltou a memória deles em sua homenagem registrada em [2 Samuel 1.19-27](#).

Davi (2Sm 2-24)

Davi ungido rei sobre Judá ([2Sm 2.1-7](#)).

Após a morte de Saul, o Senhor instruiu Davi a ir para Hebrom, onde a tribo de Judá o ungiu como rei.

Davi, Isbosete e Abner ([2Sm 2.8-4.12](#)).

Embora Davi tenha se tornado rei sobre Judá, as tribos restantes — sob a influência de Abner, comandante do exército de Saul — reconheceram Isbosete como sucessor de Saul ([2.8-10](#)). Isbosete era um filho de Saul que havia sobrevivido à batalha com os filisteus. O conflito rapidamente eclodiu entre os homens de Davi, liderados por Joabe, e os homens de Isbosete, liderados por Abner. Nesse conflito, Asael, irmão de Joabe, foi morto por Abner. À medida que Davi se fortalecia e Isbosete enfraquecia, Abner mudou sua lealdade de Isbosete para Davi ([3.1-21](#)). Joabe, no entanto,

vingou o sangue de seu irmão Asael assassinando Abner sob o pretexto de negociar com ele. Embora Davi detestasse esse ato, lamentasse por Abner e amaldiçoasse Joabe, o crime não foi punido até o início do reinado de Salomão (veja [1Rs 2.5-6,29-34](#)). Pouco depois, Isbosete foi morto por dois soldados, que trouxeram sua cabeça a Davi em Hebrom, esperando ser recompensados ([2Sm 4.1-8](#)). Davi, no entanto, mandou executá-los. O único sobrevivente masculino da linhagem de Saul era o filho aleijado de Jônatas chamado Mefibosete.

Davi é rei sobre todo o Israel ([2Sm 5](#)).

Após a morte de Isbosete, Davi foi proclamado rei sobre todas as tribos em Hebrom. Um dos primeiros atos de Davi como rei foi capturar a fortaleza de Sião dos jebuseus. Davi estabeleceu Sião como sua capital e construiu um palácio lá para sua residência.

A arca é levada para Jerusalém ([2Sm 6](#)).

Reconhecendo a importância da arca como um símbolo da presença de Deus com seu povo, Davi decidiu que ela deveria ser trazida para Jerusalém, saindo da obscuridade da casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim, onde permaneceu durante todo o reinado de Saul. A violação das prescrições para manusear a arca resultou na morte de Uzá, um dos filhos de Abinadabe, e atrasou o transporte da arca para Jerusalém por três meses. Em uma segunda tentativa, Davi liderou uma alegre procissão até a cidade de Jerusalém, onde a arca foi colocada em uma tenda que havia sido preparada para ela.

Davi, Natã e o Templo ([2Sm 7](#)).

Logo, Davi desejou construir um templo para abrigar a arca e fornecer um centro para a adoração de Israel ao Senhor. O Senhor disse a Davi, através de Natã, o profeta, que ele não deveria construir uma casa (templo) para o Senhor, mas que o Senhor construiria para ele uma casa (uma dinastia) que duraria para sempre. Aqui, a linha da semente prometida é estreitada para a casa de Davi dentro da tribo de Judá. Esta promessa encontra seu cumprimento no nascimento de Jesus, que foi o “filho de Davi, filho de Abraão” (veja [Mt 1.1](#)). Seria a tarefa de Salomão, filho de Davi, construir o templo ([2Sm 7.13](#)).

Vitórias de Davi ([2Sm 8](#)).

Davi conseguiu derrotar muitos povos ao redor, expandir as fronteiras de Israel e estabelecer um período de prosperidade e descanso para a nação.

Davi e Mefibosete ([2Sm 9](#)).

Lembrando de sua aliança com Jônatas (veja [1Sm 18.1-3](#); [20.13-16,42](#)), Davi perguntou sobre sobreviventes da casa de Saul a quem ele pudesse mostrar bondade. Quando Mefibosete foi encontrado, Davi o trouxe para a corte para desfrutar da honra de comer à mesa do rei.

Davi e Bate-Seba ([2Sm 10-12](#)).

Durante uma guerra com os amonitas, Davi cometeu adultério com a esposa de um de seus soldados, Urias, o hitita. Quando Bate-Seba ficou grávida, Davi tentou fazer com que Urias dormisse com ela. Quando isso falhou, Davi planejou a morte certa de Urias na batalha. Esses atos pecaminosos provocaram a ira de Deus ([2Sm 12.10-12](#)) e Davi experimentou os frutos amargos de sua má conduta durante o restante de sua vida.

Amnom, Absalão e Tamar ([2Sm 13](#)).

O filho mais velho de Davi, Amnom, fingiu estar doente para que sua meia-irmã, Tamar, cuidasse dele. Quando Tamar recusou as investidas sexuais de Amnom, ele a estuprou. Este incidente enfureceu o irmão de sangue de Tamar, Absalão, que decidiu vingar sua irmã matando Amnom. Absalão esperou dois anos e então planejou o assassinato de Amnom durante as festividades da época de tosquia de ovelhas. Ele então fugiu para Gesur, uma pequena cidade-estado na Síria, onde seu avô materno era rei.

Davi e Absalão ([2Sm 14-19](#)).

Absalão permaneceu no exílio por três anos até que Joabe arranjou seu retorno, garantindo uma renúncia à vingança de sangue de Davi ([14.1-27](#)). No entanto, após o retorno de Absalão, Davi se recusou a vê-lo por dois anos, até que finalmente se reconciliaram. Durante todo esse episódio, Davi evitou as questões de arrependimento e justiça e não tomou nenhuma ação disciplinar efetiva. Enquanto isso, Absalão conspirou para tomar o trono de Davi, seu pai, tentando desacreditar sua administração da justiça e buscando ganhar o favor do povo e dos membros da corte de Davi. Após quatro anos, Absalão se proclamou rei em Hebrom e reuniu força militar suficiente para forçar seu pai a fugir de Jerusalém (cap. [15](#)). A falha em perseguir Davi imediatamente levou à derrota das forças de Absalão e à própria morte de Absalão pelas mãos de Joabe, o comandante de Davi. Davi lamentou por seu filho Absalão ([19.1-8](#)), mas conseguiu retornar a Jerusalém e restabelecer seu governo. Davi disciplinou Joabe por matar Absalão, substituindo-o como comandante de suas tropas por Amasa.

Rebelião de Seba ([2Sm 20](#)).

Nas condições instáveis imediatamente após o retorno de Davi a Jerusalém, outra revolta sem êxito foi tentada por Seba da tribo de Benjamim. Joabe, desafiando a ação disciplinar de Davi, matou Amasa, perseguiu Seba e acabou com a revolta.

Davi e os gibeonitas ([2Sm 21.1-14](#)).

Em algum momento não especificado durante o reinado de Davi, a terra sofreu uma fome de três anos. Foi revelado a Davi pelo Senhor que a fome era devido à violação por Saul de um tratado israelita com os gibeonitas (veja [Js 9.15.18-27](#)). Esta ofensa foi expiada entregando sete descendentes de Saul aos gibeonitas para execução.

Davi e os filisteus ([2Sm 21.15-22](#)).

Nesta passagem, são narrados quatro episódios de feitos heroicos dos valentes de Davi contra os filisteus.

Cântico de louvor de Davi ([2Sm 22](#)).

Em uma bela canção de louvor, Davi descreveu sua libertação de seus inimigos e a ajuda com a qual o Senhor o sustentou. A mesma canção aparece com pequenas variações no [Salmo 18](#).

As últimas palavras de Davi ([2Sm 23.1-7](#)).

Em uma breve declaração, Davi reconhece o trabalho do Espírito de Deus ao capacitá-lo a falar a palavra de Deus e proclama sua confiança no cumprimento da promessa do Senhor para ele e sua dinastia.

Os valentes de Davi ([2Sm 23.8-39](#)).

Esta perícopes contém uma lista de 37 guerreiros de Davi e uma descrição de algumas de suas conquistas.

O censo e o castigo de Davi ([2Sm 24.1-25](#)).

A decisão de Davi de realizar um censo de seus homens de combate refletiu uma confiança inadequada na organização e no poder militar-político. O Senhor o julgou enviando uma praga sobre a terra que matou muitas pessoas. Pela palavra do Senhor através de Gade, o profeta, Davi construiu um altar na eira de Araúna, que mais tarde se tornaria o local do templo (veja [2Cr 3.1](#)). O Senhor respondeu aos sacrifícios e orações de Davi em favor do povo; a praga foi interrompida.

Veja também Davi; Samuel (Pessoa); Saul #2.

Sândalo

A tradução de algumas Bíblias em português para "aloés" em [Números 24.6](#).

Veja Plantas (aloés).

Sândalo

Veja Plantas (almugue).

Sangue

O sangue é o fluido vermelho que circula nos corpos de pessoas e animais.

Na Bíblia, a palavra "sangue" possui vários significados além de sua definição física. Às vezes, descreve a cor vermelha: "O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue" ([At 2.20](#)). Também pode significar vinho, como em [Deuteronômio 32.14](#) ("vinho" aqui é literalmente "o sangue das uvas" no hebraico original).

Quando a Bíblia usa a frase "carne e sangue", ela se refere a seres humanos comuns. Por exemplo, quando Jesus disse a Pedro que "isso não foi revelado a você por carne e sangue, mas por Meu Pai no céu", ele quis dizer que nenhuma pessoa comum contou a Pedro ([Mt 16.17](#); veja também [1Co 15.50](#); [Gl 1.16](#); [Ef 6.12](#)). Isso veio de Deus. Após trair Jesus, Judas reconheceu que havia "pecado ao trair sangue inocente" ([Mt 27.4](#)). Nessas passagens, "sangue" significa uma vida natural em vez de uma vida espiritual ou divina.

A Conexão entre sangue e vida

"Sangue" também é usado no sentido de derramamento de sangue, como em assassinato. [Salmo 9.12](#) fala de um "Vingador do derramamento de sangue". [Gênesis 37.26](#) refere-se aos irmãos que encobrem o sangue de José, querendo dizer assassiná-lo. Estar "sobrecarregado pela culpa de sangue" significa ser culpado de assassinato ([Pv 28.17](#)). Antes de Jesus ser crucificado, Pilatos disse: "Estou inocente do sangue deste homem" ([Mt 27.24-25](#)). Assim, a ideia de morte violenta está regularmente conectada com sangue.

Essa lógica faz sentido porque sangue e vida estão conectados. Três passagens no Antigo Testamento mostram uma conexão entre sangue e vida:

- "Mas você não deve comer carne com seu sangue vital ainda nela" ([Gn 9.4](#))
- "Pois a vida da carne está no sangue" ([Lv 17.11](#))
- "Apenas certifique-se de não comer o sangue, porque o sangue é a vida" ([Dt 12.23](#)).

Deus cria toda a vida, então derramar sangue é algo sério. O sangue é sagrado, por isso é proibido comer (veja [At 15.20](#)). O sangue simboliza a vida que Deus nos dá.

Sangue nos sacrifícios

O sangue era muito importante nos sacrifícios religiosos porque representava a vida. No Dia da Expição, os sacerdotes aspergiam sangue de touro e cabra no altar ([Lv 16](#)). O sangue (vida) era derramado na morte. A vida do animal era entregue pela vida do povo. O pecado do povo era transferido para o animal através do sacrifício, permitindo que o julgamento completo e as reparações fossem feitas. Essa ideia de transferência também é mostrada pelo bode expiatório na mesma cerimônia ([Lv 16.20-22](#)). Na primeira Páscoa, o sangue tinha o mesmo significado ([Êx 12.1-13](#)). O sangue do animal na porta significava que uma morte já havia ocorrido, permitindo que o anjo da morte passasse por cima.

O sangue também se torna a melhor oferta para Deus. Em [Êxodo 24](#), depois que o povo concordou com a aliança (ou acordo), Moisés derramou metade do sangue sacrificial no altar e o restante sobre eles. Ele fez isso enquanto dizia: "Este é o sangue da aliança que o Senhor fez com vocês de acordo com todas estas palavras" ([Êx 24.8](#)). Quando o sangue foi aspergido tanto no altar quanto no povo, mostrou que Deus e os israelitas fizeram um acordo juntos (isso é chamado de "relação de aliança").

Nas cerimônias religiosas de Israel, o sangue tinha vários significados. Ele poderia representar:

- Morte (o término da vida natural)
- Julgamento (quando Deus decide se alguém agiu corretamente ou incorretamente)
- Sacrifício (oferecendo um presente a Deus)
- Substituição (uma vida entregue para salvar outra)
- Redenção (ser liberto do pecado)

A vida com Deus foi possibilitada pelo sangue de Cristo.

O sangue de Cristo

No Novo Testamento, além das referências a questões médicas (por exemplo, [Mt 9.20](#)) e assassinato (por exemplo, [At 22.20](#)), o foco está no sangue de Cristo. Esta é uma referência às ideias do Antigo Testamento. Os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) dizem que na Santa Ceia, Jesus falou sobre seu sangue como uma nova aliança ([Mt 26.28](#); [Mc 14.24](#); [Lc 22.20](#)). Isso mostra que sua morte foi um sacrifício. Jesus demonstra que sua morte teve um significado redentor. O Evangelho de João compartilha essa ideia, mas a descreve em termos diferentes: "Se não comerdes a carne e não beberdes o sangue do Filho do Homem, não tendes vida em vós" ([Jo 6.53](#)). Os crentes participam da morte e ressurreição de Jesus através da fé (veja também [1Co 10.16](#)).

As cartas de Paulo também conectam o sangue com a morte de Cristo. Quando ele usava as palavras "sangue" ou "cruz", ele estava se referindo à morte de Jesus e como ela salva as pessoas. Por exemplo, ele escreveu que o "sangue na cruz" de Jesus trouxe paz ([Cl 1.20](#)). Ele também escreveu que as pessoas que antes estavam longe de Deus "foram aproximadas pelo sangue de Jesus Cristo" ([Ef 2.13](#)). Isso significava que tanto judeus quanto não judeus agora poderiam ter um relacionamento com Deus através da morte de Jesus.

Paulo estava refletindo sobre o sacrifício do Dia da Expição quando afirmou que Deus fez de Cristo um sacrifício expiatório (reconciliando as pessoas com Deus) por meio de seu sangue ([Rm 3.25](#)). Ele utiliza a linguagem de [Levítico 16](#), que descreve o sacrifício judaico mais importante.

Pedro também menciona o "sangue da aliança" (uma referência a [Êx 24](#)) ao escrever sobre os cristãos sendo aspergidos com o sangue de Cristo

([1Pe 1.2](#)). Ele afirma que os cristãos são redimidos pelo sangue de Jesus ([1Pe 1.9](#)). Ele descreve Cristo como "um cordeiro sem defeito ou mancha", provavelmente referindo-se ao servo em [Isaías 53](#) ou ao cordeiro da Páscoa. Ambos esses textos têm significado redentor. O autor de Hebreus afirma que Cristo cumpriu o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento, pois sua morte foi o maior sacrifício ([Hb 9.7-28](#); [13.11-12](#)).

As referências do Novo Testamento ao sangue de Cristo mostram a redenção completa que Deus alcançou na morte de seu Filho ([Hb 10.20](#)). Justiça e justificação (ser feito justo com Deus) foram ambas realizadas ([Rm 3.26](#)). O sangue de Cristo é o meio de redenção "uma vez por todas" ([Hb 9.26](#)).

Veja Expição; Ofertas e sacrifícios.

Sangue, Campo de

O nome dado ao campo que foi comprado com o "dinheiro de sangue" que Judas aceitou para trair Jesus ([Mt 27.8](#); [At 1.19](#)). Os principais sacerdotes compraram o campo como um cemitério para estrangeiros (anteriormente, era chamado de campo do oleiro). Judas se enforcou, e seus intestinos se espalharam ali. Este relato usa a expressão aramaica *Akeldama* ("Aceldama" na NTLH), traduzida como "campo de sangue". O Akeldama está na encosta sul do vale de Hinom, perto do Vale do Cedrom.

Sanguessuga

Verme segmentado e sugador de sangue, mencionado apenas em [Provérbios 30.15](#). Veja Animais.

Sansana

Uma das 29 cidades na extremidade sul da terra herdada pelos filhos de Judá ([Js 15.31](#)). É possivelmente a mesma cidade que Hazar-Susa, mencionada em uma descrição paralela do território atribuído a Simeão dentro da herança de Judá ([19.5](#)).

Sansão

O filho de Manoá, da tribo de Dã. O nome da mãe de Sansão não é mencionado na Bíblia. Ela não podia ter filhos, mas o anjo do Senhor anunciou a ela que teria um filho. Ele deveria ser dedicado como um nazireu por toda a sua vida. Isso significava que ele não deveria beber vinho ou bebida forte, não deveria comer nada cerimonialmente impuro e não deveria permitir que uma navalha tocasse sua cabeça ([Nm 6.1-6](#)). Também foi dito a ela que ele começaria a libertar Israel dos filisteus, que haviam dominado Israel por 40 anos ([Jz 13.1-5](#)).

Nascimento e primeiros anos de Sansão.

Ela contou isso ao seu marido, Manoá, e Manoá orou sobre essa visita angelical (versículo [8](#)). O anjo do Senhor apareceu novamente e deu instruções sobre a criança que iria nascer. Manoá fez uma oferta queimada, e o anjo do Senhor subiu ao céu na fumaça. Manoá temeu que eles morreriam, pois agora percebeu que tinham visto Deus (versículo [22](#)). A criança nasceu e o Senhor o abençoou enquanto ele crescia. O Espírito do Senhor agiu sobre ele no campo de Dã (versículo [25](#)).

O casamento de Sansão

Sansão foi a Timna e viu uma mulher filisteia com quem desejava se casar. O Senhor estava buscando uma oportunidade contra os filisteus. No caso de Sansão, essas ocasiões surgiram através de mulheres filisteias. Quando Sansão e seus pais foram a Timna para arranjar o casamento, um leão saiu das vinhas. Sansão, sobre quem o Espírito do Senhor veio poderosamente, rasgou o leão ao meio. Mais tarde, ele descobriu que um enxame de abelhas havia feito mel na carcaça do leão ([Jz 14.2-9](#)).

Sansão fez uma festa em Timna, como era costume. Ele contou aos homens filisteus um enigma que envolvia o leão e o mel. Eles fizeram uma aposta sobre o enigma, e os filisteus convenceram a nova esposa de Sansão a descobrir a resposta e compartilhar a informação com eles. Quando eles descobriram a resposta, Sansão soube o que havia acontecido. Ele saiu e matou 30 homens filisteus para pagar sua aposta ([Jz 14.19](#)). Sansão foi para casa, e seu sogro deu a esposa de Sansão ao padrinho de Sansão.

Quando Sansão voltou para ver sua esposa, ele não foi autorizado a visitá-la. Em vingança, Sansão pegou 300 raposas e as amarrou em pares, cauda

com cauda. Ele fixou uma tocha em cada par e as soltou nos campos de grãos dos filisteus, de modo que os feixes de grãos colhidos e as colheitas em crescimento foram queimados. Consequentemente, os filisteus vieram e queimaram sua esposa e seu pai. Em retaliação, Sansão saiu e matou muitos deles ([Jz 15.1-8](#)).

Mais conflitos com os filisteus

Os filisteus então vieram contra Judá. O povo de Judá amarrou Sansão com cordas novas para entregá-lo aos filisteus. Quando chegaram a Leí, onde os filisteus estavam acampados, o Espírito do Senhor veio poderosamente sobre ele. Sansão arrebentou as cordas, pegou a queixada de um jumento e matou 1.000 filisteus. Estando muito sedento, ele clamou ao Senhor, então Deus abriu uma fonte de água em Leí ([Jz 15.9-20](#)).

A fraqueza de Sansão por mulheres filisteias continuou a causar problemas tanto para ele quanto para os filisteus. Ele foi até Gaza, onde se envolveu com uma prostituta ([Jz 16.1](#)). Os homens da cidade souberam que ele estava lá e planejaram matá-lo ao amanhecer. Sansão levantou-se à meia-noite e saiu com as portas, postes e barra do portão da cidade e os colocou no topo da colina diante de Hebrom.

Sansão e Dalila

Então ele encontrou Dalila, do vale de Soreque. Os filisteus a subornaram para descobrir a fonte de sua força ([Jz 16.4-5](#)). Ela continuou a importuná-lo, então ele lhe disse que se o amarrassem com sete cordas de arco novas, ele seria tão fraco quanto os outros homens. Ela o amarrou e gritou: "Os filisteus estão sobre você". Ele facilmente quebrou as cordas do arco.

Em resposta às suas perguntas constantes, ele continuou mentindo para ela sobre o segredo de sua força. Em sequência, ela o amarrou com novas cordas e sete tranças de seu cabelo tecidas juntas e presas a um tear. Finalmente, ela o cansou e ele contou a verdade. Se alguém raspasse sua cabeça e quebrasse seu voto de nazireu, sua força desapareceria. Enquanto Sansão dormia com a cabeça em seus joelhos, ela chamou um barbeiro, que raspou seu cabelo. Desta vez, quando ela gritou: "Os filisteus estão sobre você", os filisteus o agarraram, arrancaram seus olhos e o levaram para Gaza (versículo [21](#)).

Em Gaza, Sansão foi amarrado com correntes de bronze e forçado a trabalhar em um moinho,

durante o qual seu cabelo começou a crescer novamente. Os filisteus celebraram um grande festival no templo de seu deus, Dagom. Eles comemoraram sua vitória sobre Sansão e pediram que ele fosse trazido para que pudessem zombar dele. Cerca de 3.000 pessoas assistiram enquanto Sansão os entretinha. A pedido dele, Sansão foi colocado entre as duas colunas que sustentavam o templo. Ele pediu força ao Senhor e empurrou as colunas para que todo o edifício desabasse. Sansão morreu com os filisteus como havia pedido, mas matou mais filisteus nesse ato final do que antes ([Jz 16.1-30](#)).

A família de Sansão veio buscar seu corpo e o sepultou entre Zorá e Estaol, no túmulo de seu pai, Manoá. Ele serviu como "juiz", ou líder, de Israel por 20 anos ([Jz 16.31](#)).

Veja também Israel, História de; Juízes, Livro de.

Sanseraí

Filho de Jeroão e líder na tribo de Benjamim ([1Cr 8.26](#)).

Santa, Guerra

Veja Guerra Santa.

Santidade

Atributo supremo de Deus e uma qualidade a ser desenvolvida em seu povo. "Santidade" e o adjetivo "santo" ocorrem mais de 900 vezes na Bíblia. A palavra primária do Antigo Testamento para santidade significa "cortar" ou "separar". Fundamentalmente, a santidade é um corte ou separação do que é impuro e uma consagração ao que é puro.

No Antigo Testamento, santidade aplicada a Deus significa sua transcendência sobre a criação e a perfeição moral de seu caráter. Deus é santo na medida em que ele é totalmente distinto de sua criação e exerce soberana majestade e poder sobre ela. Sua santidade é especialmente proeminente nos Salmos ([47.8](#)) e nos Profetas ([Ezequiel 39.7](#)), onde "santidade" emerge como um sinônimo para o Deus de Israel. Assim, as Escrituras atribuem a Deus o título "Santo" ([Isaías 57.15](#)), "Santo Deus" ([16.10](#); [Isaías 43.15](#)), e "Santo de Israel" ([Salmos 89.18](#); [Isaías 60.14](#); [Jeremias 50.29](#)).

No Antigo Testamento, a santidade de Deus denota que o Senhor está separado de tudo o que é maligno e contaminado (compare [16.34.10](#)). Seu caráter santo é o padrão de perfeição moral absoluta ([Isaías 5.16](#)). A santidade de Deus — sua majestade transcendente e a pureza de seu caráter — são habilmente equilibradas no [Salmo 99](#). Os versos [1 a 3](#) retratam a distância de Deus do que é finito e ligado à terra, enquanto os versos [4 e 5](#) enfatizam sua separação do pecado e do mal.

No Antigo Testamento, Deus exigiu santidade nas vidas de seu povo. Através de Moisés, Deus disse à congregação de Israel: "Sejam santos porque eu, o SENHOR seu Deus, sou santo". ([Levítico 19.2](#), NTLH). A santidade ordenada pelo Antigo Testamento era dupla: (1) externa, ou cerimonial; e (2) interna, ou moral e espiritual. A santidade cerimonial do Antigo Testamento, prescrita no Pentateuco (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento) incluía consagração ritual ao serviço de Deus. Assim, sacerdotes e levitas eram santificados por um processo complexo de consagração ritual ([Êxodo 29](#)), assim como os nazireus hebreus, que significa "separados" ([Números 6.1-21](#)). Profetas como Eliseu ([2 Reis 4.9](#)) e Jeremias ([Jeremias 1.5](#)) também foram santificados para um ministério profético especial em Israel.

Mas o Antigo Testamento também chama a atenção para os aspectos internos, morais e espirituais da santidade. Homens e mulheres, criados à imagem de Deus, são chamados para cultivar a santidade do próprio caráter de Deus em suas vidas ([Levítico 19.2](#); [Números 15.40](#)). No Novo Testamento, a santidade cerimonial proeminente no Pentateuco recai sobre o pano de fundo. Considerando que grande parte do judaísmo no tempo de Jesus buscou uma santidade cerimonial pelas obras ([Marcos 7.1-5](#)), o Novo Testamento enfatiza a dimensão ética em vez da dimensão formal de santidade (versículos [6-12](#)). Com a vinda do Espírito Santo, a igreja primitiva percebeu que a santidade da vida era uma profunda realidade interna que deveria governar o pensamento e atitudes de um indivíduo em relação às pessoas e objetos no mundo externo.

O equivalente grego do Novo Testamento da palavra hebraica comum para santidade significa um estado interior de liberdade da falha moral e uma harmonia relativa com a perfeição moral de Deus. A palavra "semelhança com Deus" ou "piedade" captura o sentido da palavra grega primária para santidade. Outra palavra grega

aproxima-se do conceito dominante do Antigo Testamento de santidade como separação externa do profano e dedicação ao serviço do Senhor.

Já que os escritores do Novo Testamento assumiram o retrato da divindade do Antigo Testamento, a santidade é atribuída a Deus em relativamente poucos textos apostólicos. Jesus afirmou a natureza ética de Deus quando ele ordenou aos seus discípulos a orar para que o nome do Pai pudesse ser valorizado pelo que é: “santificado seja o teu nome” ([Mateus 6.9](#)). No livro de Apocalipse, a perfeição moral do Pai é exaltada com a atribuição tríplice de santidade emprestada de Isaías: “Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus Todo-Poderoso, que era, que é e há de vir!” ([Apocalipse 4.8](#); compare [Isaías 6.3](#)). Lucas, no entanto, contemplou a santidade de Deus em termos do conceito dominante do Antigo Testamento de sua transcendência e majestade ([Lucas 1.49](#)).

Da mesma forma, a santidade de Jesus Cristo é declarada no Novo Testamento. Lucas ([Lucas 1.35](#); [4.34](#)), Pedro ([Atos 3.14](#); [4.27-30](#)), o escritor de Hebreus ([Hebreus 7.26](#)) e João ([Apocalipse 3.7](#)) atribuem santidade tanto ao Pai quanto ao Filho.

Uma vez que o Espírito vem de Deus, revela seu caráter santo, e é o instrumento dos propósitos santos de Deus no mundo, ele também é absolutamente santo ([Mateus 1.18](#); [3.16](#); [28.19](#); [Lucas 1.15](#); [4.14](#)). A designação comum “Espírito Santo” ressalta a perfeição ética da terceira pessoa da Divindade ([João 3.5-8](#); [14.16-17.26](#)).

No Novo Testamento, a santidade também caracteriza a igreja de Cristo. O apóstolo Paulo ensinou que Cristo amou a igreja e morreu por ela “para santificá-la, purificando-a pela lavagem com água através da palavra, ([Efésios 5.26](#)). Pedro se dirigiu à igreja como um povo santo, empregando uma linguagem retirada do Antigo Testamento. Separada das nações incrédulas e consagrada ao Senhor, a igreja é “uma nação santa” ([1 Pedro 2.9](#); compare [Êxodo 19.6](#)).

Mas o Novo Testamento mais frequentemente aborda a santidade em relação aos cristãos individuais. Os crentes em Cristo são frequentemente designados como “santos”, literalmente significando “pessoas santas”, uma vez que através da fé Deus justifica pecadores, declarando-os “santos” aos seus olhos. Um pecador justificado não é de forma alguma moralmente perfeito, mas Deus declara os crentes como inocentes. Assim, embora os cristãos em Corinto,

por exemplo, tenham sido atormentados com numerosos pecados, Paulo poderia se dirigir a seus amigos errantes como aqueles que foram “santificados em Cristo Jesus e chamados para ser santos” ([1 Coríntios 1.2](#)). Apesar de seus problemas, os crentes de Corinto eram “santos” em Cristo.

O Novo Testamento, no entanto, coloca grande ênfase sobre a realidade da santidade prática na experiência diária do cristão. O Deus que livremente declara uma pessoa justa através da fé em Cristo ordena que o crente progrida em santidade de vida. No plano de Deus, um crescimento em santidade deve acompanhar a crença. Deus graciosamente fornece os meios espirituais para permitir que os cristãos sejam “participantes da natureza divina” ([2 Pedro 1.4](#)).

Veja também Deus, Ser e Atributos de.

Santificação

Santificação significa “ser feito santo ou purificado”. Descreve como os cristãos se tornam mais semelhantes a Deus ao longo de suas vidas. A maioria dos teólogos prefere usá-lo em um sentido restrito para distingui-lo de termos relacionados, como “regeneração”, “justificação” e “glorificação”.

O que é a Santificação?

A confissão batista de New Hampshire (1833) explica a santificação da seguinte forma:

“Cremos que a santificação é o processo pelo qual, de acordo com a vontade de Deus, somos feitos participantes de sua santidade; que é uma obra progressiva; que começa na regeneração; que é realizada nos corações dos crentes pela presença e poder do Espírito Santo, o Selador e Consolador, no uso contínuo dos meios designados — especialmente a Palavra de Deus, autoexame, abnegação, vigilância e oração” (Artigo X).

Essa definição esclarece a diferença entre santificação, regeneração e glorificação:

- Regeneração é quando alguém se torna cristão pela primeira vez. Refere-se ao início da salvação;
- A santificação é o processo pelo qual Deus ajuda os cristãos a se tornarem mais semelhantes a Jesus. A santificação refere-se ao processo da salvação;
- Glorificação é quando Deus completa Sua obra nos cristãos. Glorificação refere-se ao término da salvação.

Diferenças entre santificação e justificação

A diferença entre santificação e justificação é importante, mas pode ser difícil de entender. Aqui estão as principais diferenças:

19. “Justificação”, assim como “regeneração”, refere-se principalmente ao início da experiência cristã. A santificação enfatiza o progresso no processo de salvação;
20. Justificação refere-se a Deus atuando como juiz. Deus remove toda a culpa dos crentes de uma vez e os considera legalmente justos. A santificação, assim como a regeneração e a glorificação, enfatiza o poder transformador do Espírito Santo sobre o caráter dos filhos de Deus.

A diferença entre justificação e santificação tornou-se muito importante durante a Reforma (um período de grandes mudanças na igreja cristã que começou em 1517 d.C.). Na opinião dos Reformadores, a Igreja Católica Romana confundiu justificação e santificação. A Igreja Católica Romana insistia que a justificação “não é apenas a remissão [ou perdão] dos pecados, mas também a santificação e renovação do homem interior” (Decretos do Concílio de Trento, Sexta Sessão, 1547, cap. VII). Em contraste, os Reformadores enfatizavam que justificação e santificação não podiam ser separadas, mas deviam ser distinguidas.

Calvino argumentou que esses dois elementos do ato salvador de Deus não podem ser divididos em partes, assim como Cristo não pode ser dividido. Calvino disse: “Quem Deus recebe em graça, a esses

ele ao mesmo tempo concede o espírito de adoção, pelo qual os refaz à sua própria imagem. Mas se o brilho do sol não pode ser separado do seu calor, diremos então que a terra é aquecida pela sua luz, ou iluminada pelo seu calor?” (*Institutas da Religião Cristã*, 3.11.6). A justificação é uma declaração única de Deus como Juiz. A santificação é um processo de mudança no caráter da pessoa justificada.

A confissão batista de New Hampshire afirma que, na santificação, “nós somos feitos participantes de sua santidade”. O que isso significa? Um estudo detalhado sobre o que a Bíblia diz sobre santificação não é possível aqui, já que praticamente toda a Escritura aborda essa questão de uma forma ou de outra. No entanto, um tema central nesse ensinamento deve ser enfatizado: “Sejam santos, porque eu sou santo” ([Lv 11.45](#); [1Pe 1.16](#); compare [Mt 5.48](#)).

De acordo com o breve catecismo de Westminster, escrito em 1647, pela santificação, “somos renovados em todo o homem à imagem de Deus” (Questão 34; veja [Cl 3.10](#)). Nada pode ser mais importante para nossa visão de santificação do que esta verdade. O padrão de santidade é a obediência completa à imagem de Cristo ([Rm 8.29](#)). Qualquer coisa menos que isso é uma diminuição do padrão bíblico e, assim, um enfraquecimento da crença. A definição acima sugere que Cristo é mais do que nosso modelo. Ele fornece sua santidade para aqueles unidos a ele — ele é nossa santificação ([1Co 1.30](#)).

Santificação inicial

A Bíblia mostra que a santificação ocorre gradualmente ao longo do tempo. O apóstolo Paulo diz que os cristãos que “refletem a glória do Senhor, estão sendo transformados à Sua imagem com glória intensificada” ([2Co 3.18](#); veja também [Rm 12.1-2](#); [Fp 3.14](#); [Hb 6.1](#); [2Pe 3.18](#)). Além disso, os muitos mandamentos encontrados nas Escrituras implicam que o cristão experimenta crescimento.

Ao mesmo tempo, várias passagens nas Escrituras mostram que a santificação é concedida ao crente simultaneamente à regeneração. Por exemplo, Paulo frequentemente se refere aos cristãos como “santos” ou “santificados”, como em [Romanos 1.7](#) e [Efésios 1.1](#). Esta linguagem sugere que a santificação já é algo que os crentes possuem. Paulo afirma especificamente que os cristãos na igreja em Corinto são “santificados em Cristo” ([1Co 1.2](#)). Ele até conecta a santificação com a lavagem (que poderia representar a regeneração) e com a

justificação (6.11). É como se todos os três elementos ocorressem simultaneamente. Paulo diz que os cristãos morreram para o pecado (Rm 6.2). Ele usa a morte como uma imagem para explicar que:

- A morte é definitiva;
- A morte não pode ser revertida;
- Quando algo morre, é completamente transformado.

Ao usar essa imagem da morte, Paulo ensina que:

- Deus quebra o poder do pecado sobre os cristãos;
- Essa ruptura com o pecado ocorre quando alguém se torna cristão;
- Esta mudança é total e permanente.

Essas passagens não ensinam obediência perfeita para todo cristão após a conversão. Tal interpretação nos colocaria em conflito com o ensino claro das Escrituras como um todo. Além disso, deve-se notar que os "santos" de Corinto eram espiritualmente imaturos (1Co 3.1-3; 6.8; 11.17-22).

Como essas passagens devem ser interpretadas? Alguns escritores sugeriram que Paulo está falando de uma santificação "potencial". Ele está dizendo que, embora nosso relacionamento com o pecado não tenha sido realmente destruído, Deus nos deu o que é necessário para que isso aconteça. Há verdade nessa explicação, porém ela não expressa plenamente a força com que Paulo declara a libertação dos cristãos do poder do pecado.

Outra maneira de entender essas passagens é chamada de santificação "posicional". De acordo com essa visão, Paulo está falando em termos judiciais sobre nosso status diante de Deus. Podemos ver essa ideia jurídica em Romanos 6.7, onde Paulo usa a palavra "libertado" no sentido de ser "justificado". Se isso é tudo o que é dito, então sugere que Romanos 6 simplesmente reafirma a doutrina da justificação. Isso é questionável. Uma visão melhor é que o ensino de Paulo contém a relação de juiz e uma referência à experiência.

Santificação progressiva

Como os cristãos compreenderam a santificação ao longo da história.

Todos os grupos cristãos reconhecem a necessidade de serem transformados pela renovação da mente (Rm 12.2). No entanto, os cristãos discordam sobre como essa mudança ocorre. Os Reformadores Protestantes, de modo geral, aderiram ao que alguns chamam de visão "pessimista" ou "duvidosa" da santificação pessoal. Essa perspectiva é descrita na confissão de fé de Westminster (1647). Ela afirma que a santificação "é imperfeita nesta vida; ainda permanecem alguns resquícios de corrupção em cada parte, de onde surge uma guerra contínua e irreconciliável" dentro do crente (XIII.ii). Embora a declaração enfatize o poder de superação do Espírito, alguns cristãos acreditam que sua ideia básica confunde a necessidade e a possibilidade de uma vitória espiritual.

João Wesley, que viveu de 1703 a 1791, é frequentemente visto como alguém que respondeu às perspectivas calvinistas e luteranas tradicionais sobre a santificação. Influenciado pelo movimento pietista de sua época, Wesley enfatizou os aspectos experienciais do cristianismo e desenvolveu a ideia de que a "santificação total" pode ser alcançada nesta vida, embora nem sempre tenha sido consistente em seus ensinamentos.

No século 19, muitos cristãos se interessaram pela ideia de perfeição, embora não em um sentido absoluto. Alguns acreditavam que a perfeição vinha da remoção completa do pecado, enquanto outros pensavam que se tratava de alcançar a vitória espiritual sobre o pecado que ainda existe no coração de um crente. Esta última visão é central para o movimento da Vida Vitoriosa (também chamado de movimento da Vida Superior, ou Keswickianismo). Este movimento começou no início dos anos 1900. O teólogo Benjamin B. Warfield, que viveu de 1851 a 1921, criticou esses vários grupos perfeccionistas. Embora o debate tenha continuado, não é tão intenso quanto já foi.

O equilíbrio entre a graça divina e o esforço humano no crescimento espiritual

Grande parte da controvérsia em torno da santificação centra-se no papel humano no processo. Embora todos os cristãos concordem que a santidade é impossível sem a ajuda de Deus, definir como essa verdade influencia a ação individual é desafiador. Na tradição católica

romana, há uma ênfase significativa no poder purificador do batismo e no mérito das boas obras, o que levanta questões sobre se a importância da graça divina é negligenciada. No outro extremo do espectro estão alguns defensores do movimento da Vida Vitoriosa, que enfatizam a ideia de “deixe ir e deixe Deus agir”. Embora este slogan possa ser valioso quando usado adequadamente, às vezes pode implicar que os crentes devem ser completamente passivos em sua santificação.

[Filipenses 2.12-13](#) é o versículo mais importante sobre este tema. Paulo contrasta o comando de desenvolver a própria salvação com a declaração de que é Deus quem fornece a força espiritual necessária para essa tarefa. Pode ser tentador focar apenas na primeira parte dessa declaração, ignorando a importância da segunda. Em vez disso, alguém pode focar na ênfase de Paulo na graça divina, onde a responsabilidade pessoal é negligenciada. No entanto, o apóstolo parece ter mantido intencionalmente um equilíbrio cuidadoso entre essas duas verdades.

A santificação requer disciplina, concentração e esforço. Isso é evidente pelos muitos mandamentos das Escrituras. Alguns mandamentos importantes são aqueles onde a vida cristã é descrita com ideias como correr e lutar ([1Co 9.24-27](#); [Ef 6.10-17](#)).

No entanto, os cristãos devem sempre resistir à tentação de pensar que podem se santificar, acreditando que o poder espiritual vem de dentro e que podem contar apenas com sua própria força. Isso cria uma tensão desafiadora, muito semelhante ao paradoxo da oração: “Por que orar quando Deus, que conhece nossas necessidades e que é todo sábio e poderoso, sempre fará o que é melhor de qualquer maneira?”.

Talvez o verdadeiro "segredo" da santidade esteja em aprender a manter esse equilíbrio: confiar plenamente em Deus como o verdadeiro agente na santificação, enquanto também cumpre fielmente a responsabilidade pessoal.

Veja também Santidade; Justificação, Justificado.

Santo de Israel

Veja Deus, Nomes de.

Santo dos Santos

Sala interna do tabernáculo e templo onde a arca da aliança era guardada.
Veja Tabernáculo; Templo.

Santo, Espírito

Veja Espírito Santo.

Santos

Um santo é uma pessoa que acredita em Jesus e pertence a Deus. A palavra "santo" significa "alguém separado para Deus".

Os crentes do Antigo Testamento foram chamados para serem “santos”, ou separados para Deus ([Êx 22.31](#); [Lv 11.44](#)). No Novo Testamento, “santos” tornou-se o nome favorito do apóstolo Paulo para os cristãos ([Rm 1.7](#); [8.27](#); [12.13](#); [15.25-26.31](#); [16.2.15](#); além de 31 outros lugares nas cartas de Paulo). O nome também é usado 14 vezes no livro de Apocalipse. Outros escritores do Novo Testamento o usaram ocasionalmente ([Hb 6.10](#); [13.24](#); [Id 1.3](#)).

Ser chamado de santo significa que os cristãos devem viver vidas santas ([Hb 12.10](#); [Ap 22.11](#)). Deus os escolheu para serem seu povo especial, como sacerdotes que o servem. Eles devem viver de maneira diferente das pessoas que não seguem a Deus ([1Pe 1.15-16](#); [2.9](#)). Além disso, eles são o povo da era vindoura, que governará com Deus sobre a terra e os anjos.

Santuário

Tradução de duas palavras hebraicas, *kodesh* e *midkosh*, ambas derivadas do verbo "ser limpo" e/ou "ser santo". Aparecem aproximadamente 60 vezes em Êxodo, Levítico e Números, onde a construção, movimentação e uso inicial da Tenda Sagrada (Tabernáculo) são relatados. Lugares de revelação, sacrifício e adoração são mencionados em Deuteronômio, mas não pelo termo "santuário". O termo aparece mais de 60 vezes em Ezequiel, Daniel e escritos pós-exílicos devido à importância que o santuário teve na vida de Israel durante e após o exílio.

“Santuário” refere-se ao lugar onde Deus apareceu e/ou habitou, conforme indicado pela presença da

arca. A Palavra de Deus era guardada e emanava de lá. Ali, o povo de Deus se reunia para o sacrifício, para ouvir a palavra da aliança, para adoração e oração, e para a celebração das principais festas.

Os patriarcas tinham locais de adoração ([Gn 26.24-25](#); [28.16-22](#)), mas não um santuário propriamente dito. A primeira referência a um santuário ([Êx 15.17](#)) fala dele como um símbolo da habitação de Deus entre seu povo e de seu governo sobre eles a partir de dentro dele. A Tenda Sagrada, movida de lugar em lugar, foi o santuário central até o momento em que Salomão construiu o Templo em Jerusalém. Deve-se enfatizar que o povo de Deus deveria ter um santuário central ([Dt 12.4-7](#); [16.5-8](#)).

O NT refere-se ao santuário do AT como um tipo de prenúncio da habitação eterna de Deus com e entre seu povo ([Hb 8.5-6](#); [9.1-14](#)).

Veja também Tabernáculo; Templo.

Sapo

Um sapo é um animal que vive tanto na água quanto na terra. Ele tem pele lisa e não tem cauda. Na Bíblia, os sapos fizeram parte da segunda praga que Deus enviou ao Egito ([Êx 8](#); [Sl 78.45](#); [105.30](#); [Ap 16.13](#)).

Sapos e rãs têm pele lisa, sem pelos, e não possuem caudas quando adultos. Suas patas traseiras são mais longas e fortes do que as dianteiras, o que os torna capazes de pular longas distâncias. A Bíblia provavelmente se refere à rã comestível (*Rana ridibunda*) encontrada no Egito e na Palestina.

As rãs fêmeas põem ovos na água, que eclodem em girinos em uma semana. Os girinos então desenvolvem braços e pernas e perdem suas caudas. As rãs precisam de pele úmida para respirar, por isso permanecem perto da água. Elas se alimentam de insetos e vermes.

Rãs são comuns nas planícies da Palestina. Você pode ouvi-las coaxando nas noites de primavera e verão. Os israelitas achavam que as rãs eram viscosas e sujas. Elas eram agrupadas com outras criaturas rastejantes e enxameantes, que normalmente eram consideradas impuras ([Lv 11.29-31](#)). Como a rã não estava listada, os rabinos não a consideravam um animal que tornava os humanos impuros através do contato.

Em [Apocalipse 16.13](#), alguns espíritos malignos pareciam sapos. No antigo Egito, as pessoas

consideravam os sapos especiais e os associavam com nova vida e o nascimento de bebês. Eles adoravam um deus chamado Heqet, que acreditavam ajudar no parto. A arte egípcia retratava Heqet como uma pessoa com cabeça de sapo.

Quando Deus enviou a praga de rãs ao Egito ([Êx 8.1-14](#); [Sl 78.45](#); [105.30](#)), mostrou que Heqet não tinha poder real. Deus usou o próprio animal que os egípcios adoravam para causar-lhes problemas. As rãs no Egito durante esse tempo eram provavelmente de um tipo comum que tinha manchas na pele (*Rana punctata* ou *Rana ridibunda*).

Veja também As pragas sobre o Egito.

Saquias

Filho de Saaraim e Hodes, da tribo de Benjamim ([1Cr 8.10](#)).

Sara

21. A esposa de Abraão. O nome de Sara era originalmente Sarai ([Gn 11.29](#)). Deus mudou seu nome para Sara (que significa "princesa") quando prometeu que ela teria um filho e se tornaria a mãe de nações e reis ([17.15-16](#)). Sara era tanto a esposa quanto a meia-irmã de Abraão ([20.12](#)).

Sara acompanhou Abraão em sua jornada de Ur dos Caldeus para Harã e, eventualmente, para a terra de Canaã ([Gn 11.31](#); [12.5](#)). Por muitos anos, ela não pôde ter filhos. Quando Deus prometeu a Abraão que faria dele uma grande nação ([12.2](#)) e que a terra de Canaã seria dada à sua descendência (v. [7](#)), Sara continuou incapaz de ter filhos.

Após 10 anos, Sara ainda não tinha filhos (cp. [Gn 12.4](#); [16.16](#)). Então, ela deu sua escrava egípcia, Agar, a Abraão como concubina. Agar teve um filho chamado Ismael ([16.3-4](#)). Deus prometeu que uma nação viria de Ismael ([17.20](#)). Mas Deus disse que Ismael não era o filho que Ele havia prometido. A própria Sara seria a mãe desse filho, mesmo que ela tenha rido quando o nascimento foi predito. O cumprimento dessa predição ocorreu com o nascimento de Isaque ([21.2-3](#)). Sara tinha 90 anos,

25 anos depois de Deus ter prometido pela primeira vez que Abraão teria filhos ([17.17](#); [21.5](#)).

Quando Abraão e Sara chegaram pela primeira vez em Canaã, tiveram que viajar para o Egito porque não havia comida suficiente em Canaã. Abraão disse aos egípcios que Sara era apenas sua irmã, não sua esposa. Como Sara era muito bonita, o Faraó (o rei do Egito) a levou para seu palácio ([Gn 12.11-15](#)). Os egípcios trataram bem Abraão em vez de matá-lo. Deus protegeu o casamento de Sara e Abraão enviando pragas à casa do Faraó até que ele libertasse Sara.

Um evento semelhante ocorreu em Gerar, onde o rei Abimeleque levou Sara para sua casa (cap. [20](#)). Novamente, Deus protegeu Sara e a manteve como a mãe do filho prometido. Deus garantiu que não haveria dúvida de que Isaque era filho de Abraão e Sara. Isaque nasceu logo após esse evento ([21.1-5](#)). Isso foi cerca de um ano depois de Deus ter prometido seu nascimento ([17.21](#); [18.10-14](#)). Sara morreu aos 127 anos. Ela foi enterrada na caverna de Macpela, que Abraão havia comprado de Efrom, o hitita (cap. [23](#)).

Além do livro de Gênesis, Sara é mencionada no Antigo Testamento apenas em [Isaías 51.2](#). O Novo Testamento a menciona em [Romanos 4.19](#), [9.9](#), [Hebreus 11.11](#), [1 Pedro 3.6](#) e [Gálatas 4.21-31](#), embora no texto de Gálatas ela não seja mencionada pelo nome.

Veja também Abraão; Esterilidade.

22. A heroína (personagem feminina principal) do livro de Tobias. A oração angustiada de Sara foi ouvida por Deus, que enviou o anjo Rafael como casamenteiro para arranjar seu casamento com Tobias ([Tb 6.9 ss.](#)). Sara havia sido atormentada por um demônio, que causou a morte de seus sete maridos anteriores. Tobias exorcizou o demônio usando uma receita de coração e fígado de peixe que foi dada a ele pelo anjo Rafael ([8.2](#)). Tobias e sua esposa, Ana, morreram em Nínive. Após isso, Tobias e Sara, junto com seus filhos, retornaram para a família de Sara em Ecbátana ([14.12 ss.](#)).

Sarafe

Filho de Selá da tribo de Judá. Sarafe governou em Moabe e mais tarde retornou a Leém. "Leém" pode se referir tanto aos seus compatriotas quanto a uma localização geográfica. A leitura do texto hebraico não é clara ([1Cr 4.22](#)).

Sarai

Nome original de Sara, esposa de Abraão ([Gn 11.29](#)). *Veja* Sara #1.

Sarça

Um espinheiro é um arbusto com espinhos pontiagudos.

A Bíblia menciona sarça muitas vezes. Eles frequentemente crescem em lugares que não são bem cuidados.

Veja Espinheiro; Cardo, Espinho.

Sarça

Uma sarça (ARC) é uma planta lenhosa, baixa e ramificada. Geralmente, uma sarça é menor que uma árvore. Existem diferentes opiniões sobre o arbusto do qual Deus apareceu a Moisés ([Ex 3.2-4](#)). Pelo relato bíblico, parece mais provável que tenha sido um evento milagroso.

No entanto, algumas pessoas buscam uma explicação natural. Elas acreditam que a sarça ardente pode ter sido o visco de flores carmesim ou a flor de acácia (*Loranthus acaciae*). Esta planta cresce em grande número como um parasita parcial em vários arbustos de acácia, como a acácia espinhosa (*Acacia nilotica*). Esses arbustos crescem em Israel e nas áreas circundantes, bem como no Sinai. Quando está em plena floração, o visco faz com que o arbusto ou árvore pareça estar em chamas. Isso acontece porque suas flores brilhantes de cor de chama se destacam contra as folhas verdes e as flores amarelas das plantas hospedeiras.

Sarça ardente

A sarça ardente no Monte Horebe, onde Moisés encontrou Deus e foi enviado para liderar Israel

para fora do Egito ([Êx 3.1-15](#); [Mc 12.26](#); [Lc 20.37](#); [At 7.30-34](#)). O mistério de uma planta queimando sem ser destruída permitiu que Deus revelasse seu nome, “Eu Sou Quem Eu Sou”. A sarça ardente foi uma teofania, um sinal visível da presença de Deus. Na Bíblia, a glória de Deus está associada a nuvens, fogo e fumaça (veja [Êx 13.21](#); [19.18](#); [1Rs 8.10-11](#); [2Rs 1.12](#); [2.11](#); [Is 6.1-6](#); [2Ts 1.7](#); [Ap 1.14](#); [19.12](#)).

A sarça ardente simboliza a santidade de Deus. Moisés foi instruído a tirar os sapatos porque estava pisando em solo sagrado ([Êx 3.5](#)). Os deuses do Egito eram frequentemente considerados como vivendo em escuridão sombria, mas o Deus de Israel vive em luz inacessível ([1Tm 6.16](#)). A sarça ardente simbolizava sua intenção de não destruir seu povo, mas de salvá-lo e conduzi-lo para fora da escravidão no Egito e para a Terra Prometida.

Veja também Êxodo, Livro de; Moisés; Teofania; Deus, Nomes de.

Sárdio

Sárdio é um tipo de pedra chamada “calcedônia”. Sua cor pode variar de vermelho profundo a rosa claro ou quase branco. A Bíblia lista o sárdio como uma das pedras fundamentais no muro da nova Jerusalém ([Ap 21.20](#)).

Veja Pedras, Preciosas.

Sarom

Grande planície costeira no norte da Palestina ([At 9.35](#)).

Veja Sarom #1.

Satanás

Ser espiritual que se opõe a Deus e busca frustrar seus planos e levar seu povo à rebelião.

Satanás é raramente mencionado no AT. Ele é retratado como um anjo que atua como o promotor celestial ([Jô 1.6-12](#); [2.1-7](#); [Zc 3.1-2](#)). Como tal, ele é chamado de “satanás” ou “o acusador”, e não há nada no contexto que indique que este anjo é maligno. Apenas no período tardio do AT é que Satanás aparece como um tentador: em [1 Crônicas 21.1](#), a história de [2 Samuel 24.1](#) é recontada com Satanás (usado pela primeira vez como um nome

próprio) substituído por Deus e retratado como uma figura maligna. O AT, então, não tem doutrina desenvolvida de Satanás, mas contém o material base do qual a doutrina posterior veio. (Algumas pessoas enxergam Lúcifer de [Is 14.12](#) como uma referência a Satanás, mas o contexto está claramente se referindo ao rei da Babilônia; portanto, é improvável que qualquer referência a Satanás tenha sido intencionada).

Os judeus desenvolveram ainda mais a ideia de Satanás durante o período intertestamentário, chamando-o também de Belial, Mastema e Samael. Três concepções diferentes aparecem. Primeiro, o Satanás do AT reaparece nos papéis de tentar as pessoas, de acusá-las no céu diante de Deus e de impedir o plano salvador de Deus (Jubileus 11.5; 17.16; Ascensão de Moisés 17; 1 Enoque 40.7). Segundo, os Manuscritos do Mar Morto apresentam Satanás (Belial) como o líder das forças do mal e agressor dos justos. Este desenvolvimento foi provavelmente influenciado pelo deus maligno da religião Zoroastra. Mas ao contrário da ideia Zoroastra, os pergaminhos nunca apresentam dois deuses, mas sim um Deus que criou tanto Belial quanto o Príncipe da Luz (que é certo que vencerá no final, pois Deus está com ele). Terceiro, nesta literatura Satanás é muitas vezes identificado com as histórias do AT das quais seu nome estava originalmente ausente: ele invejou Eva e, portanto, causou a queda ([Sabedoria de Salomão 2.24](#)), ele controla os anjos que caíram em [Gênesis 6.1-4](#) (Jubileus 10.5-8; 19.28), ou ele mesmo é um anjo caído (2 Enoque 29.4).

O NT tem um retrato desenvolvido de Satanás, e ele vem com toda uma lista de nomes: Satanás (hebraico para “acusador”), diabo (a tradução grega de Satanás), Belial, Belzebu, o Adversário, o Dragão, o Inimigo, a Serpente, o Tentador e o Maligno. Satanás é retratado como o governante de uma hoste de anjos ([Mt 25.41](#)) e o controlador do mundo ([Lc 4.6](#); [Atos 26.18](#); [2Co 4.4](#)), que governa especialmente todos os que não são cristãos ([Mc 4.15](#); [Jo 8.44](#); [Atos 13.10](#); [Cl 1.13](#)). Ele se opõe a Deus e busca alienar todas as pessoas de Deus; portanto, ele é um inimigo especialmente perigoso dos cristãos ([Lc 8.33](#); [1Co 7.5](#); [1Pe 5.8](#)), que devem resistir firmemente a ele e discernir sua astúcia ([2Co 2.11](#); [Ef 6.11](#); [Tg 4.7](#)). Satanás emprega sua vontade maligna ao tentar pessoas ([Jo 13.2](#); [Atos 5.3](#)), impedindo os obreiros de Deus ([1Ts 2.18](#)), acusando os cristãos diante de Deus ([Ap 12.10](#)) e controlando as pessoas ímpias que resistem ao evangelho ([2Ts 2.9](#); [Ap 2.9,13](#); [13.2](#)).

Mais importante, no entanto, o NT nos ensina que este ser, que era mau desde o princípio ([1Jo 3.8](#)), agora foi amarrado e expulso do céu através do ministério de Jesus ([Lc 10.18](#); [Ap 12](#)). Embora Satanás ainda seja um inimigo perigoso, o próprio Jesus intercede por nós e nos tem dado as armas poderosas de oração, fé e a eficácia de seu sangue. Satanás ainda pode causar doenças físicas quando permitido por Deus ([2Co 12.7](#)), e as pessoas podem ser entregues a ele para punição ([1Co 5.5](#); [1Tm 1.20](#)). Satanás sempre estará sob o controle de Deus, que finalmente o destruirá ([Rm 16.20](#); [Ap 20.10](#)).

Veja também Anjo; Demônio; Possessão demoníaca; Lúcifer.

Saul

Nome que significa "pedido", com a implicação de "pedido a Deus". Um nome cujo uso se estende muito antes dos tempos bíblicos, é atestado em textos do terceiro milênio de Tell Mardikh na Síria (antiga Ebla) e também parece ter sido usado no segundo milênio na cidade de Ugarite, na costa da Síria.

Além do Rei Saul, o portador mais famoso do nome, outra pessoa chamada Saul é mencionada no AT, embora pouco se saiba sobre ele (*ver* Saul).

1. Saul, rei de Edom, é mencionado em uma lista antiga de reis que governaram Edom (em Transjordânia) em tempos pré-israelitas ([Gn 36.37-38](#); [1Cr 1.48-49](#)). Ele é descrito como vindo de "Reobote no rio", sendo que o "rio" talvez se refira a um pequeno rio nas proximidades de Edom.
2. Saul, o primeiro rei de Israel, é a pessoa mais conhecida e documentada com esse nome no AT. Ele era membro da tribo de Benjamim, uma das menores tribos israelitas, cujo território estava localizado ao norte da cidade cananeia de Jerusalém. Seu pai era Quis, filho de Abiel. Saul nasceu em Gibeá, uma pequena cidade a poucos quilômetros ao norte de Jerusalém, na região montanhosa, e, além de suas viagens e expedições militares, Gibeá foi a cidade natal de Saul por toda a sua vida. Ele era casado com Ainoã e tinha cinco filhos — três filhos e duas filhas ([1Sm 14.49-50](#)). Seu filho mais conhecido, Jônatas, mais tarde o serviu em uma capacidade militar sênior; três dos filhos de Saul morreram com ele em batalha ([31.2](#)).

Das suas duas filhas, a mais conhecida é Mical, a filha mais nova, que se casou com Davi.

Saul, o Soldado.

Saul viveu durante um período crítico na história das tribos israelitas. Embora as datas não possam ser determinadas com certeza, ele viveu durante a segunda metade do século 9 a.C. e provavelmente governou como rei de cerca de 1020 a 1000 a.C. Antes de se tornar rei, as tribos israelitas estavam à beira do colapso militar. Os filisteus, um povo militar poderoso, haviam se estabelecido ao longo da costa mediterrânea; eles estavam bem estabelecidos na costa e planejavam se mover para o leste e tomar o controle de toda a Palestina. Para fazer isso, primeiro precisavam eliminar os israelitas, que estavam assentados na região montanhosa a oeste do Jordão e também em Transjordânia. A ausência de qualquer autoridade militar forte e permanente entre os israelitas significava que os filisteus eram uma grave ameaça militar à existência contínua de Israel.

A crise imediata que contribuiu para a ascensão de Saul ao poder foi uma derrota esmagadora do exército israelita pelos filisteus em Ebenezer, nas proximidades de Afeca ([1Sm 4.1ff](#)). A vitória deu aos filisteus controle quase completo dos territórios israelitas situados a oeste do Jordão; eles tentaram manter esse controle estabelecendo guarnições militares por todo o país que haviam capturado. Israel, enfraquecido pela derrota para os filisteus, tornou-se vulnerável a inimigos em outras fronteiras. A nação de Amom, situada a leste das terras dos israelitas em Transjordânia, atacou e cercou a cidade de Jabes ([11.1](#)). Saul, convocando um exército de voluntários, libertou os habitantes de Jabes e derrotou os amonitas (v.[11](#)). Foi após este evento que Saul se tornou rei. Ele já havia sido ungido príncipe ou líder entre o povo por Samuel; após seu sucesso militar em Jabes, ele assumiu formalmente o cargo no santuário em Gilgal (v.[15](#)).

A derrota dos amonitas proporcionou um impulso significativo ao moral dos israelitas, mas não alterou a crise militar e a ameaça representada pelos filisteus. De fato, a localização da nomeação de Saul para a realeza é significativa. Gilgal, no Vale do Jordão, perto de Jericó, foi escolhida em parte porque o antigo santuário de Siló estava sob controle dos filisteus. Gilgal estava em uma das poucas áreas restantes fora do controle filisteu. Portanto, se a realeza de Saul significasse algo, ele precisava enfrentar o problema filisteu imediatamente; caso contrário, não haveria Israel para governar.

Saul agiu prontamente. Embora os detalhes históricos precisos sejam difíceis de reconstruir, o texto bíblico fornece uma visão geral da campanha anti-filisteu de Saul. Ele atacou guarnições em Gibeá e, mais tarde, em Micmás, cerca de 6,4 quilômetros a nordeste de Gibeá ([1Sm 13.16ff.](#)). Ele teve grande sucesso em Micmás, graças em parte à ajuda militar de seu filho Jônatas. Os filisteus foram derrotados e recuaram daquela parte da região montanhosa ([14.15-23](#)). Saul estabeleceu sua base militar em sua cidade natal, Gibeá, e construiu uma cidadela lá.

Nos anos que se seguiram a esta campanha inicial contra os filisteus, Saul esteve constantemente envolvido em outras atividades militares. Ele continuou a lutar com inimigos em suas fronteiras orientais, particularmente Amom e Moabe, a leste do Mar Morto ([1Sm 14.47](#)). Ele se envolveu em uma grande campanha na fronteira sul com os antigos inimigos dos israelitas, os amalequitas ([15.7](#)); nesta também, ele foi bem-sucedido. E durante todo esse tempo, ele teve que manter vigilância constante sobre as ações dos filisteus em sua fronteira ocidental.

Saul enfrentou uma tarefa extraordinariamente difícil como comandante militar. Sua terra natal tinha a vantagem de ser razoavelmente fácil de proteger, pois a maior parte era uma região montanhosa. No entanto, ele estava cercado por inimigos de todos os lados que desejavam sua terra, possuía armas inadequadas (os filisteus controlavam o suprimento de ferro), não tinha um grande exército permanente, contava com sistemas de comunicação inadequados e não tinha o apoio total de todos os israelitas. Por vários anos, ele foi relativamente bem-sucedido contra probabilidades quase impossíveis, mas eventualmente seu gênio militar falhou.

Os filisteus reuniram um grande exército nas proximidades de Afeca ([1Sm 29.1](#)), mas em vez de atacar diretamente o território montanhoso de Saul, o exército moveu-se para o norte e começou a penetrar no território israelita por um ponto fraco nas proximidades de Jizreel ([v.11](#)). Saul tentou reunir uma força militar adequada para enfrentar a ameaça filisteia, mas não conseguiu. Com preparação inadequada e forças insuficientes, ele se preparou para a batalha no Monte Gilboa ([31.1](#)); ele nunca deveria ter entrado naquela batalha, pois não poderia ter sido vencida. Seus filhos foram mortos no campo de batalha, e Saul, em vez de cair nas mãos dos filisteus, cometeu suicídio ([vv.2-6](#)).

De uma perspectiva militar, Saul tornou-se rei em um momento de crise; ele evitou um desastre e trouxe algum alívio para seu país. No entanto, a batalha na qual ele morreu foi um desastre para Israel; o país que ele deixou após sua morte estava em piores condições do que quando ele assumiu o poder.

Saul, o Rei.

Se Saul tinha uma tarefa difícil como comandante militar de Israel, ele tinha uma tarefa ainda mais difícil como rei de Israel. Antes do tempo de Saul, não havia rei em Israel. A ausência de qualquer forma de monarquia em Israel era em grande parte uma questão religiosa. Deus era o único e verdadeiro Rei de Israel; ele era quem reinava ([Êx 15.18](#)). Consequentemente, embora houvesse governantes únicos e poderosos na história anterior de Israel (Moisés, Josué e certos juízes), ninguém havia assumido o título ou cargo de rei, pois se pensava que isso minaria a posição central de Deus como Rei. No entanto, havia uma provisão para o surgimento da realeza na lei ([Dt 19.14-20](#)); para mais sobre a realeza em Israel, veja Rei, Realeza.

Foi a pura necessidade que trouxe uma monarquia para Israel, uma necessidade criada pela constante ameaça militar dos filisteus. Uma ameaça externa breve poderia ter sido enfrentada por um governante temporário, um juiz. Mas uma ameaça permanente e séria à existência de Israel não poderia ser evitada por medidas temporárias. Se Israel quisesse sobreviver como nação (e quase não sobreviveu), precisava de um governo militar central com autoridade reconhecida sobre as várias tribos que constituíam a nação de Israel. Assim, o reino foi estabelecido e Saul se tornou o primeiro rei, enfrentando dificuldades incriveis.

Como nunca havia existido um reino antes em Israel, não havia precedentes. Quais eram suas responsabilidades? Principalmente, eram militares, pois foi por isso que a monarquia foi estabelecida. Nesta área, Saul foi bem-sucedido nos primeiros anos de seu reinado. Mas, além de suas responsabilidades militares, o Rei Saul enfrentou uma tarefa enormemente difícil. Dada a natureza da teologia hebraica, era inevitável que muitos israelitas se opusessem à ideia de realeza desde o início. De fato, Samuel, que foi fundamental na unção inicial de Saul e depois na coroação formal, parece ter sido ambíguo em suas atitudes em relação à realeza ([1Sm 8.6](#)), e mais tarde em relação ao próprio Saul ([15.23](#)). Além disso, ninguém havia especificado precisamente o que o líder poderia

fazer. Ele era um soldado — isso era claro. Mas ele também tinha responsabilidades religiosas? Embora o julgamento da história sobre Saul seja frequentemente severo, é sábio lembrar a dificuldade da tarefa que ele empreendeu. Os problemas militares sozinhos teriam sido mais do que suficientes para a maioria dos grandes homens; Saul também teve que moldar o novo papel como rei. Em questões práticas, a liderança de Saul foi modesta e digna de elogios. Ele não buscou a pompa e o esplendor de muitos reis orientais. Ele tinha uma pequena corte, localizada em sua fortaleza militar de Gibeá; há poucas evidências de que fosse caracterizada por grande riqueza. Para fins práticos, ele não tinha um exército permanente; ele tinha apenas alguns homens próximos a ele, em particular seu filho Jônatas e seu general Abner. Ele também buscou jovens promissores, como Davi. A corte de Saul era rústica e feudal em comparação com o esplendor posterior de Davi e Salomão. Mas Saul, como líder nacional, encontrou dificuldades com Samuel, que o havia nomeado e influenciado Israel antes de sua realeza. Embora a responsabilidade pelo problema possa recair principalmente sobre Saul, o próprio Samuel não parece ter sido particularmente solidário e prestativo. Em uma ocasião, Saul foi severamente criticado e condenado por Samuel por assumir o papel sacerdotal de oferecer sacrifícios na ausência de Samuel em Gilgal ([1Sm 13.8-15](#)). O julgamento foi sem dúvida merecido, embora se possa perceber o dilema de Saul. O rei tinha ou não um papel sacerdotal? Essa questão não havia sido esclarecida. Além disso, Saul estava na época em estado de crise; ele havia esperado sete dias para Samuel aparecer, e à medida que cada dia passava, seu exército era reduzido por desertores. Então Saul agiu. Talvez ele não possa ser desculpado, mas suas ações podem ser facilmente compreendidas, e o incidente em si é indicativo da dificuldade de ser o primeiro rei de uma nação. Novamente, após a guerra contra os amalequitas, Saul foi sujeito a condenação divina através de Samuel.

Saul foi o primeiro rei de Israel, mas não o maior. No entanto, nenhuma crítica à liderança de Saul deve ser tão severa a ponto de ignorar suas qualidades. Ele enfrentou dificuldades extraordinárias e, por um tempo, foi bem-sucedido. Raros são os homens que teriam conseguido fazer o que ele fez.. No final, ele morreu em fracasso, mas suas conquistas poderiam ter sido melhor lembradas se ele tivesse sido sucedido por qualquer outro líder que não fosse Davi. Os talentos e a competência de Davi foram tão magníficos e

incomuns que as realizações modestas de Saul empalideceram e apenas seus fracassos são lembrados.

Saul, o Homem.

Os escritores do AT apresentaram a história de Saul de uma maneira fascinante. Enquanto alguns personagens do AT permanecem figuras obscuras, Saul se destaca, com todas as suas forças e fraquezas, como uma figura totalmente humana. Ele foi, de muitas maneiras, um grande homem, mas também havia falhas em sua personalidade que emergiram cada vez mais nos últimos anos de sua vida. Nascido de um pai rico, Saul é descrito como sendo alto e bonito ([1Sm 9.1-2](#)). Ele era um homem de imensa coragem, e parte de seu sucesso militar estava enraizado em sua destemor. Em seus primeiros anos como rei, Saul é retratado como um homem cujos instintos básicos eram generosos; ele era gentil e leal aos seus amigos e não guardava facilmente rancor ou ódio contra aqueles que se opunham a ele ([11.12-13](#)). Mas a verdadeira força de Saul, em seus primeiros dias, estava em seu relacionamento com Deus. Por todos os seus dons e habilidades naturais, Saul se tornou rei como resultado de uma nomeação divina ([10.1](#)) e porque o “Espírito do Senhor” veio sobre ele (v.6).

Em sua vida posterior, uma mudança ocorreu em Saul que o transformou em uma pessoa trágica e digna de pena. Os muitos incidentes no relacionamento de Saul com o jovem Davi fornecem uma visão sobre essa transformação. Antes um amigo, depois percebido como inimigo, Davi se tornou o objeto das suspeitas infundadas e do ciúme irracional de Saul. Os períodos de sanidade de Saul foram pontuados por períodos de depressão e paranoia. A paranoia afetou seu pensamento racional. Em vez de guerrear contra os invasores filisteus, sua energia foi desviada para a perseguição de Davi. Os escritores bíblicos descrevem essa mudança como "a partida do Espírito de Deus de Saul" e "um espírito maligno do Senhor o atormentando" ([1Sm 16.14](#)). Muitos escritores modernos interpretaram isso como o início de uma forma de doença mental, talvez transtorno bipolar, a alternância entre períodos ativos e lúcidos, seguidos por intensa depressão e paranoia. Mas há um certo perigo em "psicanalisar" as figuras da história antiga, principalmente porque as fontes literárias raramente são adequadas para a tarefa. Os escritores bíblicos indicaram uma base teológica para a mudança em Saul: o Espírito de Deus havia se afastado dele. De uma perspectiva puramente humana, o homem não

estava à altura da enormidade da tarefa diante dele. Dominado por sua complexidade e deficiente na fé daquele que o nomeou para tal responsabilidade impressionante, Saul terminou seus dias em tragédia.

Veja também Davi.

Saul

23. Um nome alternativo para Saul, um rei edomita, em [Gênesis 36.37-38](#) e [1 Crônicas 1.48-49](#). *Veja* Saul #1.
24. O filho de Simeão com uma mulher cananeia ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#); [1 Cr 4.24](#)). Ele foi o líder da família Saulita ([Nm 26.13](#)).
25. Filho de Uzias ([1Cr 6.24](#)). Ele era um coatita da tribo de Levi.

Saulita

Qualquer descendente de Saul da tribo de Simeão ([Números 26.13](#), ARC).

Veja também Saul #2.

Savé-Quiriataim

Planície Leste do Mar Morto, perto da cidade de Quiriataim, ocupada pelo povo de Emim. Os emins em Savé-Quiriataim são listados junto com uma série de outras tribos e nações que o rei Quedorlaomer e seus aliados derrotaram ([Gn 14.5](#)). Esta planície foi posteriormente herdada pelos filhos de Rúben.

Savé, Vale de

Nome alternativo para o vale do Rei perto de Jerusalém em [Gênesis 14.17](#). *Veja* Vale do Rei.

Seá

Uma unidade de medida seca mencionada duas vezes na Bíblia ([Gn 18.6](#); [1Rs 18.32](#)).

Veja Pesos e medidas.

Seba

Um poço perto de Berseba, em [Gênesis 26.33](#).

Seba

Nome do quarto poço cavado pelos servos de Isaque, assim chamado pela aliança feita entre Isaque e Abimeleque, rei de Gerar. A cidade no local do poço foi chamada Berseba ([Gn 26.33](#), NTLH).

Sebá

Um povo semita descendente de Cuxe ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#); [Is 43.3](#)). Os povos semitas são grupos antigos do Oriente Médio e do Norte da África, conhecidos por suas línguas compartilhadas (como hebraico, aramaico ou árabe) e tradições culturais. É possível que Sebá seja o mesmo que o povo de Seba.

Veja Seba (Pessoa) #2.

Sebã

Outra versão da grafia de Sibma, uma cidade no território de Rúben ([Números 32.3](#)).

Veja também Sibma.

Seba (Lugar)

1. Uma das 14 cidades listadas em [Josué 19.2](#) que foram atribuídas à tribo de Simeão na porção sul da herança de Judá. Como o versículo menciona 13 cidades, não 14, é possível que "Seba" tenha sido repetido na lista como uma forma abreviada de "Berseba", como muitas traduções indicam. A LXX, no entanto, nomeia esta cidade como Sema (cf. [Js 15.26](#)).

2. Território localizado no sudoeste da Arábia, também conhecido como o reino de Sabá (em hebraico Seba'). Os sabeus eram de descendência semítica e eram governados por um sacerdote-rei na cidade real de Ma'rib.

Eles eram um povo mercador que mantinha relações comerciais com Israel e outros países, chegando até a Índia. Ricos em especiarias, pedras preciosas e produtos agrícolas, o povo de Seba

(Sabá) estabeleceu uma rede de rotas terrestres e marítimas para comercializar suas mercadorias ([Sl 72.10.15](#); [Is 60.6](#); [Jr 6.20](#); [Ez 27.22-23](#)). Numerosas inscrições foram encontradas, atestando a civilização sabeia no sul da Arábia e suas viagens.

Durante a era salomônica (970–930 a.C.), a Rainha de Sabá viajou para Jerusalém para ver as riquezas de Salomão e testar sua sabedoria com enigmas. Salomão superou suas expectativas em ambos os aspectos ([1Rs 10.1-13](#); [2Cr 9.1-12](#)).

Sebá (Pessoa)

1. Filho de Raamá, irmão de Dedã e descendente de Noé pela linhagem de Cam ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#)).
2. Um dos 13 filhos de Joctã e um descendente de Noé através da linhagem de Sem ([Gn 10.28](#); [1Cr 1.22](#)).
3. Filho de Jocsã, irmão de Dedã e neto de Abraão e Quetura ([Gn 25.3](#); [1Cr 1.32](#)).
4. Benjamita e filho de Bicri. Após a morte de Absalão, Sebá incitou Israel a se rebelar contra Davi. Sob o comando de Joabe, a revolta foi subjugada e Sebá foi decapitado em Abel-Bete-Maaca ([2Sm 20.1-22](#)).
5. Um dos líderes gaditas governou em Basã, registrado durante os reinados de Jotão, rei de Judá (750–732 a.C.) e Jeroboão II, rei de Israel (793–753 a.C.); veja [1Cr 5.13.16-17](#).

Sebe

Uma sebe é uma fileira de arbustos plantados próximos ou árvores de pequeno porte que formam uma cerca ou limite. Nos tempos bíblicos, as pessoas utilizavam várias plantas diferentes para criar sebes.

Uma planta de sebe comum é o espinheiro-da-palestina (*Rhamnus palaestina*). Esta planta cresce como um arbusto ou pequena árvore, atingindo de 0,9 a 1,8 metros de altura. Possui ramos aveludados e espinhosos, folhas perenes e cachos de pequenas flores que florescem em março e abril. O espinheiro-da-palestina cresce em matagais e encostas desde a Síria até Israel e áreas circundantes, até a Arábia e o Sinai.

Outros dois arbustos espinhosos amplamente utilizados como sebes em Israel e nas áreas circundantes eram o bálsamo de Jericó (*Balanites*

aegyptiaca) e o espinheiro europeu (*Lycium europaeum*). Essas plantas podem ser as mencionadas em [Provérbios 15.19](#) e [Oséias 2.6](#).

Veja Bálsamo; Espinheiro.

Seber

Filho de Calebe com sua concubina Maaca ([1Cr 2.48](#)).

Secaca

Uma das seis cidades situadas na região selvagem imediatamente a oeste do Mar Morto, no Vale de Acor, incluída no território atribuído a Judá, mencionada entre Midim e Nibsã ([Js 15.61](#)). Sua localização é possivelmente a 4,8 quilômetros a sudoeste de Khirbet Qumran, na cidade moderna de Khirbet es-Samrah.

Seco

Localidade ou marco topográfico onde Saul parou para perguntar sobre o paradeiro de Samuel e Davi, situado entre Gibeá e Ramá. Era especialmente conhecido por seu grande poço — um local natural para se obter informações ([1Sm 19.22](#)).

Sedeur

O pai de Elizur. Elizur era um líder importante da tribo de Rúben. Moisés pediu a Elizur que ajudasse a contar todos os homens que poderiam servir no exército ([Nm 1.5](#); [2.10](#); [10.18](#)). Elizur também representou sua tribo durante a cerimônia especial para dedicar o altar ([7.30-35](#)).

Sedimentos

Substância espessa, ou resíduos, que se forma no fundo de um recipiente de vinho durante a fermentação, também é chamado de "borra".

O termo aparece em três situações diferentes no AT, cada uma aparentemente representando uma fase particular da fermentação. [Isaías 25.6](#) refere-se ao vinho em seu melhor estado ("mais finos", NTLH) após uma fermentação adequada: forte, claro e filtrado. [Jeremias 48.11](#) e [Sofonias 1.12](#)

referem-se ao vinho que está super fermentado, tendo se tornado xaroposo na aparência e fraco e insosso no sabor. Figurativamente, o termo aplica-se aos judeus e moabitas prestes a receber um julgamento iminente por terem se permitido levar a um estilo de vida ímpio, indolente e indiferente. [Salmo 75.8](#) usa “resíduos” para se referir aos sedimentos amargos e resíduos deixados após o vinho ter sido derramado, que os ímpios serão forçados a consumir.

Seera

Outra forma de escrever o nome Seerá, encontrada apenas em traduções antigas da Bíblia.

Veja Seerá.

Sefã

Um dos locais usados por Moisés para estabelecer a fronteira oriental da Terra Prometida. Estava localizado entre Hazar-Enã, que marcava o canto nordeste da terra, e Ribla ([Nm 34.10-11](#)).

Sefar

Um marco geográfico. Define uma das fronteiras do território colonizado pelos filhos de Jotã ([G 10.30](#)). Não há dúvida de que está no sul da Arábia. Sefar é frequentemente identificado com uma das duas cidades que têm o nome árabe Zafar. Uma é a cidade portuária na província de Hadramaut, no centro do Iêmen. A outra é o local no sul do Iêmen, que já foi a capital dos Himyaritas.

Sefarade

Local de exílio para os judeus de Jerusalém ([Ob 1.20](#)). Sua localização não é certa; no entanto, há boas evidências que apoiam Sardes, a capital da Lídia, na Ásia Menor, como o local de cativo. Outras sugestões menos viáveis são Saparda, no leste da Assíria, para onde Sargão transportou judeus, e Espanha, como mencionado no Targum de Jônatas.

Sefer

Sefer (ou, Séfer) é o nome de uma montanha incerta em [Números 33.23-24](#).

Veja também Monte Sefer.

Sefi, Sefô

Um dos cinco filhos de Sobal e um descendente de Seir, o horita. Sefô é listado na genealogia de Abraão através do contato de Esaú com a nação ([Gn 36.23](#)); seu nome é alternativamente escrito como Sefi ([1Cr 1.40](#); veja ACF).

Seguidores do Caminho

Um nome usado para cristãos no livro de Atos ([At 9.2](#); [19.9.23](#); [22.4](#); [24.22](#)). Nos seus primeiros anos, o cristianismo era chamado de "o Caminho".

Veja O Caminho.

Segunda morte, A

Veja Morte, A segunda.

Segunda revolta judaica

Uma rebelião judaica nomeada em homenagem ao seu líder, Simão Barcoquebas. Durou de 131 a 135 d.C. Houve duas razões para a revolta:

26. O Imperador Adriano transformou a circuncisão em um crime punível com a morte;
27. Ele decidiu reconstruir Jerusalém e erguer um santuário a Zeus nas ruínas do local do templo, o que enfureceu o povo judeu.

O nome de Simão Barcoquebas significa "filho de uma estrela". Acreditava-se que ele era a "estrela [que] surgirá de Jacó" ([Nm 24.17](#)). Muitos judeus proclamaram Simão Barcoquebas como o Messias (um salvador ou líder escolhido que muitos judeus estavam esperando). Simão Barcoquebas usou ataques surpresa para lutar contra os romanos. Esse tipo de luta levou a grandes perdas tanto para os judeus quanto para os romanos. Um general

romano chamado Júlio Severo finalmente derrotou a resistência judaica.

Adriano reconstruiu Jerusalém e a renomeou para Colonia Aelia Capitolina. Ele a repovoou com gentios e proibiu os judeus de entrarem, sob pena de morte.

Veja também Bar-Kochba, Bar-Kokba.

Segunda Vinda De Cristo*

O retorno de Jesus Cristo à terra para completar a obra da salvação.

Termos usados

A doutrina é expressa por verbos como “vem”, “desce”, “aparece” e “é revelado” com Cristo como o assunto (por exemplo: “Eu virei novamente”, [1Jo 14.3](#); “o próprio Senhor descerá”, [1Ts 4.16](#); “quando ele aparecer”, [1Jo 2.28](#); [3.2](#); “o dia em que o Filho do Homem for revelado”, [Lc 17.30](#); “quando o Senhor Jesus for revelado do céu”, [2Ts 1.7](#)). É expressa também por uma variedade de substantivos, principalmente por “vinda” (que é a tradução regular da palavra grega *parousia*, que significa “presença”, “visita”, “chegada”, “advento”, especialmente de uma pessoa da realeza ou alguém importante), mas também por “aparecimento” (como em [2Tm 4.8](#); [Tt 2.13](#)), “revelar” ou “revelação” ([1Co 1.7](#)). Esses diferentes verbos e substantivos apontam para o mesmo evento, mas destacam diferentes aspectos dele, especialmente a manifestação da glória de Deus em Cristo quando ele vier. O tempo deste evento é repetidamente referido como “o Dia”, às vezes absolutamente (como em [Rm 13.12](#); [1Co 3.13](#); [Hb 10.25](#)), mais frequentemente com uma qualificação, tal qual “o dia de Cristo” ([Fp 1.10](#); [2.16](#)), “o dia do Senhor” ([1Ts 5.2](#); [2Ts 2.2](#)), “o dia do Senhor Jesus” ([1Co 5.5](#); [2Co 1.14](#)), “o dia de Jesus Cristo” ([Fp 1.6](#)), e “o dia de nosso Senhor Jesus Cristo” ([1Co 1.8](#)). Quando tais expressões são utilizadas, muitas vezes há alguma referência ao julgamento que acontecerá na vinda de Cristo: seu dia é “o dia do julgamento” ([1Jo 4.17](#)) ou “o dia da ira” ([Rm 2.5](#)). Para o povo de Deus, no entanto, é “o dia da redenção” ([Ef 4.30](#)).

A proclamação do Novo Testamento

Que a segunda vinda de Cristo era um elemento essencial no evangelho, conforme pregado na era apostólica, está claro através de muitos escritos do NT (citados abaixo, retirados da versão ARA).

A origem da Segunda Vinda é encontrada nos ensinamentos de Jesus antes de sua morte. Falando de si mesmo como o Filho do Homem, Jesus disse: “No dia em que o Filho do homem for revelado” ([Lc 17.30](#)), ele virá “nas nuvens com grande poder e glória” ([Mc 13.26](#)). Esta linguagem é derivada do AT, especialmente da visão de Daniel na qual “alguém como um filho do homem” é trazido “com as nuvens do céu” para receber o domínio eterno do Ancião de Dias ([Dn 7.13-14](#)). Uma nuvem ou nuvens regularmente envolvia a glória divina no AT (como em [Êx 40.34](#); [1Rs 8.10-11](#)); sua menção em conexão com a vinda do Filho do Homem indica que, quando ele vier, a glória de Deus será manifesta nele. A última referência de Jesus à sua segunda vinda veio em seu julgamento perante as autoridades judaicas quando, tendo sido questionado pelo sumo sacerdote se ele era ou não “o Cristo, o Filho do Bendito”, ele respondeu: “Eu sou; e vocês verão o Filho do homem sentado à destra do Poderoso, e vindo com as nuvens do céu” ([Mc 14.61-62](#)).

Após os Evangelhos, o resto do NT afirma a eventualidade da segunda vinda de Cristo. O registro de Atos começa com a afirmação dos anjos na ascensão de Cristo de que “este Jesus, que foi levado de vocês para o céu, virá da mesma maneira que vocês o viram ir para o céu” ([Atos 1.11](#)). Os resumos das exposições apostólicas que o livro contém fazem repetidas referências a Jesus como “aquele que foi ordenado por Deus para ser juiz dos vivos e dos mortos” ([10.42](#); cf. [17.31](#)).

Escrevendo aos convertidos em Tessalônica (51 d.C.) algumas semanas após eles terem ouvido e crido no evangelho, Paul os lembra como eles haviam “se voltado para Deus dos ídolos, para servir a um Deus vivo e verdadeiro, e esperar seu Filho dos céus, a quem ele ressuscitou dos mortos, Jesus, aquele que nos livra da ira vindoura” ([1Ts 1.9-10](#)). Aqui a libertação esperada que Jesus fará a seu povo do julgamento do fim dos tempos é colocada no mesmo plano que sua ressurreição histórica; o estilo de vida cristão abrange tanto servir a Deus quanto esperar por Cristo. Esta nota sobre a espera por Cristo é repetida e amplificada várias vezes nesta pequena carta. Alguns anos depois, Paulo usa uma linguagem semelhante ao escrever para os convertidos em Corinto (cf. [Atos 18.1-18](#)): “Não faltam a vocês nenhum dom espiritual, enquanto esperam pela revelação de nosso Senhor Jesus Cristo” ([1Co 1.7](#)). E naquela que pode ter sido sua última carta, Paulo fala da “coroa da justiça” que o Senhor o concederá “naquele Dia, e não apenas a mim”, ele acrescenta: “mas também

a todos os que amam a sua vinda” ([2Tm 4.8](#)). Amar sua vinda e esperar por ele são duas maneiras diferentes de expressar a mesma atitude.

O escritor aos hebreus encoraja seus leitores com a certeza de que logo “aquele que vem virá e não tardará” ([Hb 10.37](#)). Tiago diz que “a vinda do Senhor está próxima” ([Tg 5.8](#)). Pedro fala do tempo “em que o sumo Pastor se manifestará” ([1Pe 5.4](#)). O Apocalipse de João termina com a promessa do Senhor ressurreto: “Certamente estou vindo em breve”, e a resposta da igreja: “Amém. Vem, Senhor Jesus!” ([Ap 22.20](#)).

A segunda vinda e a ressurreição

Em 1 Tessalonicenses, escrito não mais de 20 anos após a morte e ressurreição de Cristo, sua segunda vinda é apresentada como um meio de conforto e encorajamento àqueles cujos amigos haviam morrido. Paulo foi obrigado a deixar Tessalônica antes de ter tempo de dar aos convertidos tanto ensino quanto lhes era preciso, e quando alguns dos membros da igreja morreram, pouco após a partida de Paulo, os amigos destes começaram a questionar se eles sofreriam alguma desvantagem séria na Segunda Vinda, em contraste àqueles que ainda estariam vivos para saudar o Senhor em seu retorno. Não, diz Paulo: “aqueles que dormem” não sofrerão desvantagem. Pelo contrário, a primeira coisa que acontecerá quando “o Senhor descer do céu” é que “os mortos em Cristo ressuscitarão”. Somente depois disso aqueles que sobrevivem até então serão levados para se juntar a eles e estar para sempre “com o Senhor” ([1Ts 4.15-17](#)). Informações mais completas sobre o mesmo assunto são fornecidas em 1 Coríntios, escrito cerca de cinco anos mais tarde. Lá a ressurreição dos crentes é a colheita completa que foi inaugurada pela ressurreição de Cristo: “Cristo, as primícias, e depois, na sua vinda, os que pertencem a Cristo” ([1Co 15.23](#)). Uma revelação adicional é transmitida: não apenas cada crente que morreu será ressuscitado em um “corpo espiritual” (v. 44), mas também aqueles que ainda estão vivos serão “transformados” para ter corpos apropriados para a vida na ressurreição. Para os crentes mortos e vivos, Paulo proclamou que “assim como carregamos a imagem do homem do pó [isto é, Adão; cf. [Gn 2.7](#)], também teremos a imagem do homem do céu [isto é, o Cristo ressurreto]” ([1Co 15.49](#)). No mesmo sentido, Paulo escreve (alguns anos mais tarde) em [Filipenses 3.20-21](#) que do céu “aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará nosso corpo inferior para ser como seu corpo glorioso”. Uma revelação mais

profunda do que isso envolverá é feita em [Romanos 8.18-23](#), onde a ressurreição do povo de Cristo é o catalisador para a libertação e a renovação gloriosa de toda a criação.

A segunda vinda e julgamento

A associação do julgamento com a Segunda Vinda surge no ensino de Jesus nos Evangelhos. A associação é igualmente clara nas epístolas do NT. Paulo, em especial, colocou o assunto em um nível pessoal. Ele proibiu o julgamento prematuro dos companheiros cristãos: “Não pronunciem julgamento antes do tempo, antes que o Senhor venha” ([1Co 4.5](#)). O Senhor conduzirá uma investigação que trará à luz os motivos escondidos do coração. Paulo sabia que seu próprio trabalho apostólico seria avaliado no “dia de Cristo” ([Ep 2.16](#); [1Ts 2.19](#)). Em outro lugar, Paulo exorta os convertidos a terem em mente que eles, assim como o próprio Paulo, deverão comparecer perante o tribunal divino, variadamente chamado de “o tribunal de Deus” (onde “cada um de nós dará conta de si mesmo”, [Rm 14.10-12](#)) ou “o tribunal de Cristo” (onde cada um “receberá o bem ou o mal, de acordo com o que fez no corpo”, [2Co 5.10](#)). Parece claro que este julgamento deve ocorrer na segunda vinda de Cristo, que então “julgará os vivos e os mortos” ([2Tm 4.1](#)). Considerando que Paulo estava escrevendo para cristãos, ele tendia a se concentrar no julgamento ou avaliação que os crentes experimentariam no retorno do Senhor. Mas ele também deixou claro que a mesma vinda traria julgamento àqueles que se opuseram à fé cristã ([2Ts 1.6-10](#)). Isso é esclarecido em [Atos 17.31](#), onde Paulo disse aos atenienses que Deus “fixou um dia em que ele julgará o mundo com justiça, através de um homem que ele mesmo escolheu”.

Vea também Dia do Senhor; Escatologia; Julgamento; Assento do Julgamento; Últimos Dias; Arrebatamento; Ressurreição; Apocalipse, Livro de; Tribulação.

Segundo

Um cristão de Tessalônica. Ele foi companheiro de viagem de Aristarco. Segundo acompanhou Paulo em sua terceira viagem missionária pela Macedônia e Grécia. Depois, ele esperou por Paulo em Trôade, na Ásia Menor ([At 20.4-6](#)). Não se sabe se Segundo permaneceu em Trôade ou se foi com Paulo em sua viagem final a Jerusalém.

Segundo Adão

Veja Adão, O segundo.

Segundo Templo, Período do

Período de tempo desde a dedicação do templo reconstruído de Jerusalém em 516 a.C. até sua destruição pelos romanos em 70 d.C. *Veja* Judaísmo.

Seir (Local)

1. Cadeia montanhosa de Edom que se estende do Mar Morto ao sul até o Golfo de Áqaba. O Monte Seir era delimitado pelo grande vale de Arabá a oeste e pelo deserto a leste. Seir é o moderno Jebel esh-Shera.

Seir foi anteriormente habitada pelos horeus, cuja derrota para o rei Quedorlaomer é registrada em [Gênesis 14.4-6](#). Os horeus foram posteriormente despojados desta região por Esaú ([Dt 2.12](#)); no entanto, um remanescente de chefes horeus foi listado entre os descendentes de Esaú que viviam em Seir ([Gn 36.20-30](#)). Como esta área foi dada pelo Senhor como herança a Esaú ([Js 24.4](#)), os israelitas foram advertidos a não provocar os filhos de Esaú à guerra enquanto passavam por Seir em suas viagens pelo deserto ([Dt 2.1-8](#)). Durante a ocupação de Israel na Palestina, eles se envolveram em várias batalhas contra o povo de Seir. Um grupo de simeonitas destruiu os amalequitas que habitavam em Seir e reassentou o local com seu próprio povo ([1Cr 4.42](#)). Josafá, rei de Judá (872-848 a.C.), obteve uma vitória incrível sobre os exércitos aliados de Amom, Moabe e Seir ([2Cr 20.10-23](#)). O rei Amazias de Judá (796-767 a.C.) derrotou um exército de Seir no Vale do Sal ([25.11-14](#)). E, finalmente, o profeta Ezequiel pronunciou uma maldição de destruição sobre os habitantes de Seir por seu antagonismo contra Israel ([Ez 35.1-15](#)).

Veja também Edom, edomitas.

2. Local que define parte da fronteira norte da terra atribuída à tribo de Judá ([Js 15.10](#)). Estava localizado a oeste de Quiriate-Jearim e a nordeste de Bete-Semes. O Monte Seir é possivelmente a crista sobre a qual a moderna cidade de Saris está construída.

Seir (Pessoa)

Pai de sete filhos e descendente de Abraão pela linhagem familiar de Esaú. Primeiro, Seir era uma tribo horita que vivia na terra de Edom. A nação que descendeu de Seir foi inicialmente expulsa pelos descendentes de Esaú, mas mais tarde, eles se casaram entre si. Isso pode explicar por que a ancestralidade de Abraão inclui Seir e seus descendentes ([Gn 36.20-21](#); [1Cr 1.38](#)).

Selá

28. Filho de Arfaxade e pai de Éber ([Gn 10.24](#); [11.12-15](#); [1Cr 1.18](#)). Selá é mencionado na genealogia de Jesus em Lucas como filho de Cainã, filho de Arfaxade ([Lc 3.35](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

29. Terceiro filho de Judá com Bate-Sua, uma mulher cananea. Ele nasceu em Quezibe, uma pequena cidade em Judá ([Gn 38.5](#); [1Cr 2.3](#)). Selá fundou a família Selanita ([Nm 26.20](#)). "Selanita" possivelmente deveria ser lido em vez de "Silhonita" em [Neemias 11.5](#); [1 Crônicas 9.5](#).

Selaíta

Qualquer descendente de Selá, filho de Judá ([Nm 26.20](#)).

Veja também Selá #2.

Selede

Filho de Nadabe da tribo de Judá ([1Cr 2.30](#)).

Selefe

Filho de Joctã e fundador de uma tribo árabe que vive no Iêmen ([Gn 10.26](#); [1Cr 1.20](#)).

Seles

Filho de Helém e chefe da tribo de Aser ([1Cr 7.35](#)).

Selêucia

Um nome dado a várias cidades antigas no Oriente Próximo. Todas essas cidades foram fundadas por Seleuco I Nicátor, que governou de 312 a 281 a.C.

A Selêucia mais importante está na Síria. Esta Selêucia serviu como a cidade portuária de Antioquia, localizada no canto nordeste do Mediterrâneo. Ela fica a oito quilômetros ao norte da foz do rio Orontes e a 24 quilômetros de Antioquia.

Seleuco I construiu esta cidade em 301 a.C. e a fortaleceu com muralhas e defesas para proteger sua capital de ataques do oeste. Com o tempo, diferentes governantes lutaram pelo controle de Selêucia. Os governantes selêucidas da Síria e os ptolomeus do Egito travaram muitas batalhas para controlar a cidade ([Dn 11.7-9](#); [1Mc 11.8-19](#)). Em 109 a.C., após os governantes selêucidas se libertarem do controle egípcio, eles tornaram Selêucia uma cidade independente com o direito de cunhar sua própria moeda.

Quando os romanos chegaram a esta região, seu líder Pompeu declarou Selêucia uma "cidade livre". No entanto, ele encerrou o poder dos governantes selêucidas e criou a província romana da Síria. Selêucia tornou-se um importante porto de entrada para as regiões orientais. Os romanos melhoraram tanto o porto natural quanto as defesas da cidade.

Nos tempos do Novo Testamento, Selêucia permaneceu uma cidade livre. Era a casa dos navios da marinha de Roma na Síria. Barnabé, Saulo e João Marcos partiram daqui em sua primeira viagem missionária e retornaram a Antioquia via Selêucia ([At 13.4-5](#); [14.26](#)). Mais tarde, na segunda viagem missionária de Paulo, Paulo e seus companheiros novamente partiram de Selêucia ([15.39-41](#)). A cidade era bonita, com muitos edifícios públicos. Tinha um templo e um anfiteatro (um teatro ao ar livre) que foi esculpido na lateral de um penhasco.

Selo

Pequeno objeto gravado amplamente utilizado no antigo Oriente Próximo para criar uma imagem em argila macia.

Origem

A origem exata dos selos não pode ser determinada. O primeiro selo provavelmente se desenvolveu a partir do amuleto, cujo propósito era proteger seu portador ou afastar o mal. Em determinado momento, acreditava-se que um selo possuía algum tipo de poder mágico protetor que traria uma maldição ou dano à pessoa não autorizada que ousasse quebrá-lo para acessar o conteúdo que ele protegia. Selos primitivos eram pouco mais do que pequenos carretéis de argila arranhados com galhos para produzir desenhos ou figuras simples. A arte glíptica (o nome técnico para gravação ou entalhe de selos em gemas) floresceu no antigo Oriente Próximo desde o quarto milênio a.C. até o final do período persa no quarto século a.C.

Tipos de selos

Selos de carimbo

Selos foram produzidos em diversas formas e tamanhos, sendo o mais antigo o selo de carimbo, uma gema ou peça gravada plana que produzia uma cópia de si mesma quando pressionada contra argila macia. Foi substituído por volta de 3000 a.C. na Mesopotâmia pelo selo cilíndrico e voltou a ser usado apenas no final do século 8 a.C.; na época helenística, havia substituído completamente o selo cilíndrico.

Selos cilíndricos

O selo cilíndrico surgiu pela primeira vez na Mesopotâmia antes de 3000 a.C. e tornou-se o tipo de selo mais amplamente utilizado até o meio do primeiro milênio a.C. Seu uso no Egito é uma evidência da influência cultural mesopotâmica precoce sobre o Egito; no entanto, logo foi substituído lá pelo selo escaravelho (em forma de besouro), que era mais adequado para selar documentos de papiro. Símbolos ou desenhos eram esculpidos na parte externa do cilindro, que deixava sua marca quando o selo era rolado sobre a argila úmida. Alguns dos primeiros símbolos usados eram desenhos geométricos ou representações de algum símbolo mágico. Selos posteriores retratavam tudo, desde mitologia (divindades sentadas conversando entre si, recebendo adoradores em audiência, navegando em um barco ou carruagem, ou lutando contra um inimigo) até cenas da vida cotidiana (caçando, casando, banquetear, alimentando animais, lutando contra feras selvagens, oferecendo

sacrifícios à divindade, guerreando, levando prisioneiros) e representações de animais, flores e pássaros. A escrita (e.g., o nome do proprietário ou uma declaração de lealdade a um deus ou rei) começou a aparecer nos selos no terceiro milênio a.C. Devido ao grande número e variedade de selos que foram encontrados, eles são inestimáveis pelo que revelam sobre os povos antigos — como se vestiam, seus penteados, móveis, utensílios e crenças religiosas.

Os selos foram tão amplamente utilizados e desenterrados em tal quantidade no antigo Oriente Próximo que podem ser datados dentro de um século ou dois de sua origem, embora às vezes seja difícil determinar o período exato ou o país de origem. Heródoto observou que todo cavaleiro babilônico “carrega um selo e uma bengala” (Livro I, 195). O selo era suspenso por um cordão ao redor do pescoço ou do pulso ou preso a alguma parte da roupa do proprietário (cf. [Gn 38.18](#); [41.42](#); [Ct 8.6](#); [Jr 22.24](#)). Foram encontrados túmulos com cilindros amarrados aos pulsos dos esqueletos.

Outro tipo de selo era o selo de alça de jarro. Um pano era colocado sobre o gargalo de uma garrafa, argila macia era espalhada sobre o cordão de amarração e, em seguida, o selo era pressionado na argila úmida. O selo intacto indicava que a mercadoria não havia sido aberta antes da entrega. Na Judeia, o selo era impresso nas alças dos jarros como prova de propriedade. Alguns selos de alça de jarro eram provavelmente marcas registradas de fábricas de cerâmica; alguns trazem nomes privados (talvez do proprietário da fábrica). Os chamados selos de alça de jarro reais contêm um símbolo de quatro asas ou duas asas e uma inscrição curta composta por duas linhas. A linha acima diz “pertencente ao rei”, e a linha inferior contém o nome de uma cidade, provavelmente onde o jarro foi feito.

Usos

Usos funcionais

Desde sua criação inicial como amuletos, os selos continuaram a servir como sinais de proteção. Um selo intacto provava que o conteúdo não havia sido adulterado, seja em um documento, uma porta de celeiro ou um jarro de vinho. A cova dos leões na qual Daniel foi lançado foi selada com o sinete do rei e dos seus nobres ([Dn 6.17](#)). O túmulo de Jesus foi selado com uma pedra ([Mt 27.66](#)). O selo também servia como um marco de propriedade ou como uma marca registrada (e.g., colocado em

cerâmica antes da queima). Também era usado para validar documentos (cartas, notas de venda, documentos governamentais, etc.). Jezabel escreveu cartas em nome de seu marido e as selou com o selo dele, provocando assim a morte de Nabote ([1Rs 21.8-13](#)). Jeremias selou uma escritura de compra quando comprou a terra de um parente ([Jr 32.10-14](#)). Um edito com o selo do rei persa não podia ser revogado ([Et 8.8](#)).

Uso simbólico

O uso simbólico do selo é encontrado tanto na literatura não bíblica quanto na bíblica. Uma oração babilônica diz: “Como um selo, que meus pecados sejam arrancados”. O AT diz: “Sela a lei entre os meus discípulos” ([Is 8.16](#), ARC). Zorobabel foi informado de que se tornaria o anel de sinete de Deus ([Ag 2.23](#)). A terra tomou forma como argila pressionada por um anel de sinete ([Jó 38.14](#)).

A palavra é usada simbolicamente no NT para designar a posse pessoal de Deus. E.g., as Escrituras dizem que o selo de Deus está em Jesus, seu Filho ([Jo 3.33](#); [6.27](#)). Isso significa que Jesus carrega o nome pessoal de Deus; Jesus é a expressão pessoal de Deus. As Escrituras também dizem que o Espírito Santo sela os crentes ([2Co 1.22](#); [Ef 1.13](#); [4.30](#)). Isso significa que o Espírito é a marca de posse de Deus nos crentes e que o Espírito protege e preserva os crentes ao longo de suas vidas.

Veja também Arqueologia e a Bíblia; Inscrições.

Selomi

O pai de Aiude. Aiude representou a tribo de Aser quando a terra de Canaã estava sendo dividida entre as dez tribos de Israel que viviam a oeste do Rio Jordão ([Nm 34.27](#)).

Selomite

30. A filha e a mãe de um homem da tribo de Dã blasfemaram (falaram contra) o nome do Senhor. Então, os israelitas o apedrejaram até a morte ([Lv 24.11-16](#));
31. Uma irmã de Mesulão e Hananias. Todos eles eram descendentes do Rei Davi ([1Cr 3.19](#));

- 32. Um filho de Roboão e Maacá ([2Cr 11.20](#));
- 33. Um dos companheiros de Esdras ([Ed 8.10](#)).

Selomite

1. Levita gersonita e um dos filhos de Simeí, servindo no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 23.9](#)).
2. Levita e sacerdote da família de Isar durante o reinado de Davi ([1Cr 23.18](#), "Selomote"; [24.22](#)).
3. O filho de Zicri, que era responsável pelos tesouros reais durante o reinado de Davi ([1Cr 26.25-28](#)).

Selos cilíndricos

Selos cilíndricos eram cilindros de pedra com inscrições usados para identificar a propriedade. Eles foram desenvolvidos pelos antigos sumérios e utilizados principalmente por outros povos mesopotâmicos de cerca de 3200 a.C. até o quarto século a.C. Esses selos também foram ocasionalmente usados em regiões como a Ásia Menor (o Império Hitita) e a Pérsia. Após 700 a.C., selos de carimbo substituíram os selos cilíndricos. Na Palestina, selos de carimbo eram comuns em tempos bíblicos.

Os primeiros selos cilíndricos apresentavam cenas únicas que indicavam propriedade. Um selo cilíndrico geralmente tinha menos de 2,5 centímetros de comprimento e possuía um furo para que pudesse ser usado ao redor do pescoço ou cintura. Por volta de 2700 a.C., os selos também incluíam uma inscrição cuneiforme com o nome e título do proprietário. Durante o período Acadiano (2360–2180 a.C.), eles também indicavam profissões. No início do segundo milênio a.C., os proprietários se identificavam como servos de deuses específicos. No meio do segundo milênio, orações eram comumente adicionadas.

No quarto e terceiro milênios a.C., os selos cilíndricos eram principalmente usados para indicar a propriedade de bens ao rolar o selo sobre argila úmida em jarros ou pacotes. Eles também serviam para identificar e selar documentos em tábuas de argila. Inicialmente, apenas reis e altos funcionários os utilizavam, mas no segundo

milênio a.C., muitos aristocratas já os possuíam. Os selos cilíndricos eram frequentemente enterrados com seus proprietários; quase 15.000 foram encontrados. Esses selos são importantes para o estudo da arte, economia, sociologia e religião da Mesopotâmia e regiões próximas.

Selumiel

Selumiel era um simeonita (uma pessoa da tribo de Simeão). Ele era filho de Zurisadai e um dos líderes que ajudou Moisés a contar o povo de Israel no deserto ([Nm 1.6](#); [2.12](#); [7.36,41](#); [10.19](#)). De acordo com o livro de Judite, que não está na Bíblia Hebraica mas é aceito por alguns grupos cristãos, Selumiel é um ancestral de Judite ([Jt 8.1](#), onde seu nome é escrito Salamiel e o nome de seu pai é escrito Surisadai).

Sem

O filho mais velho de Noé ([Gênesis 5.32](#); [6.10](#); [7.13](#); [9.18,23,26-27](#); [11.10](#); [1 Crônicas 1.4,17-27](#); [Lucas 3.36](#)) e o ancestral dos povos semitas ([Gênesis 10.1,21-31](#)). Sem viveu 600 anos ([Gênesis 11.10-11](#)). Seu nome em hebraico significa "nome", possivelmente sugerindo que Noé acreditava que o nome de Sem se tornaria significativo.

Após o grande Dilúvio, Sem e seu irmão Jafé encontraram seu pai, Noé, embriagado. Seu outro irmão, Cam, havia desonrado ele. Sem e Jafé agiram respeitosamente em relação a Noé ([Gênesis 9.20-29](#)). Por causa de suas ações, Noé mais tarde amaldiçoou Canaã, filho de Cam, e abençoou tanto Sem quanto Jafé.

[Gênesis 11.10-27](#) mostra a linha familiar da semente prometida (descendente). Este descendente foi predito em [Gênesis 3.15](#) e [5.1-32](#) para esmagar Satanás. Passa por Sem até Abraão, depois por Judá e Davi até Cristo (compare [Lucas 3.36](#)). A bênção que Noé deu a Sem mostra que sua linhagem carregaria a promessa da semente de [Gênesis 3.15](#). Esta é a primeira vez na Bíblia que Deus é chamado de Deus de uma pessoa ou grupo específico. Noé havia dito que o povo de Canaã serviria ao povo de Sem. Isso se concretizou quando os israelitas, que eram descendentes de Sem, tomaram o controle da terra de Canaã (compare [1 Reis 9.20-21](#)).

Noé também disse que os descendentes de Jafé cresceriam em número e viveriam entre o povo de

Sem ([Gênesis 9.27](#)). Isso provavelmente significa que os descendentes de Jafé cresceriam em número. Com o tempo, eles se beneficiariam das bênçãos de Sem. Alguns estudiosos acreditam que essa profecia se cumpriu quando, no Novo Testamento, os gentios foram convidados a compartilhar das bênçãos do evangelho e da fundação da igreja.

Na "tabela das nações" registrada em [Gênesis 10](#), cinco descendentes de Sem são listados:

34. Elão;
35. Assur;
36. Arfaxade;
37. Lude;
38. Arã.

Recebendo ênfase particular entre esses descendentes está Éber da linhagem de Arfaxade, cuja linhagem é traçada até Abraão em [Gênesis 11.16-27](#).

Veja também Abraão; Ancestralidade de Jesus Cristo; Nações; Noé #1.

Semana

Veja Calendários, antigos e modernos.

Semanas, Festa das

Uma celebração do início da colheita do trigo ([Êx 23.14-17](#); [Dt 16.16](#)). Ocorre sete semanas após a Páscoa, no sexto dia do mês de Sivã (junho). Também é conhecida como a Festa de Pentecostes.

Veja Festas e Festivais de Israel.

Semaquias

Levita coraíta, filho de Semaías e porteiro no templo ([1Cr 26.7](#)).

Semeber

Rei de Zeboim, que se juntou a uma confederação com outros quatro reis em rebelião contra Quedorlaomer e seus aliados. Abraão resgatou Ló

do cativeiro depois que Semeber, junto com Sodoma e Gomorra, foi derrotado ([Gn 14.2](#)).

Semei

Um descendente de José e um ancestral de Jesus Cristo ([Lc 3.26](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Semida

Semida era o pai do grupo familiar chamado os semidaítas ([Nm 26.32](#)). Este clã fazia parte da tribo de Manassés ([Js 17.2](#); [1Cr 7.19](#)).

Seminite

Termo hebraico obscuro, significando “a oitava”, em [1 Crônicas 15.21](#) e nas superscrições de [Salmos 6](#) e [12](#), cuja função como indicação musical ou instrumento é incerta.

Veja Música.

Senaá

Pai de uma família de israelitas que retornou com Zorobabel para a Palestina após o exílio ([Ed 2.35](#); [Ne 7.38](#)). Eles ajudaram Neemias a reconstruir parte do muro de Jerusalém ([Ne 3.3](#)). Hassenua é uma possível variante para Senaá ([1Cr 9.7](#); [Ne 11.9](#), onde a ARC traz “Senua”).

Veja também Hassenua.

Senhor

“Senhor” em português é usado para traduzir a palavra hebraica *’adonai* ou do grego *kurios*. O hebraico YHWH é geralmente traduzido como “Senhor”. *Veja* Yahweh (YHWH).

A regra e a autoridade de Deus como Senhor baseiam-se em Sua criação e posse de tudo e todos ([Sl 24.1-2](#)). A Bíblia enfatiza o poder completo de Deus sobre a natureza ao chamá-lo de Senhor sobre:

- terremotos, vento, fogo ([1Rs 19.10-14](#));
- estrelas ([Is 40.26](#));
- bestas e monstros marinhos ([Jó 40-41](#)); e
- caos primordial ([Sl 74.12-14](#); [89.8-10](#)).

Os profetas posteriores ensinaram que Deus é Senhor ou Rei da história porque Ele guia as ações das pessoas e das nações ([1Rs 19.15-18](#); [Is 10.5-9](#); [Am 9.7](#)). Eles também disseram que Ele é o Senhor da moralidade universal ([Ez 25-32](#); [Am 1.3-2.16](#)). Mas Ele é especialmente o Senhor de Israel. Sua vontade expressa é a lei civil e religiosa deles e requer obediência completa ([Êx 20.2](#)).

Para Israel, o poder de Deus era um conforto quando eles estavam oprimidos. Também lhes dava esperança para o futuro. Eles acreditavam em um Dia do Senhor triunfante que corrigiria seus erros, puniria aqueles que os oprimiam e restauraria sua glória ([Is 2.2-4.11-12](#); [34.8](#); [Ez 30.1-5](#); [Jl 2.31-3.1](#)).

Na Septuaginta (a antiga tradução grega do Antigo Testamento), a palavra comum para "Senhor/senhor/mestre" é *kurios*. No Novo Testamento grego, *kurios* também é usado para:

- mestres, maridos e governantes ([Mt 25.11](#); [Lc 14.21](#); [At 25.26](#); [1Pe 3.6](#));
- Deus ([Mt 11.25](#); [Hb 8.2](#));
- deuses pagãos ([1Co 8.5](#)).

Quando usado para Jesus, *kurios* pode significar:

- um título comum de respeito (como "senhor", [Mt 8.2](#); [15.25](#));
 - um título expressando fé, reverência e adoração ([Mt 3.3](#); [Lc 7.13](#); [At 5.14](#); [9.10](#); [1Co 6.13-14](#); [Hb 2.3](#); [Tg 5.7](#))

Ele aparece em frases como:

- "o Senhor Jesus";
- "o Dia do Senhor";
- "a mesa do Senhor";
- "o Espírito do Senhor" (que também é "Senhor," [2Co 3.17](#));
- "no Senhor";
- "do Senhor";
- "luz no Senhor";
- "gloriar-se no Senhor".

Às vezes, não está claro se Deus ou Cristo é mencionado ([At 9.31](#); [2Co 8.21](#)). O título é atribuído ao próprio Jesus em [João 13.13-14](#). Em [João 20.28](#), Jesus aceita o título "Meu Senhor e meu Deus!".

No primeiro sermão cristão, Pedro torna a soberania de Jesus central para a salvação ([At 2.21](#)). Parece que dizer publicamente "Jesus é Senhor" era a principal forma de expressar a fé cristã. Também era a base para a adesão à igreja primitiva ([At 16.31](#); [Rm 10.9](#); [1Co 12.3](#); [Fp 2.11](#)). No entanto, isso poderia se tornar apenas uma declaração formal em vez de uma crença sincera. Por isso, há advertências em [Mateus 7.21](#) e [Lucas 6.46](#).

Desde o início, chamar Jesus de "Senhor" tinha um significado profundo:

39. No uso comum, "Senhor" refletia o sistema escravista e implicava o poder absoluto exercido pelo mestre sobre o escravo comprado. Assim, Paulo explica com confiança as implicações morais da redenção cristã ([1Co 6.19-20](#); [7.22-23](#)).
40. Para as mentes judaicas, o título tinha significados reais e autoritativos relacionados ao Messias ([Lc 20.41-44](#)). Isso ofenderia tanto judeus quanto romanos.
41. Politicamente, "Senhor" era um título reivindicado por César. Portanto, é significativo que Jesus seja chamado de "Rei dos reis e Senhor dos senhores" durante o tempo de Domiciano, quando a adoração a César era exigida ([Ap 17.14](#); [19.16](#)).

Para os judeus de língua grega que viviam fora de Israel e estavam familiarizados com a Septuaginta, e para os gentios que usavam o título “Senhor” para seus muitos deuses, chamar Jesus de “Senhor” era visto como blasfêmia. Isso era especialmente ofensivo quando estava ligado a títulos como “Filho de Deus”, bem como a atos de oração, louvor, devoção completa e esperança ([1Co 8.5-6](#); [Fp 2.9-11](#); [1Ts 4.14-17](#)). Por todas essas razões, mostrar profundo respeito a Jesus não era apenas espiritualmente importante, mas também trazia perigo sério e imediato.

Veja também Cristologia; Deus, Ser e atributos; Deus, Nomes.

Senhor dos Exércitos

Nome do Antigo Testamento para Deus encontrado principalmente nos profetas. Os exércitos são os poderes celestiais e os anjos que agem sob o comando do Senhor. *Veja* Deus, Nomes de.

Senhora eleita

Saudação encontrada em [2 João 1.1](#). A frase foi interpretada de duas maneiras. A NTLH usa “Querida Senhora” para essa expressão.

Alguns intérpretes consideram que 2 João foi dirigido a uma mulher específica. Manuscritos gregos antigos mostram que a palavra *kuria* (traduzida como “senhora” ou “patroa”) era usada por escritores de cartas como um termo pessoal para membros da família ou amigos próximos de ambos os sexos. Assim, a frase pode ser traduzida como “para minha querida amiga”. Alguns estudiosos associam a senhora eleita com Marta de Betânia (cujo nome em aramaico também significa “patroa”).

Outros intérpretes consideram a frase como significando uma congregação local. João possivelmente retratou essa comunidade cristã como uma mãe, os membros como seus filhos e outras congregações como irmãs ([2Jo 1.13](#); [1Pe 5.13](#)). A frase pode, assim, ser traduzida como “a senhora eleita”.

Veja também João, Cartas de.

Senir

Um nome amorreu para o Monte Hermom em [Deuteronômio 3.9](#) e [Cântico dos Cânticos 4.8](#).

Veja também Monte Hermon.

Senua

Forma de Hassenua presente em algumas versões como ARC, ARA e NTLH em [Neemias 11.9](#). *Veja* Hassenua.

Seom

Rei dos amorreus que governava em Hesbom, cerca de 22 quilômetros a leste do extremo norte do Mar Morto. Sua derrota por Israel sob Moisés, juntamente com a de Ogue, rei de Basã, é frequentemente mencionada na prosa e poesia do AT, em narrativa e canção ([Dt 1.4](#); [2.26-37](#); [4.46](#); [29.7](#); [31.4](#); [Js 2.10](#); [9.10](#); [12.2-6](#); [13.10-12](#)). Aos olhos dos escritores sagrados, essa dupla derrota é tão significativa que pode ser comparada ao Êxodo como uma das manifestações singulares da intervenção salvadora de Deus em favor de seu povo ([Sl 135.11](#); [136.19-20](#)), e como evidência de seu amor eterno por eles. No período pós-exílico, este evento é lembrado em oração como um fundamento de súplica pela contínua misericórdia de Deus para com os exilados que retornaram ([Ne 9.22](#)).

Antes da chegada de Israel na Transjordânia, Seom havia conquistado o território de Moabe até o sul, no rio Arnom ([Nm 21.26](#)). Esta conquista dá origem a um trecho de poesia antiga que é incorporado nas Escrituras sagradas (vv. [27-30](#)). O reino de Seom se estende do Arnom ao sul até o Jaboque ao norte, com o Jordão como seu limite ocidental. Também inclui o Vale do Jordão até o Mar de Quinerete ([Js 12.2-3](#)), compreendendo parte da região conhecida como Gileade. No leste, estende-se em direção ao deserto e toca a terra dos amonitas.

A recusa de Seom em conceder passagem a Israel através de seu território é semelhante à de Edom (cf. [Nm 21.23](#) com [20.20](#)). No entanto, Seom demonstra hostilidade aberta em relação a Israel. Seom foi derrotado e morto em Jaza; seu território foi ocupado por Israel. Posteriormente, foi distribuído às tribos de Gade e Rúben (cf. [Nm 32.33-38](#); [Js 13.10](#)).

Seorim

Levita e chefe da quarta das 24 divisões de sacerdotes formadas durante o reinado de Davi ([1Cr 24.8](#)).

Septuaginta

Veja Bíblia, Versões (antigas) da ; Bíblia, Cânon da.

Sepulcro

Veja Sepultamento, costumes de sepultamento.

Sepultamento, Costumes de sepultamento

A Bíblia frequentemente faz referência às práticas de sepultamento. Os costumes funerários de uma sociedade refletem suas visões sobre a morte e a vida após a morte. Os antigos egípcios, por exemplo, viam a vida após a morte como uma continuação das atividades físicas em outro reino, como evidenciado por seus túmulos ricamente mobiliados. Os antigos hebreus enfatizavam um conceito mais espiritual de união ou comunhão dos falecidos com as gerações que já se foram.

Túmulos e sepulturas

Entre os hebreus, a localização das sepulturas geralmente era determinada com base na família. O AT contém muitas referências ao desejo de um israelita de ser enterrado no local de sepultamento da família, descrevendo sua morte como “indo para seus pais” ([Gn 15.15](#); [1Rs 13.22](#)).

A caverna de Macpela em Hebrom foi um exemplo de “coabitação” familiar de um túmulo por várias gerações. Abraão comprou o local de Efrom, o heteu, na época da morte de Sara ([Gn 23](#)). Quando Abraão morreu, Isaque e Ismael colocaram seu corpo no mesmo túmulo ([25.9](#)), e lá Jacó, por sua vez, enterrou seus pais, Isaque e Rebeca, assim como sua esposa, Lia ([49.31](#)). Após sua morte, o corpo de Jacó foi enterrado com o de seu pai, conforme seu próprio pedido ([49.29](#); [50.13](#)). O filho de Jacó, José, fez seus parentes prometerem que seus restos seriam preservados para que pudessem ser levados de volta à terra natal quando Deus permitisse que seu povo retornasse do Egito ([50.25](#)). Diz-se que Samuel foi enterrado em sua

casa em Ramá, aparentemente referindo-se a um terreno de cemitério familiar ([1Sm 25.1](#)). Joabe foi enterrado em sua própria casa no deserto ([1Rs 2.34](#)). O rei Manassés foi enterrado no jardim de seu palácio ([2Rs 21.18](#)), e Josué em sua própria herança em Timnate-Sera ([Js 24.30](#)). Os reis tomavam cuidado para perpetuar sua memória por meio de locais de sepultamento especiais, muitas vezes na Cidade de Davi (a parte de Jerusalém na encosta sudeste, primeiro ocupada por aquele grande rei). O rei Josias designou seu local de sepultamento com antecedência, muito provavelmente um túmulo ancestral ([2Rs 23.30](#)).

Sítios de sepultamento individuais, como o de Débora perto de Betel ([Gn 35.8](#)) e o de Raquel na estrada para Efrata ([Gn 35.1,20](#)), eram uma exceção necessária devido à morte súbita a alguma distância do túmulo da família.

Os corpos eram enterrados em túmulos, ou seja, em cavernas naturais ou sepulcros escavados na rocha, como aquele pertencente a José de Arimateia onde o corpo de Jesus foi colocado ([Mt 27.59-60](#)). Eles também eram enterrados em sepulturas rasas cobertas com montes de pedras, que serviam tanto para marcá-los quanto para prevenir a profanação do corpo por animais.

Algumas sepulturas foram marcadas por um monumento erguido por amor ([Gn 35.20](#)) e honra ([2Rs 23.17](#)), mas pedras às vezes eram amontoadas em um local de sepultamento desonroso, como no caso de Acã ([Js 7.26](#)) e Absalão ([2Sm 18.17](#)). Os túmulos eram frequentemente adornados ou embelezados, às vezes caiados, em parte para alertar contra a contaminação cerimonial proibida pela lei mosaica. Jesus falou desse embelezamento em uma repreensão aos fariseus ([Mt 23.27](#)).

Cuidados com o cadáver

A garantia dada por Deus a Jacó de que “a mão de José fechará seus olhos” ([Gn 46.4](#)) provavelmente alude ao costume de um parente próximo fechar os olhos de alguém que morreu com um olhar fixo. Parentes próximos também poderiam literalmente abraçar e beijar o corpo imediatamente após a morte. O corpo era lavado e vestido com as roupas do falecido. Alfinetes e outros ornamentos encontrados em túmulos escavados são evidências de que os mortos eram enterrados totalmente vestidos. Soldados eram enterrados em plena regalia, com escudos cobrindo ou embalando os corpos armados, suas espadas sob suas cabeças ([Ez 32.27](#)).

O embalsamamento não era uma prática comum em Israel. O tratamento egípcio para Jacó e José foi a exceção, não a regra. Segundo o historiador grego Heródoto, os egípcios iniciavam os procedimentos de embalsamamento removendo o cérebro do crânio através das aberturas nasais, em pedaços, usando um gancho longo e curvado. Após isso, a cavidade craniana era enxaguada com uma mistura de resinas e especiarias. O cadáver era eviscerado, e as entranhas eram colocadas em quatro vasos canópicos. O corpo era embebido em uma solução de natrão por um período de 40 a 80 dias, dependendo do custo do enterro. No momento do sepultamento, o cadáver era envolto em tiras de linho fino da cabeça aos pés e colocado em um caixão antropoide. Os vasos canópicos eram colocados na tumba junto com o corpo, simbolizando a reunião da personalidade e sua sobrevivência após a morte.

A cremação dos corpos de Saul e seus filhos ([1Sm 31.12-13](#)) também foi uma exceção à prática normal. O historiador romano Tácito escreveu que, em contraste com o costume romano, a piedade judaica exigia o sepultamento em vez da cremação dos corpos. Sob a lei mosaica, tal queima era reservada como uma sentença de julgamento ([Lv 21.9](#); [Js 7.25](#)).

Após a preparação do corpo, ele era carregado em uma padiola (uma estrutura simples com varas para transporte) sem ser colocado em um caixão. O corpo era colocado em um nicho preparado na parede de uma câmara escavada na rocha ou diretamente em uma cova rasa cavada em um terreno de sepultamento. Nem a padiola nem qualquer forma de caixão entravam na cova com o cadáver. As especiarias usadas como perfume e como um impedimento temporário à decomposição não podem ser consideradas propriamente uma tentativa de embalsamamento ([Mc 16.1](#)).

Como sabemos pelo registro do Evangelho sobre o sepultamento de Jesus, alguns túmulos em cavernas tinham um selo na entrada, seja uma porta de madeira com dobradiças ou uma pedra plana moldada para que pudesse ser rolada para o lugar. Tal selo de pedra só poderia ser reaberto com extremo esforço ([Mc 15.46](#); [16.3-4](#)). Nos tempos do Novo Testamento, os judeus às vezes economizavam no uso de um túmulo familiar colocando os ossos secos de parentes anteriormente enterrados em ossuários. Esses receptáculos em forma de caixa eram provavelmente uma adaptação de baús usados

pelos romanos para guardar cinzas após uma cremação.

Segundo a legislação mosaica, a contaminação cerimonial era contraída tanto pelo contato físico com o cadáver quanto pela participação nas formalidades de luto. Proibições especialmente rigorosas se aplicavam aos sacerdotes de Israel. O sumo sacerdote, em particular, não podia ter nada a ver com o luto. Ele “não pode tocar num morto, mesmo que seja o seu pai ou a sua mãe. Isso o tornaria impuro, e, quando entrasse de novo na Tenda Sagrada, ele a tornaria impura” ([Lv 21.10-12](#), NTLH).

Embora os costumes e procedimentos tenham sido evidentemente pouco modificados dos tempos do AT para os do NT, alguns detalhes adicionais são fornecidos no registro do NT. Por exemplo, é mencionado que o cadáver foi lavado ([At 9.37](#)). O corpo foi então ungido e envolto em panos de linho com especiarias incluídas ([Mc 16.1](#); [Jo 19.40](#)). Finalmente, os membros foram firmemente atados e a cabeça coberta com um pedaço de pano separado ([Jo 11.44](#)).

Veja também Luto; Costumes funerários.

Sepultura

Veja Sepultamento, Costumes de sepultamento.

Sera

Uma filha do patriarca Aser ([Gn 46.17](#); [Nm 26.46](#); [1Cr 7.30](#)).

Serede, Seredite

Um dos filhos de Zebulom ([Gn 46.14](#)) e o pai da família Seredita ([Nm 26.26](#)).

Sérgio Paulo

Sérgio Paulo era o procônsul (um governador romano) de Chipre. Em [Atos 13.7](#), Lucas o descreve como um “homem de inteligência”. Paulo e Barnabé visitaram a cidade de Pafos, em Chipre, durante sua primeira viagem missionária. Pafos era onde Sérgio Paulo vivia e trabalhava. Enquanto estavam lá, encontraram um falso profeta e feiticeiro judeu

chamado Barjesus (também chamado Elimas), que se esforçou muito para impedir que o procônsul ouvisse a mensagem do evangelho.

Paulo repreendeu Elimas e o amaldiçoou com cegueira. Quando Sérgio Paulo viu o que havia acontecido, ele acreditou na mensagem do evangelho de Paulo, tornando-se a primeira pessoa registrada a se tornar cristã durante a primeira viagem missionária de Paulo.

É neste ponto da Bíblia que vemos o nome Saulo mudar para Paulo. Orígenes (um dos primeiros estudiosos cristãos) e muitos outros desde então pensaram que Paulo mudou seu nome para homenagear este importante convertido.

Sermão da montanha

Veja As Bem-aventuranças; Ensinamentos de Jesus Cristo.

Serpente

Uma cobra ou monstro marinho. Várias palavras são usadas na Bíblia para serpentes ou cobras. Serpentes, ou cobras, são répteis conhecidos por sua capacidade de morder e injetar veneno. Tipos específicos de cobras mencionados incluem a áspide ([Isaías 11.8](#)) e a víbora ([Atos 28.3](#)). O termo "serpente" também pode descrever uma monstruosa serpente marinha encontrada em [Jo 26.13](#), [Isaías 27.1](#) e [Amós 9.3](#).

Em [Gênesis 3.1](#), a serpente tenta Adão e Eva. É "mais astuta que qualquer animal do campo que o Senhor Deus tinha feito". Como resultado, a serpente é amaldiçoada: "Sobre o teu ventre irás, e pó comerás, todos os dias da tua vida". ([Gênesis 3.14](#)). Em [2 Coríntios 11.3](#) diz que a serpente enganou Eva com sua astúcia. [Apocalipse 12.9](#) chama a serpente: "aquela antiga serpente chamada diabo e Satanás, o enganador de todo o mundo" (veja também [Apocalipse 12.14-15](#) e [20.2](#)).

Referências bíblicas a serpentes ou cobras frequentemente as usam figurativamente. Elas representam a capacidade de ferir com veneno (por exemplo, [Gênesis 49.17](#); [Eclesiastes 10.8.11](#); [Isaías 14.29](#); [Amós 5.19](#); [Apocalipse 9.19](#)). Em [Salmo 58.4-5](#), pessoas ímpias são comparadas a cobras. [Salmo 140.3](#) descreve as línguas das pessoas como afiadas como serpentes e seus lábios

como venenosos como víboras. [Provérbios 23.32](#) compara a bebida forte à mordida de uma serpente, dizendo que "morde como uma cobra e pica como uma víbora". [Jeremias 8.17](#) descreve os inimigos de Israel como "víboras que não podem ser encantadas, e elas vão te morder".

Positivamente, as serpentes são conhecidas por sua sabedoria. Jesus aconselha seus discípulos: "Sejam astutos como as serpentes e inocentes como as pombas" ([Mateus 10.16](#)). No entanto, a imagem principal da serpente é negativa. Ela simboliza engano. Jesus chama os escribas e fariseus de: "Serpentes! Raça de víboras!" ([Mateus 23.33](#)). João Batista também se refere aos fariseus e saduceus como "Raça de víboras!" ([Mateus 3.7](#)).

Veja Animais.

Serpente ardente

A serpente ardente era uma figura de cobra de bronze que Moisés fez para curar os israelitas. Quando o povo de Israel reclamou contra Deus e Moisés durante sua jornada pelo deserto, Deus enviou cobras venenosas como punição. Muitos dos israelitas morreram das mordidas das cobras ([Nm 21.4-9](#)).

O povo reconheceu seu pecado e pediu a Moisés que orasse por eles. Deus instruiu Moisés a fazer uma serpente ardente (de bronze) e colocá-la em um poste. Qualquer pessoa que fosse mordida poderia olhar para a serpente de bronze e ser curada.

Jesus Cristo fez referência a esta história como um símbolo do poder salvador da sua crucificação. Ele disse que assim como Moisés levantou a serpente no deserto, ele seria levantado (na cruz), e todos que acreditassem nele teriam a vida eterna ([Jo 3.14-15](#)). O apóstolo Paulo também usou esta história como um aviso para os cristãos não testarem a Deus como os israelitas fizeram ([1Co 10.9](#)).

Veja também Serpente de bronze, Cobra de bronze.

Serpente de bronze

Veja Serpente de bronze, Cobra de bronze.

Serugue

Filho de Reú da linhagem de Sem ([Gn 11.20-23](#)). Ele é um antepassado de Abraão e um ancestral de Jesus Cristo ([Lc 3.35](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Servidão

Servidão significa ser controlado ou restringido por alguém ou algo. Quando alguém está em servidão, perde sua liberdade e muitas vezes se torna como um escravo. As palavras hebraicas e gregas traduzidas como “estar preso a” ou “servidão” significam “uma perda de liberdade”. Essa ideia está relacionada a servir ou ser escravo de outra pessoa.

Servidão no Antigo Testamento

O Antigo Testamento utiliza várias palavras para servidão para descrever períodos em que os israelitas foram escravos. Isso inclui o período no Egito, bem como na Babilônia e na Pérsia. Algumas versões em português da Bíblia usam a palavra “vínculo” para descrever uma condição de escravidão individual. Um exemplo são as leis que Moisés deu que permitem a uma pessoa escolher se tornar escrava ([Lv 25.39-44](#)). O antigo termo “serva” é usado para descrever uma amante ou esposa secundária. A ideia de servidão também é usada para descrever o controle que Deus tem sobre as nações do mundo ([Sl 2.3](#)).

Servidão no Novo Testamento

No Novo Testamento, o termo escravidão é usado como uma metáfora com aspectos positivos e negativos. Negativamente, indica sujeição espiritual:

- ao pecado ou a Satanás ([Hb 2.14-15](#); [2Pe 2.19](#)),
- a carne ([Rm 8.12-14](#)), ou
- a Lei ([Gl 2.4](#); [5.1](#)).

Os seres humanos tornam-se servos quando forças hostis controlam suas ações. O apóstolo Paulo também ilustra a ideia de servidão ao descrever como a criação está sujeita à decadência física ([Rm 8.21](#)). Este é o resultado do pecado humano.

Ideias positivas sobre servidão

Positivamente, o uso do termo servidão (ou, escravidão) na Bíblia indica ser um servo. Isso é especialmente verdadeiro ao descrever o serviço a Deus como uma obrigação ou voto ([Nm 30.2-15](#); [Ez 20.37](#)). Escravidão também pode representar a necessidade e o valor do sofrimento ([Hb 10.34](#); [13.3](#)). O apóstolo Paulo usa esse termo de duas maneiras ao se chamar de “prisioneiro de Cristo”. Ele diz isso para demonstrar a conexão de seus laços físicos com sua escravidão espiritual a Cristo ([Ef 3.1](#); [Fp 1.7-14](#); [2Tm 1.8](#); [2.9](#); [Fm 1.9-10.13](#)).

Veja também Escravo, Escravidão.

Servo

Uma pessoa sob a obrigação de servir a um mestre, que, por sua vez, forneceria uma medida de proteção. Alguns servos eram escravos sob escravos legais. Outros eram servos voluntariamente. Nem sempre é possível distinguir entre “servo”, “escravo” e “serviçal” (homem ou mulher). Várias palavras em hebraico e grego foram traduzidas como “servo”, embora traduções mais recentes às vezes prefiram outras palavras.

A palavra hebraica para “menino”, “jovem” ou “menino” muitas vezes significa servo ([Êxodo 33.11](#); [Números 22.22](#); [2 Reis 4.12](#)). Uma palavra que significa “servo nascido livre” se referia aos servos do Senhor, como os levitas ([Esdras 8.17](#); [Isaías 61.6](#); [Esdras 44.11](#)) ou sacerdotes ([Êxodo 28.35](#); [Joel 1.9](#); [2.17](#)). Às vezes, os ministros do rei são chamados de servos ([1 Crônicas 27.1](#); [Provérbios 29.12](#)), assim como os anjos que ministram diante do Senhor ([Salmos 103.21](#); [104.4](#)). O servo contratado ou assalariado também era considerado uma pessoa livre ([Êxodo 12.45](#); [Jó 7.1](#); [Malaquias 3.5](#)).

O termo hebraico mais comum, ocorrendo quase 800 vezes no Antigo Testamento, significa um escravo mantido em escravidão ([Gênesis 9.25](#); [12.16](#); [Êxodo 20.17](#); [Deuteronômio 5.15](#); [15.17](#)). No entanto, a mesma palavra é usada para pessoas de posição nobre, como ministros e conselheiros do rei ([2 Reis 22.12](#); [2 Crônicas 34.20](#); [Neemias 2.10](#)) ou um servo de Deus ([Gênesis 24.14](#); [Números 12.7](#); [Josué 1.7](#); [2 Reis 21.8](#)), em expressões como “Moisés, meu servo” [ou também Davi, Isaías, Israel, Jó e assim por diante]. Uma das expressões mais nobres é “o servo de Yahweh [o Senhor]” ([Deuteronômio 34.5](#); [Josué 1.13](#); [8.31-33](#); [Isaías](#)

[49.1-6](#); [50.4-9](#); [52.13-53.12](#)). O nome próprio Obadias significa “servo de Yahweh”.

O Novo Testamento define de forma variada como servo contratado ou assalariado ([Marcos 1.20](#); [Lucas 15.17-19](#); [João 10.12-14](#)), mais amplamente como um escravo ([Mateus 8.9](#); [10.24-25](#); [13.27-28](#); [Marcos 10.44](#); [12.2-4](#); [Lucas 7.2-3.8-10](#); [João 4.51](#); [8.34](#); [13.16](#); [Efésios 6.5](#); [Colossenses 1.7](#)), e também como um servo doméstico ([Lucas 16.13](#)).

Ver também Escravo, Escravidão.

Servo Do Senhor

Título aplicado a uma variedade de pessoas na Bíblia. O termo básico, “servo”, cobre uma gama de significados. Usado cerca de 800 vezes apenas no AT, “servo” se refere a um escravo, a um oficial perto do rei, ou ao líder escolhido do povo de Deus.

[Isaías 41.8-9](#) define esta maior servidão como algo concedido pela graça de Deus: “Mas tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi . . . ; tu, a quem tomei desde os confins da terra e te chamei dentre os seus mais excelentes e te disse: 'tu és o meu servo . . . '” (ARC). Este título é assim aplicável aos heróis da fé e ação — aos patriarcas ([Gn 26.24](#); [Ez 28.25](#); [37.25](#)), a Moisés ([Êx 14.31](#); [1Rs 8.53.56](#)), a Davi ([2Sm 7.26-29](#); [Jr 33.21-26](#); [Ez 37.24](#)) e seus descendentes (como Ezequias, Eliaquim, Zorobabel — [Ag 2.23](#)), aos profetas ([2Rs 10.10](#); [14.25](#)), e a outros israelitas fiéis, como Josué e Calebe ([Nm 14.24](#); [Js 24.29](#); [Jz 2.8](#)).

Profetas diferentes de Isaías usam este termo, mas apenas Zacarias se junta a ele em fazer uma previsão aparentemente messiânica a este nome. [Zacarias 3.8](#) diz: “Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo.” (ARC). Alguns veriam Zorobabel como o indivíduo em vista aqui (cf. [Zc 6.12](#)); no entanto, o uso de “Renovo” é definitivamente messiânico em Isaías ([Is 11.1](#)) e Jeremias ([Jr 33.15](#)).

“O servo do Senhor”, em um uso bíblico específico, aponta para o Messias, ao mesmo tempo, em que alude à mensagem central de Isaías. Embora Isaías, junto com outros, use o termo “servo” com uma variedade de significados, ele compôs algumas passagens conhecidas como os Cânticos do Servo. Essas seções distintas de seu livro são distinguíveis no conteúdo, mas elas não podem ser extraídas do contexto ao redor sem interromper o fluxo da

profecia. O foco de Isaías está no futuro Messias-servo. Ninguém pode questionar a interpretação messiânica unânime do NT do servo de Isaías, nem sua aplicação deste entendimento a Jesus Cristo.

Uma “cristologia do servo” permeia Atos ([Atos 3.13,26](#); [4.27,30](#)), e 1 Pedro, com inúmeras alusões nos Evangelhos. O próprio Jesus cita [Isaías 53](#) explicitamente apenas em [Lucas 22.37](#), mas ele parece aludir a isso em [Marcos 10.45](#), [14.24](#) e possivelmente [9.12](#). Pedro não apenas enfatiza o sofrimento vicário e redentor ([1Pe 2.21-25](#); [3.18](#)), mas parece destacar o tema de [Isaías 53](#) ao resumir a profecia do AT ([1.11](#)) como prevendo “os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam”. Paulo inclui esses elementos ([1Co 15.3](#); [Fp 2.6-11](#); cf. [Rm 4.25](#); [5.19](#); [2Co 5.21](#)), e o título “Cordeiro de Deus”, de João deriva de [Isaías 53.7](#) tanto quanto de todo o sistema sacrificial.

Veja também Cristologia; Isaías, Livro de.

Sesai

Sesai era um descendente de Anaque. Ele vivia na cidade de Hebrom quando os 12 espiões israelitas exploraram a terra de Canaã ([Nm 13.22](#)). Mais tarde, os israelitas derrotaram Sesai e tomaram sua terra ([Js 15.14](#); [Jz 1.10](#)).

Sete

O terceiro filho de Adão e Eva. Ele substituiu Abel, que Caim assassinou ([Gn 4.25](#)). Sete aparece como o filho primogênito de Adão nas listas de família de [Gênesis 5.3-8](#), [1 Crônicas 1.1](#), e [Lucas 3.38](#). Foi através da linhagem de Sete que Jesus nasceu. Sete foi o pai de Enos e viveu 912 anos.

Veja também A ancestralidade de Jesus Cristo.

Sete

42. Uma referência aos filhos de Moabe, que causaram problemas e guerra para os israelitas ([Nm 24.17](#));
43. O terceiro filho de Adão ([1Cr 1.1](#)).

Veja também Sete.

Sete

Veja Números e numerologia.

Sete últimas palavras de Jesus

Palavras registradas de Jesus entre o momento em que foi crucificado e o momento em que morreu. Essas sete frases (citadas abaixo da versão NTLH) não são encontradas em um único Evangelho. Em vez disso, as duas primeiras e a sétima ocorrem apenas em Lucas; a terceira, quinta e sexta, apenas em João; e a quarta, tanto em Mateus quanto em Marcos. A ordem é tradicional; como nenhum Evangelho as registra todas, é incerto em que ordem realmente ocorreram. Também é desconhecido se Jesus disse outras coisas da cruz ou se as sete declarações são resumos de afirmações mais longas. Mas considerando o trauma da crucificação, não seria surpreendente se isso fosse tudo o que ele disse.

1. “Pai, perdoa esta gente! Eles não sabem o que estão fazendo” ([Lc 23.34](#)).

Esta é a única das sete últimas palavras cuja autenticidade é questionada, pois vários dos melhores manuscritos gregos não a contêm. Mesmo que exista um elemento de dúvida (as evidências estão bastante equilibradas), certamente se encaixa no que se sabe sobre Jesus e seu amor, independentemente de Lucas ter registrado isso originalmente ou não. Poucos versículos antes, Jesus mostrou mais preocupação pelos outros do que por si mesmo ([Lc 19.41](#); [22.50-51](#); [23.28](#)). Jesus viveu seu próprio ensinamento e orou por aqueles que o estavam torturando ([Lc 6.27-28](#)) — nenhum impulso maior para a humanidade ir e fazer o mesmo poderia ser dado. Certamente os soldados e líderes judeus não estavam totalmente alheios ao que estavam fazendo (cf. [At 3.17](#)), mas no fato de não conhecerem o verdadeiro significado de sua ação, estavam ignorantes. Para os cristãos, o pedido “Pai, perdoa” é mais importante do que a razão, como Estevão reconheceu ao parafraseá-lo em seu próprio martírio ([At 7.60](#)). No final, o perdão não exige razão; é graça.

2. “Eu afirmo a você que isto é verdade te digo: hoje você estará comigo no paraíso” ([Lc 23.43](#)).

Lucas não registra esta declaração para ensinar sobre a morada dos mortos, mas para expressar a resposta do Senhor à fé. Um criminoso, de forma bastante compreensível, junta-se à multidão

zombeteira e recebe apenas silêncio ([Lc 23.40](#)), mas o outro, de forma bastante notável, reconhece não apenas a inocência de Jesus, mas também que a cruz era apenas um prelúdio para o reino (vv. [40-42](#)). Jesus prometeu ao homem que ele estaria com ele no paraíso. Aqui novamente está a graça, pedida e recebida.

3. “- Este é o seu filho... - Esta é a sua mãe” ([Jo 19.26-27](#)).

João imagina Jesus como estando totalmente no controle da situação. Neste ponto, esse controle é evidente, enquanto ele cuida calmamente de sua mãe em vez de se concentrar em seu próprio sofrimento. Maria também estava sofrendo enquanto a “espada” perfurava seu coração ([Lc 2.35](#)). Jesus, agora muito mais seu Senhor do que seu filho, lembra-se de seus relacionamentos naturais, assim como dos espirituais. Não se sabe por que os irmãos de Jesus não estavam por perto para cuidar de Maria, ou por que eles perderam o festival da Páscoa. Também não se sabe por que o discípulo amado foi escolhido, mas talvez a escolha tenha recaído sobre ele porque ele estava lá no Calvário e era confiável.

4. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ([Mt 27.46](#); [Mc 15.34](#)).

Já se passaram horas desde as primeiras três palavras, no profundo da escuridão que cobriu o Calvário nas últimas três horas. De repente, Jesus clamou as primeiras palavras do [Salmo 22](#). Marcos as registrou na língua nativa de Jesus, o aramaico, enquanto Mateus as traduziu para o hebraico. O significado do clamor (chamado de clamor de abandono) foi explicado de várias maneiras: como uma expressão de sentimento humano, uma declaração de decepção por Deus não tê-lo livrado, uma expressão de separação de Deus porque ele estava carregando o pecado, ou uma citação de todo o salmo com seu final triunfante sendo intencionado. Embora a profundidade total deste clamor seja um mistério conhecido apenas por Jesus e seu Pai, é provável que, porque o salmo é um clamor a Deus por vindicação, Jesus esteja aqui pedindo por isso. Ele clama a Deus para mostrar que ele é verdadeiramente o escolhido de Deus. A petição é respondida quando Deus ressuscita seu Filho dos mortos três dias depois.

5. “Estou com sede!” ([Jo 19.28](#)).

No início da crucificação, a Jesus foi oferecido um vinho drogado como um soporífero para amortecer a dor da crucificação. Ele recusou ([Mt 27.34](#); [Mc 15.23](#)). Agora, severamente desidratado, Jesus

aceita o vinho azedo dos soldados ([Jo 19.29](#)), o que aguçaria seus sentidos para seu grito final. Ele precisava disso, pois já estava pendurado ali por seis horas. Talvez em nenhum outro momento da vida de Jesus vejamos sua plena humanidade tão claramente quanto aqui. João viu essa ação como um cumprimento do [Salmo 22.15](#) (e talvez [Sl 69.21](#)).

6. “Tudo está completado!” ([Jo 19.30](#)).

João conclui o relato da crucificação com esta declaração simples (uma única palavra em grego). A frase naturalmente expressa alívio e satisfação pelo fato de que a dor e a agonia terminaram, e que a morte em breve o libertará, mas o contexto de João confere à palavra um significado mais profundo. Segundo João, Jesus estava no controle de toda a crucificação. Ele afirmou que ninguém poderia tirar sua vida dele — ele a entregaria por sua própria vontade ([Jo 10.18](#); [19.10-11](#)). Assim, aqui, sabendo que havia cumprido totalmente a vontade do Pai, ele voluntariamente entregou sua vida. O que está terminado, então, não é simplesmente sua morte, nem sua vida em si, nem a obra de redenção, mas a razão total de sua existência no mundo. O último ato de obediência foi realizado; a última escritura foi cumprida. Jesus proclama sua vida “completada” e sai do palco até que a ressurreição inicie um novo ato.

7. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” ([Lc 23.46](#)).

Lucas tem uma visão diferente do fim em comparação com João e os outros Evangelistas. Mateus e Marcos relatam apenas “um grande grito” após o grito de abandono, terminando em uma nota sombria. João termina com a obra concluída. Lucas, que não relata sentimento de abandono, nos diz que o grande grito foi uma citação do [Salmo 31.5](#) (cf. Estevão em [At 7.59](#)). A citação é precedida por “Pai”, o familiar *Abba*, uma forma de se dirigir a Deus característica de Jesus. Seu relacionamento com Deus permanece ininterrupto até o fim. Jesus não está saltando no escuro ou lutando contra o desconhecido, mas se entregando à morte nas mãos do mesmo Pai que serviu em vida.

Veja também Crucificação; Eli, Eli, Lama Sabactâni.

Setur

Um aserita e filho de Micael. Ele foi um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.13](#)).

Sexo, Sexualidade

A visão positiva da Bíblia sobre sexo e sexualidade

Ao contrário de algumas religiões e filosofias, a Bíblia vê a sexualidade humana de forma positiva. Segundo o Antigo Testamento, Deus fez as pessoas como seres sexuais. Ser homem ou mulher é parte do que significa ser feito à imagem de Deus ([Gênesis 1.26-28](#)). Assim, a sexualidade é uma parte importante de quem uma pessoa é, não apenas o que ela faz.

O Antigo Testamento mostra que não há nada de embaraçoso nas diferenças entre os corpos masculino e feminino ([Gênesis 2.25](#)). Também não há nada vergonhoso na atividade sexual ([Provérbios 5.18-19](#); [Eclesiastes 9.9](#)). Em particular, o Cântico dos Cânticos é um belo poema sobre o amor. Fala sobre paixão física e não deve ser entendido apenas como espiritualidade.

Paulo também é positivo nos livros de 1 Coríntios e 1 Timóteo. A imoralidade sexual era comum tanto em Corinto quanto em Éfeso, onde essas cartas foram enviadas. Em resposta, alguns cristãos estavam optando por se abster de todo sexo. O casamento estava sendo proibido ([1 Timóteo 4.3](#)). Casais casados pararam de ter relações sexuais. Eles acreditavam que isso os tornaria mais espiritualmente maduros (compare [1 Coríntios 7.5](#)).

Paulo rejeitou essas ideias. Apelando para Gênesis, ele os lembrou de serem gratos pelos dons de Deus ([1 Timóteo 4.3-5](#)). Paulo escreveu que maridos e esposas devem satisfazer as necessidades sexuais um do outro ([1 Coríntios 7.3-4](#)).

Deus fez o sexo para a procriação ([Gênesis 1.28](#)). Mas o sexo também fortalece os relacionamentos. [Gênesis 2](#) descreve como Deus fez a mulher para proporcionar companhia ao homem ([2.18-24](#)). A sexualidade humana é mais do que apenas o ato físico. Ser homem ou mulher é uma maneira que Deus nos ajuda a formar todos os tipos de relacionamentos, incluindo alguns que normalmente não são considerados sexuais.

O impacto do pecado na sexualidade humana

A Bíblia reconhece o lado negativo da natureza humana. Depois de descrever a bondade do sexo no plano perfeito de Deus, Gênesis explica como o

sexo, assim como tudo o mais, foi corrompido pelo pecado:

- A nudez tornou-se embaraçosa e assustadora;
- Homens e mulheres viam-se como objetos sexuais em vez de pessoas ([Gênesis 3.7-10](#));
- A confiança e a ternura foram substituídas por traição e dureza.

Esta é a raiz da discriminação e do abuso que motivam os protestos feministas modernos. A procriação também foi prejudicada, tornando-se dolorosa e angustiante.

Este é o contexto para a proibição da Bíblia sobre sexo fora do casamento. Ela proíbe o adultério ([Êxodo 20.14](#)). Também proíbe qualquer tipo de sexo fora do casamento ([1 Coríntios 6.18](#); [1 Tessalonicenses 4.3](#)). A Bíblia não costuma explicar por que certas ações são proibidas. Mas, quando fornece razões para proibir relações extraconjugais, essas razões são muito informativas. Não se concentra nas consequências, como doenças ou gravidezes indesejadas, nem nas intenções por trás das ações.

Todo sexo fora do casamento é errado porque o corpo não foi feito para a imoralidade sexual e aqueles que cometem pecados sexuais prejudicam seus próprios corpos ([1 Coríntios 6.13,18](#)). A relação sexual é uma forma especial de comunicação física que Deus projetou para mostrar e confirmar o relacionamento único e vitalício entre um homem e uma mulher, que a Bíblia chama de "casamento".

A Bíblia proíbe a homossexualidade ([Levítico 18.22](#); [Romanos 1.26-27](#); [1 Coríntios 6.9-10](#); [1 Timóteo 1.9-10](#)). A única explicação para essa proibição é encontrada em [Romanos 1.24-27](#). Esses versículos sugerem que Deus se afastou das pessoas que se afastaram dele ao adorar coisas criadas em vez do Criador. Elas abandonaram Deus e cederam aos seus próprios desejos pecaminosos, incluindo a homossexualidade. Nesta visão, a homossexualidade é vista como contrária à ordem natural que Deus estabeleceu para homens e mulheres criarem vida.

Superando a tentação sexual

A Bíblia oferece conselhos práticos para lidar com a tentação sexual: evite-a. Por exemplo, quando José foi tentado pela esposa de outro homem, ele

fugiu, deixando seu manto para trás ([Gênesis 39.12](#)). Paulo diz aos seus leitores cristãos para seguirem o bom exemplo de José ([1 Coríntios 6.18](#); [2 Timóteo 2.22](#)). Isso reconhece o forte desejo por sexo que muitos seres humanos experimentam, mas não é para ser sem esperança. Paulo ensinou que o Espírito Santo dá aos crentes a força para superar a tentação sexual. Ele conhecia cristãos que usaram o poder do Espírito para ganhar autocontrole e superar seus hábitos mais difíceis ([1 Coríntios 6.9-11](#); [Gálatas 5.22-23](#); [2 Timóteo 1.7](#)).

O futuro da sexualidade humana

O Novo Testamento sugere que Deus encerrará a sexualidade humana assim como a iniciou. Jesus ensinou que não haverá casamento no céu ([Mateus 22.30](#)). Esta é uma conclusão inesperada, mas apropriada, para os ensinamentos da Bíblia sobre sexo e sexualidade. Quando não houver mais morte, a necessidade de procriação terminará. E quando os relacionamentos forem perfeitamente amorosos, não haverá necessidade de sexo para fortalecê-los. Assim, ambos os principais propósitos de Deus para a sexualidade humana serão plenamente realizados na eternidade.

Veja também Divórcio; Vida familiar e relações; Homem; Casamento, Costumes de casamento; Virgem; Mulher.

Shaddai

Parte do nome hebraico El Shaddai para Deus, que significa "Deus Todo-Poderoso" ([Sl 68.14](#)).

Veja Deus, Nomes de.

Shekinah

Uma palavra que significa "aquele que habita" ou "aquilo que habita". *Shekinah* é uma palavra hebraica transliterada para o português. Este termo tornou-se parte do ensino cristão através de escritos judaicos antigos chamados "Targums" e textos rabínicos. Esses textos usavam *shekinah* para descrever como Deus, que existe além do nosso mundo, também está presente dentro dele.

Shekinah no Antigo Testamento

A palavra "*shekinah*" em si não aparece na Bíblia, mas a ideia vem de muitos lugares no Antigo Testamento onde Deus habita entre seu povo ([Gn](#)

[9.27](#); [Êx 25.8](#); [29.45-46](#); [Nm 5.3](#); [1Rs 6.13](#); [Sl 68.16-18](#); [74.2](#); [Is 8.18](#); [Ez 43.7-9](#); [Jl 3.17,21](#); [Zc 2.10-11](#)). Essas passagens mostram que, enquanto Deus habita no céu, ele também habita na terra com seu povo.

As pessoas também usam o termo "*shekinah glória*" para descrever como Deus se revelou visivelmente aos israelitas. Foi uma manifestação visível de Deus como uma coluna de fogo e fumaça. Esta presença foi vista:

- no Sinai ([Êx 19.16-18](#)),
- no deserto ([Êx 40.34-38](#)), e
- no templo ([1Rs 6.13](#); [8.10-13](#); [2Cr 6.1-2](#)).

Shekinah no Novo Testamento

O Novo Testamento também fala sobre a presença de Deus entre as pessoas, mesmo que não use a palavra *shekinah*. No Novo Testamento, quando Deus está presente, frequentemente há luz e glória ([Lc 2.9](#); [9.29](#); [At 9.3-6](#); [22.6-11](#); [26.12-16](#); [2Pe 1.16-18](#)).

O Evangelho de João foca especialmente na glória e em Deus vivendo com as pessoas. Ele nos diz que quando Jesus (chamado de "a Palavra") se tornou humano, ele viveu entre as pessoas que viram sua glória ([Jo 1.14](#)). O Espírito de Deus permaneceu sobre ele ([Jo 1.32](#)) e estaria com seus seguidores para sempre ([Jo 14.16](#)). Ele permaneceria naqueles que permanecem em Jesus ([Jo 15.4-10](#)). João escreveu sobre essas mesmas ideias em suas cartas também. Ele frequentemente falava sobre como os crentes vivem em Cristo e como Cristo vive neles ([1Jo 2.6,14,24,27-28](#); [3.6,14-15,24](#); [2Jo 1.9](#)).

Paulo também identifica Jesus como a *shekinah* de Deus. Toda a essência e natureza de Deus vivem plenamente em Jesus em forma física ([Cl 1.19](#); [2.9](#)). Quando Cristo vive em sua igreja, isso transforma seus seguidores no povo de Deus ([Cl 1.15-23](#)). Paulo descreveu sua mensagem como "o evangelho da glória de Cristo". Ele explicou que Deus fez sua luz brilhar para ajudar as pessoas a entenderem "a glória de Deus na face de Jesus Cristo" ([2Co 4.4-6](#)).

Finalmente, o livro de Hebreus diz que Jesus é "o resplendor da glória de Deus e a representação exata de Sua natureza" ([Hb 1.3](#)).

Veja Glória; Pilar de fogo e nuvem; Teofania.

Shemá, O

A declaração "Ouve, ó Israel, Yahweh nosso Deus, Yahweh é um" ([Deuteronômio 6.4](#)). O nome, Shemá, vem da primeira palavra hebraica do versículo, *Shema*, "ouvir". [Deuteronômio 6.4-9](#) contém toda essa verdade bíblica essencial. Embora várias traduções do versículo 4 sejam gramaticalmente corretas, as palavras de Jesus em [Marcos 12.29](#) correspondem melhor à tradução acima. Judeus religiosos oram o Shemá três vezes ao dia como devoção. Nenhum culto de sábado ocorre na sinagoga sem ele.

O Shemá contém uma verdade doutrinária chave e uma obrigação. O Shemá exige que os ouvintes respondam com todo o seu ser a esta importante revelação.

Quanto à natureza de Deus, a palavra "um" (*echad*) significa uma unidade composta, não um singular absoluto. O teólogo judeu medieval Maimônides argumentou que Deus era *yachid* (um singular absoluto). Mas, o Antigo Testamento não usa essa palavra para descrever Deus. A palavra "*echad*" ocorre pela primeira vez em [Gênesis 2.24](#), onde um homem e uma mulher são feitos um (*echad*) no casamento. É assim que Jesus pôde citar [Deuteronômio 6.4](#) sem negar sua própria divindade.

Veja também Deuteronômio, Livro de.

Sheol

Termo hebraico para o lugar dos mortos. No uso comum, significa "ravina", "abismo", "submundo" ou "mundo dos mortos". No AT, é o lugar onde os mortos têm sua morada, um espaço oco debaixo da terra onde os mortos são reunidos. Sinônimos para Sheol são "cova", "morte" e "destruição" (Abadom). Sheol é um lugar de sombras e silêncio absoluto. Aqui toda existência está em suspense, mas não é um não lugar, mas sim um lugar onde a vida não existe mais. É descrito como a Terra do Esquecimento. Aqueles que habitam lá não podem louvar a Deus ([Sl 88.10-12](#)). No Apocalipse, é chamado de "poço sem fundo" presidido por Abadom, o príncipe do poço ([Ap 9.11](#)).

No entanto, não é um lugar onde Deus está completamente ausente; não há como escapar de Deus, mesmo em Sheol ([Sl 139.8](#)). Esta onipresença de Deus é descrita graficamente em Jó: "Para Deus o mundo dos mortos é aberto; não há cobertura que o impeça de ver o que acontece lá" ([Jó 26.6](#)).

NTLH). Um pensamento semelhante é expresso em Provérbios: “Se o SENHOR sabe o que acontece até mesmo no mundo dos mortos, como poderá alguém esconder dele os seus pensamentos?” ([Pv 15.11](#), NTLH). Em ambos os textos, Sheol e Abadom são usados de forma intercambiável. Abadom significa literalmente “destruição”, mas em Apocalipse é usado como um nome pessoal.

Na Bíblia, a morte não é uma ocorrência natural. Ela viola o princípio da vida, que é um presente de Deus. O Sheol, portanto, não é apenas um lugar de descanso, mas também de punição. Corá e seus associados que instigaram a rebelião contra Moisés foram engolidos pela cova aberta e pereceram no Sheol ([Nm 16.30-33](#)). O medo da morte é natural ao homem; o Sheol, portanto, serve como um símbolo da jornada sem retorno ([Sl 39.12-13](#)). O rei Ezequias de Judá lamenta em seu leito de enfermidade: “Eu pensava que iria morrer na flor da idade, que daqui em diante moraria no mundo dos mortos” ([Is 38.10](#), NTLH).

Sheol, conforme concebido no AT, difere da doutrina posterior do inferno ou Hades, pois é o lugar onde todos os mortos são reunidos indiscriminadamente, tanto os bons quanto os maus, os santos e os pecadores. Morrer significa juntar-se àqueles que foram antes. Quando um judeu morre, ele é “reunido com seus antepassados” (cf. [Gn 25.8,17](#); [35.29](#); [49.29](#)). Além de Sheol, parecia não haver esperança (cf. [Ec 9.10](#)). O desespero absoluto da morte é expresso de forma patética no livro de Jó: “antes que me vá na viagem que não tem volta, antes que vá para o país da escuridão e das trevas, para o país das sombras e da desordem, onde a própria luz é como a escuridão” ([Jó 10.21-22](#), NTLH). No entanto, esta não é a última palavra de Jó. Ele também conhece o poder de Deus, que alcança além do túmulo: “Pois eu sei que o meu defensor vive...; Mesmo que a minha pele seja toda comida pela doença, ainda neste corpo eu verei a Deus” ([19.25-26](#), NTLH).

A ideia de que os mortos habitam no submundo persiste no AT. O incidente no caso de Saul com a médium de En-Dor ([1Sm 28.11](#)) é uma boa ilustração. Samuel é trazido “de dentro da terra” para ser consultado pelo rei em um momento de crise. Tal necromancia era estritamente proibida tanto pela lei de Moisés ([Dt 18.9-11](#)) quanto pelo próprio rei (cf. [1Sm 28.3.9](#)). Aparentemente, aqueles no submundo, embora separados dos vivos, eram considerados familiarizados com os assuntos dos homens.

Sheol é próximo ao equivalente à palavra grega frequentemente encontrada no NT, Hades, que também descreve o lugar dos mortos.

Veja também Lugar dos mortos; Morte; Hades; Inferno; Estado intermediário.

Shimi

A versão do Rei Tiago para a grafia de Simeí, filho de Gérson, em [Êxodo 6.17](#).

Veja Simeí #1.

Sia

Antepassado de um grupo de assistentes do templo que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio em [Neemias 7.47](#) e [Esdras 2.44](#).

Sião

A fortaleza dos jebuseus em Jerusalém foi conquistada por Davi. A partir de então, Sião passou a ser usada por escritores bíblicos para identificar outras áreas de Jerusalém e como uma designação para a cidade inteira. Sião também foi utilizada para descrever, espiritualmente falando, a cidade eterna de Deus.

Locais geográficos

A fortaleza dos jebuseus

A primeira ocorrência da palavra “Sião” está na narrativa da conquista de Jerusalém por Davi ([2Sm 5.6-10](#); [1Cr 11.4-9](#)). Davi capturou a “fortaleza de Sião”, que passou a ser conhecida como a “cidade de Davi”. A “fortaleza de Sião” pode se referir a todo o perímetro murado do local de aproximadamente 4,5 hectares na encosta sudeste (a encosta do Ofel), ou a uma área fortificada menor dentro desse local.

O monte do templo

As mudanças no perímetro da cidade ao incorporar mais território dentro das muralhas ampliam o termo Sião. Quando Salomão construiu o templo e seu palácio e estendeu as muralhas ao norte da Colina de Ofel para abranger a eira de Ornã, o jebuseu ([2Sm 24.16-18](#); [1Cr 21.15-18,28](#)), o nome Sião foi aplicado a essas áreas também. A transferência da arca “de Sião, a Cidade de Davi”

([1Rs 8.1](#); [2Cr 5.2](#)) para a colina do templo trouxe tanto uma extensão quanto uma redução do território abrangido pelo termo “Sião”. A cidade inteira ainda poderia ser chamada de Sião, mas a partir deste ponto, haveria uma identificação estreita entre Sião e a colina do templo. Os recintos do templo tornaram-se o Sião principal; referências a Sião nos livros poéticos e na pregação dos profetas referem-se principalmente à área do templo como a morada de Deus.

A cidade toda

A palavra “Sião” pode ser usada para designar toda a cidade ou sua população sem referência específica à área do templo. Este uso é mais evidente em passagens poéticas onde Sião é um termo paralelo a Jerusalém ([Sl 51.18](#); [76.2](#); [102.21](#); [135.21](#); [147.12](#); [Is 2.3](#); [30.19](#); [33.20](#); [37.32](#); [40.9](#); [41.27](#); [62.1](#); [Jr 26.18](#); [51.35](#); [Am 1.2](#); [Sf 3.14](#)) ou às aldeias de Judá ([Sl 69.35](#); [97.8](#); [Is 40.9](#)).

Razões teológicas

No Antigo Testamento

Muitos motivos teológicos estão associados ao tema de Sião à medida que se desenvolve na história redentora. O motivo dominante de Sião como a morada de Deus, o lugar onde Deus está no meio do seu povo, está ligado ao tema maior de Emanuel, “Deus no nosso meio”. Assim como a coluna de fogo e nuvem pairava sobre o tabernáculo durante a peregrinação no deserto, uma vez que Israel alcançou o lugar da escolha de Deus ([Dt 12.5-14](#)), ele habitava ali. Quando Jerusalém se tornou a capital de Davi e Salomão completou o templo, a nuvem de glória encheu o templo ([1Rs 8.10](#); [2Cr 5.13-14](#)) e Jerusalém se tornou a morada de Deus ([Sl 74.2](#); [76.2](#); [135.21](#); [Is 8.18](#); [Jl 3.17-21](#)). O Senhor amou e escolheu Sião ([Sl 78.68](#); [132.13](#)). Sua presença gloriosa estava lá, e de lá ele falava ([50.1-2](#)). Seu fogo estava em Sião, sua fornalha em Jerusalém ([Is 31.8-9](#)). Lá ele estava entronizado acima dos querubins ([Sl 9.11](#); [99.1-2](#)) e governava sobre seu povo e as nações ([Is 24.23](#)). Seu rei escolhido governava daquele monte sagrado ([Sl 2.6](#); [48.1](#)).

Embora o tamanho do local da antiga Jerusalém não seja particularmente impressionante e normalmente não fosse considerado uma grande colina, para o salmista, Sião é o monte sagrado de Deus ([Sl 99.9](#)). Os profetas o descrevem como “o principal entre os montes, elevado acima das colinas” ([Is 2.2](#); [Mq 4.1](#)). O deus cananeu Baal era

considerado habitante de uma grande montanha ao norte, o Monte Zafom, então o salmista descreve Sião como “belo em sua elevação, como os mais altos picos do Monte Zafom” ([Sl 48.1-2](#)). O santuário de Deus é “como as altas montanhas” ([Sl 78.68](#); [Ez 40.2](#)).

Um fornecimento adequado de água tem sido um problema para Jerusalém ao longo de sua história. Durante o período do Antigo Testamento, a água da cidade vinha de uma pequena nascente. Mas aos olhos dos poetas e profetas, Sião é alegrada por um grande rio que traz vida onde quer que flua ([Sl 46.4](#); [Ez 47.1-12](#); [Jl 3.18](#); [Zc 13.1](#); [14.8](#); veja [Ap 22.1-2](#)). As águas ameaçadoras do caos não podem abalar a cidade de Deus ([Sl 46.1-3](#)).

Porque Sião é a cidade de Deus, é o destino de peregrinos, tanto judeus quanto gentios, que desejam estar na presença de Deus no templo de Sião ([Sl 42.1-2](#); [63.1](#)). Os salmos dos peregrinos expressam vividamente seu anseio ([84](#); [122](#); [125-128](#)). Toda a humanidade virá a Deus em Sião ([65.1-4](#)). Os gentios farão peregrinações anuais trazendo presentes ([Sl 76](#); [Is 18.7](#); [Sf 3.9-10](#)); até mesmo antigos inimigos serão considerados cidadãos nativos de Sião ([Sl 87](#); [Is 60.14](#); [Zc 14.21](#)). As nações fluirão para Jerusalém para inaugurar uma era de paz ([Is 2.1-5](#); [Mq 4.1-8](#)). Ano após ano, as festividades de Israel serão celebradas em Sião pelos gentios ([Zc 14.16-19](#)).

No Novo Testamento

O NT desenvolve ainda mais a ênfase tanto na Sião celestial quanto na escatológica. Por exemplo, o autor de Hebreus disse que os santos do AT olhavam “a cidade que Deus planejou e construiu... estavam procurando uma pátria melhor, a pátria celestial” ([Hb 11.10,16](#), NTLH), mas nenhum deles recebeu as promessas porque Deus havia planejado algo ainda melhor (vv. [39-40](#)). A igreja agora desfruta do que os crentes da antiga aliança nunca poderiam conhecer: acesso ilimitado à presença de Deus naquela Cidade Santa, “monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial” ([12.22](#); veja vv. [18-24](#)). A Sião terrena é apenas uma sombra da realidade celestial. A cidade atual de Jerusalém é comparada a uma mulher escrava, mas a Jerusalém celestial é livre e a mãe tanto de judeus quanto de gentios ([Gl 4.21-27](#); veja [Is 49.14-23](#); [54.1](#)). O NT também antecipa a expectativa escatológica da recriação do céu e da terra e a revelação da nova Jerusalém ([Ap 21.2](#)). É uma cidade sobre uma grande montanha alta ([Ap](#)

[21.10](#); veja [Sl 48.1-2](#); [78.68](#); [Is 2.2](#); [Ez 40.2](#); [Mq 4.1](#)), e um rio de vida flui dentro dela ([Ap 22.1-2](#)).

Veja também Jerusalém; Jerusalém, Nova.

Sibma

Uma cidade localizada nas terras de pastagem da região além do Rio Jordão (Transjordânia). Os filhos de Gade e Rúben quiseram esta terra ([Nm 32.3](#)). Deus concedeu esta área à tribo de Rúben ([Is 13.19](#)). Mais tarde, os moabitas tomaram a cidade de Rúben. Sibma era famosa por seus vinhedos ([Is 16.8-9](#); [Jr 48.32](#)). "Sebã" é outro nome para "Sibma" no texto hebraico (compare [Nm 32.38](#); [Is 13.19](#); [Is 16.8-9](#); [Jr 48.32](#)).

Sicar

Cidade em Samaria, mencionada na Bíblia apenas em [João 4.5](#). O nome foi considerado uma forma variante da transliteração grega do nome hebraico Siquém. Muitos estudiosos preferem identificá-la com a atual vila de Askar, que está localizada ao pé sudeste do Monte Ebal, cerca de 0,8 quilômetro ao norte do poço de Jacó. As escavações parecem favorecer a identificação com Siquém, proposta por Jerônimo. O Talmude Babilônico refere-se a um lugar chamado Schar ou Suchar, mas sua localização é desconhecida.

Diz-se que Sicar está perto do campo que Jacó deu a seu filho José ([Jo 4.5](#)). O registro da doação deste pedaço de terra está em [Gênesis 48.22](#). Quando Jacó concluiu a bênção dos dois filhos de José, Manassés e Efraim, ele disse a José que havia dado a ele, em vez de a seus irmãos, "um declive montanhoso, o qual tomei da mão dos amorreus com a minha espada e com o meu arco" ([Gn 48.22](#), ARA). A palavra hebraica traduzida como "declive" é a palavra para ombro e o nome da cidade de Siquém. Foi nesta propriedade que José foi enterrado ([Js 24.32](#)). Esta passagem também afirma que Jacó comprou o terreno dos filhos de Hamor, o pai de Siquém, por cem peças de prata (cf. [Gn 33.19](#); [At 7.16](#)).

O relato da visita de Jesus a Sicar em [João 4](#) é importante. Jesus veio a Sicar por um imperativo espiritual, não geográfico ([Jo 4.4](#)). Um dos objetivos desta missão era derrubar barreiras: a hostilidade entre o judeu racialmente puro e o samaritano

mestiço (v.9); as restrições sociais entre homens e mulheres (v.27); a separação social entre o ritualmente puro e o moralmente impuro (esta mulher era ostracizada; ela veio ao poço sozinha e em um horário incomum, v.6). A conversa entre Jesus e a mulher é instrutiva quanto ao testemunho pessoal. O discernimento espiritual e a compaixão de Jesus são evidentes. Quando a mulher recebeu o testemunho de sua identidade como o Messias, ela também se tornou uma testemunha eficaz (vv.28-30). Os novos crentes entre os samaritanos pediram a Jesus para ficar com eles, então ele permaneceu por dois dias e muitos mais creram nele (vv.39-41).

Sicute

Sicute é o nome de um deus babilônico semelhante a Saturno, adorado na Mesopotâmia ([Am 5.26](#)). Alguns acreditam que o nome pode vir da palavra hebraica *sukkah*, que significa "santuário" ou "tabernáculo", onde um ídolo poderia ser colocado.

Veja Quium.

Sidom (Lugar), Sidônio

Uma cidade costeira situada entre Beirute e Tiro na costa fenícia, conhecida como Sidom.

Saida, a cidade atual, não é uma continuação direta da cidade antiga. É um desenvolvimento dos tempos pós-Cruzadas. Os nomes Sidom e sidônio aparecem 38 vezes no Antigo Testamento, e Sidom ocorre 12 vezes no Novo Testamento.

O "quadro das nações" ([Gênesis 10](#)) pode datar Biblos (Gebal, Jebeil), Tiro e Sidom. Ele menciona Sidom como o primogênito de Canaã, e Canaã era filho de Cam. O território dos cananeus se estendia de Sidom a Gaza e a leste até as Cidades da Planície.

Sidom está a 35 quilômetros ao norte de Tiro. Elas são frequentemente associadas (por exemplo, [Is 23.1-2](#); [Jr 47.4](#); [Mt 11.21-22](#)). Ambas as cidades estavam muito focadas no comércio e na indústria. Sidom foi construída em um promontório que se projetava no mar em direção ao sudoeste. Tinha dois portos, sendo que o do norte possuía portos internos e externos. Sidom também era um centro de fabricação do corante púrpura feito a partir do molusco murex.

A Bíblia menciona Sidom várias vezes em conexão com a conquista da Palestina. Josué derrotou Jabim,

rei de Hazor, e perseguiu o inimigo até a "Grande Sidom" ([Js 11.8](#)). Josué também afirmou que a terra de Israel incluía todo o Líbano, "até todos os sidônios" ([Js 13.4-6](#)). A distribuição tribal de Aser se estendia ao norte até "Sidom a Grande" ([Js 19.28](#)). Mas Aser não expulsou os habitantes de Sidom ([Jz 1.31](#)).

Os deuses de Sidom estão entre as divindades estrangeiras que Israel serviu ([Jz 10.6](#)); o censo de Davi incluiu Sidom e Tiro ([2Sm 24.6-7](#)). Durante uma fome no tempo de Acabe, o profeta Elias foi enviado à casa de uma viúva em Sarepta, em Sidom ([1Rs 17.9](#); [Lc 4.25-26](#)). Sidom é frequentemente mencionada pelos profetas hebreus ([Is 23.2.4.12](#); [Jr 25.22](#); [27.3](#); [47.4](#); [Ez 27.8](#); [Il 3.4](#); [Zc 9.2](#)).

No Novo Testamento, Jesus curou a filha de uma mulher daquela região ([Mt 15.21-28](#)). Pessoas vieram de tão longe quanto Tiro e Sidom para ouvir Jesus e serem curadas por ele ([Lc 6.17](#)). Em sua viagem para Roma para comparecer diante de César, o navio parou primeiro em Sidom. Lá, o centurião, Júlio, permitiu que Paulo visitasse amigos em terra ([At 27.3](#)).

Sidom (Pessoa)

O primogênito de Canaã; Canaã era filho de Cam e neto de Noé ([Gn 10.15.19](#); [1Cr 1.13](#)). Sidom fundou uma cidade (que leva seu nome) que estabeleceu o limite norte da terra de Canaã e mais tarde desempenhou um papel dominante na história palestina.

Veja também Sidom (Lugar), Sidônio.

Sifi

Pai de Ziza e um príncipe na tribo de Simeão ([1Cr 4.37](#)).

Sifmita

Designação para Zabdi ([1Cr 27.27](#)). *Veja* Zabdi #3.

Sifrá

Uma das duas parceiras hebraicas que se recusaram a matar bebês hebreus do sexo masculino sob o comando do Faraó ([Êx 1.15](#)).

Siftã

O pai de Quemuel. Quemuel era um líder da tribo de Efraim. Moisés escolheu Quemuel para ajudar a dividir a Terra Prometida entre as dez tribos de Israel que viviam a oeste do rio Jordão ([Nm 34.24](#)).

Sigaiom, Sigionote

Palavras hebraicas nos títulos de [Salmo 7](#) e [Habacuque 3](#), respectivamente, talvez indiquem um hino, um salmo de aflição ou um salmo acompanhado de instrumentos. *Veja* Música.

Silas

Um líder respeitado na igreja de Jerusalém, também chamado de Silvano ([2Co 1.19](#); [1Ts 1.1](#); [2Ts 1.1](#); [1Pe 5.12](#)). "Silas" é provavelmente a forma aramaica do nome hebraico "Saul", que ao receber uma forma latina tornou-se *Silouanos* (Silvano). Assim, Silas tinha dois nomes — um latino e um nome semítico mais curto. O nome era conhecido na era helenística e aparece em várias inscrições. Lucas usou o nome Silas ao narrar a história da igreja de Jerusalém em Atos. Paulo e Pedro usaram o nome romano em suas epístolas.

Silas é apresentado em [Atos 15.22](#) como um representante proeminente que transmitiu a Antioquia o decreto do Concílio de Jerusalém. Vários manuscritos (de qualidade inferior aos mais bem atestados) incluem [15.34](#); este versículo adicionado indica que Silas permaneceu em Antioquia porque logo depois ele se juntou a Paulo em sua segunda viagem missionária ([At 15.40](#)). Seu serviço como profeta pode ser evidente em [Atos 16.6](#), quando o Espírito redirecionou o grupo através da Ásia. O nome de Silas aparece oito vezes durante a segunda viagem ([At 16.19.25.29](#); [17.4.10.14-15](#); [18.5](#)), enquanto ele acompanhava Paulo nas dificuldades sofridas em Filipos, Tessalônica e Bereia. Quando Paulo foi conduzido em segurança para fora da Macedônia pelos cristãos de Bereia ([17.14](#)), Silas permaneceu com Timóteo para supervisionar o trabalho já iniciado na região. Mais tarde, em Corinto ([18.5](#)), Silas e Timóteo se reuniram a Paulo. O relatório deles levou Paulo a corresponder-se com a igreja em Tessalônica. Isso explica o nome de Silas no cabeçalho de 1 e 2 Tessalonicenses.

Parece claro que Silas era bem conhecido dos coríntios. Ele não apenas permaneceu na cidade com Paulo por um ano e meio ([At 18.11](#)), mas pode-se conjecturar que ele ficou em Corinto após a disputa diante de Gálio. Paulo, em sua última viagem, escreveu de Éfeso para Corinto e mencionou Silas novamente ([2Co 1.19](#)), lembrando aos coríntios do ministério anterior entre eles.

A história subsequente de Silas é obscura. Alguns acreditam que Silas foi um escriba cristão respeitado. O envolvimento de Silas em 1 e 2 Tessalonicenses é frequentemente mencionado, destacando o uso contínuo do plural da primeira pessoa por Paulo. Alguns estudiosos encontram semelhanças entre 1 e 2 Tessalonicenses, o decreto de [Atos 15](#) e 1 Pedro, onde Silas é mencionado como colaborador na redação ([1Pe 5.12](#)). Esta última associação com Pedro é intrigante e levou à especulação de que Silas acabou se juntando a Pedro e ministrou no norte da Ásia.

Silém, Silemita

Quarto filho de Naftali ([Gn 46.24](#)), e pai dos Silamitas ([Nm 26.49](#)); também chamado de Salum em [1Cr 7.13](#).

Sílex

Sílica (rocha) escura, de grão fino e dura usada para lâminas de ferramentas. O sílex, quando golpeado contra outras superfícies duras, produz faíscas e, portanto, era usado para acender fogueiras. *Vea Minerais e metais.*

Siló

Cidade identificada com Tell Seilun, localizada a 16 quilômetros a nordeste de Betel, 20 quilômetros a sudeste de Siquém, e 5 quilômetros a leste da estrada entre Siquém e Jerusalém, encaixando-se precisamente na descrição de sua localização em [Juízes 21.19](#). Além da continuidade do nome do local e de sua adequação aos requisitos bíblicos de localização, os resultados das escavações concordam com a história de Siló, conforme é conhecida pela Bíblia, e confirmam a identificação.

A cidade não é mencionada em nenhuma fonte anterior à Bíblia. As escavações mostram que Siló

prosperou como uma cidade fortificada no início do segundo milênio.

O local foi abandonado e reassentado no início do período israelita. A Bíblia não fornece informações sobre como o local passou para as mãos dos israelitas. Josué estabeleceu o Tabernáculo lá ([Js 18.1](#)), e Siló tornou-se o centro da vida religiosa durante o período dos juízes. Lá, Josué lançou sortes para repartir a herança de terra para sete das tribos ([18.1-19.51](#)) e para designar as cidades levíticas ([21.1-42](#)). Uma disputa sobre um altar erguido pelas duas tribos e meia que se estabeleceram em Transjordânia foi resolvida em Siló ([22.9-34](#)). Alguns benjaminitas sequestraram mulheres de lá durante um festival religioso ([Jz 21](#)). Elcana e Ana frequentemente viajavam para o Tabernáculo em Siló, onde Ana prometeu dedicar seu filho ao serviço do Senhor ([1Sm 1.3.9.24](#)). Os filhos de Eli, que ministravam lá, desonraram seu cargo e foram rejeitados, então o Senhor apareceu a Samuel ([1Sm 2.14; 3.21](#)). Quando a arca foi levada de Siló para uma batalha com os filisteus, a notícia de sua perda para os filisteus chegou a Eli e causou sua morte ([1Sm 4.1-18](#)). A arca nunca foi devolvida a Siló; o salmista registra que Deus “abandonou a sua Tenda Sagrada, que estava em Siló, a casa onde ele havia morado entre os seres humanos” ([Sl 78.60](#), NTLH).

A cidade de Siló provavelmente sofreu alguma destruição na época da queda do reino do norte em 722 a.C. A súbita escassez de restos cerâmicos no período Irom III sugere que o local foi amplamente abandonado por volta de 600 a.C. Após a destruição do Templo em 586 a.C., pessoas vieram de Siló para oferecer sacrifícios em Jerusalém ([Jr 41.5](#)). Os silonitas possivelmente também estavam entre os primeiros a retornar do cativeiro babilônico ([1Cr 9.5](#)). O local foi reassentado por volta de 300 a.C. e floresceu durante o período romano. É mencionado por Eusébio e Jerônimo e em fontes talmúdicas. Perdeu grande parte de sua importância após as conquistas islâmicas.

Siloni

Vea Siloni #2.

Silonita

1. Habitante de Siló, a cidade natal do profeta Aías ([1Rs 11.29](#); [12.15](#); [15.29](#); [2Cr 9.29](#); [10.15](#)). *Veja* Siló.

2. Cidade natal do antepassado de uma família de exilados que retornou a Jerusalém após o cativeiro babilônico ([1Cr 9.5](#); [Ne 11.5](#)). Este lugar é provavelmente o mesmo que o #1 acima. No entanto, "silonita" possivelmente deveria ser "selonita"; a NVI e a NVT leem "Selá" em [Neemias 11.5](#). *Veja* Selá #2.

Silsa

Filho de Zofá e líder da tribo de Aser ([1Cr 7.37](#)).

Simão

Forma grega de um nome hebraico/aramaico que significa "Deus ouviu". Nove homens no NT tinham este nome:

1. Filho de Jonas ([Mt 16.17](#)) ou João ([Jo 1.42](#)), o irmão de André (v. [40](#)), e de sobrenome Cefas e Pedro (respectivamente aramaico e grego, para "rocha", v. [42](#)) por Jesus. Um pescador de Betsaida ([Mc 1.16](#); [Jo 1.44](#)), ele se tornou um apóstolo de Jesus e autor de duas cartas do NT com seu nome. *Veja* Pedro, o apóstolo.

2. Irmão de Jesus, nomeado com outros irmãos, Tiago, José ou Josef, e Judas ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)).

3. Leproso, talvez socorrido por Jesus, na casa em Betânia Jesus e seus discípulos estavam comendo quando uma mulher derramou um frasco de alabastro de unguento caro na cabeça do Senhor. Sobre as objeções dos discípulos contra o desperdício do que poderia ter sido vendido para ajudar os pobres, Jesus elogiou o ato como uma coisa maravilhosa ([Mt 26.6-13](#); [Mc 14.3-9](#)). De [João 12.1-8](#), parece que a casa de Simão também era a casa de Maria, Marta e Lázaro, mas seu relacionamento com Simão é incerto.

4. Homem de Cirene, um distrito do norte da África, a quem os romanos forçaram a carregar a cruz de Jesus ([Mt 27.32](#); [Mc 15.21](#); [Lc 23.26](#)). Ele era o pai de Alexandre e Rufo ([Mc 15.21](#); cf. [Rm 16.13](#)).

5. O apóstolo de Jesus chamado um zelote ([Lc 6.15](#)), presumivelmente por causa da associação prévia com o partido de extremistas políticos com esse nome, que adotou o terrorismo para se opor à

invasão romana da Palestina, ou com um de vários grupos judeus conhecidos por seu zelo pela lei. Em [Mateus 10.4](#) e [Marcos 3.18](#), ele é designado de "Cananeu" na tradução da King James — a partir da palavra aramaica para "zelote". Ele é mencionado novamente em [Atos 1.13](#) como um dos 11 apóstolos em Jerusalém após a ascensão de Jesus. Fora isso, o NT fica em silêncio sobre ele.

6. Fariseu que o tratamento de Jesus evocou a parábola dos dois devedores ([Lc 7.36-50](#)). Ele convidou Jesus para comer em sua casa, mas reteve as cortesias costumeiras dos convidados e desaprovou a aceitação de Jesus de uma mulher "pecadora" que molhou os pés do Senhor com suas lágrimas, os secou com seus cabelos e os ungiu com unguento de um frasco de alabastro. A parábola de Jesus contrastou o ato de amar e a fé arrependida da mulher com o ceticismo desamoroso e hipócrita de Simão.

7. Pai de Judas Iscariotes, o discípulo que traiu Jesus no Getsêmani ([Jo 6.71](#); [13.2.26](#)).

8. Mago (muitas vezes chamado de Simão Mago) de grande renome em Samaria. Impressionado com os sinais e milagres realizados por Filipe, o diácono que se tornou evangelista, ele se juntou à multidão de crentes batizados. Ele ofereceu dinheiro a Pedro e João em troca do presente do Espírito Santo, provocando a repreensão enfática de Pedro ([Atos 8.9-24](#)). Da associação deste incidente com seu nome, a palavra em português "simonia" é derivada; denota a venda ou compra de posições da igreja, ou qualquer lucro de coisas sagradas.

9. Curtidor de Jope. Pedro se hospedou em sua casa por muitos dias ([Atos 9.43](#); [10.6,17,32](#)). No telhado de Simão, Pedro experimentou a visão de um grande lençol baixado do céu, contendo animais e pássaros proibidos como alimento na lei judaica ([10.15](#)). Pedro mais tarde reconheceu esta visão como sua preparação para consentir em pregar o evangelho aos gentios (vv. [28-29](#)).

Simão

Chefe de uma família judaíta ([1Cr 4.20](#)).

Simão Zelote

É referido pelas maiorias das versões em português de "Simão, chamado Zelote" ([Lc 6.15](#); [At 1.13](#)).

Veja Simão #5.

Simão, O Cananaean*

Tradução da Bíblia em inglês RSV (Revised Standard Version), com uma transliteração peculiar para "cananeu" para descrever Simão, o zelote, em [Mateus 10.4](#); [Marcos 3.18](#). Ver Simão #5.

Simão, O Cananeu*

Tradução da Bíblia King James para Simão, o zelote, em [Mateus 10.4](#); [Marcos 3.18](#). Ver Simão #5.

Simão, o Mágico

Simão Mago era um mágico (alguém que usava magia) no livro de Atos ([At 8.9](#)).

Veja Simão nº 8.

Simão, o mago

Um feiticeiro da Samaria que pareceu se converter ao Cristianismo após ouvir Filipe pregar ([At 8.9-24](#)).

Veja Simão #8.

Simão, O Zelote

Um dos discípulos de Jesus ([Mt 10.4](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.15](#); [Atos 1.13](#)). Ver Simão #5.

Simeão

Ortografia alternativa de Simeia, filho de Miclote, em [1Cr 9.38](#). Veja Simeia #2.

Simeão

O quinto filho de Harim, que foi encorajado por Esdras a se divorciar de sua esposa estrangeira, com quem havia se casado durante a era pós-exílica ([Ed 10.31](#)).

Simeão (Pessoa)

44. O segundo dos 12 filhos de Jacó ([Gn 35.23](#); [1Cr 2.1](#)). Ele foi o segundo filho que Lia lhe deu ([Gn 29.33](#)). Simeão teve seis filhos ([Êx 6.15](#)). Ele estabeleceu sua família no Egito com Jacó e seus irmãos ([Êx 1.2](#)). Ele foi o fundador dos simeonitas ([Nm 26.12-14](#)). Ele também fundou uma das 12 tribos de Israel ([Nm 1.23](#)). Ele é mais lembrado por sua vingança contra os homens de Siquém por causa do estupro de Diná ([Gn 34.25](#)).

Veja também Simeão, Tribo de.

45. Um judeu devoto vivendo em Jerusalém foi assegurado de que não morreria antes de ver o Messias Prometido. O Espírito Santo conduziu Simeão ao Templo. Lá, ele encontrou Maria e José. Ele segurou Jesus e profetizou sobre a missão do Messias. ([Lc 2.25-35](#)).

46. Um ancestral de Jesus na lista da família de Lucas ([Lc 3.30](#)).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

47. Um dos cinco profetas e mestres mencionados em [Atos 13.1](#) que estavam servindo na igreja de Antioquia. Simeão era apelidado de Níger e talvez fosse da África. Simão é uma leitura melhor do grego neste texto.

48. Uma referência a Simão Pedro em [Atos 15.14](#).

Veja Pedro, O apóstolo.

Simeão, Tribo de

Uma das 12 tribos de Israel descendeu do segundo filho de Jacó, Simeão. Devido ao ato maligno de Simeão em Siquém, Jacó previu que os descendentes de Simeão seriam espalhados entre as outras tribos de Israel ([Gn 49.7](#)).

O território da tribo de Simeão

De acordo com o livro de Josué, a herança de Simeão foi incluída no território de Judá ([Js 19.1.9](#)). [Juízes 1.3](#) sugere uma relação próxima entre as tribos de Simeão e Judá. As duas tribos frequentemente trabalhavam juntas em suas campanhas militares durante a conquista de Canaã. As cidades levíticas, que foram alocadas para prover os levitas, também foram compartilhadas entre Simeão e Judá ([Js 21.9-16](#)).

A herança limitada deles dentro das fronteiras de Judá continuou quando Simeão se uniu a Judá, após a divisão do reino de Israel em dois. Apesar disso, os simeonitas conseguiram manter uma identidade tribal distinta por algum tempo. Isso é evidenciado por listas de famílias preservadas até o reinado de Ezequias, rei de Judá ([1Cr 4.24-42](#)).

Durante o reinado de Ezequias, os simeonitas expandiram seu território estabelecendo-se nas áreas árabes de Seir ([1Cr 4.24-43](#)). Eles também podem ter se estabelecido na região montanhosa de Efraim ([2Cr 15.9](#)). Embora Simeão fosse o segundo filho mais velho de Jacó, a tribo de Simeão nunca foi importante. Ao contrário de algumas outras tribos, Simeão não produziu juízes notáveis e está notoriamente ausente do Cântico de Débora (veja [Jz 5](#)). De acordo com [1 Crônicas 4.28-33](#), a tribo de Simeão se estabeleceu na parte mais ao sul de Canaã, uma região conhecida como o Neguebe. Esta área, embora seca e acidentada, era fértil o suficiente no início do verão devido às chuvas anuais e às nascentes persistentes. A região ficou conhecida como "o Neguebe de Judá", o que serve para distinguir Simeão dos não judeus que viviam naquela área ([1Sm 27.10](#); [30.14](#); [2Sm 24.7](#)).

Casamentos mistos na tribo de Simeão

As listas familiares de Simeão revelam um alto grau de casamentos entre tribos israelitas e com não israelitas:

- Saul, filho de Simeão, era filho de uma mulher cananeia ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#)).
- Dois dos filhos de Simeão compartilham nomes com os filhos de Ismael ([Gn 25.13-14](#); [1Cr 1.29-30](#); [4.25](#)).
- Jamim era um descendente de Rão ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#); [1Cr 2.27](#)).

A tribo de Simeão no Novo Testamento

No Novo Testamento, a tribo de Simeão aparece em sétimo lugar na lista das tribos que são seladas por Deus ([Ap 7.7](#)).

Simeate

Mãe amonita ([2Cr 24.26](#)) ou talvez pai ([2Rs 12.21](#)) de um dos servos reais que conspiraram contra e assassinaram o rei Joás de Judá (835–796 a.C.).

Simeatitas

Uma das três famílias de escribas que viviam em Jabez, em Judá. Eles eram possivelmente queueus e descendentes de Hamate ([1Cr 2.55](#)). Sua história não é clara. Os simeatitas podem ser identificados com uma das tribos nômades queeneias que se estabeleceram com os amalequitas no sul da Palestina durante o reinado de Saul em Israel (1020–1000 a.C.).

Simeí

1. Filho de Gérson, neto de Levi e irmão de Libni ([Êx 6.17](#); [Nm 3.18](#); [1Cr 6.17](#)). Ele foi o pai de quatro filhos e o fundador da família Simeíta ([Nm 3.21](#); [1Cr 23.7,10](#); [Zc 12.13](#));

2. Benjamita e filho de Gera da casa de Saul. Ele encontrou o Rei Davi na aldeia de Baurim durante a jornada do rei de Jerusalém para Maanaim. Nesse encontro, Simeí se opôs amargamente a Davi, amaldiçoando-o pela ruína da casa de Saul ([2Sm 16.5-13](#)). Mais tarde, Simeí se arrependeu de seu comportamento vergonhoso, pediu perdão a Davi e foi perdoado pelo rei ([19.16-23](#)). Após a morte de Davi, o Rei Salomão ordenou que Simeí se estabelecesse em Jerusalém e nunca deixasse a

cidade por qualquer motivo. Simei desobedeceu ao decreto e foi morto ([1Rs 2.8.36-44](#));

3. Irmão de Davi e pai de Jônatas ([2Sm 21.21](#)); também chamado de Samá em [1 Samuel 16.9](#). *Veja* Samá #2;

4. Um dos oficiais da corte de Davi que não apoiou a tentativa de Adonias de se proclamar rei ([1Rs 1.8](#));

5. Benjamimita, filho de Ela e um dos oficiais do Rei Salomão que supervisionava a casa real ([1Rs 4.18](#)); talvez seja idêntico ao #4 acima;

6. Judaita, filho de Pedaías, irmão de Zorobabel e descendente de Davi pela linhagem de Salomão ([1Cr 3.19](#));

7. Simeonita, filho de Zacur, pai de 16 filhos e 6 filhas ([1Cr 4.26-27](#));

8. Rubenita, filho de Gogue e pai de Miquéias ([1Cr 5.4](#));

9. Filho de Libni, pai de Uzá, e descendente de Levi através da linhagem de Merari ([1Cr 6.29](#));

10. Levita gersonita, filho de Jaate, pai de Zima e ancestral de Asafe, que atuou como líder dos músicos no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 6.42](#));

11. Benjamita, pai de nove filhos e chefe da casa de seu pai ([1Cr 8.21](#)); alternativamente chamado de Sema no versículo [13](#). *Veja* Sema (Pessoa) #3;

12. Levita gersonita e pai de três filhos na casa de Ladã ([1Cr 23.9](#));

13. Filho de Jedutum e líder da 10ª das 24 divisões de músicos treinados para o serviço no santuário durante o reinado de Davi ([1Cr 25.3.17](#));

14. Ramatita era um membro da equipe do Rei Davi, responsável pelos vinhedos de Davi ([1Cr 27.27](#));

15. Filho de Hemã, irmão de Jeuel, e um dos levitas selecionados para purificar a casa do Senhor durante o reinado do Rei Ezequias (715-686 a.C.; [2Cr 29.14](#));

16. Levita, e o irmão de Conanias nomeado pelo Rei Ezequias de Judá para supervisionar a administração das contribuições do templo em Jerusalém ([2Cr 31.12-13](#));

17-19. Três homens, um levita, filho de Hasum, e filho de Binui, que foram encorajados por Esdras a se divorciarem de suas esposas estrangeiras durante a era pós-exílica ([Ed 10.23.33.38](#));

20. Filho de Quis e avô de Mardoqueu ([Et 2.5](#)).

Simeia

49. Outro nome para Samá, o terceiro filho de Jessé. Simeia era irmão do rei Davi ([1Cr 2.13](#) e [20.7](#)).

Veja Samá # 2.

50. Um filho do rei Davi que nasceu de Bate-Seba durante o tempo em que Davi governou em Jerusalém ([1Cr 3.5](#)). [2Sm 5.14](#) e [1Cr 14.4](#) o chamam de Samua.

51. Um filho de Uzá, pai de Hagias e descendente de Levi através da linha familiar de Merari ([1Cr 6.30](#)).

52. Um levita da linhagem de Gérson, filho de Micael, pai de Berequias e avô de Asafe. O rei Davi escolheu Asafe, junto com Hemã e Etã, para liderar os músicos em frente ao santuário ([1Cr 6.39](#)).

Simeia

53. Outro nome para Samá, irmão do rei Davi ([2Sm 13.3.32](#)).

Veja Samá #2.

54. Um filho de Miclote e neto de Jeiel da tribo de Benjamim ([1Cr 8.32](#)). Em [1Cr 9.38](#), Simeia é chamado de Simeão.

Siméia

Ortografia NVI de Simeia, com acento, um nome alternativo para Samá, filho de Jessé, em [1 Crônicas 2.13](#). *Veja* Samá #2.

Simeítas

Uma família de levitas fundada por Simei, um descendente de Gérson ([Nm 3.21](#); [Zc 12.13](#)).

Veja também Simei #1.

Simeonita

Em uma versão mais literal, esse termo refere-se a um membro da tribo de Simeão ([Nm 26.14](#); [Js 21.4](#)).

Veja Simeão (pessoa) #1; Simeão, Tribo de.

Sina, Sinai

A montanha onde Deus encontrou Moisés e lhe deu os Dez Mandamentos e o restante da lei. O nome "Sinai" refere-se a:

- a própria montanha;
- o deserto ao redor ([Lv 7.38](#)), e;
- todo o Sinai, entre os dois braços do Mar Vermelho — o Golfo de Suez e o Golfo de Ácaba (ou Elate).

O nome Sinai provavelmente está relacionado ao deserto de Sim e pode ser uma grafia alternativa (cp. [Êx 16.1](#); [17.1](#); [Nm 33.11-12](#)). Sim era o nome de um antigo deus lunar que as pessoas que viviam no deserto adoravam. A montanha também é chamada de Horebe, principalmente em Deuteronômio (veja também [1Rs 8.9](#); [19.8](#); [2 Cr 5.10](#); [Sl 106.19](#); [Ml 4.4](#)).

A localização tradicional do Monte Sinai está entre as montanhas no extremo sul da Península do Sinai. Desde o quarto século, os cristãos têm honrado Jebel Musa (que significa "Monte Moisés" em árabe) como o local onde Deus formou as famílias de Jacó na nação de Israel. Na base deste pico de 2.286 metros está o Mosteiro de Santa Catarina. É um mosteiro ortodoxo grego que permanece lá há mais de 1.500 anos. Outros possíveis locais para o Monte Sinai incluem o próximo Jebel Katerina que tem 2.642,6 metros de altura e Jebel Serbal que tem 2.072,6 metros de altura. Alguns estudiosos sugerem uma localização ao norte, perto de Cades-Barneia. Outros argumentam por uma montanha vulcânica do outro lado do golfo a leste na antiga Midiã ou Arábia ([Êx 3.1](#); [Gl 4.25](#)).

A maioria das referências ao Sinai aparece nos livros de Êxodo, Levítico e Números. Sinai é mencionado 13 vezes em Êxodo, 5 vezes em Levítico e 12 vezes em Números. Esses livros descrevem a entrega da lei e o acampamento de dois anos dos israelitas nas planícies ao lado da montanha. [Êxodo 19](#) e [34](#) estão especialmente cheios de referências porque esses capítulos descrevem os encontros entre Moisés e Deus (Javé) quando a lei foi dada.

No Antigo Testamento e no Novo Testamento, Sinai representa o lugar onde Deus desceu para encontrar Seu povo. Sinai foi lembrado como o local desse importante encontro em:

- a bênção de Moisés ([Dt 33.2](#));
- a canção de Débora ([Jz 5.5](#));
- [Salmo 68](#) (versículos [8.17](#));
- a confissão dos levitas no tempo de Neemias ([Ne 9.13](#)), e;
- o discurso de Estevão ([At 7.30.38](#)).

Em [Gálatas 4.21-26](#), o apóstolo Paulo explica uma alegoria na qual o Monte Sinai representa a antiga aliança, a escravidão e a atual cidade de Jerusalém.

Veja Parã; Sur; Deserto de Sim; Os Dez Mandamentos; Peregrinações no Deserto; Deserto de Zim.

Sinabe

Rei de Admá, que se uniu a uma aliança com quatro governantes vizinhos contra o rei Quedorlaomer. Quedorlaomer derrotou essa confederação de reis no Vale de Sidim — a região sul do Mar Morto ([Gn 14.2](#)).

Sinagoga

Transliteração da palavra grega *sunagoge*, que significa "uma reunião". É usada mais de 50 vezes no NT, principalmente para os lugares de reuniões religiosas das comunidades judaicas na Palestina e em todo o período da diáspora. A palavra "sunagoge" é geralmente a tradução grega de palavras hebraicas no Antigo Testamento que se referem à reunião ou assembleia do povo.

Origens e história antiga

Não se sabe exatamente como ou quando a sinagoga como instituição começou. Pode-se imaginar a situação em Jerusalém após a destruição do templo pelos babilônios em 586 a.C. As pessoas que permaneceram na cidade e em seus arredores, que queriam manter-se fiéis à sua fé, teriam sentido a necessidade de se reunir para o culto, onde continuariam a ensinar a lei e a mensagem dos profetas. Alguns pensam, portanto, que as sinagogas podem ter tido sua origem em tal

situação. O povo judeu nos vários lugares da diáspora teria estado ciente de uma necessidade semelhante. Os anciãos judeus se reuniram com Ezequiel no exílio na Babilônia ([Ez 8.1](#); [14.1](#); [20.1](#)). No entanto, não há evidências concretas de sinagogas reais neste estágio inicial. Em [Neemias 8.1-8](#), a comunidade pós-exílica se reuniu em Jerusalém, e Esdras, o escriba, trouxe a lei, a leu de um púlpito de madeira, e deu uma interpretação para que as pessoas entendessem a leitura. Quando Esdras bendisse o Senhor, o povo inclinou a cabeça e adorou. Esses eram os elementos básicos do que foi a adoração na sinagoga. A primeira evidência incontestável de uma sinagoga vem do Egito no terceiro século a.C. Do primeiro século a.C. em diante, a evidência das sinagogas é abundante.

Sinagogas nos tempos do NT

Os Evangelhos dão a impressão de muitas sinagogas existentes em toda a Palestina. Jesus frequentemente ensinava nas sinagogas (p. ex., [Mt 4.23](#); [9.35](#)), especialmente durante seu ministério galileu, mas provavelmente na Judeia também. Em [João 18.20](#) são as palavras de Jesus em seu julgamento diante do sumo sacerdote: “Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam” (ARC).

Atos dos Apóstolos menciona às sinagogas em Jerusalém ([Atos 6.9](#)), Damasco ([9.2](#)), Chipre ([13.5](#)), a província romana da Galácia ([13.14](#); [14.1](#)), na Macedônia e Grécia ([17.1,10.17](#); [18.4](#)) e em Éfeso, na província romana da Ásia ([19.8](#)). Paulo tinha o costume de ir diretamente à sinagoga e pregar ali enquanto tivesse liberdade para fazê-lo.

Adoração na sinagoga

Os Evangelhos e Atos dos Apóstolos dão evidências abundantes para o encontro do povo judeu no Sábado para adorar na sinagoga. As pessoas também se encontravam para adoração no segundo e quinto dia da semana. Lucas nos fornece a primeira descrição de um culto na sinagoga ([Lucas 4:16-22](#)). A Mishná descreve o padrão do culto na sinagoga: a confissão de fé, o Shema (que incluía recitar [Deuteronômio 6.4-9](#); [11.13-21](#); e [Números 15.37-41](#)); oração (como as 18 Bênçãos); Leitura das Escrituras (a leitura da Lei era fundamental, veja [Atos 15.21](#), e era feita segundo um ciclo de três anos; os Profetas também eram lidos, mas de forma mais aleatória); interpretação (à medida que o conhecimento do hebraico bíblico diminuía na Palestina, uma tradução aramaica das

Escrituras era apresentada após a leitura em hebraico, e na Diáspora, uma tradução grega); discurso (após a leitura, qualquer pessoa devidamente qualificada poderia se dirigir ao povo, como Jesus e o apóstolo Paulo frequentemente faziam); e bênção.

Funções judiciais

A administração da justiça também fazia parte do trabalho da sinagoga. Os infratores da lei e aqueles que eram considerados contrários à religião judaica eram trazidos diante dos anciãos da sinagoga. Eles podiam, sob circunstâncias extremas, excomungar um ofensor (veja [Jo 9.22,34-35](#); [12.42](#)) ou tê-lo açoitado. Jesus advertiu seus discípulos para estarem preparados para enfrentar qualquer uma das possibilidades ([Mt 10.17](#); [Jo 16.2](#)). Saulo, como perseguidor dos cristãos, tinha cartas endereçadas às sinagogas em Damasco, dando autoridade para prender cristãos e trazê-los presos a Jerusalém ([At 9.2](#)). Em [Atos 22.19](#), ele fala de fazer com que eles sejam espancados e presos. O próprio Paulo recebeu as 39 chicotadas que foram administradas nas sinagogas ([2Co 11.24](#)).

Ensino da Lei

A leitura da Lei tinha uma importância central na adoração na sinagoga. O ensino da Lei às pessoas em geral, e especialmente às crianças, estava intimamente associado com a sinagoga. Ou o edifício da sinagoga, ou uma escola era utilizado.

Organização

O NT se refere em especial (p. ex., [Mc 5.22](#); [Lc 13.14](#); [Atos 18.8,17](#)) a duas funções na sinagoga: o “chefe da sinagoga”, que era responsável pela ordem e pela seleção do leitor das Escrituras; e um assistente ([Lc 4.20](#)), que retirava e guardava os rolos das Escrituras e também aplicava punição corporal aos alunos desobedientes. Mais tarde, havia uma pessoa nomeada como líder das orações.

Arquitetura

Na estrutura, a sinagoga foi feita com base no templo. Era construída, sempre que possível, em terrenos elevados e frequentemente projetada de forma que as pessoas pudessem se sentar voltadas para a direção de Jerusalém. Havia um baú portátil para os pergaminhos da Lei e dos Profetas, e uma plataforma para a leitura das Escrituras e para pregação. Homens e mulheres sentavam separados. Os escribas amavam os “principais

assentos” de frente para o povo ([Mc 12.39](#)). Muitas sinagogas tinham ornamentações com folhas de videira, candelabros de sete braços, o cordeiro pascal e o vaso de maná. As primeiras sinagogas também possuíam uma genizá, que era um porão ou sótão onde os rolos desgastados eram colocados, pois, como continham o nome de Deus, eram considerados sagrados demais para serem destruídos.

Veja também Judaísmo; Chefe da Sinagoga.

Sinal

Palavra que conota um evento visível destinado a transmitir significado além daquilo que é normalmente percebido na aparência externa do evento.

No Antigo Testamento

Em alguns casos no AT, “sinal” se refere às observâncias de corpos celestiais em um sentido astrológico ([Gn 1.14](#); [Jr 10.2](#)), ou aos “sinais e maravilhas” como marcas das ações milagrosas de Deus dentro da história do mundo ([Dt 4.34](#); [6.22](#); [Ne 9.10](#); [Sl 105.27](#); [Jr 32.20](#)). Em outras ocasiões, é usado como um símbolo da aliança mosaica. Assim, o uso da lei no pulso e na testa e a guarda do sábado são considerados sinais do relacionamento entre Israel e Deus ([Dt 6.8](#); [11.18](#); [Ez 20.12,20](#)).

Os usos mais frequentes e significativos de “sinal” aparecem em relação ao ministério profético do AT. Começando com Moisés, sinais são usados para confirmar que Deus falou com o profeta. Assim, quando Moisés recebeu a mensagem de libertação que ele deveria levar aos filhos de Israel no Egito e no faraó, ele recebeu dois sinais: seu cajado foi transformado em uma serpente e sua mão foi acometida com lepra ([Êx 4.1-8](#)).

Sinais e maravilhas também foram usados por falsos profetas. Após um sinal ter sido dado e se cumprido, os líderes de Israel deveriam examinar a mensagem do profeta para ver se ela afastava as pessoas da verdadeira adoração de Deus. Se o fizesse, o profeta que havia dado o sinal deveria ser condenado à morte ([Dt 13.1-5](#)).

O caráter do sinal varia e muitas vezes é milagroso. Alguns dos grandes milagres do AT são sinais proféticos — por exemplo, o movimento da sombra voltando para os degraus do palácio de Ezequias para confirmar a predição de Isaías de que o rei se recuperaria de uma doença mortal ([2Rs 20.8-9](#); [Is](#)

[38.21-22](#)). Muitas vezes o sinal é apenas preditivo, e as pessoas podem saber se o profeta falou a verdade pelo fato do acontecer ou não — por exemplo, a previsão do profeta sobre a morte dos dois filhos de Eli no mesmo dia ([1Sm 2.34](#); veja também [14.10](#); [2Rs 19.29](#); [Is 37.30](#)). Às vezes, o sinal era cautelosamente cronometrado, e o receptor era informado de que a aparição do sinal indicaria quando agir para cumprir a mensagem profética ([1Sm 10.7-9](#)). Em outros momentos, os eventos previstos foram realizados na vida do profeta. Essas ações simbólicas demonstraram a verdade da mensagem do profeta — por exemplo, a nudez de Isaías por três anos para demonstrar o destino daqueles que pregaram a confiança no poder do Egito ([Is 20.3](#); veja também [Ez 4.3](#)).

No Novo Testamento

As ocorrências do NT são muito parecidas com aquelas no AT. Há referências a sinais celestiais que ocorrerão como indicações do fim dos tempos, e aqueles com conhecimento especial entenderão que o fim está se aproximando ([Mt 24.3,30](#); [Mc 13.4,22](#); [Lc 21.11,25-26](#)). Esses sinais apocalípticos não têm conotações astrológicas como no AT. Há também menção do sinal como o selo da aliança entre Deus e Israel em referência à circuncisão em [Romanos 4.11](#).

Como no AT, os usos de sinais no NT são confirmações da mensagem dada por Deus, e esta mensagem vem por meio da comunidade apostólica na igreja. Assim, há grande ênfase na maneira como Deus confirma a mensagem dos apóstolos por meio de sua capacidade de realizar sinais e maravilhas ([At 2.43](#); [4.30](#); [5.12](#); [8.13](#); [14.3](#); [Rm 15.19](#); [Hb 2.4](#)).

Em Mateus, Marcos e Lucas, os milagres de Jesus não são chamados de sinais. Apenas em [Atos 2.22](#) Pedro proclama que a mensagem de Jesus foi atestada por sinais que ele realizou. Em vez disso, os milagres de Jesus são vistos como atos de poder divino e misericórdia. Quando os judeus pedem um sinal, eles são consistentemente rejeitados, com a promessa de que o único sinal que receberão é o sinal de Jonas ([Mt 12.38-39](#); [16.1](#); [Mc 8.11-12](#); [Lc 11.19,30](#)), um sinal que se refere à morte e ressurreição de Cristo. Da mesma forma que Jonas estava no ventre da baleia por três dias e três noites, assim o Filho do Homem estará no coração da terra por três dias ([Mt 12.40](#)).

No entanto, no Evangelho de João, os milagres de Jesus são vistos de uma perspectiva surpreendentemente diferente e são considerados

sinais. Começando com a mudança da água em vinho ([Jo 2.1-11](#)), os milagres são chamados de sinais com a intenção de levar aqueles que os veem à fé (v. [23](#)). Jesus até lamenta que as pessoas não acreditarão a menos que vejam sinais ([4.48](#)). O propósito de João em escrever seu Evangelho é apresentar os sinais de Jesus para que aqueles que vêm à fé possam fazê-lo através de ver esses sinais ([20.30](#)). Os sinais no Evangelho são intencionalmente escolhidos porque contribuem para o desenvolvimento da verdadeira fé.

No Evangelho de João, os milagres de Jesus confirmam o ensino de Jesus. Nos Evangelhos sinóticos, os milagres são vistos como atos de misericórdia e poder divino. Em João, eles são selecionados para demonstrar o que Jesus tem a dizer ao mundo sobre si. Nesse sentido, eles são um pouco como as ações simbólicas de Isaías e Ezequiel, em que a ação do orador dramatiza a mensagem. Depois que Jesus alimenta os 5.000 com os cinco pães e os dois peixes, ele anuncia na sinagoga em Cafarnaum: “Eu sou o pão da vida que desceu do céu” ([Jo 6.51](#)). Ele lhes diz para não trabalhar pelo pão deste mundo que perece. Da mesma maneira, a cura do homem que nasceu cego está ligada ao ensino de Jesus de que ele é a luz do mundo ([9.5](#)). A ressurreição de Lázaro prepara o caminho para Jesus proclamar que ele é a ressurreição e a vida ([11.25](#)). No Evangelho de João, os sinais não são apenas uma demonstração do poder divino, mas também uma revelação do caráter divino de Jesus. Além de confirmar sua mensagem divina, eles também proclamam sua personalidade e missão.

Veja também Milagre.

Sinar

Sinar era uma região na antiga Babilônia (atual sul do Iraque). Sinar é o nome de um distrito da Babilônia mencionado apenas na Bíblia.

A área se estendia de onde Bagdá está localizada atualmente até o Golfo Pérsico. Esta região incluía dois importantes territórios antigos: Sumer ao sul e Acad ao norte. Mais tarde, as pessoas chamaram toda essa área de Babilônia ([Dn 1.2](#), veja a nota marginal).

Várias cidades antigas importantes estavam localizadas em Sinar, incluindo Ereque, Acade e Babel (também chamada Babilônia). Essas cidades faziam parte do reino governado por Ninrode, que

era filho de Cuxe ([Gn 10.10](#)). [Gênesis 11.2](#) também menciona Sinar em conexão com a Torre de Babel.

A Bíblia também nos fala sobre Anrafel, que era um rei de Sinar. Ele lutou em uma guerra contra Abraão e o povo que vivia a leste do Rio Jordão ([Gn 14.1,9](#)).

Mais tarde na Bíblia, Sinar se torna importante durante o período em que os israelitas foram forçados a deixar sua terra natal. O rei babilônico Nabucodonosor levou seu povo capturado para Sinar ([Dn 1.2](#)). Os profetas também mencionaram Sinar ao falarem sobre o futuro resgate de Israel por Deus ([Is 11.11](#); compare [Zc 5.11](#)).

Veja também Babilônia.

Sinédrio

O conselho judicial supremo (ARC “sinédrio”) do judaísmo, composto por 71 membros, estava localizado em Jerusalém. Ele figura de forma proeminente nas narrativas da Paixão nos Evangelhos como o corpo que julgou Jesus e aparece novamente em Atos como o tribunal judicial que investigou e perseguiu a crescente igreja cristã.

História

A história do sinédrio é difícil de reconstruir. A tradição judaica registrada na Mishná o vê como originando-se com Moisés e seu conselho de 70, mas isso é duvidoso (tratado da Mishná *Sanhedrin* 1.6; cf. [Nm 11.16](#)). Provavelmente, eram reuniões informais de anciãos tribais ([1Rs 8.1](#); [2Rs 23.1](#)). A origem provável do sinédrio encontra-se no período pós-exílico, quando aqueles que reorganizaram Israel sem um rei fizeram das antigas famílias governantes a base da autoridade. A assembleia legislativa que surgiu foi uma união da nobreza da terra e da aristocracia sacerdotal (veja [Ed 5.5](#); [Ne 2.16](#)). A influência deste conselho aumentou devido à relativa liberdade desfrutada sob os persas.

O advento do helenismo em Israel no século IV a.C. consolidou este governo. As cidades helenísticas geralmente possuíam assembleias democráticas e um conselho. Jerusalém abrigava um conselho aristocrático que recebeu o título grego apropriado, isto é, gerúsia. Este conselho é mencionado pela primeira vez por Josefo, que registra o decreto de Antíoco III após sua tomada de Jerusalém (*Antiguidades* 12.3.3). No entanto,

mesmo com a mudança drástica do clima político, o conselho permaneceu em vigor. Judas Macabeu expulsou a antiga linha de anciãos e instalou outra liderança hereditária proveniente das famílias hasmoneias. Assim, a gerúsia continuou como um conselho da nobreza. No entanto, no primeiro século a.C., à medida que as tensões entre saduceus e fariseus desintegravam o tecido do judaísmo, o conselho passou por uma transformação. A partir do tempo de Alexandra (76–67 a.C.), escribas de persuasão farisaica entraram no conselho. Daí em diante, a gerúsia era uma mistura: nobreza aristocrática de um lado (tanto laica quanto sacerdotal) e os populares fariseus do outro.

Os romanos mantiveram o conselho intacto, mas definiram mais cuidadosamente os limites de sua jurisdição. À medida que o judaísmo perdeu seu autogoverno, o conselho perdeu muito de seu poder legislativo e político. Roma nomeou os verdadeiros poderes da terra. Por exemplo, Herodes, o Grande, começou seu governo em severo conflito com a antiga aristocracia e, no final, executou a maioria dos membros do sinédrio (*Antiguidades* 14.9.4). Os prefeitos nomearam os sumos sacerdotes e, como símbolo de controle, de 6 a 36 d.C. mantiveram as vestes dos sacerdotes na fortaleza Antônia.

O nome sinédrio (do grego, sunedrion, de syn, “juntos,” e edrion, “assento”) aparece pela primeira vez no reinado de Herodes, o Grande (*Antiguidades* 14.9.3–5). Este é o termo usado ao longo do NT (22 vezes), juntamente com “os anciãos” (*Lc* 22.66; *At* 22.5) e “gerúsia” (*At* 5.21). A Mishná fornece ainda mais títulos: O Grande Tribunal (*Sanhedrin* 11.2), o Grande Sinédrio (*Sanhedrin* 1.6), e o Sinédrio dos 71 (*Shebuoth* 2.2).

Após a Grande Guerra de 70 d.C., quando os vestígios finais da autonomia judaica foram destruídos por Roma, o Sinédrio se reuniu novamente em Jâmnia. Seu poder, no entanto, era apenas teórico (abordando principalmente questões religiosas), e os romanos lhe deram pouca atenção.

Estrutura institucional

Pouco se sabe sobre o procedimento de admissão no sinédrio, mas como o conselho tinha raízes aristocráticas (e não era verdadeiramente democrático), as nomeações provavelmente eram feitas entre os sacerdotes, escribas principais e nobreza leiga. A Mishná estipula que o único critério de adesão era o aprendizado rabínico juntamente com a verdadeira descendência

israelita (*Sanhedrin* 4.4). O conselho tinha 71 membros (*Sanhedrin* 1.6) divididos nas seguintes três categorias: os sumos sacerdotes, os anciãos e os escribas.

Os sumo sacerdotes

Geralmente de origem saduceia, estes eram os homens mais poderosos do sinédrio. Alguns estudiosos acreditam que eles formavam um conselho executivo de dez cidadãos ricos e distintos, seguindo o modelo de várias cidades gregas e romanas. Tiberíades na Galileia, *e.g.*, era governada por tal conselho, e Josefo refere-se a eles como um corpo dos “dez homens mais importantes” (*Antiguidades* 20.8.11; cf. *At* 4.6). Um deles era o capitão do templo, que supervisionava os procedimentos do templo e comandava a guarda do templo (*At* 5.24–26). Outros serviam como tesoureiros que controlavam os salários dos sacerdotes e trabalhadores e monitoravam a grande quantidade de dinheiro que passava pelo templo. A renda vinha de sacrifícios e impostos de mercado; a folha de pagamento incluía até 18.000 homens durante a reconstrução do templo por Herodes. Havia um presidente do sinédrio que também liderava este conselho e era chamado de “o sumo sacerdote” (*Antiguidades* 20.10.5). No NT, ele é uma figura de destaque: Caifás governava nos dias de Jesus (*Mt* 26.3), e Ananias nos dias de Paulo (*At* 23.2). Em *Lucas* 3.2 e *Atos dos Apóstolos* 4.6, Anás é chamado de sumo sacerdote, mas seu título é emérito, já que seu reinado terminou em 15 d.C.

Os anciãos

Esta era uma categoria importante e representava a aristocracia sacerdotal e financeira na Judeia. Leigos distintos, como José de Arimateia (*Mc* 15.43), compartilhavam as visões conservadoras dos saduceus e davam à assembleia a diversidade de um parlamento moderno.

Os escribas

Estes foram os membros mais recentes do sinédrio. Principalmente fariseus, eles eram advogados profissionais treinados em teologia, jurisprudência e filosofia. Eles eram organizados em guildas e frequentemente seguiam professores renomados. Um famoso escriba do sinédrio, Gamaliel, aparece no NT (*At* 5.34) e foi o estudioso rabínico que instruiu Paulo (*22.3*).

Na época de Jesus

O domínio do sinédrio era formalmente restrito à Judeia, mas havia uma influência de fato que afetava a Galileia e até mesmo Damasco (cf. [At 9.2; 22.5](#)). O conselho estava principalmente preocupado em arbitrar questões da lei judaica quando surgiam desacordos (*Sanhedrin* 11.2). Em todos os casos, sua decisão era final. Ele processava acusações de blasfêmia, como nos casos de Jesus ([Mt 26.65](#)) e Estêvão ([At 6.12-14](#)), e também participava da justiça criminal.

Ainda não se sabe se o sinédrio tinha o poder de aplicar a pena capital. Filo parece indicar que violações ao templo poderiam ser processadas no período romano (*Legatio to Gaius*, 39). Isso pode explicar as mortes de Estêvão ([At 7.58-60](#)) e Tiago (*Antiguidades* 20.9.1). De qualquer forma, os gentios pegos invadindo os recintos do templo eram avisados sobre uma pena de morte automática. Mas o NT e o Talmude discordam disso. No julgamento de Jesus, as autoridades são obrigadas a envolver Pilatos que, por conta própria, pode condenar Jesus à morte ([Jo 18.31](#)). De acordo com o Talmude, o sinédrio perdeu esse privilégio “quarenta anos antes da destruição do templo” (*Sanhedrin* I 18a, 34; VII 24b).

Processo judicial

Apesar das sérias irregularidades no julgamento de Jesus, os procedimentos formais da lei do sinédrio descrevem um tribunal que era justo e extremamente preocupado com nulidades processuais. Infelizmente, os atos processuais na Mishná abordam apenas diretrizes para tribunais menores (sinédrios com 23 membros), mas, pode-se razoavelmente supor que regras semelhantes se aplicavam ao Grande Sinédrio de 71. Nas seções quatro e cinco do tratado da Mishná *Sanhedrin*, essas diretrizes são cuidadosamente estabelecidas.

O sinédrio sentava-se em filas semicirculares para que os membros pudessem se ver. Dois secretários ficavam em cada extremidade, tomando notas e registrando votos. De frente para a assembleia, sentavam-se três filas de estudantes, geralmente discípulos de escribas importantes. O acusado ficava no meio, de frente para os anciãos. Ele era obrigado a demonstrar extrema humildade: vestia-se com uma túnica preta, como se estivesse de luto, e usava o cabelo desgrehado (*Antiguidades* 14.9.4). Após o interrogatório, ele era dispensado e as deliberações eram privadas.

Os procedimentos para casos de pena capital ilustram a preocupação com a justiça. A defesa seria ouvida primeiro e depois as acusações. Um ancião que tivesse falado pela defesa não poderia então falar contra o acusado. Os estudantes poderiam falar apenas a favor, mas nunca contra o acusado (mas em casos não capitais, eles poderiam fazer ambos). Os membros ficavam de pé para votar, começando pelo mais jovem. A absolvição exigia uma maioria simples, mas a condenação exigia uma maioria de dois terços.

Em processos de sanções não capitais, o julgamento era realizado durante o dia e o veredicto podia ser dado à noite. Em processos de penas capitais, tanto o julgamento quanto o veredicto ocorriam durante o dia e, assim, estavam sujeitos a mais escrutínio público. Nos processos de sanções não capitais, qualquer veredicto poderia ser proferido no mesmo dia. Em litígios de penas capitais, o veredicto de culpa (que era imediatamente seguido pela execução) tinha que ser adiado um dia porque suas consequências eram irreversíveis. Portanto, esses julgamentos não deveriam ser realizados na véspera do sábado ou de um dia de festival (*Sanhedrin* 4.1).

O julgamento de Jesus, conforme registrado nos Evangelhos, apresenta muitas divergências em relação ao padrão usual de justiça do sinédrio. Parece evidente que houve uma injustiça na prisão, interrogatório e morte de Jesus.

Vea também Tribunais e julgamentos; Conselho de Jerusalém.

Sineus

Tribo dos cananeus, possivelmente localizada no norte do Líbano, cuja ancestralidade é traçada até Canaã, filho de Cam ([Gn 10.17; 1Cr 1.15](#)).

Sino

Um pequeno dispositivo de ruído. Sinos eram às vezes presos entre romãs decorativas ao redor da parte inferior da túnica do sumo sacerdote ([Êx 28.33-34; 39.25-26](#)).

Vea Instrumentos musicais (Pamonim); Música.

Sinrate

Filho de Simeí da tribo de Benjamim ([1Cr 8.21](#)).

Sinrom (Pessoa)

Quarto filho de Issacar ([Gn 46.13](#); [1Cr 7.1](#)) e fundador da família dos Simronitas ([Nm 26.24](#)).

Sinronitas

Os sinronitas eram um grupo familiar que veio de Sinrom, que era um filho de Issacar ([Nm 26.24](#)).

Veja também Sinrom (Pessoa).

Siquém (Local)

Cidade localizada no centro da Palestina ocidental, próxima à linha divisória que separa as águas que fluem para o Jordão daquelas que descem para o Mediterrâneo. O local está a 64,4 quilômetros ao norte de Jerusalém, na entrada leste da passagem entre o Monte Ebal e o Monte Gerizim. A antiga cidade situava-se na encosta sudeste inferior ou ombro do Monte Ebal, daí o significado do nome (Siquém = ombro). Samaria, que mais tarde se tornou a capital de Israel, estava a cerca de 12,9 quilômetros a noroeste. Embora estrategicamente localizada — a cidade controlava todas as estradas através da região montanhosa central da Palestina — não possuía defesas naturais e exigia extensas fortificações.

Referências bíblicas

Siquém é mencionado pela primeira vez na Bíblia como o local onde Abrão acampou inicialmente após entrar em Canaã vindo da Mesopotâmia. Lá, Deus prometeu a ele a terra de Canaã, e Abrão construiu seu primeiro altar na terra ([Gn 12.6-7](#)). Após os 20 anos que Jacó passou no norte da Mesopotâmia em Padã-Arã, ele retornou a Siquém e comprou um pedaço de terra. Naquela época, o local já era uma cidade murada com um portão ([34.20,24](#)). Após a desonra de sua irmã Diná, Simeão e Levi massacraram a população masculina de Siquém em vingança. Anos depois, quando a família patriarcal estava vivendo na área de Hebrom, José foi a Siquém procurar seus irmãos ([37.12-14](#)).

Após a Conquista, a cerimônia de bênção e maldição antifonal no Monte Gerizim e no Monte Ebal, respectivamente, foi realizada nas proximidades de Siquém ([Js 8.30-35](#)). Na divisão e assentamento da terra, Siquém tornou-se uma das cidades de refúgio ([20.7](#); [21.21](#)) e uma das 48 cidades levíticas ([21.21](#)). Lá, Josué fez seu discurso de despedida ([24.1,25](#)), e os ossos de José foram enterrados na terra que Jacó havia comprado ali (v. [32](#)).

Durante os dias conturbados dos juízes, o filho de Gideão, Abimeleque, se estabeleceu como rei de Israel ali, inicialmente com o apoio dos habitantes. No entanto, uma revolta posterior contra ele resultou na destruição da cidade ([Jz 9.1-7,23-57](#)). Roboão foi coroado ali pouco antes da divisão do reino ([1Rs 12.1](#)), e Jeroboão, primeiro rei do reino do norte, reconstruiu a cidade e a fez a primeira capital do reino.

História

Escavações revelam que o assentamento mais antigo no local remonta ao quarto milênio a.C., mas o primeiro assentamento significativo ocorreu durante a primeira metade do segundo milênio e foi obra dos amoritas ou hicsos. Os hicsos cercaram a cidade com um imenso aterro inclinado de cerca de 24,4 metros de largura e 6,1 metros de altura, sobre o qual construíram uma muralha de tijolos. Havia um portão com duas entradas no lado leste e um portão com três entradas no lado noroeste. Na acrópole, eles construíram o que foi interpretado como um templo fortaleza, que foi reconstruído várias vezes e finalmente destruído pelos egípcios por volta de 1550 a.C.

Cerca de um século depois, os cananeus reconstruíram Siquém em uma escala menor. Um novo templo fortaleza foi construído sobre as ruínas do antigo, medindo 16,2 metros de largura e 12,5 metros de profundidade, com uma entrada no lado mais longo. Tinha três pedras sagradas ao lado de um altar no pátio aberto. Acredita-se que este templo seja a casa de Baal-Berite destruída por Abimeleque por volta de 1150 a.C. ([Jz 9.3-4,46](#)), e sua área sagrada nunca foi reconstruída. Antes disso, no entanto, não há evidência arqueológica de destruição por cerca de 300 anos, confirmando a indicação bíblica de que os hebreus não tomaram a cidade na época da Conquista e que os habitantes viviam pacificamente entre os hebreus.

É evidente que Salomão reconstruiu Siquém como uma capital provincial, mas ela sofreu grande destruição no final do século 10 a.C.,

provavelmente pelas mãos de Sisaque do Egito quando ele invadiu a Palestina em 926 a.C. ([1Rs 14.25](#)). Logo depois, Jeroboão I reforçou a cidade e a tornou a capital do reino de Israel. Ele ou um sucessor construiu um armazém governamental sobre as ruínas do templo. A Siquém israelita encontrou seu fim nas mãos do rei assírio Salmaneser V em 724 a.C., pouco antes da destruição de Samaria, e a cidade ficou praticamente desabitada por cerca de 400 anos.

No século IV, Alexandre, o Grande, estabeleceu um acampamento no local para seus soldados, e posteriormente os samaritanos se mudaram de Samaria e se estabeleceram lá. Eles construíram seu templo no Monte Gerizim. João Hircano provavelmente destruiu Siquém pela última vez em 128 a.C. Sua violenta oposição aos samaritanos envolveu a destruição do templo deles no Monte Gerizim e de Samaria ao mesmo tempo.

Siquém (Pessoa)

1. Filho de Hamor, o heveu. Ele estuprou Diná, a filha de Jacó, e foi posteriormente morto junto com seu pai e todos os homens de sua cidade por Simeão e Levi ([Gn 34](#); [Js 24.32](#));
2. Um dos seis filhos de Gileade, descendente de José pela linha de Manassés, e fundador da família Siquemita ([Nm 26.31](#); [Js 17.2](#));
3. Um dos quatro filhos de Semida da tribo de Manassés ([1Cr 7.19](#)).

Siquemita

Qualquer descendente de Siquém, que era filho de Gileade da tribo de Manassés ([Nm 26.31](#)).

Veja também Siquém (Pessoa) #2.

Siracusa

Cidade na costa leste da Sicília e a cidade mais importante da ilha. Aqui, o navio de Paulo, no qual ele viajou para Roma como prisioneiro, fez uma parada de três dias após seu naufrágio e uma estadia de três meses em Malta ([At 28.12](#)). Siracusa tinha um excelente porto e era uma escala natural para um navio que navegava de Malta através do estreito de Messina entre a Sicília e a Itália a caminho de Roma.

No século VIII a.C., Siracusa tornou-se uma colônia grega, fundada por Arquias de Corinto. Durante o século V, cresceu em grande poder e influência, sendo superada apenas por Cartago como a cidade mais proeminente do Mediterrâneo ocidental. Desempenhou um papel significativo na luta entre Roma e Cartago no século III e foi capturada por Roma em 212 a.C. César Augusto estabeleceu Siracusa em 21 a.C., tornando-a uma colônia romana (cf. Filipos). Não é mencionado em [Atos 28](#) que Paulo encontrou cristãos lá, mas evidências posteriores de suas catacumbas indicam a existência de uma igreja.

Síria, Sírios

Termos usados na Septuaginta e em algumas traduções em português para traduzir os nomes Arã e arameus.

História dos arameus

De acordo com a “tabela das nações” em [Gênesis 10.22-23](#), os arameus eram um grupo semítico, descendentes de Sem. Outra genealogia em [Gênesis 22.20-21](#) faz de Arã um descendente de Naor. De acordo com [Amós 9.7](#), os arameus (sírios) vieram de Quir, que está ligado a Elão em [Isaías 22.6](#). O exílio dos arameus em Quir ([2Rs 16.9](#); [Am 1.5](#)) pode sugerir que eles deveriam voltar para sua terra natal. As origens precisas deste grupo de pessoas estão, no entanto, perdidas na antiguidade. Quando eles emergiram claramente na história, estavam estabelecidos ao redor do Eufrates central, de onde se espalharam para o leste, oeste e norte.

Pensava-se que os arameus estivessem tradicionalmente estabelecidos na parte superior da Mesopotâmia na primeira parte do segundo milênio a.C. Betuel e Labão eram conhecidos como arameus ([Gn 25.20](#); [28.1-7](#)); a casa de Betuel estava em Padã-Arã ([25.20](#)). O profeta Oseias lembra a tradição observando que Jacó fugiu para “o campo de Arã” ([Os 12.12](#)) ou “Arã-Naaraim” (Arã dos dois rios), que era a parte norte da Mesopotâmia entre os rios Eufrates e o Tigre. Na confissão do credo em [Deuteronômio 26.5](#), o israelita que trazia suas primícias confessava: “Meu pai [provavelmente Jacó] era um arameu errante”.

Provavelmente a melhor evidência inicial de uma presença arameia nesta área vem de Tiglate-Pileser I. Em seus registros do seu quarto ano (1112 a.C.), ele fala de uma campanha entre os “Akhlama,

arameus” na área do Eufrates Médio e o saque de seis aldeias arameias na área do Monte Bishri.

Os arameus da parte superior da Mesopotâmia se tornaram importantes na história bíblica. Eles estabeleceram vários estados arameus separados, dois dos quais eram muito importantes para o povo de Israel — Arã-Zobá nos dias de Davi, e Arã-Damasco dos dias de Salomão em diante.

Por volta de 1100 a.C., as tribos arameias haviam se espalhado por toda a Síria e haviam se expandido para o norte da Transjordânia, onde entraram em conflito com os israelitas. No auge de seu poder, Hadadezer, rei de Arã-Zobá, dominava vários vassallos, como Damasco, Maacá e Tobe. Ele foi eventualmente derrotado pelo rei Davi ([2Sm 8.3-4](#); [10.17-19](#)).

Os eventos em Israel e Judá tiveram algum impacto sobre Damasco. Após a morte de Salomão, quando o antigo reino unificado se tornou dividido em Judá e Israel, surgiram tensões entre os dois pequenos estados. A guerra eclodiu entre Baasa de Israel e Asa de Judá nos anos 890-880 a.C. Asa buscou ajuda de Ben-Hadade I de Damasco ([1Rs 15.18](#)). As terras na Transjordânia mudaram de mãos várias vezes. Os sucessores de Onri de Israel — Acázias, Jorão, Jeú, Joacaz e Joás — tiveram muitos conflitos com Damasco. Acabe lutou contra Ben-Hadade e seus 32 aliados que sitiaram Samaria ([20.1](#)), mas Israel o derrotou. Uma segunda vez, Ben-Hadade entrou em território israelita e chegou a Afeque ([20.26](#)), mas ele foi novamente derrotado e capturado. Como consequência de sua derrota e pelo preço de sua libertação, ele foi obrigado a disponibilizar bazares em Damasco para o comércio israelita. Após três anos de paz entre Israel e Damasco, as hostilidades eclodiram novamente e resultaram em uma batalha na região de Ramote-Gileade, na qual Acabe foi morto ([22.29-37](#)). Arã-damasco foi eventualmente derrotado pelo rei Joás de Israel ([2Rs 13.25](#)).

Síria após o Colapso dos Reinos Arameus

Após o colapso de Arã-damasco em 733-732 a.C., o caráter político de toda a região mudou. Ao longo dos séculos seguintes e até os tempos cristãos, a região passou sob o controle de vários grandes potências, e nenhum estado arameu independente sobreviveu. Quando a Assíria entrou em colapso em 612-609 a.C., a região ficou sob controle babilônico, mas apenas por um período pequeno. Com a ascensão de Ciro, o persa, a região síria foi rapidamente invadida pelos exércitos persas.

Palestina, Ásia Menor e o Egito foram incorporados ao Império Persa ao mesmo tempo.

A próxima mudança política significativa que afetou a região veio com a aparição de Filipe da Macedônia em 360 a.C. Seu filho Alexandre, o Grande (336-323 a.C.) consolidou o poder grego em toda a Ásia ocidental e até as fronteiras da Índia. Em sua morte em 323 a.C., aos 33 anos, o controle da Ásia ocidental passou para os generais de Alexandre. O general Seleuco I (312-280 a.C.) controlava a metade sul da Ásia Menor, a região da Síria, a Mesopotâmia e se estendia até as fronteiras da Índia. A Síria caiu assim sob a influência dos governantes helenistas, os selêucidas, que fundaram uma nova capital em Antioquia.

Mais a oeste, Roma estava subindo ao poder e lançou seus olhos para o leste. Foi o General Pompeu que superou Mitrídates, o jovem rei de Ponto, e avançou para esmagar os remanescentes do reino dos selêucidas. As partes ocidentais da Síria foram formadas em uma província romana em 64 a.C. Pompeu finalmente se mudou para a Palestina, que ficou sob controle romano em 63 a.C.

A província romana da Síria incluía Cilícia, uma faixa de território no canto sudeste da Ásia Menor. A fronteira norte chegava ao rio Eufrates. A fronteira então se curvava para o sul, bem a leste de Damasco, e depois virava para o oeste, aproximadamente na metade do percurso ao longo do Mar Morto, continuando para o oeste até o Mar Mediterrâneo. A Síria era limitada a oeste pelo Mediterrâneo até o Golfo de Alexandreta, onde a fronteira virava para o oeste. A província da Síria e Cilícia ([Atos 15.23,41](#); [Gl 1.21](#)) era governada por um representante imperial (*legatis*) que comandava uma força poderosa de tropas legionárias. Um desses governadores, Quirino, governava a Síria na época do censo de César Augusto; este censo trouxe José e Maria a Belém para o nascimento de Jesus ([Lc 2.2](#)).

Nos séculos seguintes, a população de Damasco foi cristianizada, e o cristianismo se espalhou por toda a província romana da Síria, dando origem à Antiga Igreja Síria, que permanece até hoje. Deixou um legado notável de literatura cristã escrita em siríaco (aramaico). A antiga língua aramaica permaneceu, embora um alfabeto modificado tenha sido usado para escrevê-lo.

Foi a ascensão do Islã no sétimo século d.C. que trouxe um enfraquecimento considerável da igreja síria, embora nunca tenha sido completamente destruída. Comunidades dispersas de pessoas de

língua aramaica ainda sobrevivem em partes da Síria, e numerosos vestígios de igrejas cristãs foram revelados como resultado do trabalho arqueológico moderno.

Língua e Cultura

O aramaico era a língua dos arameus, da qual diversas inscrições foram descobertas. O alfabeto aramaico foi adaptado para uso pelos israelitas, e a língua tornou-se a língua internacional para diplomacia e administração em todo o Oriente Médio. Era a *língua franca* do período persa, do Egito à Índia e era amplamente falada na Palestina nos dias de Jesus. As palavras “*talitha cumi*” ([Mc 5.41](#)) e “*marana tha*” ([1Co 16.22](#)) são aramaicas.

Escavações em vários locais forneceram uma boa ideia da arquitetura, escultura, cerâmica e outras artes arameias. A religião dos arameus era politeísta. As pessoas adotaram muitas divindades estrangeiras também. A principal divindade arameia era o antigo deus semítico ocidental da tempestade Hadade. Nos dias de Acaz de Judá, o culto de Damasco foi imposto ao povo de Jerusalém quando um altar baseado em um modelo de Damasco foi colocado no templo ([2Rs 16.10-13](#)). Os arameus exilados para Samaria pelo governante Assírio Sargão trouxe cultos arameus com eles ([17.24-34](#)).

Ao longo dos séculos que se seguiram ao desaparecimento dos estados arameus, a língua aramaica sobreviveu. A forma cristã de aramaico, siríaco, deixou para trás um vasto legado de literatura, histórias, teologias, comentários, tratados e traduções, que foram cuidadosamente preservados nas antigas bibliotecas monásticas, especialmente no norte da Síria, no norte do Iraque e no sul da Turquia.

Veja também Aramaico.

Siriam

Nome sidônio para o Monte Hermon ([Dt 3.9](#); [4.48](#); [Sl 29.6](#); [Jr 18.14](#)). *Veja* Hermon, Monte.

Siro-Fenícia*

A pátria da mulher grega que se aproximou de Jesus na região de Tiro e Sidom e implorou a ele para expulsar um demônio de sua filha ([Mc 7.26](#)). A região da Fenícia estava localizada na província

romana da Síria. Talvez a designação de siro-fenícia tenha sido usada para não confundir o país desta mulher com a Fenícia do norte da África chamada Libefenícia. Em uma passagem paralela, esta mulher é identificada como uma cananeia, um nome pelo qual os fenícios se chamavam ([Mt 15.22](#)).

Sirte

Sirte era o nome de dois corpos d'água na costa norte da África que os antigos marinheiros temiam. As pessoas chamavam o maior de Sirte Maior e o menor de Sirte Menor. Paulo e seus companheiros de navio estavam em perigo de derivar em direção a Sirte Maior depois de deixarem a ilha de Creta em sua viagem para Roma. Um poderoso vento nordeste tinha soprado em seu caminho, ameaçando empurrar seu navio para sudoeste através do Mar Mediterrâneo em direção a Sirte Maior ([At 27.17](#)).

Atualmente, as pessoas chamam Sirte Maior de Golfo de Sidra. Ele corta a costa da Líbia e se estende por aproximadamente 443 quilômetros da cidade de Misratah até a cidade de Benghazi. Atualmente, as pessoas chamam Sirte Menor de Golfo de Gabes. Ele corta a costa leste da Tunísia. Os marinheiros temiam esses corpos d'água porque seus bancos de areia mudavam rapidamente. Isso criava áreas rasas imprevisíveis (chamadas de baixios) e marés e correntes perigosas.

Sisa

Outro nome para Seraías em [1Rs 4.3](#). Seraías era o escriba do rei Davi.

Veja Seraías #1.

Sísera

1. Comandante do exército de Jabim, rei de Canaã. Sísera residia em Harosete-Hagojim, de onde atacou o norte de Israel por 20 anos. Seu exército, fortalecido por 900 carros de ferro, foi derrotado no rio transbordante de Quisom, perto de Megido, sob a liderança de Baraque e Débora. Tendo fugido do campo de batalha, Sísera foi morto pela mão de Jael, esposa de Héber, o queneu, na região montanhosa com vista para o Vale do Jordão ([Jz 4](#); [1Sm 12.9](#)). Os eventos desta batalha foram

lembrados no Cântico de Débora ([Jz 5.19-30](#)) e [Salmo 83.9](#).

Veja também Juízes, Livro de.

2. Antepassado de uma família de servos do Templo que retornou com Zorobabel para a Palestina após o cativeiro babilônico ([Ed 2.53](#); [Ne 7.55](#)).

Sitim (Lugar)

Um local nas planícies de Moabe. Os israelitas acamparam lá após derrotarem Seom e Ogue ([Nm 21.21-35](#)) e antes de cruzarem o Jordão ([Nm 25.1](#)). De acordo com [Números 33.49](#) (ARC) este acampamento estava perto do Rio Jordão. O acampamento se estendia de Bete-Jesimote até Abel-Sitim. Abel-Sitim parece ser o nome completo do lugar, enquanto Sitim é o nome mais comum e curto.

Em Sitim, Balaque, que governava Moabe, queria impedir que os israelitas entrassem em Canaã. Ele pagou Balaão para proferir maldições contra eles ([Nm 22-24](#)). Mais tarde, seguindo o conselho de Balaão, os homens israelitas tiveram relações sexuais com mulheres de Midiã e Moabe ([Nm 25.1-5](#); compare [31.15-16](#)). Os israelitas se afastaram de Deus para adorar falsos deuses através desses atos sexuais. Isso deixou Deus irado, e ele enviou uma doença mortal entre o povo em Peor ([Nm 25.1-18](#); compare [1Co 10.6-8](#)).

Em Sitim, Moisés e Eleazar contaram todas as pessoas em cada tribo. Aqui também, Josué foi escolhido na frente de todos para ser o próximo líder após Moisés ([Nm 27.18-22](#)). Josué então enviou dois homens de Sitim para secretamente observar a cidade de Jericó ([Js 2.1](#), ARC). Depois disso, os israelitas deixaram Sitim e foram para o rio Jordão, preparando-se para atravessá-lo ([Js 3.1](#), ARC).

O nome Sitim aparece em apenas dois outros lugares na Bíblia fora dos primeiros seis livros: os livros de Joel e Miquéias. Em [Jl 3.18](#), o profeta fala sobre o "vale de Sitim" (ARC), que também é chamado de "vale das Acácias" (NTLH). Isso não se refere a um lugar real. Em vez disso, é uma imagem de como Deus tornará a terra seca e vazia adequada para o cultivo de plantas quando ele trouxer seu povo de volta nos últimos dias.

Em [Mq 6.5](#) (ARC), Deus diz ao povo para lembrar sua jornada de Sitim a Gilgal. Isso se refere ao

momento em que os israelitas cruzaram o rio Jordão e à promessa de aliança de Deus de dar-lhes sua própria terra. Miquéias então fala sobre as muitas maneiras como Deus ajudou seu povo.

Sitna

Um poço cavado pelos servos do patriarca Isaque na região de Gerar recebeu seu nome (que significa "inimizade") devido a uma disputa entre os servos de Isaque e os pastores da região. Sua localização pode ter sido perto de Reobote ([Gn 26.21-22](#)).

Sitri

Um levita coatita e terceiro filho de Uziel. Sitri era primo de Arão e Moisés ([Êx 6.22](#)).

Siza

Rubenita e pai de Adina, um dos guerreiros escolhidos de Davi ([1Cr 11.42](#)).

Soa

Povo assírio listado com os babilônios, caldeus e outras tribos assírias, que foram usados pelo Senhor para punir Judá ([Ez 23.23](#)).

Soão

Levita merarita, e filho de Jaazias no reinado de Davi ([1Cr 24.27](#)).

Sobabe

55. O segundo dos quatro filhos do rei Davi com sua esposa Bate-Seba ([2 Sm 5.14](#); [1Cr 3.5](#); [14.4](#)).
56. O filho de Calebe com sua esposa Azuba ([1Cr 2.18](#)).

Sobal

1. Um dos sete filhos de Seir, o horita, em Edom ([Gn 36.20](#); [1Cr 1.38](#)). Sobal tornou-se pai de cinco filhos ([Gn 36.23](#); [1Cr 1.40](#)) e foi um chefe entre os horitas ([Gn 36.29](#));
2. Hur, filho, pai de Haroé e fundador das famílias de Quiriate-Jearim ([1Cr 2.50-52](#));
3. Um dos cinco filhos de Judá e pai de Reaías ([1Cr 4.1-2](#)); talvez o mesmo que o número 2 acima.

Sodi

O pai de Gadiel, Sodi, foi um dos 12 espiões enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.10](#)).

Sodoma e Gomorra

Duas das “cidades da planície [vale]” mencionadas em [Gênesis 13.12](#). Havia cinco cidades localizadas no Vale de Sidim:

57. Sodoma
58. Gomorra
59. Admá
60. Zeboim
61. Bela ou Zoar ([Gn 14.2](#))

Sodoma e Gomorra na Bíblia

O Vale de Sidim está perto do Mar Salgado. Dentre essas cidades, Sodoma é mencionada com mais frequência em Gênesis. É mencionada 36 vezes, com 16 dessas referências apenas a Sodoma. A Bíblia fez de Sodoma um exemplo famoso de uma cidade perversa. Sua destruição ([Gn 19.24](#)) foi usada como um aviso do julgamento de Deus em outros escritos bíblicos:

- [Deuteronômio 29.23](#)
- [Isaías 1.9-10](#)
- [Jeremias 23.14](#)
- [Jeremias 49.18](#)
- [Lamentações 4.6](#)
- [Amós 4.11](#)
- [Sofonias 2.9](#)

A história da destruição de Sodoma também é mencionada no Novo Testamento:

- [Mateus 10.15](#)
- [Lucas 10.12](#)
- [Lucas 17.29](#)
- [Romanos 9.29](#)
- [2 Pedro 2.6](#)
- [Judas 1.7](#)
- [Apocalipse 11.8](#)

O que aconteceu com Sodoma e Gomorra?

A história principal de Sodoma e Gomorra ocorre em [Gênesis 18](#) e [19](#). O interesse bíblico na cidade começa no capítulo [13](#). Ló, sobrinho de Abraão, decide se estabelecer no Vale do Jordão, perto de Sodoma, entre pessoas conhecidas por serem grandes pecadores. Um dos piores pecados de Sodoma era a perversão sexual, especialmente a homossexualidade. A oferta de Ló de suas filhas virgens aos homens de Sodoma para proteger seus visitantes celestiais mostra a influência corruptora da cidade.

Depois que Ló se estabeleceu em Sodoma, quatro reis do Oriente atacaram a região, incluindo Sodoma e Gomorra, e tomaram o controle. Eles retornaram 14 anos depois para conter uma rebelião ([Gn 14.1-5](#)). Ló foi capturado durante esse conflito, mas foi posteriormente resgatado por Abraão. A maldade de Sodoma e Gomorra era tão grande que o Senhor decidiu destruí-las. Abraão implorou por misericórdia, pedindo a Deus para poupar as cidades se dez homens justos pudessem ser encontrados ([Gn 18.20-33](#)).

Os dois visitantes celestiais que foram de Abraão a Sodoma encontraram Ló sentado à porta da cidade ([Gn 19.1](#)). Eles informaram Ló sobre o plano de Deus e insistiram para que ele, sua esposa e suas

duas filhas fugissem da cidade. O Senhor então fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. Na manhã seguinte, Abraão viu fumaça subindo das cidades destruídas, como a fumaça de uma fornalha.

Veja também Cidades da Planície.

Sofá

Artigo de mobiliário para reclinar durante o sono ou descanso.

Veja Mobiliário.

Soferete

O ancestral de uma família de assistentes do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.55](#)). Soferete pode ser a mesma pessoa chamada Soferete em [Neemias 7.57](#).

Sofrimento

Qualquer coisa que cause dor ou sofrimento, como uma calamidade.

De acordo com a Bíblia, a aflição começou quando o pecado entrou no mundo. Tanto a humanidade quanto toda a criação tornaram-se afligidas com "espinhos e cardos", pecado, morte e decadência (compare [Gênesis 3.16-19](#); [Romanos 8.18-21](#)). Por causa do pecado, a miséria é uma experiência humana comum, e nossas vidas curtas estão cheias de problemas ([Jó 14.1-6](#)). As pessoas não podem evitar desastres naturais, lesões físicas e conflitos com outros ([2 Crônicas 20.9](#)). No entanto, Deus usa a aflição para ensinar e disciplinar seu povo. Esta aflição é mostrada pela opressão que os israelitas enfrentaram em:

- Egito ([Êxodo 4.31](#));
- Suas lutas durante os juízes ([Neemias 9.26-27](#));
- Seu exílio na Babilônia ([Isaías 26.16](#)).

Em sua angústia, os israelitas clamaram a Deus. Ele os libertou e os guiou a obedecer ([Jeremias 10.18](#); [Oséias 5.15-6.3](#)).

A Bíblia sabe que é difícil de entender o sofrimento. É difícil ver por que os justos sofrem tanto ([Salmos](#)

[34.19](#); [37.39](#); [138.7](#)). Mesmo o profeta e o "Servo do Senhor" (o Messias) não foram poupados ([Isaías 53.2-12](#); [Jeremias 15.15](#)). Jesus Cristo carregou as dores e tristezas da humanidade. Ele cumpriu a profecia de aflição que começou com o pecado de Adão ([Isaías 53.4-5](#); [1 Pedro 2.24](#)).

Jesus alertou que seus seguidores enfrentariam muitas provações e tristezas ([João 16.33](#)). Paulo ensinou que entrar no reino de Deus vem com muitos problemas ([Atos 14.22](#)). Mas isso não deve enfraquecer a fé de um cristão ([1 Tessalonicenses 3.3](#)). Elas devem ser vistas como completando o que falta nos sofrimentos de Cristo por seu corpo, a igreja ([2 Coríntios 4.10-11](#); [Colossenses 1.24](#)). A Bíblia também sugere que a aflição se tornará mais intensa à medida que "o fim" se aproxima ([Mateus 24.9-14](#); [2 Timóteo 3.13](#)). As forças de Satanás atacam para enganar e destruir os "eleitos" ([Mateus 24.24](#); [2 Tessalonicenses 2.9-12](#); [Apocalipse 20.7-9](#)). Quando Jesus Cristo for revelado do céu em fogo flamejante, Deus afligirá aqueles que prejudicaram os crentes. Ele se vingará daqueles que não obedeceram ao evangelho de Jesus Cristo ([Romanos 2.9](#); [2 Tessalonicenses 1.5-10](#); [2.7-8](#)).

Veja também Perseguição; Tribulação.

Sogro

Um sogro é o pai do cônjuge de uma pessoa. Por exemplo, se uma mulher se casa com um homem, o sogro dela é o pai do marido. Da mesma forma, o sogro de um homem é o pai da esposa.

Veja Vida familiar e relações.

Sol

O sol é uma das grandes luzes criadas por Deus para governar o dia ([Gênesis 1.14-15](#)). Nos tempos bíblicos, um novo dia começava com o pôr do sol, e os sacrifícios diários estavam ligados à sua posição. A primeira oferta queimada era feita ao nascer do sol ([Êxodo 29.39](#); [Números 28.4](#)). No judaísmo rabínico, as horas de luz do dia variavam com as estações. Elas dependiam do ciclo solar.

O calendário israelita era lunar. Mas, o período estipulado dos principais festivais na primavera (Páscoa) e no outono (Trombetas, Expição, Tabernáculos) mostra que eles também consideravam o ano solar. O calendário de Gezer,

que se alinha com a agricultura, é baseado no ano solar. O calendário judaico tem um ciclo de 19 anos. Ele adiciona meses extras em sete desses anos para alinhar os ciclos lunar e solar. A Bíblia não menciona este sistema. Os estudiosos acreditam que o 13º mês foi uma adição posterior. Documentos aramaicos da colônia judaica em Elephantina mostram que este ciclo de 19 anos era usado já no século quinto a.C. Os reinos de Judá e Israel provavelmente usavam um sistema semelhante, embora nenhum registro tenha sobrevivido.

O judaísmo rabínico reconhece quatro estações. O Antigo Testamento menciona apenas duas: "tempo de semear e de colher, frio e calor, verão e inverno" ([Gênesis 8.22](#)).

As quatro estações estão ligadas ao movimento do sol:

- Outono (chamado *setav*, uma palavra que originalmente significa "estação chuvosa" ou "chuva"; [Cântico dos Cânticos 2.11](#)) começa com o equinócio de outono (21 de setembro);
- O inverno (*horef*) começa com o solstício de inverno (por volta de 22 de dezembro);
- A primavera (*aviv*) começa com o equinócio da primavera (21 de março);
- O verão (*qayits*) começa com o solstício de verão (22 de junho).

Um templo encontrado em Berseba, datado de 125 a.C., estava alinhado com o nascer do sol no solstício de verão. Um templo semelhante em Laquis está orientado para o solstício de inverno. O templo de Arade dos tempos monárquicos estava voltado quase diretamente para o Leste. Provavelmente estava alinhado com o nascer do sol no equinócio, assim como o templo de Jerusalém.

Na poesia hebraica, o sol é frequentemente usado como uma imagem poderosa. É descrito como:

- Ter um lugar de habitação ([Habacuque 3.11](#));
- Saindo de uma tenda como um noivo ([Salmo 19.4-5](#)).

O sol simboliza:

- Constância ([Salmo 72.5.17](#));
- A lei ([Salmo 19.7](#));
- A presença de Deus ([Salmo 84.11](#));
- Beleza ([Cântico dos Cânticos 6.10](#)).

Em Eclesiastes, a vida na terra é frequentemente descrita como acontecendo "debaixo do sol" ([Eclesiastes 1.3,9,14](#); [2.11](#)).

Em tempos de caos e ira divina, a Bíblia descreve o sol como escurecendo ([Isaías 13.10](#); [Ezequiel 32.7](#); [Joel 2.10,31](#); [3.15](#); [Sofonias 1.15](#); [Mateus 24.29](#); [Apocalipse 8.12](#)). Essa imagem provavelmente se refere a um eclipse, um evento que aterrorizava os povos antigos. O sol tornando-se pálido também pode se referir aos efeitos de um "siroco", onde tempestades de areia e nuvens nebulosas escurecem o céu. Por outro lado, o dia da vitória do Senhor é retratado como um tempo em que o sol brilhará sete vezes mais do que brilha agora ([Isaías 30.26](#)).

Vea também Astronomia; Calendários, Antigos e modernos; Dia; Lua.

Sonhos

Pensamentos, imagens ou emoções que ocorrem durante o sono. Os sonhos sempre fascinaram as pessoas; os eventos vividos nos sonhos são tão vívidos e reais que não podem ser ignorados.

Compreensão antiga

Desde os tempos mais remotos, as pessoas viam os sonhos como um mistério, provocando especulações sobre outra esfera real de existência na qual a pessoa vivia e agia enquanto o corpo dormia. Os sonhos, especialmente os de imperadores e reis, eram considerados mensagens divinas.

Os sonhos antigos registrados se concentravam em três áreas principais: religião, política e destino pessoal. Os sonhos religiosos exigiam piedade e devoção aos deuses. Os sonhos políticos supostamente previam o resultado de batalhas e o futuro das nações. Os sonhos pessoais orientavam decisões familiares e prenunciavam crises sérias.

Às vezes, o deus tomava a iniciativa e avisava a pessoa sobre algo inesperado. Em outras ocasiões, o governante ou general ia a um templo pagão ou lugar sagrado e dormia lá, na esperança de ter um

sonho que o ajudasse a lidar com algum problema sério. Em alguns sonhos, a mensagem era clara; mais frequentemente, ela precisava ser decifrada por indivíduos especializados na interpretação de sonhos. Registros eram mantidos sobre sonhos específicos e os eventos subsequentes.

Uso no Antigo Testamento

Os sonhos desempenharam um papel importante na vida do povo de Deus. Das quase 120 referências a sonhos no AT, 52 aparecem em Gênesis durante o período patriarcal inicial e 29 no livro de Daniel. No entanto, apenas 14 sonhos específicos são registrados no AT. A maioria deles está em Gênesis e reflete a revelação direta de Deus aos patriarcas. Mesmo Daniel menciona apenas dois dos sonhos de Nabucodonosor — a grande imagem em forma de homem e a árvore gigantesca cortada — e seu próprio sonho sobre as quatro feras e o Ancião de Dias.

A compreensão dos sonhos no Antigo Testamento possuía várias características significativas. Assim como no restante do mundo antigo, o povo de Deus acreditava que Ele se comunicava através dos sonhos. No entanto, nos relatos do Antigo Testamento, há uma reserva que falta nas cenas perversas e obscenas frequentemente descritas nos registros de sonhos pagãos. Outra distinção é que Deus é o iniciador; Ele concede os sonhos revelatórios quando, onde e a quem deseja — uma verdade dolorosamente aprendida por Saul ([1Sm 28.6-15](#)). Mais significativamente, a abordagem secular para interpretação foi especificamente rejeitada. A compreensão dos símbolos dos sonhos não vinha por pesquisa em livros de sonhos ou por habilidade humana natural. Quando José interpretou os sonhos de seus dois companheiros de prisão egípcios e, mais tarde, do próprio Faraó, ele insistiu em dar todo o crédito a Deus ([Gn 40.8; 41.7,25,28,39](#)). Da mesma forma, Daniel informou a Nabucodonosor que o Deus no céu que revela segredos faria conhecido o sonho do rei e seu significado, tarefa na qual os intérpretes profissionais de sonhos haviam falhado ([Dn 2.27-28](#)).

Ao contrário de seus vizinhos, os santos do AT sabiam que um sonho era uma "visão da noite" ([Jó 33.15](#)), e figurativamente representava o reino espiritual ([Jó 20.8; Sl 73.20; 126.1; Is 29.7-8](#)).

Deus usou sonhos nos dias do AT para proteger seus servos ([Gn 20](#)), para se revelar às pessoas de uma maneira especial ([28.12](#)), para fornecer orientação em circunstâncias específicas ([31.10-](#)

[13](#)) e para avisar sobre eventos futuros pessoais ([37.5-20](#)). Sonhos também foram usados para prever a história das nações (caps. [40-41](#)) e para prever os quatro grandes impérios mundiais sucessivos que seriam substituídos pelo reino eterno de Deus ([Dn 4.19-27](#)).

Durante os aproximadamente 1.000 anos entre José e Daniel, apenas dois sonhos são registrados. Um assegurou a Gideão que Deus derrotaria os midianitas ([Jz 7.13-15](#)); o outro diz respeito a como Salomão se tornou tão sábio após seu pedido humilde e altruísta por "um coração compreensivo" ([1Rs 3.9,15](#)), o que agradou profundamente a Deus.

Nos últimos sonhos do Antigo Testamento, Deus deu a Nabucodonosor uma visão geral da futura história mundial ([Dn 2.31-45](#)) e uma previsão da insanidade temporária do rei ([4.19-27](#)). O sonho de Daniel sobre os quatro animais foi semelhante aos primeiros sonhos do rei, mas com detalhes adicionais sobre as futuras relações internacionais ([7.13-14](#)).

Os sonhos eram vistos como um meio pelo qual Deus falava aos profetas ([Nm 12.6](#)). Mas como o povo de Deus poderia distinguir um verdadeiro profeta de um impostor? Deus deu dois testes: a capacidade de prever o futuro imediato ([Dt 18.22](#)) e a consistência da mensagem com a verdade previamente revelada ([13.1-4](#)). Falsos profetas eram condenados à morte (v. [5](#)). A falsa profecia era um problema sério nos dias de Jeremias ([Jr 23.25-32](#)) e Zacarias ([Zc 10.2](#)). Apesar dos repetidos avisos de Jeremias ([Jr 23.32; 27.9-10; 29.8-9](#)), o povo preferia ouvir os falsos profetas com suas mensagens vazias de esperança. Os sonhos também faziam parte da esperança profética de Israel ([Jl 2.28](#)).

Uso no Novo Testamento

Os poucos sonhos específicos no NT vêm todos de Mateus, cinco deles nos primeiros dois capítulos. Eles destacam o cuidado e a proteção divina do bebê Jesus. Primeiro, houve a provisão de Deus para que Jesus crescesse em um lar com pai e mãe, evitando assim a crueldade e a vergonha de ser injustamente chamado de filho ilegítimo ([Mt 1.19-23](#)). Em seguida, os homens sábios que estudavam as estrelas foram instruídos em um sonho a não contar a Herodes onde Jesus estava vivendo ([2.12](#)). Jesus foi ainda mais protegido do ciumento Rei Herodes pelo sonho que disse a José para fugir para o Egito com Maria e o menino (v. [13](#)). Com a morte de Herodes, José foi divinamente aconselhado em

um sonho a voltar para casa do Egito (v. [20](#)). Finalmente, Deus avisou José para evitar a Judeia, onde o filho maligno de Herodes, Arquelau, reinava, e para se estabelecer na Galileia em vez disso (v. [22](#)).

O único outro sonho específico mencionado no NT levou a esposa de Pilatos a avisar seu marido: “Não tenha nada a ver com esse homem inocente” ([Mt 27.19](#), NTLH).

Veja também Profecia; Visões.

Sópatro

Um homem da igreja em Bereia, Sópatro acompanhou o apóstolo Paulo a Jerusalém para entregar a oferta coletada pelas igrejas gentias. Esta oferta era destinada aos cristãos judeus que passavam necessidade devido à fome ([At 20.4](#)). Sópatro pode ser a mesma pessoa que Sosípatro, o parente de Paulo que enviou saudações à igreja em Roma ([Rm 16.21](#)).

Sorgo

Um tipo de grama que cresce e morre a cada ano. Pode crescer até mais de 1,8 metros de altura. Esta planta pode ter sido o que é chamado de "hissopo". Algumas versões traduzem essa palavra como "esponja". Uma esponja embebida em vinagre foi presa a um caule de planta alta durante a crucificação de Jesus para oferecer-lhe uma bebida ([Mt 27.48](#); [Mc 15.36](#); [Jo 19.29](#)). *Veja:* Plantas (Hissopo).

Sorte, Lançamento de

Era uma prática comum no Antigo Testamento, mas tornou-se menos frequente no Novo Testamento antes de Pentecostes. Após Pentecostes, a Bíblia não menciona essa prática.

Usos de lançamento de sorte

As pessoas usavam o lançar a sorte por diversos motivos:

62. Escolhendo o bode expiatório ([Lv 16.8-10](#));
63. Dividindo a terra entre as tribos ([Nm 26.55,56](#); [Js 14.2](#); [Jz 1.3](#))

64. Decidir quem deve se mover ou ir para a guerra ([Jz 20.9](#); [Ne 11.1](#));
65. Atribuição de deveres aos sacerdotes ([1Cr 24.5-19](#); [Ne 10.34](#));
66. Descobrimo quem fez algo errado ([Js 7.14-18](#); compare [Pv 18.18](#)).

As pessoas usavam sortes para decisões importantes quando a sabedoria ou a Bíblia não ofereciam orientação suficiente. Lançar sortes era considerado justo e imparcial. As pessoas acreditavam que Deus dirigia as sortes ([Pv 16.33](#)).

A Bíblia não explica exatamente como as pessoas lançavam sortes. O método parecia variar conforme a situação ([Lv 16.8](#); [Nm 26.55,56](#); [Jz 20.9](#)).

Deus nunca disse que lançar sortes era errado. Às vezes, ele até mandou as pessoas fazerem isso ([Lv 16.8](#); [Pv 18.18](#); [Js 34.17](#)). [Provérbios 16.33](#) diz que Deus decide o resultado da sorte. Assim, as pessoas pensavam que a sorte revelava a vontade de Deus.

No Novo Testamento, os soldados lançaram sortes pelas roupas de Jesus ([Mt 27.35](#)). Os discípulos usaram sortes para escolher Matias como um novo apóstolo para substituir Judas ([At 1.26](#)).

Após a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, a Bíblia não menciona mais o lançamento de sortes. Alguns especialistas acreditam que a igreja não precisava mais de sortes porque o Espírito Santo guiava suas decisões.

Veja também Urim e tumim.

Sosanim, Sosanim-Edute

Palavra e frase hebraica nas superscrições dos [Salmos 45](#), [69](#) e [80](#) (ARC), traduzida como “Os Lírios” (NTLH); possivelmente uma melodia antiga familiar à qual os salmos eram executados.

Veja Música.

Sóstenes

67. Um líder da sinagoga em Corinto. Sóstenes moveu uma ação legal contra Paulo perante Gálio, procônsul da Acaia. Uma multidão, possivelmente composta por gregos, ouviu Gálio rejeitar as acusações judaicas contra Paulo. Então, eles agarraram Sóstenes e o espancaram ([At 18.17](#)).
68. Um irmão cristão e companheiro do apóstolo Paulo, conhecido pelos cristãos em Corinto e mencionado por Paulo em [1Co 1.1](#).

Sua

1. Um dos seis filhos de Abraão com Quetura ([Gn 25.2](#); [1Cr 1.32](#)). Ele foi possivelmente o antepassado da tribo árabe súita, que habitava perto da terra de Uz ([Jó 2.11](#)).

Sua

1. Cananeu cuja filha Judá se casou. Ela deu a Judá três filhos: Er, Onã e Selá ([Gn 38.2-5.12](#)). *Veja Bate-Sua #1.*
2. Aserita, filha de Héber e irmã de Jaflete, Somer e Hotão ([1Cr 7.32](#)).

Suá

O irmão de Quelube da tribo de Judá ([1Cr 4.11](#)).

Suão, Suamitas

Outro nome para Husim, filho de Dã. Os suamitas são seus descendentes ([Nm 26.42-43](#)).

Veja também Husim #1.

Suborno, Corrupção

Dar a uma pessoa de autoridade algo valioso para influenciá-la. O suborno não era permitido na lei do Antigo Testamento ([Êx 23.8](#); [Dt 16.19](#)). Também foi

condenado pelos profetas ([Is 1.23](#); [Am 5.12](#); [Mq 3.11](#)). Embora Samuel tenha negado que alguma vez tenha aceitado suborno, seus filhos não mantiveram o mesmo padrão ([1Sm 8.3](#); [12.3](#)).

A diferença entre suborno e dar presentes nem sempre foi clara. Portanto, oferecer algo valioso é visto como uma maneira de prevenir conflitos indesejados ([Pv 21.14](#)). Dar um presente é descrito (nem como bom nem como ruim) como uma maneira de progredir ([Pv 18.16](#)).

Na maior parte, a Bíblia afirma que o suborno é maligno. "O homem perverso aceita um suborno oculto para perverter o curso da justiça" ([Pv 17.23](#)). Qualquer sistema que permite suborno dá às pessoas ricas uma vantagem injusta ao tentar persuadir líderes e juízes. Pessoas pobres acham difícil obter um tratamento justo. Pessoas inocentes que são pobres podem ser consideradas culpadas, enquanto pessoas culpadas que são ricas podem oferecer um grande suborno e ficar livres ([Sl 15.5b](#); [Is 5.23](#)). Nos piores casos, subornos foram usados para contratar pessoas e matar outras ([Dt 27.25](#); [Ez 22.12](#)).

Sucote

69. Uma cidade no Vale do Jordão listada junto com outras cidades como pertencente à tribo de Gade ([Is 13.27](#)). Sucote está localizada em um vale fértil chamado Ghaur Abu 'Udeidah, conhecido na Bíblia como o vale de Sucote ([Sl 60.6](#); [108.7](#)). Este vale forma a porção central do Vale do Jordão no lado leste, entre o Wadi Rejeb e o Rio Jaboque.

O lugar aparece pela primeira vez na história do encontro de Jacó com Esaú, que aconteceu logo ao sul de Penuel. Após encontrar Esaú, Jacó foi para Sucote e construiu abrigos para seu gado. Isso é dado como a explicação para o nome do assentamento (Sucote significa "abrigos", [Gn 33.17](#)).

Mais tarde, o povo de Sucote recusou-se a dar comida a Gideão e seus homens quando estavam perseguindo os midianitas ([Jz 8.5-9](#)). Quando Gideão retornou, ele fez questão de punir os anciãos de Sucote ([Jz 8.13-17](#)). O tipo de organização social descrita nesta passagem sugere

que a população pode não ter sido israelita na época da visita de Gideão.

Sucote também é mencionada em conexão com os projetos de construção de Salomão. A fundição de metal para importantes acessórios e ferramentas do templo foi feita na área entre Sucote e Zereda ([1Rs 7.46](#); [2Cr 4.17](#)). É possível que Sucote tenha sido destruída por Sisaque do Egito durante o período em que Israel era governado por reis.

Alguns estudiosos sugerem que o nome do lugar aparece em duas outras passagens: como o local de reunião das forças de Davi antes da batalha com Amom, quando a arca e o exército estavam "vivendo em abrigos (*sukkoth*)" ([2Sm 11.11](#)). Em segundo lugar, o local de reunião das tropas de Ben-Hadade em sua guerra contra Samaria ([1Rs 20.12.16](#)).

- 70.** Uma cidade no Egito mencionada como o primeiro ponto de parada dos israelitas durante o Êxodo do Egito ([Êx 12.37](#); [13.20](#); [Nm 33.5-6](#)). Sucote aparece entre Ramessés e Etã.

Fontes egípcias, textos da coleção Anastasi, referem-se a um lugar que provavelmente é o mesmo que o bíblico Sucote. Uma tribo edomita é registrada como trazendo seus rebanhos do deserto para alimentá-los no Delta, passando pelo ponto forte em *Tkw* [Antigo Egípcio para Sucote] (Papiro Anastasi VI, 54). A guarnição militar lá era comandada por um líder de tropas de arqueiros, e o forte foi nomeado em homenagem ao Faraó Merneptá (Papiro Anastasi, VI, 55).

A maioria dos estudiosos acredita que Sucote está em Tell el-Maschuta, um local próximo à nascente do Wadi Tumeilat.

Veja Mapa.

Sufa

Um lugar a leste do Rio Jordão na terra de Moabe ([Nm 21.14](#)). Uma versão mais literal traduz como "Mar Vermelho".

Veja Vaebe.

Sufã

O quarto filho de Benjamim (chamado "Mupim" em [Gn 46.21](#)) e o pai da família sufamita ([Nm 26.39](#);

veja ACF). Na genealogia correspondente de Benjamim ([1Cr 7.12](#)), ele é chamado de Supim, aparecendo como bisneto de Benjamim. *Veja* Supim #1.

Veja também Sefufã.

Sufã, Sufamitas

Sufã era um filho de Benjamim e o ancestral da família sufamita, em [Números 26.39](#). Muitos manuscritos apresentam a grafia "Sefufã".

Sufe

Região mencionada em [Deuteronômio 1.1](#), que estava "no vale do rio Jordão, perto da cidade de Sufe" ("o Mar Vermelho"). A localização exata de Sufe é incerta. Pode referir-se à região de Sufa ([Nm 21.14](#)), a leste do Rio Jordão, ou talvez ao Golfo de Ácaba, o braço nordeste do Mar Vermelho.

Suíta

Tribo árabe, aparentemente descendente de Suá, filho de Abraão com Quetura. Eles estavam localizados perto da terra de Uz. Bildade, um dos três amigos de Jó, é identificado como um suíta ([Jó 2.11](#); [8.1](#); [18.1](#); [25.1](#); [42.9](#)).

Sumo Sacerdote

O sumo sacerdote era o líder supremo entre os sacerdotes e levitas no antigo Israel.

Apenas o sumo sacerdote podia entrar no Lugar Santíssimo no templo. Ele fazia isso uma vez por ano para realizar a expiação (um sacrifício especial para cobrir pecados) por toda a nação de Israel. Isso ocorria no Dia da Expiação.

Veja Sacerdotes e Levitas.

Sumo sacerdote

O sumo sacerdote era o mesmo que o sacerdote principal. Ele era o sacerdote mais importante em Israel.

Veja Sacerdote principal, Sacerdotes e levitas.

Suní, Sunamita

Terceiro dos sete filhos de Gade ([Gn 46.16](#)) e a família que ele fundou ([Nm 26.15](#)).

Suor Sangrento

Uma condição rara, também chamada de hemohidrose, pode ser causada por pequenos vasos sanguíneos que sangram nas glândulas sudoríparas. Ocorre apenas em situações de estresse emocional extremo. Notavelmente, a Bíblia relata que quando Jesus estava no Jardim do Getsêmani, antes de sua traição, ele suou sangue: "Cheio de uma grande aflição, Jesus orava com mais força ainda. O seu suor era como gotas de sangue caindo no chão" ([Lc 22.44](#)). Algumas traduções sugerem que Jesus realmente suou sangue. No entanto, o texto grego está apenas fazendo uma comparação. Ou seja, o suor escorria de Jesus "como se ele estivesse sangrando". Esta é uma analogia apropriada para Lucas, um médico, ter feito.

Superintendente

Palavra que aparece 7 vezes no AT (ARA) e uma vez no NT. A palavra grega *episkopos*, que é derivada de "espreitar" ou "vigiar", é geralmente traduzida nas versões em português por "bispo". No AT, "superintendente" é usado para traduzir três palavras, o que literalmente significa (1) alguém com autoridade que visita, (2) o preeminente, ou (3) o escritor principal.

José recebeu autoridade para vigiar e administrar todos os aspectos da casa de Potifar ([Gn 39.4-5](#)), aconselhando Faraó a nomear 50 homens para regular e vigiar a abundante colheita por sete anos ([41.34](#)). Salomão nomeou 3.600 superintendentes ("chefes", NTLH) para fazer as pessoas trabalharem ([2Cr 2.18](#)). Na época da reforma do templo de Josias, havia superintendentes sobre todos os trabalhadores em todas as tarefas ([34.13, 17](#)). Neemias nomeou homens para supervisionar a reconstrução do muro ([Ne 11.9, 14](#)), para supervisionar os levitas (v. [22](#)) e para coordenarem os cantores levitas ([12.42](#)).

A palavra "superintendente" fala da pessoa de maior autoridade que exercia supervisão sobre outros. Incluída nesta supervisão autorizada estava

a ideia de assistir, dirigir e proteger os interesses do mestre. O NT carrega essas ideias também em relação aos homens nomeados para servir a igreja em nome de Jesus Cristo ([At 20.28](#); [Ep 1.1](#); [1Tm 3.1-2](#); [Tt 1.7](#)). O próprio Jesus Cristo é o grande Superintendente (traduzido como "Bispo" na maioria das versões em português [1Pe 2.25](#)).

Ver também Bispo; Ancião.

Supim

1. Filho de Ir e bisneto de Benjamim ([1Cr 7.12](#)). Supim é talvez uma forma abreviada de Sufã, mencionado em [Números 26.39](#) como o filho de Benjamim. Também pode ser uma grafia alternativa para Mupim ([Gn 46.21](#)). *Vea* Sufã;

2. Porteiro levita que, junto com Hosa, vigiava o portão de Salequete no lado oeste de Jerusalém ([1Cr 26.16](#)).

Sur

A região selvagem está localizada na Península do Sinai, a leste do Delta do Nilo, no Egito, e a oeste do Neguebe. Nos tempos antigos, uma rota de caravanas passava por essa região do Egito para a Palestina. Abraão viveu por um tempo entre Sur e Cades ([Gn 20.1](#)). Ismaelitas também viveram na área ([Gn 25.18](#)). Após atravessar o Mar Vermelho, Moisés conduziu Israel em uma jornada de três dias por esta terra seca ([Êx 15.22](#)). O rei Saul de Israel conquistou os amalequitas perto de Sur ([1Sm 15.7](#)). Mais tarde, Davi derrotou os gesuritas, os girzitas e os amalequitas naquele lugar ([1Sm 27.8](#)). [Números 33.8](#) chama a área de "deserto de Etã" (ARC).

Vea também Sina, Sinai; Peregrinações no deserto.

Surdo, Surdez

Incapacidade de ouvir; termo usado nas Escrituras para descrever tanto uma incapacidade literal e física quanto um defeito figurativo e espiritual. Os espiritualmente surdos eram aqueles que se negavam a ouvir a mensagem divina ou eram incapacitados por causa de sua falta de espiritualidade ([Isaiah 42.18](#)). O profeta Isaías se dirigiu à força a ambos os tipos de pessoas surdas (o figurativo em [Is 42.18](#); [43.8](#); o literal em [Is 29.18](#); [35.5](#)). No AT, embora a condição tenha sido

considerada o resultado do julgamento de Deus ([Mq 7.16](#)), era errado amaldiçoar uma pessoa surda ([Lv 19.14](#)). No NT, os surdos estavam entre aqueles que Jesus curou ([Mt 11.5](#); [Mc 7.32-37](#); [Lc 7.22](#)). Um menino epilético a quem Jesus curou era afligido por um “espírito mudo e surdo” ([Mc 9.25](#), ARA). Tais curas autenticaram o papel de Jesus como Messias.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Susã Edute

Frase em hebraico na inscrição de [Salmo 60](#), traduzida como "com a melodia de 'O Lírio do testemunho'" (NTLH), possivelmente uma melodia antiga conhecida à qual o salmo era executado.

Veja Música.

Susi

O pai de Gadi da tribo de Manassés. Gadi foi um dos 12 espiões enviados para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.11](#)).

Sutela

Um filho de Zabade da tribo de Efraim ([1Cr 7.21](#)).

Sutelaíta

Qualquer descendente de Sutela, filho de Efraim ([Nm 26.35](#)).

Veja também Sutela #1.